

FALHAR NÃO É UMA OPÇÃO



ESTUDO INDEPENDENTE

O TESTE 2

JOELLE CHARBONNEAU





ESTUDO INDEPENDENTE

O TESTE 2

JOELLE CHARBONNEAU

Tradução

Elisa Nazarian



Diretora
Rosely Boschini

Editora de Produção Editorial
Rosângela de Araujo Pinheiro Barbosa

Controle de Produção
Fábio Esteves

Tradução
Elisa Nazarian

Preparação
Books & Ideias

Projeto gráfico e diagramação
Osmane Garcia Filho

Revisão
Vero Verbo Serviços de Editoração

Adaptação de capa
Eduardo Camargo

Produção do e-book
Schäffer Editorial

Única é um selo da Editora Gente.

Título original: *Independent study*

Copyright © 2014 by Joelle Charbonneau
Publicado por acordo com Houghton Mifflin
Harcourt Publishing Company.

Todos os direitos desta edição são reservados
à Editora Gente.

Rua Pedro Soares de Almeida, 114
São Paulo, SP – CEP 05029-030
Telefone: (11) 3670-2500

Site: <http://www.editoragente.com.br>
E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Charbonneau, Joelle

Estudo independente / Joelle Charbonneau ; tradução Elisa
Nazarian. — São Paulo : Única Editora, 2014.

Título original: Independent study.
ISBN 978-85-67028-22-4

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-04826

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Sumário

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14

15

16

17

18

19

DIA DO EXAME.

Deslizo o tecido frio da minha camisa sobre as cinco cicatrizes compridas e irregulares do meu braço e me analiso no espelho. Túnica azul de mangas compridas. Calça cinza. Bracelete prateado com uma única estrela. A estrela e as marcas de cansaço sob meus olhos me entregam como uma caloura universitária. Meus colegas têm o mesmo jeitão de ter estudado até tarde da noite para hoje. Depois de seis meses tendo as mesmas aulas preliminares, todo o nosso grupo de vinte será examinado e mandado para as áreas de estudo que servirão de foco para o resto de nossa vida.

Sinto o peito apertado. Eu costumava gostar dessas provas. Gostava de mostrar que tinha aprendido. Que tinha dado duro. Que era inteligente. Agora, porém, não tenho certeza do que é real ou de quais serão as consequências de uma resposta errada. Enquanto meus colegas estão preocupados que o Teste possa afetar os anos que vêm pela frente, estou preocupada de não chegar viva no final do dia.

Normalmente, uso os cabelos puxados para trás em um coque apertado, para que eles não me atrapalhem. Hoje resolvi deixá-los soltos. Talvez o ondulado comprido esconda a evidência de meses de

noites maldormidas. Se não der certo, pode ser que as compressas frias que minha mãe me ensinou a colocar nos olhos ajudem.

Uma onda de nostalgia cai sobre mim quando me lembro de minha mãe. Ainda que o contato entre os universitários e suas famílias não seja expressamente proibido, ele também não é encorajado. A maioria dos estudantes que conheço não ouviu uma palavra do pessoal de casa. Tive sorte. Um oficial de Tosu se mostrou disposto a trazer recadinhos de meus pais e de meus quatro irmãos mais velhos. Eles estão bem. Meu pai e meu irmão mais velho, Zeen, estão criando um novo fertilizante para ajudar as plantas a crescer mais depressa. Meu irmão que vem logo depois do mais velho está noivo. Ele e sua futura mulher vão se casar na próxima primavera. Sua decisão de se casar fez com que minha mãe procurasse esposas para Zeen e para meus irmãos gêmeos, Hart e Win. Até agora os esforços dela foram em vão.

Além da minha família, outra pessoa conseguiu me mandar notícia. Minha melhor amiga, Daileen, me garante que está estudando pra valer e agora é a primeira da classe. Sua professora acha que neste ano Daileen pode ser escolhida para o Teste. Ela está cruzando os dedos para vir se juntar a mim na cidade de Tosu. Torço para ela não conseguir. Quero que ela fique em um lugar em que as respostas para as perguntas façam sentido. Onde sei que estará salva.

Uma batida na porta me faz dar um pulo.

— Oi, Cia. Você está pronta? Não dá pra gente se atrasar.

Stacia tem razão. Quem chega atrasado não pode fazer o exame. O que isso tem a ver com o futuro, está meio nebuloso, mas nenhum de nós quer descobrir.

— Fico pronta em um minuto — grito, enquanto me ajoelho ao lado do pé da cama e enfio a mão entre o estrado e o colchão. Meus dedos procuram até encontrar o volume que me faz soltar um suspiro de alívio. O Comunicador de Trânsito do meu irmão Zeen ainda está a salvo, bem como os segredos que ele guarda.

Meses atrás, descobri o símbolo que cunhei no dispositivo para me ajudar a levar até o gravador e os segredos armazenados dentro dele. Quando terminei de ouvir as palavras que não me lembro de ter falado, fiz um corte no colchão e enfiei o Comunicador lá dentro. Semana após semana, mês após mês, tentei fingir que o que o dispositivo tinha revelado não era real. Afinal de contas, eu não tinha provas diárias de que meus colegas eram pessoas boas? Que os professores e os administradores que trabalhavam para preparar a gente para o futuro queriam que déssemos certo? Alguns deles são reservados; outros, arrogantes. Nenhum dos estudantes ou educadores é perfeito, mas quem é? Apesar de suas falhas, não quero acreditar que algum deles seja capaz do que foi sussurrado. Às vezes é difícil entender as palavras do gravador.

— Cia — a voz de Stacia me arranca dos meus pensamentos. — Temos de ir.

— Tudo bem, me desculpe — enfio o casaco, penduro a sacola da universidade no ombro e viro as costas às minhas questões sobre o passado. Elas terão de esperar. Por enquanto, preciso me concentrar no meu futuro.

Stacia franze a testa quando saio para o corredor. Seus cabelos loiros escuros estão puxados para trás em um rabo de cavalo bem-feito, que faz com que seus traços angulares fiquem mais marcantes do que o normal.

— Por que você demorou tanto? Vamos ser as últimas a chegar.

— O que vai deixar todo mundo nervoso — brinco. — Eles vão ficar se perguntando por que a gente não sentiu necessidade de chegar cedo para comparar as anotações com os outros.

Os olhos de Stacia estreitam-se, enquanto ela acena com a cabeça.

— Você tem razão. Adoro azarar uma competição.

Detesto fazer isso. Meus pais me ensinaram a valorizar um jogo limpo, acima de tudo.

Stacia não repara no meu desconforto enquanto passamos por árvores frondosas, gramados verdejantes e numerosos módulos acadêmicos. Não que ela fosse dizer alguma coisa, se notasse. Stacia não é dada a confidências nem a conversa fiada. No início, seus silêncios eram um desafio para que eu conseguisse tirá-la da concha, como costumava fazer com minhas melhores amigas de Cinco Lagos. Agora, com tantas questões na cabeça, dou graças pela companhia calada.

Aceno para uma dupla de estudantes mais velhos, quando eles passam. Como sempre, eles nos ignoram. Depois de hoje, os alunos mais adiantados, da mesma área de estudos, funcionarão como nossos orientadores. Até lá, eles fingem que a gente não existe. A maioria dos meus colegas passou a ignorá-los também, mas não consigo. Recebi uma educação firme demais para não ser gentil.

— Afe! Eu deveria saber que ele estaria esperando por nós! — Stacia revira os olhos e ri. — Eu poderia apostar o dinheiro de indenização da minha família que ele também ficou em volta de você durante o Teste. Pena que nunca vou saber se teria ganhado a aposta.

Meu coração dá um pulo quando avisto Tomas Endress parado perto da entrada do prédio de quatro andares de tijolos brancos e vermelhos dos Estudos Preliminares. Seus cabelos escuros se agitam na brisa de final de inverno. Ele traz uma sacola da universidade pendurada com displicência no ombro. Seus olhos cinzentos e o sorriso com covinhas estão focados claramente em mim, enquanto ele acena e desce a escada aos pulos. Tomas e eu nos conhecemos a vida toda, mas nos últimos dois meses ficamos mais próximos do que eu sonhava ser possível quando estava em casa. Quando ele está comigo, sinto-me mais inteligente. Mais confiante. E apavorada com o fato de que talvez tudo o que penso que sei e admiro em relação a ele seja uma mentira.

Stacia revira os olhos quando Tomas beija meu rosto e entrelaça os dedos aos meus.

— Estava começando a ficar preocupado com você. O Teste começa daqui a dez minutos.

— Cia e eu não sentimos necessidade de chegar cedo para ficar estudando como todo mundo. Estamos completamente preparadas. Certo, Cia?

Stacia sacode o rabo de cavalo loiro e me lança um dos seus raros sorrisos.

— Certo — digo com mais convicção do que sinto. É verdade que estudei muito para esta prova, mas as palavras sussurradas no Comunicador de Trânsito me fizeram duvidar de que algum dia eu esteja totalmente preparada para o que está por vir.

Não foi a primeira vez que tive vontade de que meu pai estivesse aqui para conversar comigo. Há quase três décadas ele frequentou a universidade. Conforme eu crescia, fiz centenas de perguntas sobre o tempo em que estive aqui. Ele raramente as respondeu. Naquele tempo, deduzi que seu silêncio era para que meus irmãos e eu não nos sentíssemos pressionados a seguir seus passos. Agora sou forçada a pensar se alguma coisa mais sinistra estava por trás de sua reserva.

Só tem uma maneira de descobrir.

Nós três subimos a escada. Quando chegamos à porta de entrada, Tomas para e pede um momento a sós comigo. Stacia suspira, me avisa para não me atrasar e entra pisando duro. Quando ela está fora da vista, Tomas afasta um cabelo da minha testa e olha nos meus olhos.

— Você conseguiu dormir ontem à noite?

— Um pouco. — embora com o sono venham os pesadelos que ficam suspensos, fora do alcance, quando acordo. — Não se preocupe. Ser sua colega de estudo significa que posso responder perguntas por mais que esteja cansada.

Enquanto outros estudantes usavam o tempo livre para relaxar ou explorar a capital da Comunidade Unida, Tosu City, Tomas e eu passávamos nossos momentos livres com os livros debaixo de uma

árvore ou em uma biblioteca, quando o frio nos mandava para dentro. A maioria dos alunos achava que Tomas e eu fingíamos estudar para ficarmos juntos. Eles não entendiam o medo que sentia daquilo que pudesse acontecer, caso eu não passasse nesse exame.

Tomas aperta minha mão.

— As coisas vão ficar mais fáceis depois que passarem pra gente nossas áreas específicas de estudo. Você tem tudo pra ir para Engenharia Mecânica.

— Tomara que você tenha razão. — sorrio. — Mesmo que eu adorasse trabalhar com você, a ideia de ir para Engenharia Biológica me faz morrer de medo. Meu pai e meus irmãos são gênios em conseguir fazer crescer plantas na terra dizimada pela guerra. Revitalizar a terra é um trabalho importante, uma coisa que admiro. Eu até poderia ficar feliz em pensar nisso, se não matasse cada planta que toco.

— Vamos — Tomas dá um leve beijo em meus lábios e me empurra para a escada. — Vamos mostrar a eles como os estudantes de Cinco Lagos são inteligentes.

O corredor do prédio dos Estudos Preliminares está na penumbra. A única coisa que ilumina nosso caminho é a luz do sol que se infiltra na vidraça da porta da frente. Tosu City tem leis estritas quanto ao uso de eletricidade. Ainda que a produção e o armazenamento de eletricidade sejam mais vigorosos do que em Cinco Lagos, a conservação é incentivada. Durante o dia, a universidade só envia eletricidade para os laboratórios e para as salas de aula que precisem de luz extra para a aula do dia. No entanto, à noite, a universidade tem uma parcela de energia muito maior do que o resto da cidade.

A sala de exame do segundo andar está bem iluminada por causa da prova de hoje. As luzes facilitam ver a tensão impressa no rosto dos meus colegas, sentados atrás das carteiras pretas, consultando suas anotações, esperando memorizar um último fato que poderia fazer

diferença entre o futuro que desejam e o que quer que nossos professores possam decidir.

Chega um último estudante. Sento-me nos fundos, em uma carteira vazia. Tomas se enfia na carteira à minha direita. Ponho minha sacola no chão e dou uma olhada em volta. Vinte de nós. Treze meninos, sete meninas. Futuros líderes da Comunidade Unida.

Estou prestes a desejar boa sorte para Tomas quando o professor Lee chega. Nos últimos meses, ele tem sido nosso professor de História. Enquanto a maioria dos professores da universidade assume uma expressão sombria, o professor Lee tem olhos bondosos e um sorriso caloroso, razão pela qual é meu preferido. Hoje, em vez do paletó marrom claro, que é seu favorito, nosso professor está usando um macacão formal, roxo, da Comunidade Unida. A sala fica em silêncio enquanto ele percorre as fileiras de carteiras. Em cada uma, deixa um livreto e um lápis amarelo. Passo a mão na imagem no canto da capa do livreto. Um raio. Meu símbolo. Que me é dado no Teste.

O professor Lee pede que a gente não abra o livreto até que sejam dadas mais instruções. O livreto é grosso. Lá em Cinco Lagos, é mais difícil ter acesso a papel, então nós o usamos com parcimônia, tomando cuidado para reciclar cada página depois de usada. Aqui em Tosu City, o aprendizado tem prioridade sobre o racionamento.

Meus dedos brincam com o lápis, rolando-o para frente e para trás na superfície da carteira preta. Com o canto do olho, vejo Tomas me olhando com uma expressão preocupada. De repente, estou em uma sala diferente. Oito alunos. Um funcionário diferente vestido com o roxo formal. Oito carteiras pretas. Paredes muito brancas, em vez de cinza. Seis meninos. Apenas duas meninas na sala, uma das quais sou eu. Tomas me lança o mesmo olhar preocupado enquanto brinco com um lápis. O livreto à minha frente está marcado com o mesmo raio, mas dessa vez ele vem acompanhado por uma estrela de oito pontas. Meu símbolo acompanhado pelo símbolo do meu grupo para o Teste.

A sala da minha lembrança some enquanto a voz profunda do professor Lee diz:

— Parabéns por terem completado os estudos básicos exigidos de todos os alunos da universidade. A prova de hoje, combinada com a avaliação de seus professores, determinará a área de estudos em que vocês estão mais bem habilitados. Amanhã será afixada uma lista com os resultados de sua prova, bem como para que área de estudos vocês foram designados: Educação, Engenharia Biológica, Engenharia Mecânica, Medicina ou Governo. Todos os cinco campos de estudo são necessários para continuarmos a revitalização de nossa terra, de nossa tecnologia e de nossos cidadãos. Embora cada um de vocês tenha uma escolha de sua preferência, pedimos que confiem em nós para inseri-los no curso da carreira que sirva melhor às necessidades do país. Não tentem adivinhar que perguntas do exame implicam o direcionamento para uma área específica de estudo. Qualquer aluno que obtenha um resultado duvidoso na prova será reprovado e redirecionado no quadro de estudantes da universidade.

O professor Lee passa os olhos pela sala para ter certeza de que o impacto de suas palavras surtiu efeito. Posso ouvir os golpes do meu coração no silêncio.

Por fim, ele continua.

— Respondam a cada pergunta da melhor maneira que puderem. Não respondam além do que foi perguntado. Estamos interessados em verificar não apenas quanto vocês sabem, mas também quanto entendem sobre o que foi perguntado. As respostas que se estenderem além dos limites da pergunta afetarão negativamente o resultado da sua prova.

Engoli com dificuldade, imaginando qual poderia ser o efeito negativo. Uma nota mais baixa ou alguma coisa a mais?

— Vocês terão oito horas para terminar este exame. Se precisarem de uma pausa para comida, água ou para ir ao banheiro, por favor, levantem a mão. Um oficial da universidade vai acompanhá-los até a

sala de descanso. Se vocês saírem desta sala, seja a hora que for, não será permitido deixar o prédio nem falar com ninguém além da pessoa que estiver acompanhando vocês. Qualquer uma dessas atitudes implicará a reprovação e o Redirecionamento da universidade. Quando tiverem terminado o exame, levantem o livreto. Eu o recolherei e acompanharei vocês até a porta. Depois disso, podem fazer o que quiserem.

Ele nos dirige um sorriso compreensivo antes de apertar um botão na parede atrás dele. Uma pequena tela desce do teto. Números vermelhos aparecem na tela. O professor Lee aperta outro botão e diz:

— A prova de oito horas começa agora.

Os números começam a diminuir, mostrando quanto tempo ainda temos para terminar o exame. Papéis farfalham quando os livretos da prova são abertos. Lápis são empunhados. O exame para determinar a direção do resto de nossa vida começou.

A primeira pergunta me faz sorrir. *Qual é o Teorema do Valor Médio? Por favor, apresente o enunciado formal e dê uma prova em sua explicação.*

Cálculo. Uma coisa em que sou boa. Respondo rapidamente, apresento a equação formal para o teorema e forneço uma prova sobre seu funcionamento. Rapidamente, penso se também deveria explicar como o teorema se aplica às funções de valor vetorial ou de que jeito ele é usado para integração. E então me lembro das instruções do professor Lee. Devemos nos limitar à informação pedida. Nada mais. Nada menos. Por um momento, fico me perguntando o motivo disso, mas depois chego à conclusão de que é porque os líderes precisam escolher suas palavras com cuidado. Para impedir conflitos, eles precisam ter certeza de que seu significado exato é entendido pelas pessoas que os seguem. Com esse tipo de responsabilidade confrontando aqueles entre nós que chegaram à graduação, não é de surpreender que os titulares da universidade queiram testar essa habilidade.

Releio a pergunta, concluo que minha resposta está completa e dentro do que foi pedido e passo para a próxima. Meu lápis voa pela página, enquanto explico os Quatro Estágios da Guerra que vários governos infligiram entre si e à terra. Descrevo os próximos Três Estágios, nos quais a terra reagiu contra produtos químicos e outras forças destrutivas descarregadas sobre ela. Terremotos, furacões, inundações, ciclones e tornados varreram o globo, destruindo em questão de anos o que a humanidade levou séculos para criar. Os danos que pelos últimos cem anos a Comunidade Unida tem dado duro para consertar.

Minha escrita enche as páginas. Química, Geografia, Física, História, Música, Arte, Compreensão de Texto, Biologia. Cada pergunta levanta um novo assunto. Um conjunto diferente de conhecimento. Consigo responder à maioria. Prendo o fôlego quando deixo uma em branco. Não tenho certeza de qual foi a pergunta ou de qual deveria ser a resposta. Espero ter tempo para voltar a ela quando terminar o resto. Se não... Minha cabeça começa a vagar para as palavras ditas na gravação do Comunicador de Trânsito. O destino sofrido pelos candidatos do Teste que se atreveram a responder erroneamente uma pergunta.

Não. Forço meus pensamentos de volta. Preocupar-me com o passado não vai ajudar. Só posso lidar com o presente.

De acordo com o relógio, tenho menos de quatro horas para terminar minha prova. Faço movimentos circulares com os ombros e percebo como estou tensa. Entre a tensão e a inatividade, meus músculos estão começando a protestar. Meu estômago vazio está incluindo suas reclamações. Enquanto o medo do fracasso me incita a continuar, posso ouvir a voz da minha mãe dizendo que o cérebro e o corpo precisam de combustível para funcionar no máximo de sua capacidade. Não quero esgotar o tempo, mas esgotar a energia e o foco seria ainda pior.

Olho ao redor da sala. Todas as carteiras estão ocupadas. Ninguém fez uma pausa. Será que sair para me reabastecer será considerado um sinal de fraqueza pelos oficiais da universidade? Analiso a sala procurando sinais de câmeras e não vejo nenhuma. No entanto, só porque não consigo vê-las não significa que não estejam lá.

Meu estômago volta a reclamar. Minha garganta está seca e meus olhos parecem cheios de areia. Não importa como minhas ações possam ser consideradas, preciso de uma pausa. Se eu não tirar um tempo para me recarregar, o restante das minhas respostas vai sofrer por isso.

Engolindo em seco, fecho meu livreto, coloco o lápis ao lado dos papéis e levanto a mão. O professor Lee não percebe de imediato, mas alguns dos outros alunos sim. Vários me lançam um olhar satisfeito, como se estivessem orgulhosos de que sua resistência seja maior do que a minha. Outros, como Stacia, sacodem a cabeça. Por um instante, penso em abaixar a mão, mas o acenar de estímulo de Tomas me faz levantá-la mais alto.

O professor Lee me vê, sorri e me faz um sinal de permissão para que eu deixe minha carteira. Minhas juntas estão rígidas conforme caminho para frente da classe. Uma oficial, que veste um vermelho formal, espera por mim do lado de fora da porta. Ela me acompanha escada abaixo até chegarmos a uma sala no primeiro andar onde está preparada uma mesa com comida e água. Encho um prato com frango, fatias de um queijo com cheiro forte e salada composta de frutas, verduras e nozes — todos eles alimentos que meus pais encorajavam-nos a comer antes de exames importantes — e ataco.

Mal registro o gosto enquanto mastigo e engulo. Não é comida para ser saboreada. É combustível para me manter pelas próximas quatro horas. Termino minha refeição rapidamente, depois uso o banheiro e jogo água no rosto. Passaram-se menos de quinze minutos quando deslizo na minha carteira, sentindo-me muito mais alerta do

que quando saí. Pegando meu lápis, abro o livreto e mais uma vez começo a escrever.

São feitas perguntas sobre código genético, personagens históricos, conquistas na Medicina e captação de energia solar. Meus dedos têm câimbras. Encho as páginas. Chego à última questão e pisco. *Por favor, diga-nos qual é seu objeto preferido de estudo e por que você acha que preenche os requisitos para seguir essa carreira.* É a minha chance de convencer os administradores da universidade sobre minha paixão e minha habilidade para ajudar a desenvolver a tecnologia do nosso país.

Respirando fundo, começo a escrever. Todas as minhas esperanças jorram naquela página. Meu desejo de ajudar a desenvolver o sistema de comunicação do limitado uso da radiofrequência pulso do nosso país para uma rede sofisticada disponível para todos os cidadãos; meu entusiasmo com novas fontes de energia que fariam funcionar melhor nossas luzes e outros aparelhos; minha fé absoluta de que posso fazer diferença no futuro tecnológico da Comunidade Unida.

O tempo voa enquanto escrevo e reescrevo minha resposta, preocupada que uma palavra errada mude o foco da minha carreira. Um por um, meus colegas levantam seus livretos acima da cabeça, esperam que sejam recolhidos e deixam a sala até que só restam cinco de nós. Estou satisfeita com minha resposta final e olho para o relógio. Restam três minutos.

Minha boca fica seca quando me lembro. Pulei quatro perguntas com a intenção de voltar mais tarde. No entanto, passei tanto tempo formulando minha resposta final, que não resta tempo suficiente. Meu coração dispara enquanto folheio de volta, esperando responder pelo menos uma delas, mas não respondo. O relógio termina quando acabo de reler a primeira questão não respondida. Lápis abaixados. O exame terminou. E eu não o completei.

Nenhuma das questões que deixei de responder tem a ver com Matemática ou Ciências — matérias que julgo ser as mais importantes para Engenharia Mecânica. Tento me consolar com isso, enquanto

entrego meu livreto para o professor Lee. No entanto, meu fracasso em completar o exame torna-me difícil manter a cabeça erguida ao sair da sala. Tudo o que posso fazer agora é esperar pelo melhor.

Tomas está esperando por mim nos degraus do lado de fora. O sorriso em seu rosto desaparece quando ele olha nos meus olhos.

— Como é que foi?

— Deixei quatro perguntas sem responder. Se não tivesse feito uma pausa para comer, eu teria terminado.

Tomas balançou a cabeça.

— Fazer uma pausa foi uma coisa esperta. Eu não teria feito se não fosse por você. Eu estava perdendo o foco. Você fez com que eu me lembrasse de que é importante dar uma relaxada e esfriar a cabeça. Quando voltei depois da pausa, reli minha última resposta e descobri dois erros. Fico te devendo essa.

O beijo delicado que ele me dá é pagamento mais do que suficiente.

Quando Tomas se afasta, ostenta um sorriso aberto, com covinhas.

— Também fico te devendo a diversão. A expressão no rosto de cada um quando você saiu da sala não tem preço. Eles não sabiam se ficavam impressionados ou intimidados com sua segurança.

Pisco. Segurança era a última coisa que eu estava sentindo quando saí da sala de exame. As palavras de Tomas, porém, me fazem parar para pensar. Como é que eu me sentiria se outra pessoa tivesse levantado a mão primeiro? Tivesse saído para tomar um lanche enquanto o tempo corria no relógio? Eu deduziria que o aluno não estava preocupado em acabar a prova a tempo. Na verdade, a saída do aluno faria com que eu deduzisse que não apenas ele ia terminar o exame, como tinha tempo para gastar. As palavras de Tomas são um bom lembrete. O fato de a gente pensar que uma coisa é verdadeira não faz com que ela seja. A percepção é quase tão importante quanto a realidade.

A luz começa a declinar quando Tomas e eu andamos de mãos dadas até a lanchonete. Os estudantes mais velhos tendem a evitar a lanchonete, uma vez que cada respectivo campo de estudo tem a própria residência e cozinha. Na maioria dos dias, as únicas pessoas que usam essa dependência são um punhado de oficiais de baixo escalão da universidade, um ou dois professores, eu e meus colegas dos Estudos Preliminares. A comida disponível é geralmente simples: sanduíches, frutas, pãezinhos, vegetais crus. Nada que exija grandes preparos ou esforço para que fique aquecido. Apesar do enorme marco que acabamos de completar, a comida permanece a mesma. Nenhuma comemoração para nós. Ainda não. Nada até que saiam os resultados e os campos de estudo sejam atribuídos.

Durante os últimos seis meses como estudantes universitários, tivemos várias provas. Depois de cada uma, a lanchonete se enchia de gente comparando respostas, lamentando erros e celebrando acertos. Hoje não tem nada disso. A maioria dos meus colegas mantém os olhos no prato enquanto come. Alguns não comem nada, só empurram a comida tentando parecer normais. Todos estão cansados da prova e da ansiedade quanto aos resultados.

Belisco o pão e a fruta. A preocupação torna impossível comer mais do que alguns bocados. Tomas não tem problema em limpar o prato. Acho que não preciso perguntar como se saiu no exame.

Empurrando as sobras da minha refeição, pergunto:

— Você acha que eles vão dar os resultados logo amanhã cedo ou vão fazer a gente esperar até mais tarde?

Antes que Tomas possa especular, uma voz de tenor diz:

— Vai ser logo cedo.

Tomas se contrai enquanto Will, nosso colega de Estudos Preliminares, sorri e escorrega seu corpo de varapau para o lugar vazio ao meu lado. Eu me encolho por dentro. Por fora, sorrio.

— Você parece muito confiante.

— É porque estou — seus olhos faíscam. — Entreouvi uma dupla de administradores conversando. Fazer serão noite adentro para ter certeza de que os resultados estarão prontos logo de manhã cedo não fazia parte da lista das dez coisas preferidas deles — seu sorriso se escancara. — Eles estavam bem chateados. Eles não se importam de fazer a gente perder o sono, mas quando é a vez deles, não gostam. E aí, como é que vocês se saíram hoje?

Tomas dá de ombros e olha para o prato. Por alguma razão não explicada, ele não gosta de Will. Não que Tomas alguma vez tenha sido grosseiro. Não é. No entanto, a maneira como dá respostas mínimas diz muito, bem como seu jeito olhar. Existe uma cautela. Uma desconfiança.

— E você, Cia? — Will pergunta. — Imagino que arrebentou, como acontece com tudo que você faz, certo?

Bem que eu gostaria.

— Havia perguntas demais para arrebentar em tudo.

— Sei que me dei mal nas perguntas sobre História da Arte. Pensei que eles quisessem líderes que pudessem ajudar a revitalizar o país. Como é que o fato de saber sobre uma escultura de um cara nu vai ajudar? Uma menina nua... — ele sorri novamente. — Bom, isso é outra história.

Não posso deixar de rir e ouço sem prestar muita atenção enquanto Will brinca sobre as várias perguntas da prova e especula se lhe será designado o campo de estudo que deseja: Educação.

Will tem uma inteligência rápida de que eu gosto. Ele também ama muito sua família, especialmente seu irmão gêmeo, Gill, que veio a Tosu City para o Teste, mas não conseguiu entrar na universidade. Um pouco depois de termos começado como alunos da universidade, Will me mostrou uma foto dele e do irmão. Dois rostos idênticos com sorrisos divertidos. Corpos altos e magros, pele muito pálida, o que revela falta de comida saudável em sua colônia. A não ser pelo comprimento do cabelo — o de Will pelos ombros, o do irmão,

batidinho —, os dois eram cópias carbono, até no amor e na alegria que emanavam de seus olhos verdes-escuros.

O que me atrai em Will é a aspiração e o amor que vejo em seus olhos, mesmo que as acusações do Comunicador de Trânsito me advirtam para me manter a distância. Acho difícil acreditar que alguém que tentasse matar tanto Tomas quanto a mim se esconda sob um sorriso amigável. Entretanto, minha voz gravada me disse que é exatamente assim que Will é. O que me faz querer ficar perto dele. Estou resolvida a descobrir se aquela voz está certa. Sobre Will. Sobre Tomas. Sobre tudo.

ESTAMOS SENTADOS NA mesma sala em que fizemos a prova ontem. Esperando. Vinte alunos selecionados nas dezoito colônias da Comunidade Unida. Prontos para saber como é que vamos ajudar a reconstruir nosso país.

Dou uma olhada em torno. Acabei conhecendo a maioria dos meus colegas. Will, que quer lecionar. Stacia, que espera estudar governo e lei. Vic, um grandalhão ruivo da colônia de Stacia, cujas ambições estão em consertar ossos quebrados. Uma morena graciosa, cabelo até a cintura, Kit, que flerta sem descanso com Tomas, mesmo tentando derrotá-lo na liderança pela Engenharia Biológica. Um menino chamado Brick afirma que vai ficar feliz em estudar o que quer que a Comunidade Unida ache melhor para ele. Mais da metade dos alunos desta sala está interessada em fazer parte do governo para moldar as leis do país. O ponto que temos em comum é nosso reconhecimento de que não controlamos coisa nenhuma.

Prendo o fôlego quando o professor Lee vai até a frente da classe segurando uma prancheta. Meu coração galopa e tento não me contorcer quando ele diz:

— Tenho em mãos os resultados da prova do exame de vocês. Seus nomes aparecerão em ordem alfabética nesta folha. Ao lado do

seu nome haverá um indicador que mostra se vocês passaram e foram designados para uma área de estudos ou se fracassaram e, por isso, vão ser redirecionados para um campo fora do escopo da universidade. Todos os alunos que não receberam uma nota de aprovação deverão se encontrar com um funcionário da Comunidade Unida, fora de suas repúblicas, ao meio-dia. Esse funcionário acompanhará vocês até um local em que discutirão o próximo passo de sua carreira.

Meu pulso se acelera. Será que isso faz parte do protocolo para todos os anos ou alguém da nossa classe não passou na prova?

Não há tempo para perguntar porque o professor Lee continua:

— Para aqueles que passaram, a área de estudos que lhes foi designada está especificada ao lado do seu nome. Amanhã, vocês terão um encontro com o orientador do seu curso de estudos acadêmicos. Serão encaminhados para um guia estudantil, que os ajudará na mudança para a república do campo de estudo que lhes foi designado. Terão uma semana para se acomodar em suas dependências e conhecer as pessoas que estão cursando a mesma área antes de começarem os estudos. Espero ver vários de vocês em minhas aulas.

O professor Lee vira-se e pendura a prancheta na parede atrás dele. Depois, se dirige para a saída. Ao chegar à porta, olha para trás.

— Dou meus parabéns a todos vocês por suas conquistas até agora. Sei que farão grandes coisas no futuro — depois de um último sorriso, ele sai.

Não estou surpresa de que Stacia seja a primeira a se levantar do seu lugar. Cadeiras são empurradas para trás, várias delas derrubadas, enquanto meus colegas correm à frente para ver o que o destino lhes reserva. Alguém solta um grito de excitação. Sinto na espinha um arrepio de ansiedade misturada ao medo. Lentamente, me levanto e vou até a lista.

Com 1,57 m, sou a menina mais baixa da classe. Como fui a última a deixar minha carteira, vejo-me na retaguarda do grupo. Apesar de eu ficar na ponta dos pés e esticar o pescoço, a lista permanece

longe da vista. No entanto, posso muito bem ver o rosto dos outros alunos. Will levando um tapa nas costas de um menino baixo e moreno chamado Rawson. Kit dando um grande abraço em Tomas e mantendo os braços ao redor dele, mesmo quando ele tenta se desvencilhar. Stacia caminhando furiosa para a porta. As lágrimas que brilham em seus olhos fazem com que um suor gelado percorra minha espinha. Será que ela não conseguiu a área de estudos que queria ou aconteceu o impensável?

Insinuando-me por entre os corpos e empurrando de lado, por fim, um Will sorridente, fico frente a frente com a lista. Está organizada em ordem alfabética pelo último sobrenome. Desvio os olhos para o final, procuro meu nome e lá está:

Vale, Malencia — Aprovada — Governo

Fecho os olhos, respiro fundo três vezes e torno a abri-los. As palavras não mudaram. Por algum motivo que não compreendo, fui direcionada para o campo de estudos que menos me interessa.

Deve ter havido um engano. Luto contra a vontade de correr até o professor Lee e pedir uma explicação. Será que não escolhi as palavras certas na minha resposta final? Minhas habilidades estão na Matemática e na manipulação de metal e fios, não em tergiversar e em frases cuidadosamente elaboradas. Por que os administradores universitários me designariam para uma área em que é quase certo que eu fracasse?

Minha garganta fica entupida de lágrimas, mas não vou além disso. Não vou deixar que caiam. Aqui não. Ninguém verá minha decepção. Nem a administração, nem meus colegas. Eu me recuso a deixar que alguém saiba quanto tenho de lutar para manter minha respiração uniforme e minhas mãos abertas. Eles só verão minha alegria por ter passado.

Curvando os lábios em um sorriso, leio o resto dos resultados e procuro o nome dos meus amigos. Encontro primeiro o de Tomas e sorrio com sinceridade. Engenharia Biológica. Encho-me de orgulho e de felicidade. Procuro por ele na multidão e o vejo parado a meio

metro de distância. Jogo meus braços em volta dele e aperto com força. Os professores fizeram a escolha certa. Ele não vai decepcionar.

De mãos dadas com Tomas, encontro os nomes de Stacia e de Will um em seguida do outro. Medicina para a Stacia, Governo para o Will. Assim como eu, nenhum deles foi designado para seu curso de estudos preferido, o que explica a infelicidade de Stacia. No entanto, os dois passaram. O que não aconteceu com todos os meus colegas. Meu desapontamento pessoal se dilui. Ao lado do nome de Obidiah Martinez consta uma palavra: *Redirecionado*. Não consigo deixar de pensar que consequências essa palavra trará.

Essa é a primeira pergunta que faço a Tomas depois que saímos da classe e vamos para um canto lá fora, onde é menos provável que nos incomodem. Percebo que Tomas está mais interessado em conversar sobre minha sensação com meus resultados. Depois que lhe garanto que estou bem, ele diz:

— Imagino que ele será designado para um grupo técnico aqui na cidade ou mandado para uma das colônias para ajudar na construção. Você não acha?

Não tenho certeza do que acho. Obidiah não é um amigo. Na verdade, não acho que ele poderia alegar ser amigo de ninguém aqui. Algumas pessoas tentaram conversar com ele, inclusive eu. Uma semana depois de chegar ao campus, eu o vi sentado ao lado de uma árvore, o olhar perdido ao longe. Enquanto sua estrutura forte, sua expressão feroz e a aparência exótica do seu cabelo trançado normalmente me intimidariam, levando-me a manter distância, a tristeza que vi em seus olhos fez com que eu fosse até ele. Assim que disse seu nome, sua expressão mudou. A tristeza foi substituída pela raiva. Pediu que eu fosse embora. Fui. A experiência foi o bastante para que eu não tentasse nova abordagem. Agora, desejaria ter tentado.

— Tem certeza de que está bem? — Tomas pergunta, enquanto voltamos para minha república. Ele para e me olha nos olhos. Sinto que o escudo que construí contra minhas emoções começa a trincar e

mordo o lábio. Tomas toca meu rosto e diz: — Se puder servir de consolo, acho que eles fizeram a escolha certa.

As palavras golpeiam o ar para fora dos meus pulmões.

— Você não acha que sou boa o bastante pra Engenharia Mecânica.

As mãos de Tomas tocam no meu ombro. Tento afastá-lo, mas ele segura com força.

— Acho que não existe ninguém em quem eu confiaria mais para dirigir nosso país. O governo nem sempre é consistente, nem sempre é justo. No entanto, deveria ser. Confio em você para tentar fazer com que o nosso seja as duas coisas.

Suas palavras e o beijo afastam as dúvidas para o meio das trevas, mas elas voltam quando ele sai para arrumar as coisas para a mudança de amanhã. Tomas confia em mim, mas não tenho certeza de poder retribuir sua confiança. Nem em mim mesma, nem nele ou em qualquer coisa.

Na república, procuro decidir o que arrumar primeiro. Desde o Teste, adquirei muito pouco. Mal dá para justificar as malas adicionais que eles fornecem para a mudança a nossas novas acomodações. Apenas umas poucas roupas, alguns livros e um vasinho de flores secas. As flores foram um presente de aniversário que veio de casa, embora todos achem que foram dadas por Michal, o encarregado de Tosu City que me acompanhou até o Teste. Nem mesmo Tomas sabe a verdade, pois não quero colocar o encarregado ou minha família em risco.

Hoje, o vaso me faz pensar no meu pai. Enquanto o seguro, as lágrimas começam a cair. O que ele pensaria da área para a qual fui designada? Ficaria tão confuso quanto estou? Os dirigentes da universidade encaminharam-no para manipulação genética de plantas. A evidência de que estavam certos está aninhada em minhas mãos. Meu pai é um gênio em fazer com que seres vivos se desenvolvam. A paixão que sente em seu trabalho é uma das qualidades que mais admiro nele. Sempre achei que a escolha para ajudar na revitalização

da terra tivesse sido dele; não sabia que essa decisão tinha sido tomada para ele e tive de imaginar: se a escolha fosse dele, qual teria sido? Será que, assim como Tomas, ele havia sido encaminhado para o campo de sua paixão ou tinha acontecido o mesmo que aconteceu comigo?

Enxugando as lágrimas, escavo por debaixo do colchão e puxo o Comunicador de Trânsito do seu esconderijo. A bile sobe até minha garganta. As histórias gravadas no Comunicador contam sobre um processo de prova administrado pela Comunidade Unida que está longe de ser justo e honesto. Será que posso ser uma parcela ativa de um sistema que encoraja os candidatos do Teste a matar e ser mortos? O resultado final — o trabalho incrível do meu pai com as plantas e as centenas de conquistas obtidas pelos formandos da Universidade — justificaria os meios? Há perguntas às quais não posso começar a responder até saber se as palavras que gravei são reais ou imaginárias.

Uma vez que todas as lembranças do Teste são removidas dos candidatos aprovados, para mim é impossível determinar o que, de fato, aconteceu naquela época. No entanto, sou esperta, posso descobrir um jeito de fazer isso.

Olho o relógio na minha mesa de cabeceira — 11h04 da manhã. De acordo com as instruções do professor Lee, Obidiah se encontrará com um representante da universidade fora do prédio, ao meio-dia, para se encaminhar para seu novo plano de carreira. Embora saiba que o destino de Obidiah não me dirá se as histórias do gravador são verdadeiras, ele me dará uma ideia sobre o que a universidade vê como punição adequada à reprovação. Se for como as histórias que estão no gravador, conseguirei a resposta que procuro.

Envolvo o Comunicador de Trânsito em uma toalha e o enfio em meio às dobras de roupas que já empacotei. Depois, pego um livro, tranco minha porta e desço. Will, Vic e mais dois dos meus colegas estão jogando bola na área ao ar livre, ao lado da minha república.

Will acena, convidando-me, mas balanço a cabeça, levanto o livro que tenho na mão e sigo em frente.

Como Will e os outros alunos da colônia estão no lado esquerdo da república, vou para a construção de pedra cinza, de dois andares, à direita — o prédio da Ciência da Terra. Tomas e eu usamos muitas vezes o banco perto da entrada para estudar, então ninguém presta muita atenção em mim quando sento no metal frio e finjo estar lendo. Desse ponto de observação vantajoso, tenho uma visão clara da passagem que vem da república dos Estudos Preliminares.

Logo avisto as tranças diferenciadas de Obidiah quando ele sai e fica na passagem, esperando por seu acompanhante. Uma sacola grande e preta pende do seu ombro direito. Uma guitarra surrada está aninhada em seus braços. Não sabia que Obidiah tocava. Duvido que algum de nós soubesse. Mais surpreendente ainda é o sorriso que atravessa seu rosto enquanto perscruta a distância. Talvez esteja tentando manter uma aparência para quem estiver por perto, mas acho que não. Pela primeira vez, desde que conheci Obidiah, ele parece feliz. Procuro imaginar o que eu sentiria depois de saber que deixaria a universidade. Depressão. Fracasso. Decepção.

Obidiah não parece estar sentindo nada disso. Relembro daquele momento, meses atrás, em que ele parecia tão sozinho. E fico pensando: será que ele fracassou mesmo na prova? Ou estava tão infeliz aqui que sabotou seus pontos na esperança de que isso o mandasse de volta para casa?

Vejo dois oficiais da universidade se aproximando. Um está com traje formal vermelho. O outro usa roxo. Obidiah assente com a cabeça para o que quer que eles digam e os segue, enquanto eles o conduzem pelo passeio em direção ao norte.

Prestando atenção para não perdê-los de vista, fecho o livro, levanto-me e caminho lentamente em uma rota paralela. Normalmente, ao atravessar o campus, aproveito para admirar as construções que, em muitos casos, estão de pé há mais de dois séculos. Depois que os Sete

Estágios da Guerra chegaram ao fim, a população sobrevivente dos antigos Estados Unidos teve a coragem de começar o espantoso processo de reconstrução. Os líderes escolheram a cidade de Wichita, renomeada Tosu City, no antigo estado do Kansas, como ponto de partida para o processo de revitalização. Enquanto cidades importantes como Chicago, Nova York e Denver foram destruídas durante a guerra, Wichita — com sua falta de localização estratégica — permaneceu intacta. A reação da terra à guerra movida pelos homens destruiu muitos prédios, mas a grande maioria pôde ser reparada e usada.

Na maioria dos dias, admiro a arquitetura e penso na esperança que as construções representam. Hoje, mantenho a cabeça baixa em um esforço para não ser notada pelos alunos e pelos professores que transitam pelo campus. Lanço olhares para Obidiah e para os oficiais, para ter certeza de que continuam à vista. Ninguém proibiu os alunos aprovados de caminhar pelo campus hoje, mas não sou tão ingênua a ponto de acreditar que minha presença seria bem-vinda por Obidiah ou pelos dirigentes.

A luz do sol reflete nas janelas de vidro enquanto passo por trás dos prédios. Obidiah e seus acompanhantes andam rapidamente e tenho de me apressar para ver em que direção estão indo.

Depois de passar por várias construções grandes, os acompanhantes se viram em uma passagem que vem em minha direção. As árvores não são grandes o bastante para que eu possa me esconder. Um grupo de estudantes mais velhos passeia pela grama a uns trinta metros à minha esquerda. Longe demais para que eu finja estar com eles. A entrada do prédio mais próximo está a pelo menos quinze metros de distância. Se eu correr, alguém vai me ver e perguntar o motivo de tanta pressa. Apesar de o meu pulso estar acelerado e do desejo de fugir antes que os oficiais me vejam, faço a única coisa que imagino possível. Sento-me no chão frio, abro o livro e deixo meu cabelo cair

sobre o rosto, enquanto finjo interesse na história contida em suas páginas.

Ouçõ passos se aproximando. Cada um deles deixa meus nervos em sobressalto e minha respiração em suspenso. O som indica que agora os oficiais e Obidiah estão passando a apenas três metros de onde estou sentada. Viro uma página e mantenho os olhos nas palavras que nadam à minha frente. Finjo estar absorvida na leitura, ainda que esteja consciente de cada minuto que passa. Os passos ficam mais fracos. Arrisco levantar os olhos do livro e vejo os oficiais seguindo para o norte, na próxima passagem. Obidiah os segue, mas seu passo diminui enquanto ele vira a cabeça. Por um momento nossos olhares se cruzam. Vejo confusão e outras emoções que não consigo distinguir atravessando seu rosto. Será que está feliz por ver uma colega do primeiro ano? Será que se lembra de que quis que fôssemos amigos e agora lamenta não ter estabelecido esse relacionamento?

Nossos olhares se cruzam uma última vez antes que Obidiah comece a andar novamente. Fico em pé e vou atrás deles devagar. Vejo Obidiah virar a cabeça duas vezes. Se ele me vê me escondendo atrás dos arbustos ou caminhando sob a sombra das árvores, não demonstra. Apenas segue os oficiais enquanto eles o encaminham a um prédio de tijolos cercado por uma grande grade preta, na margem nordeste do campus. É um prédio isolado, longe da república e dos outros prédios voltados para o uso dos alunos. Atrás do prédio, a grama parece mais fraca, o solo mais pobre, menos revitalizado do que no restante do campus. Essa construção não constava das outras que conhecemos em nossa introdução à universidade, mas durante o *tour*, nosso guia nos contou que a universidade fica na extremidade norte de Tosu City. Até agora, eu não tinha percebido quanto estávamos próximos da divisa. Uma placa na cerca próxima ao portão de entrada diz administração da universidade de tosu.

Observo Obidiah e seus acompanhantes desaparecerem para além das grandes portas brancas e tento decidir o que fazer em seguida. Ao

contrário do restante do campus da universidade, não há pessoas vagando por essa área. Ninguém se senta nos bancos ou discute com os colegas debaixo das árvores. Seja o que for esse prédio, não parece receber muitos visitantes. Espero vários minutos para ver se aparece mais alguém. Quando não surge ninguém, passo para dentro da grade e ando decidida até a porta da frente, como se tivesse o direito de estar ali. Se alguém me parar, posso dizer que resolvi comemorar minha aprovação conhecendo a universidade mais a fundo.

Olhando pela janela comprida e estreita da porta da frente, procuro sinais de Obidiah e não vejo ninguém.

E agora? Entro e me arrisco a dar de encontro com um oficial da universidade ou espero aqui até que Obidiah seja levado para fora? Estou prestes a abrir a porta quando vejo o doutor Barnes, responsável pelo Teste e uma mulher pequena, de cabelos escuros, saírem de uma sala e irem até os fundos do prédio. Devem estar indo se encontrar com Obidiah. Observo enquanto eles desaparecem em uma sala bem no fim do corredor e me apresso dando uma volta no prédio até o outro lado, procurando uma janela por onde possa observar o encontro.

Chego aos fundos do prédio e sinto uma pontada de decepção. No meio da parede há uma grande porta de metal e um painel numérico, mas nenhuma janela. Provavelmente porque ninguém se interessa em olhar a garagem solitária que se acha a trinta metros da porta de trás, o sofrido trecho gramado ou as ruas rachadas atrás dele. A grade não chega até este lado. Talvez para permitir a entrada de veículos. O restante da área é árido, embora livre de entulhos. Estaria no aguardo de uma revitalização ou a intenção seria a de que o prédio continuasse isolado?

Como não posso ver nada, começo a voltar para a frente do prédio. O barulho de engate de marchas e do acelerar de um motor paralisa meus pés. Quando me viro, vejo um grande flutuador preto saindo da garagem. Corro para a lateral do prédio e grudo contra a

parede atrás de uma moita esqualida, para ficar longe da visão do piloto do flutuador. O barulho do motor chega mais perto e depois silencia, o que me faz perceber que parou por perto. Ouço uma porta se abrir, seguida de uma voz feminina.

— É muito desperdício! Ele deveria ser uma das estrelas desta classe. Tinha de existir outra maneira.

— Os procedimentos existem por uma razão, MayLin — meu coração sobe para a garganta. Essa voz pertence ao doutor Jedidiah Barnes. — O país não pode se dar ao luxo de mudar de orientação agora. Não quando finalmente estamos começando a progredir de verdade. Você sabe o que fazer com ele.

Uma voz masculina responde:

— Sim, senhor.

Espio pelo canto do prédio e meus joelhos fraquejam. Meus dedos se enfiam na parede de tijolos para me impedir de cair, enquanto vejo dois oficiais que carregam Obidiah para o flutuador. Sua cabeça está caída para trás. As tranças se arrastam pelo chão. Quando chegam ao veículo, os oficiais colocam-no no chão do flutuador e sobem para a cabine do piloto. Espero que Obidiah se levante e se sente. Nada acontece. Tento ver seu peito subindo e descendo; nada acontece.

O funcionário que acompanhava Obidiah surge com uma sacola preta e o violão de Obidiah. Joga os dois no flutuador antes de subir. O flutuador sai do chão e viaja pela paisagem desolada. Antes que possa entender o que acabei de ver, o flutuador e Obidiah se foram.

LÁGRIMAS AFLORAM EM meus olhos. Minha respiração fica curta e rápida, enquanto me achato contra a parede dura e fria. Obidiah se foi. Redirecionado. Morto. Se eu não tomar cuidado, acontecerá o mesmo comigo.

O doutor Barnes ainda está falando:

— Você sabe como fico desapontado cada vez que um estudante que promete é redirecionado, mas não tenho outra opção. A revitalização exige harmonia. Não se pode permitir que estudantes com o potencial de Obidiah trabalhem fora da estrutura da Comunidade. As pessoas poderiam começar a se voltar para ele em busca de liderança, em vez de seguir o curso que nossos líderes atuais nos apresentaram. Esse tipo de desarmonia minaria tudo o que fizemos nos últimos cem anos.

— Eu sei — diz MayLin. — Mas talvez o Redirecionamento já não seja a resposta. A presidente tem se referido mais às suas preocupações com o número de alunos que não consegue chegar à graduação.

— A presidente pode expressar suas preocupações, mas a não ser que a lei seja alterada, o Teste e a educação de nossos líderes estão em minhas mãos. É melhor para nosso país ficar sabendo logo quando

um estudante não é capaz de lidar com os tipos de pressão que ele terá de enfrentar no futuro.

Alguma coisa relacionada com as palavras do doutor Barnes me parece familiar. Meu estômago se retorce enquanto tenho um flash de minha colega de quarto do Teste, Ryme Reynald. Seus cabelos loiros. Um vestido amarelo. Tento me agarrar à lembrança, porém ela se vai como fumaça, enquanto a voz do doutor Barnes ressoa:

— A remoção agora é preferível ao dano que poderia ser causado mais tarde. Se a presidente não entende isso, terá de ser convencida. Chegamos longe demais...

A batida de uma porta interrompe o resto de suas palavras. Respirando fundo, olho para além da esquina para ter certeza de que ele e MayLin se foram. Depois, corro.

Por fim, quando chego ao estádio na extremidade noroeste do campus, diminuo o passo, retomo o fôlego e procuro pensar.

A distância, vejo pessoas que caminham pelo gramado do final do inverno. Ninguém está olhando na minha direção. Mesmo assim, afivelo um sorriso no rosto e finjo que meu coração não está disparado, enquanto puxo a jaqueta bem junto ao corpo e atravesso o gramado, o tempo todo lutando contra a necessidade de deixar cair as lágrimas que queimam meus olhos.

Ando em direção à minha república, mesmo que não possa ir para lá. Ainda não. Meus amigos estarão se aprontando, celebrando, se arrumando para amanhã quando mudaremos para nossas novas repúblicas e daremos início à próxima fase dos nossos estudos. No entanto, depois de hoje — depois de ver o corpo imóvel de Obidiah —, não tenho certeza de que possa. Fecho os olhos e ouço as palavras daqueles que morreram na conversa do gravador. Meus amigos da Colônia Cinco Lagos: Rourke e Zandri Hicks. Minha colega de quarto Ryme Reynald. O irmão gêmeo de Will, Gill Donovan. Já não posso negar a verdade daquelas palavras sussurradas. Como posso ficar e estudar sabendo que tantos morreram ou desapareceram? Fazer isso

seria como dizer que a vida deles não importa. Que o doutor Barnes e seu pessoal têm o direito de escolher não apenas os líderes, mas quem vive e quem morre.

Ele não tem.

Eles não têm.

Ninguém tem.

Há mais de um século, outros líderes acharam que tinham esse direito. Ainda estamos pagando o preço dos seus atos. Nossos líderes atuais deveriam ter aprendido com esses erros.

Escolhendo um lugar sombreado debaixo de uma árvore, afundo-me no chão e puxo as pernas bem junto ao peito. O chão por debaixo está frio, mas os botões verdes em um arbusto próximo revelam que a primavera está prestes a desabrochar. Um passarinho assobia em um galho acima da minha cabeça. Por toda parte à minha volta há sinais de um mundo que está saindo do desastre e da decadência. Sinais de que a universidade escolheu pessoas com talento e habilidade que, com seu conhecimento, trouxeram esperança para nosso país. Olhando agora para a vegetação saudável, tenho de perguntar: — Valeu a pena? Sim, vidas foram salvas, mas e as vidas que foram tiradas? A história diz que o progresso muitas vezes exige sacrifícios, mas que tipo de progresso podemos afirmar, quando é construído sobre a vida dos cidadãos que ele deveria ajudar?

Olho a posição do sol no céu. Em questão de horas ele vai se pôr. Embora eu tenha aprendido muito sobre Tosu City nas últimas horas, não a conheço suficientemente bem para me sentir segura vagando pelas ruas depois que ficar escuro. Se for para eu fugir e ter uma chance de escapar, tenho de fazer isso agora.

Fico em pé e caminho em direção à república dos Estudos Preliminares. Sou recebida com sons de risadas e gritos de alegria. Aceno para uma garota chamada Naomy, quando ela passa correndo. Minhas mãos tremem quando enfio a chave na fechadura e abro a porta. Em algum lugar bem no fundo, sempre devo ter sabido que

fugiria, porque, quando fecho a porta atrás de mim, sei exatamente o que levar.

Assim como para o Teste, eu me permito uma sacola. Duas trocas de roupa. Dois itens pessoais e minhas roupas íntimas. Botas que herdei dos meus irmãos. Meias. O canivete que meu pai deu para mim e para meus irmãos anos atrás e o Comunicador de Trânsito do Zeen. Embora elas sejam dispensáveis em matéria de sobrevivência, fico louca para levar as flores secas. O vaso. Na sacola tem lugar para elas, mas esse espaço extra tem de ser usado para comida, água e qualquer item que eu encontre pelo caminho e que ajude na minha sobrevivência.

Enquanto enfio o canivete na repartição lateral da minha sacola, meus olhos param em uma pilha de bilhetes de Tomas, cheios de palavras de apoio e de amor. Meus dedos roçam o pedaço de papel que está em cima — papel que deveria ter sido reciclado, mas que não pude suportar a ideia de destruir. Morro de vontade de conversar com Tomas agora. De pedir a ele que vá comigo. De deixar a universidade, nosso futuro e as sombras do Teste bem para trás. Talvez, quanto mais longe formos, mais fácil será enterrar as lembranças que ameaçam tudo e perdoar. Reconstruir a confiança que já foi verdadeira.

Dou um pulo ao som da maçaneta sendo virada às minhas costas.

— Ei, Cia, sei que você está aí. Abra a porta.

Stacia.

Assim que viro a fechadura, ela empurra a porta, entra a passos largos no quarto e se solta na minha cama ao lado da sacola aberta.

— Bom, hoje foi interessante. Todos estão celebrando ou se entregando às profundezas do desespero. Você foi esperta de ter se afastado um pouco para evitar a maré emocional. Considerando que este grupo é supostamente o melhor e mais inteligente, achei que a esta altura eles já teriam percebido como é que as coisas funcionam.

A maneira como Stacia está esparramada, com as mãos enfiadas sob a cabeça, sugere que ela planeja ficar aqui por um tempo. Tempo que eu não tenho. No entanto, não posso simplesmente pedir a ela que

saia. Passamos tempo suficiente juntas para que ela perceba que um pedido desses não é típico e vai ficar imaginando por que fiz isso. Se eu conseguir escapar, o doutor Barnes e sua equipe poderiam interrogar aqueles que tiveram algum conhecimento dos meus planos. Não quero que Stacia seja punida pelas escolhas que fiz sozinha.

Sufocando minha ansiedade, pergunto:

— Você não está chateada por ter sido encaminhada para Medicina?

Stacia dá de ombros.

— Se eu dissesse de cara que não estava chateada, estaria mentindo. Nos últimos meses, eu quase tinha me convencido de que poderia controlar meu futuro por meio de um trabalho duro. Esqueci o que aprendi crescendo na Colônia Tulsa. O controle é uma ilusão. Só um punhado de pessoas tem a capacidade de moldar a própria vida e a vida das pessoas em torno delas. Para me tornar uma dessas pessoas, tenho de provar que posso fazer o que for necessário para dar certo. — ela ri. — Então, vou fazer isso.

A risada dela me faz encolher. É fria e prática. Dura. Determinada. Stacia é inteligente, mas sempre me perguntei se são esses outros traços que a ajudaram a sobreviver ao Teste. Tenho de admirar sua habilidade em deixar de lado as emoções e encontrar a solução mais direta para uma situação, mesmo que não concorde com sua avaliação. A ideia de deixá-la para trás me enche de culpa. No entanto, ainda que parte de mim queira lhe pedir que abandone a universidade e venha comigo, as palavras não passam pelos meus lábios. Stacia não é uma pessoa que fuja de um desafio, mesmo que seja um que possa resultar em sua morte.

Na hora que se segue, Stacia especula sobre como será a programação de nossas aulas quando começarmos nossos cursos e me faz prometer que contarei tudo o que acontece na república dos Estudos Governamentais. Não há dúvida de que ela pensa que a informação será útil quando tiver obtido o controle que procura com

tanto desespero. Faço Stacia prometer a mesma coisa, mesmo que a mentira me dê um nó no estômago. Não estarei aqui para cumprir a promessa e, se quiser escapar sem ser notada, não posso nem mesmo me despedir.

Quando Stacia volta para seu quarto, o Sol está baixo no céu. Vai ser difícil perceber o perigo quando a luz baixar, mas não tenho escolha. É hora de ir. Fecho meu casaco e passo minha sacola no ombro. Quando vou pegar na maçaneta, noto o bracelete sobressaindo por debaixo da minha manga. A tira com uma estrela que define quem a Comunidade Unida e o doutor Barnes querem que eu seja. Tiro o bracelete de prata do braço e o coloco no centro da cama. É hora de deixar para trás tudo o que ele representa.

Preciso encontrar Tomas. Quando chego ao seu quarto, ele não responde à minha batida. Pensando que ele pode ter ido para o refeitório sem ter vindo me buscar, deixo o prédio e atravesso o gramado correndo. Se puder encontrar Tomas, posso convencê-lo a vir comigo. Será mais fácil para nós dois sobrevivermos fora dos limites da cidade. Juntos podemos voltar para casa.

Estou tão decidida a encontrar Tomas que nem reparo na pessoa nas sombras do prédio de pedra cinza de Ciência Terrestre, até ouvir uma voz dizendo:

— Está indo para algum lugar?

Giro e vejo o oficial de Tosu, Michal Gallen, parado a dez metros. Seus bagunçados cachos castanhos cresceram desde a última vez que o vi, há algumas semanas. Isso, junto com a calça marrom informal e a camisa branca folgada que usa hoje, faz com que mais pareça um estudante do que um diplomado. Michal foi o representante que me acompanhou, juntamente com os outros candidatos do Teste da Colônia Cinco Lagos, a Tosu City. Por algum motivo, ele quis me ajudar durante o processo e depois que fui aceita como aluna da universidade, arrumou maneiras de me trazer notícias da minha família. Essas duas coisas me levaram a pensar que estivesse preocupado com o

que fosse melhor para mim. No entanto, agora que sei sobre Obidiah, tenho de me perguntar se as coisas em que acredito são verdadeiras.

Acenando afirmativamente com a cabeça, digo:

— Tenho de pegar uma refeição rápida para poder voltar para a república e arrumar minhas coisas. Nós todos estamos nos preparando para a mudança de amanhã.

Espero que ele me cumprimente por ter passado no exame ou pelo campo de estudos ao qual me designaram. Em vez disso, ele se afasta do prédio e dá um passo em minha direção:

— Estou espantado que você já não tenha terminado os preparativos. A visita de hoje ao norte do campus deve ter consumido o tempo para se preparar.

A posição do seu queixo, o alerta em seus olhos. Michal sabe o que fiz.

Antes que eu possa encontrar uma mentira plausível, Michal diz:

— Você não deveria ter ido lá hoje, Cia.

— Eu estava comemorando a aprovação no exame, passeando pelo campus.

— Você seguiu Obidiah — seus olhos encontram os meus. — Vi você indo para o prédio da Administração da ut. Vi você fugindo.

— Por quê? — as sílabas escapam. Dadas as implicações das palavras de Michal, eu deveria estar preocupada com coisas mais importantes, mas preciso saber.

— Vou te contar depois que você responder a uma pergunta — ele chega mais perto e olha os passeios de cima a baixo antes de perguntar: — Por que você seguiu Obidiah e seus acompanhantes? Nenhum dos outros estudantes fez isso.

É uma pergunta mais difícil de responder do que qualquer uma das do exame de ontem. Fico quieta, escolhendo minhas palavras com cuidado. — Eu queria entender melhor o que significava o Redirecionamento.

— Um aluno não passou no exame. Ele foi redirecionado para uma área diferente. Fim de papo — nos seus olhos há um desafio. Aceito.

— Não, não é.

— Você tem razão. Não é — ele fecha os olhos e concorda com a cabeça. — Você viu o Obidiah depois do encontro dele com o doutor Barnes?

Tenho a visão do cabelo de Obidiah se arrastando pelo chão, enquanto os oficiais o carregavam pelas mãos e pelos pés.

— Vi.

— E agora você está planejando fugir.

Não se trata de uma pergunta, portanto não me dou ao trabalho de responder. Em vez disso, cruzo os braços deixando que apareça meu pulso nu e espero.

Ele sopra um cacho da testa e suspira:

— Está na hora de termos uma conversa.

Em guarda, eu o sigo até as sombras do prédio. Passo os braços ao redor de mim mesma e tento fingir que meu coração não está golpeando meu peito, enquanto percebo que a temperatura começou a cair. A escuridão logo chegará, levando com ela minha melhor chance de escapar. Se é que consigo escapar. A presença de Michal pôs esse plano, sem mencionar todo o meu futuro, em risco.

Michal recosta-se na parede fria de pedra do prédio e suspira.

— Como seu acompanhante de Prova, estou encarregado de observar qualquer comportamento que sugira que o procedimento de alteração de memória usado depois do Teste não funcionou e relatar esse comportamento ao doutor Barnes. Para completar minha tarefa, me pediram que seguisse você.

A traição golpeia meu coração. Agarro a parede antes que o choque me deixe de joelhos.

— Você tem me espionado?

— Andei verificando se o procedimento de memória foi realizado com sucesso em você e no Tomas. Pensei que tivesse sido. Durante a

orientação, você e seus amigos fizeram as brincadeiras típicas que sempre ouvimos dos estudantes que tiveram aquelas lembranças removidas. No entanto, nos últimos seis meses, reparei em certas coisinhas que me fazem acreditar que as lembranças voltaram. Suas ações de hoje confirmaram isso. Você se lembra.

— Não — minha voz abaixa. Murmurante. Apavorada. Meus olhos percorrem os passeios, os prédios, o gramado, procurando supervisores que venham me redirecionar. — Minhas lembranças não voltaram.

— Mas você sabe alguma coisa sobre seu período no Teste. O suficiente para questionar o que o Redirecionamento poderia significar para o Obidiah.

— O que significa? — pergunto, esperando ter me enganado. Que Obidiah ainda estivesse vivo quando o flutuador foi embora.

— Você sabe, Cia — os olhos de Michal encontram os meus. Lá no fundo vejo uma raiva borbulhante que reflete a minha. — O doutor Barnes não vai aceitar fracassos.

Obidiah fracassou. Ao preservar as lembranças do meu Teste e procurar a verdade, eu também me transformei em um fracasso para o doutor Barnes. A não ser que eu também queira ser redirecionada, tenho de correr. Agora, as mãos de Michal se estendem e agarram meu braço. Seus dedos prendem minha carne como um torno e me empurram contra a parede. O contato, combinado com meu medo, me deixa sem respirar.

— Aonde você pensa que vai? — ele pergunta.

— Pra qualquer lugar, menos aqui. — luto contra a pressão de Michal, mas ele é maior e mais forte.

— Não seja boba. Você não pode fugir. Eles vão encontrá-la. E se não encontrarem, sabem onde achar sua família. O que você acha que o doutor Barnes vai fazer quando conversar com seu pai e seus irmãos? Você acha que ele vai acreditar que seus irmãos não eram inteligentes o bastante para ser escolhidos para o Teste? O que vai acontecer quando ele começar a cismar quanto ao porquê de a sua

colônia ter passado uma década sem candidatos? Quem pagará o preço pela dissimulação deles?

Minha família. Meus amigos. Minha colônia.

A força dada pela minha raiva foi afastada e substituída pelo desespero. — Então, e agora?

— Agora você me conta do que você se lembra e eu a ajudo a bolar um jeito de ficar a salvo do doutor Barnes. — como não digo nada, ele diz: — Você não confia em mim.

— Por que deveria?

— Porque estou tentando ajudar você. — Michal abaixa a voz. — E porque também me lembro do meu Teste.

Meus olhos encontram os dele e tentam descobrir a verdade. Ele tem o mesmo olhar atormentado que vejo em meu próprio reflexo. Posso confiar nisso?

Percebo que não importa em que eu acredite, porque, independentemente da minha escolha, Michal Gallen tem meu destino nas mãos.

— Não me lembro do meu Teste — admito. — Não exatamente. Tenho flashes de imagens. Coisas de que acho que deveria me lembrar.

Michal concorda e se recosta. Não faz perguntas. Só espera que eu continue.

Depois de respirar fundo, vou em frente.

— Na noite anterior à minha partida para o Teste, meu pai me contou que suas lembranças dessa época em sua vida tinham sido apagadas. Em algum momento durante o Teste, devo ter decidido manter minhas lembranças. Então, deixei uma mensagem para mim mesma. Encontrei-a no meu aniversário — eu tinha estado tão feliz. Tomas havia me contado que achava que estava se apaixonando por mim. Recebi um presente da minha família. Quando descobri meu símbolo do Teste rabiscado no Comunicador de Trânsito, fiquei zonda de prazer por descobrir um segredo. Então apertei o *Play*. — Tentei

convencer a mim mesma de que era outro tipo de teste. Não queria acreditar que o Teste matava candidatos que falhassem ou que as pessoas que eu considerava minhas amigas podiam ser capazes de matar — minha garganta se aperta e fica difícil falar. No entanto, agora que comecei, tenho de contar tudo. De certa maneira, é um alívio pôr minhas dúvidas e minhas preocupações para fora depois de meses arcando com esse peso sozinha. — No entanto, a mensagem que deixei é verdadeira, não é? Will matou uma menina chamada Nina. Tentou me matar. E Tomas... — as palavras falham. Agora que acredito na verdade do gravador, tenho de aceitar que Tomas me enganou. Que esteve envolvido na morte de Zandri, apesar de eu não saber qual foi o seu papel. No entanto, Michal poderia saber. — O que Tomas fez para Zandri? — pergunto.

— Não sei. — ele tem um brilho de solidariedade nos olhos. — Só os oficiais de alto escalão podem ler as fichas detalhadas do exame.

Fico tomada pela decepção, embora não me sinta surpresa. — Então, e agora?

— Agora você vai fingir que nada disso aconteceu.

— Não entendo.

O olhar de Michal perde-se ao longe.

— Há seis anos, passei no Teste. No entanto, quando eles fizeram o procedimento de eliminação da memória, alguma coisa deu errado. Dois meses depois de ter começado as aulas aqui na universidade, minhas lembranças voltaram. Lembrei-me de ter visto meu melhor amigo morrendo durante o Teste e que foi a aluna da universidade por quem eu estava atraído quem tinha cortado a garganta dele. Soube que eu também tinha matado. Foi em defesa própria, mas saber que eu tinha tirado uma vida, mesmo que fosse para salvar a minha... Toquei minhas cicatrizes — as cinco linhas feitas por cinco unhas — e ouvi minha voz murmurar. Não tinha escolha. Tinha de atirar. No entanto, quando disparei minha arma, vi seus olhos e percebi que não tinha matado um animal. Comecei a ter pesadelos. À noite, via meu

amigo morrendo repetidas vezes e durante o dia tinha de fingir que nada daquilo havia acontecido. Uma noite, resolvi que não aguentava mais aquilo. Peguei minhas coisas e corri. Assim que saí do campus, percebi que não tinha para onde ir. Se voltasse para a Colônia Boulder, minha família estaria em perigo e, como eu não tinha comida e água suficientes para a viagem, era de duvidar que eu conseguisse chegar lá. Foi aí que o vi.

— Quem?

— Um homem de quem me lembrei de ter encontrado durante o Teste. Você também o conheceu.

A sombra de uma lembrança tremulou, mas sumiu com a mesma rapidez, como fumaça.

— Seu nome é Symon Dean. Durante a quarta prova, ele apareceu do nada e se ofereceu para me ajudar quando eu mais precisava. Fez a mesma coisa na noite em que fugi da universidade. Ele sabia por que eu estava fugindo e perguntou se eu estava interessado em trabalhar com ele e acabar com o Teste de uma vez por todas. O único senão é que eu teria de ficar na universidade para fazer isso. — o sorriso de Michal é melancólico. — Como eu poderia dizer não?

— O que aconteceu? Por que o plano dele não deu certo?

— O plano ainda não foi colocado em prática. Symon está construindo lentamente uma rede de pessoas como eu, que ajudem a derrubar o Teste. Está sendo mais lento do que ele gostaria, mas temos de tomar cuidado, mesmo que alguns tenham se cansado de esperar e estejam exigindo uma ação imediata.

Endireito o corpo. — Então, qual é o plano?

— A maioria da rede de Symon mora em uma colônia não sancionada ao sul de Tosu. Eles estão entusiasmados para mudar o sistema, mas precisam de gente de dentro que possa coletar informações e reunir apoio na hora certa.

— Certa para o quê?

— Para uma rebelião — Michal sorri. — Isso soa mais dramático do que vai ser. Se as coisas correrem como Symon planejou, a maioria da Comunidade Unida nunca vai perceber nenhuma mudança. Vamos tirar o doutor Barnes da chefia do Teste. Depois que isso for feito, o Teste voltará a ser o processo pretendido pelos fundadores da Comunidade.

— Isso parece muito simples.

— Não tão simples quanto você poderia pensar. Quando o Teste foi estabelecido, foi discutido que a única maneira de selecionar com objetividade os líderes do país seria fazer o sistema separado do corpo central do governo. Os fundadores queriam garantir que ninguém, nem mesmo o presidente, pudesse manipular o processo. Acreditava-se que essa separação de poderes impediria que os perniciosos políticos do passado se infiltrassem no governo do futuro. Em vez disso, ela deu ao coordenador do Teste e à sua equipe autonomia para aplicar o Teste sem supervisão ou retribuição do governo central. Resumindo: o doutor Barnes está liberado para aplicar o Teste da maneira que achar melhor e, pela lei atual, aqueles que o desafiarem podem ser presos por traição.

E a pena para a traição é a morte.

— Como Symon planeja tirar o doutor Barnes?

— O pessoal do Symon está tentando convencer a presidente e os membros da Câmara de Debates a propor uma nova lei que os autorize a remover o doutor Barnes e sua equipe do poder. Uma vez feito isso, os dirigentes simpáticos à nossa causa podem tentar influenciar a indicação de alguém que a gente aprove como coordenador do Teste. Então, vamos poder implementar um novo método de escolha de estudantes da universidade. Um que não apoie o assassinato — o belo rosto de Michal mostra frustração. — As coisas têm caminhado com mais lentidão do que eu gostaria, mas prefiro a abordagem cuidadosa de Symon à opção que outra facção rebelde está pretendendo.

— Outra facção? Não entendo. Os rebeldes não estão todos trabalhando com o mesmo objetivo?

— Estão, mas nem todo mundo se sente feliz em esperar que o Teste termine pacificamente. Alguns querem empregar qualquer método que se fizer necessário, mesmo que signifique o mesmo tipo de massacre a que a gente se opõe.

Meus pais me ensinaram que a vida é preciosa. Eu deveria rechaçar a estratégia de matar da segunda facção rebelde, mas não rechaço. — Se a morte de uma pessoa vai acabar com o Teste antes que mais candidatos morram...

— No entanto, a morte do doutor Barnes não acabará com o Teste. O sistema foi planejado para continuar no caso da morte do líder. A única maneira de a facção rebelde poder garantir o final do Teste por meio de métodos violentos é se o doutor Barnes e todos os dirigentes de alto escalão morrerem.

— Quantos estão envolvidos no planejamento do Teste? Dezenas? Talvez mais? Os fins justificariam esses meios? Não sei.

Nem Michal sabe.

— Uma morte pode ser abafada, mas todas essas podem induzir ao pânico e abalar o equilíbrio desta cidade, talvez até do país. A última coisa que queremos fazer é dar início a uma guerra civil.

Engulo em seco e digo:

— Deduzo que você não esteja contando isso a todos os estudantes do primeiro ano.

— Não e tecnicamente não estou autorizado a contar para você. Pelo menos, não a esta altura. — Michal franze a testa. — Symon sempre planejou abordar você para se juntar a ele, mas não tão já. Ele não quer trazer mais alunos da universidade para a rebelião até que a divisão entre a facção dele e a liderada por Ranetta Janke seja resolvida. Seus atos de hoje não me deixaram escolha, a não ser acelerar essa cronologia. Uma coisa que prefiro que Symon não saiba.

— Por quê?

Michal muda de posição, sentindo-se desconfortável.

— As coisas estão tensas neste momento entre as duas facções. Symon está tomando mais cuidado com quem ele pode confiar. Não quero que pense que se enganou ao confiar em mim.

— Não dá para você esperar que eu volte para o meu quarto e finja que não sei de nada! Tem de haver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar.

Vejo Michal avaliando o mérito do meu pedido, mordo o lábio e me esforço para ficar quieta. Engulo em seco enquanto espero que ele dê o veredicto.

— Tudo bem.

Meu coração dá um pulo com essas palavras.

— Mas você tem de fazer exatamente o que eu disser. Combinado? Quando ele estende a mão, não tenho de pensar antes de aceitá-la.

— O que você quer que eu faça?

Michal inclina-se para a frente. — A primeira coisa é se mudar para a república dos Estudos Governamentais e fazer amigos — solto um suspiro exasperado, mas Michal sacode a cabeça. — Você acha que eu não estou lhe dando uma tarefa de verdade, mas eu estou. Alguns dos estudantes do nível superior são rebeldes. Existe uma preocupação de que muitos deles tenham sido cooptados e armados pela facção de Ranetta. Symon tem uma pessoa em quem confia que está analisando o assunto, mas eu me sentiria melhor se alguém mais estivesse em guarda por nós.

A ideia de que estudantes que moram perto de mim possam estar armados me faz suar frio. As palavras do Comunicador tinham me alertado que meus colegas não haviam rejeitado a violência. Meus sonhos estão cheios dos rostos deles atrás de armas empunhadas para matar. Não é difícil imaginar esses pesadelos se transformando em realidade.

— Além disso, os estudantes de Governo precisam fazer, desde o começo de seus estudos, tanto os trabalhos de classe quanto um estágio

prático. Esses estágios determinarão o curso de toda a sua vida adulta, mas também vão, potencialmente, colocá-la em uma posição que pode ajudar a rebelião.

Essa é a primeira vez que ouço falar em estágio, embora nos últimos meses eu tenha reparado em alguns alunos que deixavam o campus com mais regularidade do que outros. Agora sei o motivo.

— Nas próximas duas semanas, os alunos mais velhos vão ajudar o doutor Barnes e os orientadores das repúblicas a determinar os estágios. Esses estágios permitem que os alunos tenham uma experiência prática que complemente seus estudos. Isso também lhe dá a chance para ajudar a gente a conseguir informações que possam ajudar Symon a convencer a presidente e os outros dirigentes de alto escalão a tirar o doutor Barnes do poder.

— Qual é a dificuldade de conseguir um bom estágio? — pergunto. — Só três de nós foram designados para o Governo neste ano.

— Só três de vocês das colônias. Acrescente os estudantes de Tosu City e vai ter um montão a mais.

— Estudantes de Tosu City? — o choque gelado é substituído pela frustração com minha falta de percepção. Com cem mil pessoas, Tosu City e os municípios vizinhos contêm a maior concentração populacional da Comunidade Unida. É mais do que normal que a universidade treine estudantes dessa reserva. Eu deveria ter sabido que eles seriam incluídos, mesmo que não tenham feito parte das classes de Estudos Preliminares que eu e meus colegas das colônias acabamos de completar. Durante a orientação, nosso guia mostrou algumas das escolas de Tosu City. As construções eram grandes e feitas de vidro, aço e madeira que reluziam à luz do sol. Os alunos que entravam nesses prédios não eram menos bem tratados. Saudáveis. Fortes. E, sem dúvida, preparados para o que quer que reserve um futuro na universidade. No entanto, um pensamento se sobrepõe aos outros, fazendo meu sangue ferver e minhas emoções explodirem. — Eles não

se apresentaram para o Teste. Eles não viram amigos morrendo. Não estão atormentados por pesadelos ou dúvidas. Estão a salvo. Inteiros. Intactos.

— Não. O processo de seleção para os estudantes de Tosu é diferente. A maioria dos alunos são filhos de formandos antigos da universidade. Aqueles que queiram frequentar a universidade precisam se inscrever e passar por uma entrevista. Cinquenta candidatos fazem o mesmo exame que você fez ontem. Aqueles que passam, são bem-vindos na universidade.

— E os que são reprovados?

— Disseram que são enviados para trabalhos fora de Tosu, mas ninguém que visita as colônias viu prova disso. Symon tem certeza de que alguns estudantes são redirecionados.

Sinto uma pontada de satisfação que é imediatamente substituída por uma sensação de vergonha. Só porque a trilha de um candidato de Tosu City para a universidade é mais fácil, isso não significa que ele mereça ser punido desse jeito. Nenhum de nós merece.

— Dos cinquenta, quantos passaram?

— Quarenta e dois. Incluindo os três das colônias, dezesseis estudantes foram selecionados para Governo. É a maior classe de Governo em décadas. Esse é o motivo de eles não terem estágios para todo mundo.

— Quantos estágios eles têm?

— Da última vez que ouvi eram doze.

Se treze estudantes têm ligação com Tosu City, as contas não trabalham a meu favor.

— O que acontece se um aluno não for designado para um desses estágios? Ele é... morto? Redirecionado?

— Acreditamos que os estudantes de Tosu City sejam encaminhados para trabalhos medianos fora da cidade.

— E os estudantes das colônias?

Olhos cheios de tristeza e preocupação encontram os meus.

— Não se ouviu falar de nenhum deles, desde então.

O PÂNICO QUEIMA minha garganta, mas engulo o medo e me obrigo a pensar. Não adianta me preocupar com uma penalidade desconhecida. A melhor maneira de evitar o problema é me certificar de que não há motivo para ser penalizada. Respirando fundo, pergunto: — Como e quando são designados os estágios?

— O membro da faculdade responsável pelo Governo, professora Holt, designará os estágios duas semanas depois do começo das aulas, depois que os estudantes do último ano entregarem a ela sua avaliação da classe em que está entrando. Tome cuidado ao lidar com os alunos de Tosu do primeiro ano. Muitos deles têm um bom trânsito com os professores ou oficiais de alto escalão da Comunidade Unida. Se eles acharem que você está fazendo perguntas que não deveria ou alguma coisa suspeita, vão dedurar você. Eles não terão escrúpulos em destruir sua vida ou um ao outro, para seguir em frente.

Michal dá uma olhada no relógio e pragueja. — Tenho de fazer meu relatório final para os oficiais da universidade. Agora que você foi alocada em seu designado campo de estudo, minha tarefa de observá-la está completa. Symon pediu que alguns dos seus aliados dentro do Governo da Comunidade me transferissem para um trabalho que

ajudará a influenciar a mudança. Assim, pode ser que eu não esteja por perto para ajudar, mas vou passar o recado para alguém que possa.

Começo a perguntar quem, mas Michal sai andando em direção às minhas dependências e eu tenho de correr para alcançá-lo.

Enquanto andamos, ele explica baixinho: — Durante os dois primeiros dias, os estudantes de Governo do último ano vão fazer você passar pelo que eles chamam de Iniciação. Eles vão ficar observando como você reage a certos desafios. Pode ser que tentem intimidar você ou fazer com que se sinta fraca, só para ver se você é. Algumas provocações serão mentais. Outras, mais físicas. Todas têm a intenção de ver se você pode lidar com a pressão de liderar um país. Lembre-se que os estudantes de Tosu City não passaram pelo processo rigoroso do Teste. Essa é a maneira de a universidade expô-los às mesmas pressões. De vez em quando, um aluno do primeiro ano fica bravo e relata as táticas de Iniciação a seu professor titular. Não faça isso. Como estudante da colônia, você já está em desvantagem. Eles esperam que você seja fraca. Esperam que seja menos do que eles. Mostre que estão errados.

O medo arrepia minha espinha. — E se eu não conseguir?

Michal para de andar e coloca as mãos nos meus ombros. — Você consegue. Tudo o que você fez no Teste mostra isso. Pode ser que você não se lembre do que aconteceu então, mas eu me lembro. Você é inteligente, é rápida e forte.

— Sou a aluna mais nova aqui.

— Use isso — ele faz um gesto afirmativo com a cabeça. — Os estudantes de Tosu vão ver o seu tamanho, seu rosto bonito e deduzir que você não é uma ameaça, mas eu sei que não é assim. Eles não têm ideia do que você é capaz. Da minha parte, mal posso esperar que você mostre a eles.

Sufoco minha ansiedade e me obrigo a me concentrar, enquanto Michal me passa todas as informações que pode. Como os alunos do último ano são os que organizam e executam as Iniciações, ninguém

pode prever o que vai acontecer de fato — avaliações do trabalho em equipe, testes banais, exercícios que forçam os limites da resistência física.

— Memorize cada rosto, cada nome, cada detalhe. Saiba de onde eles vêm e com quem estão relacionados. Nunca se sabe que informação ajudará você ou ajudará a rebelião. A maioria dos estudantes vem de famílias de dirigentes de alto escalão. No entanto, todos os anos têm alguns de origens menos influentes. Esses podem ser os mais perigosos. Deram duro para chegar onde estão. Não vão ser postos de lado sem lutar. Acima de tudo, não deixe ninguém perceber se tiver medo. Os professores de Governo valorizam os estudantes que conseguem contornar seus medos. A certa altura, todo mundo tem medo de fazer a escolha errada. A equipe do programa acredita que a diferença entre os alunos de Governo e o resto do corpo estudantil da universidade está na habilidade de permanecer acima desse medo.

Graças a Deus, Michal não diz que não me é permitido sentir medo. Minutos mais tarde, enquanto recoloco meu bracelete no pulso e sigo o som de conversas e risadas na sala comum, sou consumida pelo medo. Medo de ter feito a escolha errada. Que deveria ter corrido para longe e depressa. Que meus colegas de Governo vejam em meus olhos o horror daquilo que sei. Que eles me avaliem mal. Que eu fracasse.

Apenas a suavidade da mão de Tomas na minha e a esperança de que o plano de Symon ponha um fim a um sistema que segue contra os princípios defendidos por nosso país reconstruído, me mantêm neste lugar, nesta sala, nesta universidade. Stacia dá uma olhada em Tomas e em mim e revira os olhos. Finjo rir, à medida que olho ao redor da sala os rostos daqueles que poderiam ter matado para chegar até aqui, enquanto comemoram. Conforme trocamos nossos últimos boas-noites neste prédio e nos dirigimos para nossas camas, meus colegas de

colônia não sabem que uma nova prova começa amanhã. Eles não sabem que deveriam ter tanto medo quanto eu.

Quando Tomas me acompanha até minha porta, penso em passar à frente o alerta de Michal, mas paro. A confiança briga com o amor. O conhecimento de que a gravação do Comunicador de Trânsito é verdadeira não faz com que meu coração deixe de querer acreditar na bondade inata de Tomas. No entanto, algo aconteceu. Algo sobre o que ele mentiu, então. Uma coisa que envolve Zandri. Então, os braços de Tomas me puxam para perto. Seus lábios tocam os meus e todos os pensamentos sobre os estudantes de Tosu City se esvaem. Permito-me esquecer-me do mundo à minha volta e me deliciar com aquele momento em que me sinto a salvo.

Quando Tomas se afasta, cochicha que me verá pela manhã, que me ama e que não importa qual nosso campo de estudos, continuaremos um time. Sempre seremos um time. Com um último beijo delicado, ele desaparece no corredor em busca de sono. Viro-me para fazer a mesma coisa.

* * *

Uma menina incrível, com cabelos muito ruivos, sai da escuridão. Seus olhos azuis despejam raiva. Raiva de mim por não ter sido bastante esperta. Bastante rápida. Bastante observadora. Percebi tarde demais que nosso time foi traído. Ela foi punida. Eu não.

Uma porta aparece ao lado dela. Grito para que ela não a abra, mas é tarde demais. Exatamente como aconteceu naquela vez. Seu corpo fica imóvel. Sua pele torna-se cinza. Seus olhos reviram para trás. A porta se abre bem a tempo de seu corpo cair para a frente na escuridão. Assim que a porta se fecha com força, dou um pulo e me sento na cama.

— Annalise — o nome passa pelos meus lábios e embora não haja menção a uma menina chamada Annalise no gravador, consigo fechar os olhos agora e ter uma imagem dela. Não zangada como estava no

sonho, mas flashes dela rindo no corredor do prédio do Teste. Confiante em suas habilidades. Amigável.

Real? Imaginada? Procuro a verdade dentro de mim, mas só encontro as batidas do meu coração e o gosto prolongado do medo.

Acendo a luz, vou até o banheiro e uso a água para lavar o terror do meu rosto e da minha boca. Pela janela do quarto, posso ver que ainda não está amanhecendo. Ainda faltam horas para que eu comece a nova fase dos meus estudos. Volto para a cama, esperando encontrar o tão necessário descanso. Finalmente, encontro.

O som de portas batendo me tira do sono. Vozes altas, cheias de excitação. Todos estão de pé e prontos para se mudar para as novas repúblicas. Se eu quiser que as pessoas continuem a acreditar no meu entusiasmo em estar aqui, também preciso ficar pronta.

Mal acabo de me vestir quando ouço uma batida na porta. Abro-a, esperando encontrar Tomas, mas em vez disso fico cara a cara com uma mulher alta e imponente com um topo de cabelos laranja que combina com a armação dos seus óculos.

— Malencia Vale? Quando confirmo, ela sorri. — Sou a professora Verna Holt. A coordenadora de Estudos Governamentais.

Embora sua voz seja calorosa, soa planejada. Praticada. O tom que minha mãe usa quando negocia lã com a arrogante senhora Pittzler. Os olhos escuros, amendoados da professora Holt não piscam enquanto ela me olha. Se eu não tivesse conversado com Michal, poderia ter demonstrado surpresa. O mais provável é que eu deduzisse que tinha perdido uma reunião e pedisse desculpas. Em vez disso, ouço Michal dizendo que serei testada. Como estudante de colônia, espera-se que eu seja fraca. Escolho mostrar à professora Holt e sua equipe que sou forte.

Endireitando os ombros, mostro meu sorriso mais confiante. — É uma honra conhecê-la. Estou ansiosa pra me mudar para a república dos Estudos Governamentais mais tarde.

As sobrancelhas da professora Holt se levantam. — Se você estiver com tudo pronto, eu a acompanho lá para fora, onde um estudante do último ano está esperando para mostrar sua nova casa.

Dou uma olhada no relógio. Faltam duas horas para o horário que nos disseram para estarmos prontos. Que bom que estou preparada para sair agora. Penduro no ombro duas sacolas com minhas roupas, meus pertences pessoais e livros e saio pela porta sem olhar para trás.

O céu está pesado. Lá fora, um estudante com cabelos cortados rentes e uma expressão intensa está à espera junto com dois dos meus colegas do primeiro ano: Will e o de cabelos escuros, Rawson. Dou um passo para trás quando Will se volta para mim. Sei que é um assassino. Será que Rawson também matou? Meu gravador nunca o menciona, mas está faltando muito do que aconteceu. Eu deveria acreditar que todos os candidatos são capazes de tirar uma vida?

* * *

— Este é Ian — diz a professora Holt. — Ele vai acompanhar você até a república dos Estudos Governamentais. Tenho certeza que você vai se sentir confortável lá — com um curto movimento de cabeça, ela se vira e sai a passos largos.

Todos nós olhamos para Ian. Com sua calça preta bem ajustada, botas pretas lustrosas e camisa roxo-escuro, Ian é mais do que um pouco imponente. Até que sorri. A dureza desaparece, substituída por uma exuberância que me faz pensar em meu irmão Win. Com uma voz profunda de barítono, ele diz: — Parabéns por terem sido escolhidos para Estudos Governamentais. Nós não apenas somos os alunos mais espertos do campus, como nossa casa é a maior, o que significa que todos temos o próprio quarto.

Vejo Tomas saindo do prédio enquanto Ian nos pede que o sigamos. Tomas vira-se em nossa direção. Enquanto minha vontade é correr para ele, dizer para onde estou indo e o que possivelmente nos espera, vejo Ian me observando. Esperando.

Ao longo dos anos, meu pai reclamou várias vezes que os formandos da universidade raramente tinham amigos fora do seu designado campo de estudos. Parte de mim sempre pensou que ele estivesse exagerando, pois nenhum dos formandos de Cinco Lagos tinha esse comportamento. No entanto, a maneira como o olhar de Ian vai de mim para Tomas me faz pensar. Se meu pai estiver certo, os estudantes de meu campo de estudos podem não gostar de meu relacionamento com alguém fora de nossa trilha de carreira.

Tomas aproxima-se. Seus olhos brilham. Felizes. Vê-lo faz meu coração se enternecer, mas não devolvo seu sorriso. Em vez disso, faço um leve aceno com a cabeça. Espero que ele enxergue o pedido de desculpas, o amor e o alerta em minha expressão, antes que eu me vire e vá embora.

Ian olha para o céu trovejante enquanto nos conduz pelo campus. — Se correremos, poderemos chegar à república antes que a chuva comece. A desvantagem de fazermos parte de Estudos Governamentais é a distância que se tem de andar até a classe. A professora Holt diz que o exercício agita o sangue no cérebro, o que nos ajuda a pensar. — Ian ri. — Eu ficaria mais impressionado com esse raciocínio se a professora Holt não usasse um flutuador para se locomover pelo campus.

Rimos. Depois de um tempo, Ian pergunta: — Então, algum de vocês realmente queria ser escolhido pra Estudos Governamentais?

Will baixa os olhos para o caminho de pedras. As bochechas de Rawson ficam vermelhas. Fica claro que nenhum de nós queria estar fazendo aquela caminhada hoje. Ian deve saber disso.

Como eu não tinha feito nenhum esforço para esconder o curso que eu desejava, confesso: — Eu queria Engenharia Mecânica. Governo era a última escolha da minha lista.

— Cia. — Will cutuca-me com o cotovelo. Provavelmente eu deveria ficar quieta, mas sorrio para Ian e digo: — Sua primeira escolha era Estudos Governamentais?

Ian franze a testa. Meus ombros ficam tensos, até que eu noto os cantos de sua boca darem um repuxão. Por fim, ele ri. — Eu queria Educação e fiquei bem irritado quando eles me enfiaram aqui. Não levou muito tempo pra eu perceber que pouquíssimos estudantes que querem ser alocados em Estudos Governamentais de fato o são.

— Por que isso?— pergunto para Ian. — Porque às vezes os melhores líderes são aqueles que não têm interesse em liderar. Estes são geralmente os que estão mais interessados em fazer o que é certo, não o que é popular — ele dá de ombros constrangido e recomeça a andar. — Me desculpem pela explanação. A última coisa que eu quero é soar como os professores. No entanto, neste caso, acho que eles estão certos.

Ian se cala. Nos vários minutos seguintes, nosso único acompanhamento são os trovões. Só depois que passamos o prédio de História me dou conta de que estamos indo para uma parte do campus por onde só passei uma vez, durante o *tour* da universidade que fiz depois de passar no Teste.

É uma área menos utilizada porque foi mais prejudicada do que o restante pelos terremotos que sacudiram o país durante o Sexto Estágio da Guerra. Suas árvores são menos frondosas, a grama foi revitalizada, mas tem um tom mais amarelado. Ian nos conduz por uma ponte que foi levantada depois que Tosu City recebeu esse nome. A ponte se estende sobre um espaço de seis metros de largura e centenas de metros de profundidade. A distância, vejo uma estrutura maciça de três andares, construída com pedra cinza-escuro. No alto, há uma torre de relógio. Conforme deixamos a ponte, vejo uma plaquinha de pedra gravada com as palavras estudos governamentais.

— A torre do relógio tem centenas de anos — a voz de Ian quebra o silêncio. — O terremoto que provocou a fissura que acabamos de passar destroçou vários prédios, inclusive aquele com a torre. Enquanto a maior parte do prédio original da torre ficou reduzida a entulho, a parte do relógio sobreviveu. Quando os

fundadores da universidade resolveram construir a república dos Estudos Governamentais, fizeram com que os arquitetos incluíssem a torre como uma homenagem ao passado.

Olho a torre com nova percepção, mas não posso evitar querer que os construtores tivessem feito o resto da república mais hospitaleiro. Com exceção da linda torre, o prédio é todo de linhas severas e pedra maciça. Janelas compridas e estreitas se alinham no segundo e no terceiro andares. Uma grande porta preta na extremidade do prédio parece ser a única entrada ou saída. Uma plaquinha ao lado da porta diz *Bem-vindo*, o que é quase uma piada, porque sinto tudo, menos isso.

— Não se preocupe —, diz Ian. — É mais aconchegante do que parece.

— Seria quase uma obrigação. — rio quando uma gota de chuva me atinge.

O céu troveja e a chuva cai mais depressa enquanto corremos para nos abrigar. Ian empurra a pesada porta de madeira, espera até que todos nós estejamos dentro e depois a fecha. Luzes brilham no hall de entrada, dando-me uma clara visão dos retratos emoldurados que se alinham no cômodo. O primeiro presidente dos Estados Unidos, George Washington. O último presidente dos Estados Unidos, Nicholas Dalton. Os cinco presidentes que serviram a Comunidade Unida. Alguns outros, cujos rostos não reconheço, mas cujos nomes provavelmente eu sei das minhas aulas de História. Pessoas que dirigiram nosso país. Que fizeram o máximo que podiam para mudar o mundo para melhor.

— Como vocês provavelmente imaginam, os estudantes não participam da decoração dos ambientes comuns. Caso contrário, os retratos teriam sido usados como lenha há muito tempo — Ian dá um tapinha no rosto do nosso atual presidente ao passar pela porta e faz sinal para que a gente o siga para dentro de uma sala ampla, cheia de bancos estofados, poltronas surradas, uma enorme lareira acesa e

pessoas. Pelo menos duas dúzias. Sussurrando. Olhos arregalados de curiosidade enquanto nos analisam.

Percorro os rostos. A maioria parece próxima à minha idade, mas um punhado parece como Ian: mais velho, mais experiente, observando cada movimento nosso.

Ian diz para a gente se sentar. Uma menina de cabelos loiros, curtos e cacheados, bochechas cobertas de sardas, vai para a ponta do banco, abrindo espaço para mim, para Will e para Rawson. Depois que a gente se senta, Ian atravessa a sala, fica em frente à lareira de pedra em arco e diz: — Pra quem não me conhece, meu nome é Ian Maass. Sou aluno do último ano de Governo. Nas próximas semanas vou ser um dos seus guias de estudo. Cada aluno do primeiro ano será designado a um guia que ambientará vocês com o lugar, ajudará a descobrir onde são suas aulas e responderá a qualquer pergunta que tiverem. Neste ano vocês serão dezesseis na classe do primeiro ano.

Will respira fundo. Rawson pisca. Mesmo já sabendo que os estudantes de Tosu City estariam aqui, sinto meu coração disparar com a visão dos rostos voltados para nós. Alguns parecem pretensiosos; outros estão curiosos; muitos dão uma risadinha, o que mostra que enquanto nós não sabíamos da sua presença, eles não estavam alheios à nossa. Não sei onde eles estudaram nestes últimos meses, mas não importa onde tenham estado, agora estão aqui e prontos para fazer o que for preciso para conseguir notas altas.

Vejo Ian avaliando nossas reações do outro lado da sala. Suas sobrancelhas se levantam ao olhar para mim. Depois, continua a falar. — A adaptação à vida da universidade e à sua nova casa é sempre um desafio. Os guias estão aqui para facilitar isso. Pensem em nós como um irmão mais velho ou uma irmã e procurem a gente se tiverem qualquer pergunta, preocupação ou medo. Não podemos ajudar vocês se não soubermos que existe um problema.

Os estudantes mais velhos sorriem.

— Quando eu disser seu nome, por favor, levante-se para que seu guia possa identificá-lo. Depois que todas as distribuições estiverem completas, cada guia levará um de vocês até seu quarto e o ajudará a se instalar. E como já estou de pé, vou anunciar meus irmãozinhos em primeiro lugar. — Ian pega uma prancheta com uma menina de pele escura que lhe dirige um sorriso sedutor.

— Kaleigh Cline. — a menina sardenta na ponta do nosso banco engole em seco e se levanta. — Raffie Jeffries — um menino alto, de ombros largos, com sobrancelhas espessas, levanta-se à minha esquerda. — Por último, mas não menos importante, Malencia Vale.

A maioria dos olhos na sala se volta para mim quando me levanto, mas não posso deixar de perceber o olhar questionador que a menina de pele escura dirige a Ian. Ela estava com a prancheta com a lista dos alunos do primeiro ano e dos guias a quem eram destinados. Será que Ian teria alterado a distribuição?

Continuo pensando, enquanto Ian anuncia o resto da distribuição dos mentores. Três meninos de Tosu City são designados para a menina de pele escura, cujo nome é Himani Biseck. Se eu deveria ter sido colocada com ela, sinto-me agradecida a Ian pela mudança. O sorriso dela é luminoso, mas tem algo na maneira como seus olhos se estreitam que me lembra um gato tocaiando um rato do campo.

Como Michal sugeriu, tento memorizar nomes e rostos. Will é chamado em seguida, junto com uma menina ligeiramente rechonchuda, chamada Olive, e um menino careca, chamado Griffin. Os três são designados a um irmão mais velho com grandes óculos de armação preta, que penso se chamar Sam. O trio de Rawson é completado com um menino de rosto doce, chamado Enzo, e uma menina com traços firmes, Juliet. Eles são designados a um graduando massudo, que Ian apresenta como Lazar. Os últimos quatro calouros, três meninos e uma menina, são designados a uma menina alta, de cabelos castanhos, olhos afastados. Por causa dos murmúrios da sala, tenho dificuldade em

entender seus nomes. Não posso deixar de notar que as meninas do primeiro ano estão em menor número, pelo menos três para um.

Antes que eu possa decidir se essa proporção me coloca em desvantagem, Ian pousa a prancheta, pega alguma coisa com a menina ao seu lado e diz: — Agora, seus guias vão levar vocês até seus quartos e ajudá-los a se instalar. Kaleigh, Raffe, Malencia, vocês vêm comigo.

Ian dirige-se a uma porta à sua esquerda. Pego minhas sacolas e corro atrás dele, desviando-me de outros alunos em busca de seus guias. Dessa vez, minha altura e minha estrutura pequena são uma vantagem, porque vou ziguezagueando por baixo e em volta e chego à porta primeiro. Ian está parado no meio de um cômodo pouco iluminado, com inúmeras estantes de livros. Ele sorri quando cruzo a soleira, mas não diz nada até que os outros dois calouros cheguem. Minutos depois, Raffe passa esbaforido pela porta. Ele tem pelo menos trinta centímetros a mais do que eu e faz cara feia quando leva um encontrão por trás do terceiro membro do nosso grupo.

— O mais importante primeiro — diz Ian com um sorriso. — Vou fazer um *tour* rápido com vocês pelo lugar, antes de mostrar seus aposentos. Aqui está uma das três bibliotecas do prédio. Todos os livros das nossas bibliotecas também podem ser encontrados na biblioteca central do campus. Os livros da biblioteca central estão em um estado melhor do que estes, mas a gente tem a maior boa vontade de lidar com tintas desbotadas, lombadas estragadas e páginas comprometidas pela umidade, principalmente quando está chovendo. Só prestem atenção para colocar os livros de volta onde estavam depois que forem usados ou seus colegas vão ficar loucos da vida. Sigam-me.

Ele nos leva por uma porta no fundo da sala, que dá para um amplo espaço iluminado pela luz que escoar de quatro janelas quadradas. Oito mesas compridas de madeira, com bancos compridos de cada lado, preenchem a sala. — Aqui é o refeitório. A cozinha fica lá no fundo, depois daquela porta. Eles acendem as luzes durante as

refeições. Se vocês vierem depois que as luzes estiverem rebaixadas, isso significa que terminou o horário de refeição e vocês terão de preparar a própria comida.

Voltamos pela biblioteca para a sala com a lareira. — Aqui é a sala de estar. Ela é usada por quase todo mundo para estudar ou simplesmente relaxar. Agora, quase todas as turmas dos anos mais adiantados estão em aula; é por isso que não tem ninguém aqui. Nas vezes em que nossa orientadora, a professora Holt, pede para falar com todos nós, usamos esta sala. Nesses encontros, ela pode ficar bem cheia, então cheguem cedo se quiserem arrumar lugar pra sentar.

Ouçõ o som de passos pesados acima de nós à medida que os outros se acomodam em seus quartos. Kaleigh reclama que suas malas estão ficando pesadas, mas Ian não terminou sua tarefa como guia. Ele mostra para nós as duas outras bibliotecas, bem como os três laboratórios que podemos usar se não tivermos tempo de terminar um trabalho no campus. Todas as portas trazem desenhado o símbolo da balança de dois pratos.

Quando pergunto sobre o desenho, Ian explica: — A balança de dois pratos representa todos os alunos dos Estudos Governamentais. — ele estende seu pulso e vejo que está usando um bracelete grosso gravado com um desenho que representa a mesma balança. Abaixo da balança, há uma forma crescente. — O símbolo foi escolhido para nos lembrar que o governo deve equilibrar humanidade e bondade com lei e justiça. O desequilíbrio desses princípios provocou os Sete Estágios da Guerra. É nosso dever, e dever de todos os oficiais da Comunidade Unida, restaurar o equilíbrio e zelar para que a balança nunca volte a se desequilibrar. Com um tom provocativo, acrescenta: — E, é claro, ele é muito mais charmoso do que os outros símbolos. Portanto, a gente tem isso a nosso favor, concordam?

Os outros dois calouros riem. Analiso o símbolo novamente, perguntando-me se alguém percebe que o processo do Teste já abalou

o equilíbrio que devemos buscar. Com alguma sorte, a rebelião restaurará o equilíbrio e eu serei parte dela.

— Agora chegou a hora de ver onde vocês vão dormir. Se conseguirem dormir. Ele pisca e sobe uma larga escada de madeira. A madeira está gasta, mas polida a ponto de ficar lustrosa. — Os dois últimos andares são dependências pessoais. Os meninos recebem os quartos do segundo andar; as meninas do terceiro. Raffé, seu quarto é por aqui.

— Vocês têm duas horas para desembalar suas coisas antes do almoço — Ian explica quando paramos em frente a uma porta do segundo andar, marcada com o símbolo de uma mola. — Depois do almoço, a doutora Holt vai se encontrar com cada um de vocês para falar sobre seus horários de aula e responder qualquer pergunta que tiverem.

Raffé entra no quarto e eu e Kaleigh seguimos Ian até o terceiro andar. Não há ninguém no corredor, quando Ian vira à direita e para em frente a uma porta marcada com uma chave. Quando Kaleigh abre a porta, Ian me leva até a porta do fundo. Um raio diz que o quarto agora me pertence.

Acendo a luz e entro em uma sala de estar. Uma mesa com duas cadeiras está encostada a uma parede. Um sofazinho se acha encostado a outra. Logo à frente, há uma passagem que leva ao dormitório, que contém uma cama coberta com uma colcha vermelho-escuro, um baú para os itens pessoais e um pequeno guarda-roupa de madeira para roupas. Sob uma única janela estreita, há uma mesa de madeira curtida, com várias gavetas. Ao lado do quarto fica um banheirinho. Os cômodos têm um estilo quase idêntico ao que deixei hoje de manhã.

— Os cômodos são grandes o suficiente? — Ian pergunta da porta.

— Está brincando? — rio. — Eu costumava dividir um quarto não muito maior do que este com meus quatro irmãos.

Ele sorri. — Sei o que você está dizendo. Na minha família somos seis. O fato de eu ter sido selecionado para o Teste significou que a

minha irmã mais nova está tendo a própria cama.

— Você não é de Tosu City? — sei a resposta antes que ele sacuda a cabeça. O Teste é só para candidatos das colônias. E no fundo do meu coração me vejo imaginando: o que Ian teve de fazer para passar no Teste? — Foi por causa disso que você resolveu ser meu guia, em vez de pegar quem quer que, presumivelmente, era pra você assumir?

— Não sei se entendi o que você quer dizer —, ele diz, mas o brilho em seus olhos contradiz essa afirmação. — Lembre-se, você tem menos de duas horas antes de precisar estar lá embaixo. Não importa o que aconteça, não se atrase.

Antes que eu possa perguntar o que poderia acontecer, Ian sai e fecha a porta. Quando abro a porta e olho no corredor, ele já sumiu.

Desempacoto com cuidado o vaso com as flores secas do meu pai. Coloco as flores na mesa da sala de estar para me lembrar de onde vim e pelo que estou lutando. Desembalo as malas pouco a pouco. Roupas no guarda-roupa. O Comunicador de Trânsito do Zeen debaixo do colchão. Meus poucos livros, lápis e quinquilharias a esmo são organizados nas gavetas da escrivaninha. Enquanto desembalo, dou uma olhada no quarto, procurando sinais de que alguém esteja me observando. Embora não tivesse nenhum na república dos Estudos Preliminares, ainda me lembro do brilho da lente da câmera no flutuador quando viajamos para o Teste e fico aliviada por não encontrar câmeras ali.

Quando coloco as sacolas vazias ao lado da escrivaninha, ouço um clique metálico sonoro, vindo da sala de estar. Começo a ir em direção ao som e ouço outro clique vindo do dormitório atrás de mim, um instante antes de as luzes se apagarem.

PISCO, TENTANDO CLAREAR a escuridão absoluta dos meus olhos, mas não adianta nada. Agora, fosse qual fosse a luz que a estreita janela do quarto fornecia, ela se foi. Não enxergo nada.

Meu coração galopa. Michal disse que os alunos do nível mais alto nos testariam para avaliar nossas habilidades e nossa personalidade. Uma Iniciação, foi o jeito que ele chamou isso. Bom, que a Iniciação comece.

No escuro, posso ouvir vozes femininas gritando por ajuda. Estico as mãos à frente do corpo, enquanto caminho, tateando pela sala de estar que não me é familiar, procurando a saída. Sinto uma dor subir pela minha perna quando minha canela bate em alguma coisa dura. Talvez a parte de baixo de uma cadeira. Minhas mãos esfregam a parte machucada, mas pelo menos agora sei onde estou.

Com cuidado, avanço lentamente pelo cômodo. A parede acolhe meus dedos e os deslizo pela superfície macia até que eles encontram a porta. Minha mão se fecha ao redor da maçaneta. Trancada. Tento girar a lingueta. Não se mexe. O desapontamento é logo substituído pela mortificação. Com certeza eu não esperava que esse teste fosse fácil.

Recostando-me na parede, penso no objetivo desse desafio. As instruções finais de Ian eram de que precisávamos estar lá embaixo a tempo para o almoço. Assim, embora eu pudesse ser capaz de juntar fios e usar as células solares do Comunicador de Trânsito para iluminar a sala, o objetivo não é criar uma fonte de luz, mas escapar. Para escapar, preciso abrir a porta. Para abrir a porta, preciso... Do quê?

Mais uma vez meus dedos exploram a área ao redor da maçaneta, enquanto tento descobrir o que posso sobre a fechadura. Fiquei focada demais nos próprios cômodos para reparar em como a porta era feita. Prometo que se conseguir passar nesse teste, não vou cometer o mesmo erro descuidado de novo.

A madeira está vincada, porém macia. Meus dedos correm sobre a fechadura. Acho que é uma lingueta de um cilindro só. Uma chave abre a fechadura por fora. O mecanismo do trinco abre-a por aqui — só a fechadura não está funcionando. Por um momento, penso se a lingueta é a única trava que está segurando a porta ou se alguma coisa a mais a está mantendo fechada. Ian me preveniu para não me atrasar para o almoço. Esse aviso implica a possibilidade de uma chegada pontual. Como as luzes se apagaram cerca de uma hora antes de precisarmos estar lá embaixo, deduzo que o mecanismo da fechadura tenha de ser simples para que eu consiga atender a essa expectativa.

O ronco do trovão me faz dar um pulo. Respirando fundo, procuro com as mãos o outro lado da porta e sorrio no escuro. A porta está presa com dobradiças antigas. O mesmo tipo que minha família usa em Cinco Lagos. Cinco anos atrás, meus irmãos me prenderam no nosso quarto. Disseram que eu tinha de dizer a todos eles como eram lindos e inteligentes, antes de me deixar sair. Enquanto faziam piadas do outro lado da porta, puxei os pinos das dobradiças e saí caminhando calmamente, ameaçando contar a mamãe se eles não fizessem as minhas tarefas durante uma semana. Se eu fizer do meu jeito, hoje a vitória não vai ser menor.

Tomando cuidado para evitar outro encontro, caminho devagar até o quarto e imagino a distribuição do espaço. Vou até onde acho que estaria a escrivaninha. Ali. Abro rapidamente a primeira gaveta da direita e fecho meus dedos em volta de um canivete que meu pai me deu. É completo, com uma lâmina, lixa, chave de parafuso e outras ferramentas. Várias delas seriam úteis agora.

Volto para a porta e abro o canivete, procurando a ferramenta certa. A lixa, com sua ponta chata e pontuda, funcionou quando eu tinha doze anos e funciona agora. Forço a ponta da ferramenta sob o pino e uso a lixa como uma alavanca para forçar para cima a peça de metal. Uma fora. Subo em uma cadeira para conseguir um ângulo melhor na dobradiça de cima e não demora muito para que eu coloque o pino no meu bolso e me abaixe. Colocando a pinça como uma cunha entre a porta e o batente, encolho-me quando uma farpa entra no meu polegar. No entanto, em minutos, solto a porta.

As luzes do corredor estão apagadas, provavelmente para garantir que não usemos a fresta de luz que elas projetam sob a porta para servir de ajuda em nossa tarefa. No entanto, o brilho fraco perto da escada, provavelmente a luz do primeiro andar, facilita encontrar o caminho até os degraus. Não há nenhuma porta aberta além da minha. Batidas e o som de gritos abafados me dizem que minhas colegas ainda estão lutando para passar nessa Iniciação.

Paro no segundo andar e olho para um lado e para outro do corredor. Duas portas abertas. O restante está fechado, embora, a julgar pelo som de madeira estalando, mais uma logo será aberta.

Sem ter certeza de quanto tempo falta para o prazo final, caminho para o primeiro andar fartamente iluminado. Um fogo ainda crepita na lareira da sala de estar, mas não há ninguém lá para aproveitar o calor. A chuva golpeia a janela e, por um instante, um raio ilumina o mundo lá fora. Um relógio sobre o consolo da lareira me diz que cheguei com dez minutos de sobra. Levo um minuto para correr os dedos pelo cabelo e alisar minha camisa, antes de endireitar os ombros

e entrar no refeitório. Quando meus pés tocam a soleira, dezenas de pessoas aplaudem.

Próximo ao fundo, Ian está em pé e fazendo gestos para que vá junto dele. Contorno mesas enquanto procuro rostos familiares. Will não está aqui. Nem Rawson. No entanto, vejo dois rostos que reconheço do encontro em que fomos designados a nossos guias: o aluno sem cabelo do primeiro ano, chamado Griffin, que me olha com uma intensidade terrível e o menino de cabelos cacheados e compleição delicada, chamado Enzo. Seu rosto é magro e estreito. Seu sorriso caloroso e angelical. Confiável. Como Griffin e ele terminaram o teste antes de mim, planejo ficar de olho nos dois. Por via das dúvidas.

Ian me manda sentar entre ele e uma menina bonita com uma trança brilhante que desce pelas costas. Quando me sento, a sala fica quieta e todos os olhos vão de mim para a porta, como se esperassem o próximo calouro vitorioso.

Todos os olhos menos os de Ian. Ele ainda está com o olhar fixo em mim. Inclinando-se para perto, ele cochicha: — Obrigado.

— Pelo quê? — cochicho de volta.

— Apostei com a Jenny que você seria a primeira menina a chegar. — Ian sorri sobre a minha cabeça pra menina sentada ao meu lado. — Ela vai ter de lavar a minha roupa pelas próximas duas semanas.

— Sou péssima pra lavar roupa —, Jenny comenta baixinho. — Vai ser uma sorte se as cuecas voltarem inteiras..

— Desde que eu não tenha de lavar, pra mim tanto faz — Ian olha para o relógio. — Faltam sete minutos. tenho de achar que pelo menos mais um ou dois calouros chegarão aqui em baixo antes do limite.

Jenny sorri. — Quer apostar o dobro ou nada nisso?

Antes que Ian possa considerar a oferta, um menino loiro de rosto vermelho aparece na entrada e a sala irrompe em aplausos. Pelo tamanho considerável do menino e a maneira como o suor desce pelo

seu rosto, imagino que fosse ele quem estava usando força bruta, e não estratégia, para passar pela porta. Quase na hora do prazo expirar, mais dois calouros passam pela porta — um menino e uma menina. Entram juntos, ambos parecendo sem fôlego e desarrumados.

Quando o relógio bate meio-dia, soa uma campainha. O primeiro desafio acabou.

— O que acontece com os calouros que não conseguiram sair do quarto? — Faltam dez, incluindo Will e Rawson. Gente demais pra justificar uma punição extrema. Espero.

— A gente faz com que eles passem fome —, diz Ian com uma expressão séria, enquanto o pessoal da cozinha traz nossas travessas de comida. O cheiro de carne assada invade o ar, fazendo meu estômago ansiar por sustento, mesmo dando voltas de ansiedade. A preocupação que sinto deve estar estampada no rosto, porque Ian ri e diz: — Não se preocupe, não é por muito tempo. Assim que todo mundo aqui estiver servido, as fechaduras das portas deles se abrirão. — Ian espeta uma coxa de frango e passa a travessa pra mim.

— Então, eles só têm de esperar a gente começar a comer? — não é uma punição tão ruim, eu penso, enquanto ponho uma fatia de carne à minha frente.

— Eles também têm de lavar os pratos depois que todo mundo tiver terminado. — Isso vem de Jenny, que pega a travessa de frango. — Você deveria estar contente por ter chegado aqui antes de esgotar o prazo. Motivados, podemos fazer loucuras.

Os outros estudantes sentados à mesa riem, mas é uma diversão sem maldade. Eles me lembram meus irmãos, me provocando e provocando meus amigos sempre que tinham chance — o que sempre parecia coincidir com o momento em que minha mãe estava fora da sala. Além do pessoal da cozinha, não vejo ninguém no refeitório que não seja estudante. Embora a maior parte das coisas aqui em Tosu City seja diferente do lugar onde nasci, é bom saber que algumas são as mesmas.

Ian me cutuca e me passa uma travessa cheia de alguma espécie de verdura cozida. — Você também vai se encontrar com a doutora Holt na ordem em que chegou ao refeitório. — Ian usa um tom leve, mas a maneira como segura o meu olhar me diz que essa é uma vantagem importante. Uma que eu não deveria desprezar.

Além de Jenny e Ian, mais quatro estudantes estão sentados à nossa mesa — três homens, uma mulher. Apesar do meu sucesso com o primeiro teste da Iniciação, nenhum deles me dá mais do que uma olhada rápida. Estou começando a pedir a Ian que me apresente, quando o resto dos calouros chega.

Alguns parecem zangados. Outros caminham nervosos até o lugar que seus guias lhes reservaram. Will olha para mim e me dá um grande sorriso antes de se sentar. De todos os estudantes, ele é o que menos parece perturbado pelas ocorrências do dia. Seus cabelos estão perfeitamente penteados para trás, a camisa enfiada dentro da calça, não existe um sinal de tensão em volta dos seus brilhantes olhos verdes. Talvez seja sua habilidade em mascarar seus verdadeiros sentimentos que levou os dirigentes da universidade a encaminhá-lo para os Estudos Governamentais.

Essa é uma habilidade que os dois calouros da minha mesa poderiam aprender com ele. A vermelhidão inchada ao redor dos olhos de Kaleigh diz montes sobre o nervosismo que ela passou durante o *blackout*. Raffé esconde melhor suas emoções no rosto, mas os punhos cerrados falam por si mesmos. Uma avaliada na sala me diz que todos os calouros de Tosu City que fracassaram ainda estão lutando para recuperar a compostura. Embora a desigualdade entre os diferentes métodos usados pela universidade para escolher alunos de Tosu City e das colônias ainda me irrite, tenho de admitir que nós das colônias temos uma vantagem sobre os outros. Nossas lembranças do Teste podem ter sido apagadas, mas ainda somos as mesmas pessoas que usaram sua habilidade, sua inteligência e seu discernimento para sobreviver.

A conversa cresce. Os estudantes mais velhos lamentam se matar de estudar para exames ou tarefas difíceis. Outros brincam que dão graças por não ter de lavar os pratos, enquanto lambuzam as bordas dos pratos com os últimos vestígios de suas refeições. Pela bagunça que vejo na minha mesa, também fico agradecida. Os calouros da minha mesa não falam. Comemos. Observamos. Escutamos.

— Enzo Laznar.

A conversa cessa e todos nós nos viramos para um jovem funcionário da universidade, envolvido em roxo, que está parado na entrada. Enzo se levanta. Aqui e ali, vejo calouros de Tosu City cochichando entre eles. Enzo é parado pelo menino de aparência maciça ao seu lado, que diz alguma coisa que não consigo entender. Seja o que for, faz Enzo concordar com um gesto de cabeça, antes de se dirigir para a porta com o funcionário. Um instante depois, o refeitório novamente vibra de risadas.

— Enzo foi o primeiro a descer? — pergunto a Ian. Porque pelo tamanho e pela atitude intimidante, eu tinha deduzido que Griffin fosse o primeiro.

— Enzo chegou dois minutos à frente de Griffin. Você veio cinco minutos depois disso. Você vai ser chamada para o encontro com a professora Holt depois que Griffin tiver conversado com ela.

Virando-se para Raffé e Kaleigh, Ian acrescenta: — Os alunos que não cumpriram o prazo vão ser chamados no final, por ordem alfabética. A professora Holt vai fazer algumas perguntas a vocês três. Depois, ela vai entregar seus esquemas de aula. Nada demais.

Espero que não, porque quinze minutos mais tarde meu nome é chamado. Acompanho o funcionário vestido de roxo até uma das bibliotecas pequenas. Duas poltronas cinza estão de frente uma para outra. A professora Holt está sentada em uma delas. Faz um gesto para que eu me sente na outra. Quando o homem de roxo sai, ela diz: — É um prazer vê-la novamente, Malencia. No entanto, ouvi pessoas te chamando de Cia. Qual você prefere?

— Meus amigos me chamam de Cia.

A professora Holt sorri. — Bom, em primeiro lugar deixe-me cumprimentá-la pelo seu desempenho no exame final dos Estudos Preliminares. Sua pontuação foi muito impressionante. Espero que você vá igualmente bem nas suas aulas regulares, quando elas começarem na próxima semana — ela pega uma folha de papel cinza reciclado na mesa ao seu lado. — Considerando as notas altas do seu exame, sua lista de aulas é mais desafiante do que as outras. Por favor, faça com que eu, seu guia ou algum dos outros professores saiba se você se sentir sobrecarregada pelo trabalho que lhe está sendo dado. Estamos aqui para ensinar, mas, acima de tudo, estamos aqui para ajudar.

A professora faz uma pausa. Como não é feita nenhuma pergunta, eu apenas aceno em entendimento. Dando-me outro sorriso, a professora diz: — Além dos seus estudos de classe, você vai ser destinada a um estágio que, juntamente com seu estudo teórico, ensina a melhor maneira de obter sucesso em sua futura carreira. Lidar com os dois pode ser um desafio. Repito, se tiver qualquer dificuldade em lidar com esse desafio, por favor, nos diga, para que possamos alterar sua carga de trabalho de uma maneira que melhor beneficie você, a universidade e a Comunidade Unida.

Se eu não tivesse visto Obidiah depois do Redirecionamento, se não tivesse ouvido minhas próprias lembranças do Teste, eu me sentiria segura com suas palavras; acreditaria no ar de preocupação materna no rosto da professora Holt. No entanto, eu tinha visto e as palavras no gravador estão impressas na minha memória. Não importa qual a carga do curso, não vou reclamar. Mais ainda, não vou fracassar.

Minha decisão quase desmorona quando a professora Holt me passa a minha grade. Durante nosso semestre de Estudos Preliminares, a cada estudante eram atribuídos cinco cursos. Esta grade me põe para frequentar nove.

A professora Holt inclina-se para frente. — Sei que a grade parece intimidante.

Parece. No entanto, não sou tão boba para admitir minha preocupação. — Estou animada em ver aulas de Ciências e de Matemática. Deduzi que esses cursos estavam reservados para os alunos de Engenharia Mecânica e Engenharia Biológica.

Os olhos da professora Holt encontram os meus. — Quem depende totalmente do conhecimento de outra pessoa para decidir o que é possível é facilmente manipulado. Os líderes mais eficientes utilizam especialistas de todos os campos, mas não dependem de nenhum para tomar uma decisão. Acredito que você vá descobrir que sua excelência em Matemática e Ciências será mais útil na trilha da carreira que lhe foi selecionada do que você poderia acreditar.

O pensamento me faz sorrir.

— Você tem mais alguma pergunta? — ela indaga. Quando sacudo a cabeça negativamente, a professora alcança um elaborado sino de ouro na mesinha ao seu lado e dá uma badalada. — Espero que você goste da sua nova república e da grade de aulas, senhorita Vale. E, por favor, lembre-se, estou sempre aqui se alguma vez você precisar de ajuda.

O funcionário envolto em roxo aparece à porta, assinalando com mais clareza do que o sino que o encontro chegou ao fim. Depois de agradecer à professora pelo seu tempo, dirijo-me à porta. Só quando começo a subir a escada para o meu quarto é que percebo que a professora Holt usou apenas o meu sobrenome ao se despedir e não Cia. Teria sido uma escolha deliberada? Acho que sim. A professora Holt está deixando que eu determine se ela é uma amiga ou minha oponente.

* * *

A porta dos meus aposentos está de volta nos gonzos. O que quer que tenham usado para cobrir a minha janela se foi. O Comunicador de Trânsito e o resto dos meus pertences estão onde os coloquei antes

de as luzes se apagarem. A única diferença é o envelope, estampado com o meu símbolo, colocado na mesa da sala de estar. Dentro do envelope há duas folhas de papel, um pequeno relógio de pulso solar e uma chave de ouro. Um papel diz a que horas o refeitório abre e fecha para as refeições. Também informa que a cozinha tem lanches e água disponíveis o dia todo para aqueles que não conseguirem chegar na hora das refeições.

Ponho esse aviso na mesa, desdobro a segunda folha de papel e leio:

Os líderes governamentais têm de estão preparados para tudo a qualquer hora. Na próxima semana, sua adequação para este campo de estudo será testada. Esperamos que esteja preparada para se tornar uma de nós. — Os graduandos dos Estudos Governamentais.

Tento a chave na fechadura da porta que dá para fora e descubro que funciona perfeitamente. Enfiando a chave no meu bolso, pego o relógio solar preto. Tem 5 cm de diâmetro. Painéis de prata de armazenamento solar ao redor do mostrador do relógio impulsionam os ponteiros luminosos no centro. Um botão na parte de trás permite que o usuário altere a hora. Outro opera um alarme. Comparo a hora do relógio de pulso com o que tenho nos meus aposentos. Combinam perfeitamente. Desde que eu mantenha as células solares carregadas, terei a hora correta, não importa que teste os graduandos façam com a gente.

Virando o relógio nas mãos, tento imaginar que testes serão esses. Michal disse que eles mudam de ano para ano, portanto, usar sua experiência não vai me ajudar, mas o fato de pensar nele me traz de volta uma lembrança de pouco antes do início do Teste, quando tínhamos acabado de chegar em Tosu City. Michal me alertou para manter minhas coisas comigo o tempo todo. Conselho que considere. Uma vez que a nota sugere que eu esteja preparada para tudo a qualquer hora, resolvo seguir o mesmo conselho agora.

Entrando no quarto, ponho meu esquema de aulas na escrivaninha e pego minha sacola da universidade. Prendo o relógio na alça da sacola para que as células tenham mais probabilidade de coletar energia. Coloco dentro da sacola uma muda de roupas, um par extra de meias e o Comunicador de Trânsito de Zeen. Depois, tento decidir o que mais poderia precisar. Meu canivete. Uma toalha. Finalmente, um lápis e a nota vão para minha sacola. Penduro a sacola no ombro e desço. É hora de fazer o que Ian sugeriu mais cedo. Se quiser ficar tão preparada quanto possível, tenho de conhecer meus colegas. Está na hora de fazer amigos.

Uma dúzia de estudantes está agora na sala da lareira. Apenas uns poucos são do primeiro ano. O restante ainda deve estar fazendo a limpeza do almoço. Os calouros estão com seus esquemas de aulas na mão, o que me leva a pensar que ainda não voltaram para seus quartos. Fico me perguntando se é pelo desejo de companhia ou pelo medo de confinamento que eles estão sentados aqui agora. Olhando em volta, vejo uma figura solitária sentada em um sofá amarelo desbotado, no canto dos fundos e vou até lá.

— Se incomoda se eu me sentar aqui? — pergunto.

Os olhos escuros de Enzo se encontram com os meus. — Por mim, tudo bem.

Não é exatamente uma recepção calorosa, mas me sento assim mesmo e percebo um curativo no seu polegar esquerdo.

— Sou Cia Vale.

— Eu sei. — Enzo dá uma olhada pela sala e volta o olhar para sua grade de aulas.

Uma rápida avaliada da sala me diz o motivo. Todos os calouros de Tosu City estão observando com os olhos semicerrados. Talvez, não vá ser tão fácil fazer amigos como eu tinha esperado. Mesmo assim, o fato de Enzo estar sentado aqui no canto, sozinho, leva-me a acreditar que ele não tem intimidade com seus compatriotas de Tosu. Se consigo pegá-lo sozinho, ele pode estar louco para conversar.

Levantando-me, penduro a sacola no ombro e olho o papel em sua mão. — A chuva parou. Vou lá fora respirar ar puro. — abaixando a voz, acrescento: — Eles deixaram recados no quarto de todo mundo. A mensagem não dá muita pista do que estão planejando fazer com a gente na próxima semana, mas pode ser que você queira dar uma olhada.

Sem esperar uma resposta, caminho para a saída sentindo os olhos de todo mundo em mim enquanto saio. Embora eu tenha estado na república dos Estudos Governamentais apenas algumas horas, escapar do prédio cheio de pressão me faz relaxar de alívio. O céu está tingido de cinza e amarelo — sinais de que as tempestades ainda não terminaram. Fecho os olhos, respiro o ar úmido e sorrio. O cheiro de terra molhada e das árvores me ajuda a imaginar que estou em Cinco Lagos, em nosso quintal, sentada no banco de madeira da minha mãe, ouvindo o som do vento que passava pelas árvores.

A nostalgia e o desânimo se insinuam dentro de mim. Lágrimas pinicam o fundo dos meus olhos. O desejo de estar com minha família, de voltar a um tempo antes que fosse selecionada para o Teste, quando ainda acreditava que nossos líderes eram bondosos e justos, é acachapante.

Atravesso o gramado molhado até um pequeno agrupamento de salgueiros. As árvores são altas. Velhas. A casca sob meus dedos, áspera e frágil. Os galhos são mais retorcidos do que os das árvores que meu pai e meus irmãos plantaram em casa. Pelo tamanho deles, eu concluiria que vários têm no mínimo cinquenta anos, o que significa que foram plantados antes de ter sido criada a nova linhagem de salgueiros. A versão mais recente da árvore aprimorou a absorção de nutrientes do solo deteriorado. No entanto, mesmo antes dessa melhoria, os salgueiros prosperaram. De todas as árvores, eles foram os mais resilientes depois dos Sete Estágios da Guerra. Mesmo nos lugares em que o solo estava mais contaminado, o salgueiro encontrou uma maneira de sobreviver.

Depois de tirar a faca da minha sacola, lasco parte da casca da árvore e a enfio no bolso lateral da sacola. O ácido salicílico da casca pode ser usado para reduzir dores de cabeça. Depois de ver minha grade de aulas, tenho a impressão de que vou precisar disso.

— Por que você me contou sobre o recado?

Dou um pulo e giro, dando de cara com um Enzo de ar agressivo. Estava tão imersa nas lembranças de casa que não o ouvi se aproximando. Ou pode ser que ele tenha os pés bem leves.

— Pensei que você poderia querer saber que ele estava lá — a suspeita que fazia seus olhos se estreitarem me fez acrescentar: — Não que você não fosse encontrá-lo em algum momento. Enzo admite a ideia com um levantar de ombros e reparo na sacola pendurada no seu ombro. Dando-lhe um sorriso, pergunto: — Como é que hoje você saiu tão depressa do seu quarto trancado? Meu guia me disse que você ganhou de mim por sete minutos.

Isso fez Enzo sorrir. — Soltei as dobradiças com isto. — ele remexeu na sacola e tirou uma faca fina e afiada. A única pessoa que já vi usando uma dessas foi o doutor Flint. Um bisturi. Com certeza, Governo também não era a primeira opção de Enzo.

— Foi assim que você se cortou?

Ele olha para sua mão e franze o cenho. — Foi. Eu estava me esticando pra soltar a dobradiça de cima. Achei que pegar uma cadeira ia levar tempo demais.

Tempo que tive de gastar por causa da minha baixa estatura. Embora Enzo não seja alto, ele tem uns dez centímetros a mais do que eu.

— Seus amigos ficaram irritados com você por ter conseguido sair da porta trancada em primeiro? Eles não pareceram exatamente sociáveis.

Enzo fica tenso. — Só porque nós todos viemos de Tosu City, isso não faz com que a gente seja amigo. Você é amiga de todo mundo da sua colônia?

Rio. — Pode ser que a gente não seja um bando de amigos íntimos em Cinco Lagos, mas somos simpáticos. Quando só existem mil pessoas, fica mais fácil se todos se comportam pelo menos como se não houvesse atritos. — espero pela surpresa que normalmente vejo quando alguém ouve de que colônia venho, mas ela não acontece. — Você já sabia que eu era de Cinco Lagos?

— Parte de nossos Estudos Preliminares era estudar não apenas as colônias, mas os alunos que elas mandaram para Tosu que iam frequentar a universidade com a gente. Seu sorriso é duro. — A gente pode não ter pisado no campus até hoje, mas nossos professores tomaram providências pra que a gente soubesse quem vocês eram.

— Por quê? E onde vocês estavam estudando? — será que eles foram mantidos fora do campus porque nós teríamos nos questionado sobre o motivo de não fazerem parte do Teste? Ou os oficiais da universidade queriam que ficássemos separados o máximo de tempo possível para que ficássemos desestabilizados quando finalmente nos encontrássemos?

— A gente se encontrou para a preparação do Teste e do nosso vestibular em uma escola perto do prédio do Governo Central. E estudamos vocês porque nossos professores queriam que conhecêssemos nossos competidores.

— Pensei que a ideia de estarmos aqui fosse aprender pra nós mesmos e aprender a trabalhar o melhor possível juntos pra ajudar nosso país. De onde a pessoa vem não importa.

— Se você acredita nisso, você não é tão inteligente quanto nosso professor pensou.

Vejo a raiva reluzir nos olhos de Enzo, antes de ele desviar o olhar para as nuvens que voltaram a escurecer o céu. E me vejo imaginando de que parte de Tosu City ele vem. Da parte limpa e refeita da Comunidade Unida, que os oficiais nos ajudaram a explorar nas semanas imediatamente após o Teste ou das ruas que entrevi, de menor importância, cheias de sombras? Seria ele um dos estudantes

que Michal disse serem mais perigosos porque tiveram de brigar mais para chegar aqui?

A chuva continua ao longo do dia e da noite, o que faz com que todos que não tenham de ir à aula se mantenham dentro, a seco. Embora eu tente conversar com vários outros calouros de Tosu City, ninguém me dá mais do que respostas monossilábicas antes de cair fora. Os estudantes mais velhos não são muito mais amistosos, alegando não terem tempo para conversar. As instruções de Michal para fazer amigos e identificar potenciais rebeldes dos anos mais adiantados não serão tão fáceis de seguir do jeito que ele fez parecer.

Durante o jantar, Ian pergunta a Raffé, Kaleigh e a mim sobre nossas grades de matérias. Raffé tem seis matérias. Kaleigh cinco. Quando digo nove, a conversa na nossa mesa para. Os alunos do nível mais adiantado me lançam olhares especulativos, antes de continuar a jantar. Ian apenas sorri e diz a nós todos para avisar para ele se tivermos problemas com nossa carga de aulas, mas percebo a preocupação no seu rosto pelos olhares que me lança durante o jantar. Já sem fome, empurro meu prato para longe.

Will me acha no meu quarto após o jantar. Ele também achou difícil a conversa com os outros calouros, mas isso não parece preocupá-lo.

— Se eles querem ser idiotas nesse aspecto, melhor. — Ri e se acomoda em uma das cadeiras da minha sala de estar. — Vai fazer com que seja mais gratificante quando a gente conseguir empregos melhores depois de formados.

Will tem seis matérias na sua grade e deu uma olhada na carga de vários outros estudantes. Até agora, o número mais alto que viu foi sete, o que não ajuda em nada a acalmar minha sensação crescente de medo, enquanto esperamos a próxima tarefa planejada pelos graduandos.

Will também me diz o que descobriu sobre os outros calouros a cargo do seu guia, Sam. — Olive se dá muita importância.

Provavelmente porque é filha do diretor da Energia e Eficiência de Tosu City, fato que lembrou para todo mundo da nossa mesa pelo menos uma dúzia de vezes.

Will revira os olhos e não posso deixar de rir. Em Cinco Lagos, não existe muito apelo para diretor de energia.

— Griffin não fala muito — Will continua. — mas estou achando que a família dele deve ser bem relacionada. Olive ri de qualquer coisa que ele diz e os das turmas mais adiantadas fazem questão de cumprimentar sempre que chegam perto.

Fico pensando se Ian sabe em que meio Griffin anda e se vai estar disposto a dividir essa informação. Quando Will pergunta sobre os outros dois calouros de Ian, reconheço não saber muito. — Acho que a mãe de Kaleigh poderia ser uma dirigente da universidade. Durante o jantar, Kaleigh reclamou sobre sua distribuição de aulas, mas garantiu a todo mundo que o engano seria resolvido assim que ela pudesse ir até o escritório da mãe. Quem quer que tivesse cometido o erro se arrependeria. — O pai de Raffé trabalha no Departamento de Educação. — coisa que só fiquei sabendo porque dois outros estudantes da mesa mencionaram. Da maneira que falavam, ficou claro que estavam assustados com qualquer que fosse o poder exercido pelo pai de Raffé.

Quando Will sai, vou dormir sem trocar de roupa e sonho com a minha casa. Minha mãe assa meu pão de canela predileto. Meus irmãos jogam cartas comigo na mesa da cozinha, enquanto meu pai se senta por perto, analisando relatórios. Zeen ganha uma rodada, abre a boca e grita. Acordo com um pulo ao som de uma sirene e de uma voz que grita no corredor para todo mundo sair da cama. Precisamos estar lá embaixo, prontos para partir, em cinco minutos. A próxima fase da nossa Iniciação está prestes a começar.

O GRITO DA sirene perfura meus tímpanos enquanto pulo da cama. Enfio minhas botas herdadas e minha jaqueta mais quente, antes de passar a sacola sobre o ombro. O relógio na sacola mostra quatro da madrugada, quando tranco a porta e desço a escada correndo para o que quer que esteja me esperando.

Portas batem. Pés golpeiam os corredores acima de mim, quando chego ao primeiro andar. Ian e os outros guias estão parados ao pé da escada. Dois dos meus colegas do primeiro ano, Griffin e um menino chamado Lars, estão de pé ao lado deles. Fui rápida. Eles foram mais rápidos.

Parada ao lado de Ian, observo outros calouros descenderem a escada correndo. A sirene silencia quando o último estudante chega. Apenas cinco deles trouxeram suas sacolas, mas todos foram espertos o bastante para vestir casacos.

— Bom dia — Ian anuncia. Ele sobe três degraus, se vira e olha para a gente. — Há dois flutuadores esperando depois da ponte. Eles vão levar vocês para seu próximo ponto de Iniciação. Depois que chegarmos ao nosso destino, vou explicar seu desafio.

Ian acende uma lanterna e lidera o caminho para fora. A lua vaga e o círculo de luz de Ian nos ajudam a seguir pela trilha molhada.

Tomo cuidado para me manter no centro da ponte, enquanto atravesso. Embora existam parapeitos dos dois lados, não quero arriscar um passo em falso.

Como prometido, dois flutuadores — como aquele que me trouxe para Tosu City junto com meus colegas de Cinco Lagos, candidatos para o Teste — estão esperando do outro lado. São compridos e aerodinâmicos, desenhados para flutuar acima da terra, o que faz com que sejam perfeitos para viajar por terrenos arrasados e maltratados pelos Sete Estágios da Guerra.

Como a maioria dos calouros se amontoa no flutuador da frente, subo no de trás. Luzes suaves ao longo do teto iluminam o interior, alto o bastante para que eu fique de pé. Os dois lados da cabine de passageiros têm fileiras de almofadas de *plush* cinza. Próximo aos fundos há um armário que no flutuador pilotado por Michal, há mais de meio ano, estava cheio de lanches. À esquerda do armário, há uma porta que a experiência passada me diz levar a um banheiro. A surpresa são as janelas. Estão cobertas com um material preto e opaco, que impede qualquer um na cabine de ver lá fora. Onde quer que o flutuador nos leve será uma completa surpresa.

Com esse mistério em mente, aproveito a oportunidade para me esgueirar no banheiro e fechar a porta. Do outro lado, ouço murmúrios enquanto os alunos entram. Abrindo minha sacola, tiro o Comunicador de Trânsito e aciono a bússola e o localizador de posição. A maquininha zumba e dois números verdes iluminam a tela, dando-me a longitude e a latitude precisas de minha localização atual. Aperto o botão de *Salvar*, desligo o aparelho e o enfio na minha sacola. A nota me avisou para estar preparada. Estou fazendo o possível para agir de acordo.

Tornando a passar a alça da sacola no ombro, deslizo de volta para o compartimento dos passageiros e me sento nos fundos, ao lado de Will. Rawson está do outro lado do corredor. Embora seus cabelos pareçam não ter visto pente nas últimas vinte e quatro horas, seus

olhos estão alertas. Enzo está sentado ao lado dele, olhando para a sacola da universidade apoiada no seu colo. Não olha para ninguém quando o flutuador começa a se mover.

Quase posso imaginar o contorno das árvores e as formas dos prédios, conforme o flutuador atravessa do campus da universidade para dentro da cidade. A porta para o compartimento do piloto está fechada, mas os movimentos suaves do flutuador me dizem que o piloto é experiente na função. As mudanças de direção são quase imperceptíveis. Alguns especulam sobre nosso destino, mas apesar das bravatas, a cabine vibra de nervoso.

Verifico meu relógio solar com frequência. Dez minutos, Vinte. Trinta. Abro o armário e acho uma caixa de bolachas que passamos entre nós. Quarenta e cinco. Assim que completa uma hora, o flutuador dá um ligeiro solavanco e o zumbido do motor para. A porta se abre deslizando. Chegamos ao nosso destino.

O vento chicoteia meus cabelos quando saio do flutuador para um asfalto arrebitado. O céu está raiado de cinza, anunciando o próximo amanhecer. Piso em várias poças, mas estou grata por não estar chovendo. Pelo menos, não seremos forçados a enfrentar um temporal no começo da nossa tarefa.

Quando estamos todos fora dos veículos, os motores recomeçam a vibrar. Vários calouros exclamam de surpresa quando os flutuadores desaparecem na neblina da manhã.

Depois que eles se vão, Ian grita: — Todos vocês, por favor, sigam-me.

O céu continua a clarear, enquanto pegamos nosso caminho pelo calçamento arrebitado que já deve ter sido uma superfície uniforme destinada ao tráfego de automóveis. Antes de vir para Tosu City, eu só tinha visto automóveis em livros. Como os recursos de Cinco Lagos são voltados principalmente à revitalização da terra, tem sido gasto pouco tempo para consertar ruas que acomodariam veículos motorizados. Podemos nos locomover muito bem de um lugar a outro,

caminhando, pedalando, e, ocasionalmente usando trator ou flutuador. No entanto, as principais ruas de Tosu estão suficientemente recuperadas para permitir o tráfego de automóvel de quem é importante o bastante para ter uma verba extra para um veículo de trabalho.

A condição da rua e a descoloração das plantas e das árvores que estão crescendo entre as fissuras, demonstram negligência. Se aqui ainda for Tosu City, não é uma área que vem sendo tocada pelas equipes de construção e revitalização do governo.

Ian para em frente a duas pontes de madeira. — Como suas aulas de Estudos Governamentais só começam na semana que vem, eu e meus colegas guias achamos que esta é uma ótima ocasião pra vocês relaxarem e conhecer melhor seus colegas do primeiro ano. Também é uma grande ocasião pra gente, dos anos mais adiantados, se divertir um pouco — sua expressão sorridente confere a seu rosto um jeito de menino.

— Vocês vão trabalhar em equipes de quatro. Cada equipe pega uma dessas — ele levanta uma grande sacola verde. — Aqui tem comida, água e uma lista de lugares que sua equipe tem de achar. Em cada destino, tem uma missão que vocês e sua equipe precisam realizar. Terminada a missão, sua equipe vai receber um indicador como prova do seu sucesso. Cada equipe precisa ter em mãos todos os quatro indicadores ao voltar para a república dos Estudos Governamentais. Cada equipe que voltar sem um ou mais indicadores será penalizada.

Na minha cabeça, ouço uma voz que sussurra: — Respostas erradas serão penalizadas.

Não é a voz animada de Ian. É a do doutor Barnes. Posso vê-lo vestido de roxo, com uma expressão dura. Se fecho os olhos, posso ver Tomas sentado ao meu lado, parecendo forte e seguro. Will, do outro lado, parecendo frágil e triste. A lembrança parece real. Meu coração golpeava então como faz agora. Sinto o gosto da minha ansiedade e a

engulo, enquanto me livro da imagem. O passado é importante, mas se quiser me sair bem, tenho de me concentrar no que está acontecendo agora.

— A primeira equipe a voltar com todos os indicadores será a vencedora deste desafio da Iniciação e deixará o restante de nós muito impressionado. Os que voltarem para a república depois que sua equipe já tiver chegado serão automaticamente convidados a arrumar suas coisas e ir embora. Portanto, procurem ficar juntos, certo?

Olho em volta e vejo vários dos meus colegas rindo. Será que eles pensam que Ian está brincando ou vêem isso como uma oportunidade para eliminar o competidor?

— Pra que as coisas sejam justas, vou tirar quatro nomes deste saco. — Ian tira um saquinho marrom do seu bolso. — Estes quatro agirão como capitães e escolherão os membros da sua equipe. Por favor, deem um passo à frente quando seus nomes forem chamados. — Ian enfia a mão no saco e tira um pedaço de papel. — Griffin Grey.

Griffin avança com um sorriso confiante. Recebe uma sacola verde de Ian e vai para a esquerda. Embora Griffin já tenha provado ser inteligente o bastante para se destacar em um teste da Iniciação, eu me vejo desejando não terminar na sua equipe.

— Olive Andreson.

A menina de cabelos escuros dá uma risadinha enquanto vai para a frente do grupo. Depois que ela pega sua sacola verde, é anunciado o próximo nome: — Malencia Vale.

O som do meu nome me faz dar um pulo. Endireitando os ombros, me desvio de uma poça e vou até Ian. Ao me entregar a sacola, sinto sua mão dar um rápido aperto de encorajamento na minha. Assumo meu lugar ao lado da ainda sorridente Olive e Ian tira do saco o nome do capitão da última equipe: — Jacoby Martin.

Um menino alto e magrelo, de pele bem escura e olhos muito verdes, fica ao meu lado. Enquanto o resto olha para Ian esperando o próximo conjunto de instruções, eu me vejo percorrendo os rostos dos

meus colegas. Ian disse que os capitães terão de escolher seus companheiros. Isso significa que o sucesso ou fracasso da minha equipe depende totalmente de mim.

— Os capitães escolherão um membro da equipe por vez, na ordem em que foram anunciados, até que todos os estudantes façam parte de uma equipe. Griffin vai começar.

Griffin não perde tempo fazendo sua escolha: Raffe. Não é uma surpresa. Vi os dois juntos nos intervalos das refeições. Na equipe deles não faltará força nem inteligência. A risadinha some quando Olive anuncia o primeiro membro da sua equipe: uma menina alta e loira chamada Vance. Minha vez.

Olho de rosto em rosto. Este é um desafio de equipe. Para trabalhar com eficiência em uma equipe, a confiança é fundamental. Se pelo menos Tomas estivesse aqui. Não importa o que ele pudesse ou não ter feito, sei que ele está do meu lado. Agora preciso decidir quem mais está.

As escolhas óbvias são os estudantes nascidos nas colônias, Will e Rawson. Eles são meus aliados naturais. Posso não confiar neles, mas eu os conheço há meses. Fui para a aula e estudei com eles. Os dois são inteligentes e criativos. No entanto, não chamo nenhum dos dois. Ainda não. Embora Will e Rawson estejam mais inclinados a me ajudar por causa da nossa origem comum, esta também é uma oportunidade para seguir a instrução de Michal e fazer aliados entre os estudantes de Tosu. Os aliados serão essenciais tempos depois que a Iniciação tiver terminado. Assim, opto por um que sinto nas entranhas ser o mais inteligente, deu mais duro para chegar aqui e é menos inclinado a se aliar com os outros da sua cidade do que o resto.

— Enzo.

Alguns estudantes olham para Will e Rawson com ar de superioridade, enquanto Enzo vem até mim. Embora os alunos de Tosu City, não parecessem amigáveis em relação a Enzo, essa escolha,

sem dúvida, confirmou suas suspeitas sobre a — falta de habilidades — dos meus colegas nativos. Bom.

Três estudantes de Tosu City são escolhidos sucessivamente.

— Will — anuncio. Confio em Will? Não. Suas ações durante o Teste fazem com que fique difícil depositar minha confiança em suas mãos. No entanto, ele é inteligente e louco para fazer o que for preciso para completar uma missão. É melhor ter essas qualidades na minha equipe do que trabalhando para outra. Por outro lado, eu ficaria constantemente olhando por cima do ombro para ver que perigo ele poderia me causar.

— Kaleigh.

— Drake.

— Rawson.

A escolha de Olive me faz piscar. Eu estava tão certa de que os outros capitães evitariam os estudantes da colônia, que não tinha pensado em escolher ninguém mais. Rawson fecha a cara, ao tomar seu lugar ao lado de Olive e volto minha atenção aos dois alunos remanescentes, que eu mal conheço. Uma menina chamada Juliete e um menino cujo nome eu nunca soube. Olho de um para o outro, esperando que alguma coisa em suas expressões me ajude a decidir. Ambos se recusam a fazer contato visual. Nenhum deles trouxe uma sacola da universidade. Nada que vejo ajuda na minha decisão. Se eu quiser evitar uma escolha grosseira, só resta uma opção.

— Enzo fará a última escolha pra nossa equipe. — Ignoro as expressões de surpresa à minha volta e a ansiedade que se instala por causa disso. As pessoas pensam que sou indecisa ou fraca por ter passado a escolha para o outro? Digo a mim mesma que não importa em que acreditem. Esta é a saída inteligente a ser feita. Enzo pode não ser amigo íntimo desses dois, mas frequentou aulas com eles; está mais capacitado a avaliar suas aptidões para colaborar.

Enzo não hesita em sua escolha e incorporamos Damone, que tem pelo menos 30 cm a mais do que eu.

— A primeira locação na lista da sua equipe está em algum lugar atrás de mim — diz Ian. — Dentro das suas sacolas tem uma pista do lugar específico onde vocês encontrarão sua primeira tarefa. Quando terminarem, voltem a este ponto para ser transportados ao próximo local. Desejamos sorte a vocês e estamos ansiosos para ver todos de volta na república. Não se percam. A gente detestaria ter de vir procurar vocês. — Com uma piscada, ele e os outros graduandos saem a passos largos pelo terreno irregular. Pouco tempo depois, um flutuador aparece e eles pulam para dentro.

Antes que o flutuador possa sumir no horizonte, os outros times já estão atravessando correndo as pontes de madeira molhadas, em direção a um prédio parcialmente escondido por árvores marrons e amarelas.

— Precisamos ir — diz Will, balançando o corpo de um pé para o outro. Enzo e Damone também estão ansiosos para se mexer. Meu instinto é concordar com os outros automaticamente — afinal de contas, sou a mais nova da minha equipe. Na Colônia Cinco Lagos, eu só levantava a mão na classe ou tomava a frente em uma tarefa, se tivesse cem por cento certeza de que estava certa. No entanto, por mais que eu queira começar, não vou sair correndo feito louca para dentro de uma situação da qual não tenho a mínima ideia. Um erro agora vai custar mais do que o tempo que vai levar para ler a pista. Assim, sento-me no chão, abro a sacola verde e procuro a informação que tem dentro.

Enquanto remexo no seu conteúdo, faço uma rápida listagem: quatro garrafas de água; quatro sacos de carne seca, uvas passas, maçãs. Não é um monte de comida nem de água, o que significa que esta Iniciação vai ser rápida ou vai exigir que a gente encontre mais comida ao longo do caminho. Meus dedos escavam até o fundo da sacola e se fecham em um grande envelope cinza. Dentro, está a lista prometida, embora seja difícil dizer qual seria a sua ajuda: *Animais, Plano, Lei, Aprendizado*.

Depois de passar a lista para o Enzo, tiro uma segunda tira de papel e leio: — *Um tesouro prateado foi trazido pra cá pra comer, copular e descansar. Você consegue encontrar o que restou do ninho desse tesouro?*

— A gente teria de encontrar um ninho de passarinho em algum lugar daquele prédio? — Will pergunta.

Enzo pega o papel da minha mão e franze o cenho: — Essa parece que seria a resposta óbvia.

Esta aventura está sendo planejada pelos estudantes da universidade. Eles são os melhores e os mais brilhantes do nosso país, o que significa que qualquer coisa óbvia tem toda chance de ser errada. — Por que a gente não vai até lá dentro e vê o que tem? — sugiro. — Provavelmente, a pista fará mais sentido depois que a gente tiver uma ideia de onde estamos.

Depois de passar tanto a sacola da universidade quanto a verde da equipe sobre o ombro, dirijo-me a uma das pontes. Os raios luminosos do começo do dia facilitam ver onde as novas pranchas de madeira substituíram as velhas. Esses reparos são os únicos sinais de melhoria. Seja o que for este lugar, a Comunidade Unidade não o considerou importante o bastante para ser revitalizado. Pelo menos não ainda.

O prédio, assomando por entre árvores e arbustos avantajados, é de um verde-acinzentado descolorido. O telhado tem furos e dele saem ramos de tudo quanto é lugar, onde provavelmente animais instalaram suas casas. Em volta da estrutura, crescem dezenas de árvores com doentias folhas amarelas e marrons. Embora a área não tenha sido atingida pelas bombas que destruíram tantas cidades, seu aspecto acabado demonstra que em nosso mundo nada ficou intacto.

Ao lado direito do prédio tem um túnel com folhas, árvores e pedaços de rocha espalhados. Ao passarmos por ele, reparo que, assim como as pontes, o teto do túnel foi reparado recentemente. Saímos do túnel para uma área cheia de plantas maltratadas, mais árvores doentes e montes de passagens de pedra irregulares e detonadas abrindo-se à nossa frente em várias direções. Posso ver outros prédios a distância.

— Pra que direção a gente deve ir? — Damone pergunta.

Como não sabemos que tipo de lugar é este, a melhor maneira de começar sua exploração é seguir pelas passagens de pedra, por mais que elas estejam arrebitadas. Infelizmente, nenhuma delas vai em linha reta; elas se dobram e se curvam pelo terreno. Se não tomarmos cuidado, em vez de economizar tempo, acabaríamos desperdiçando-o ao ficar perdidos ou dando voltas.

Com isso na cabeça, puxo o Comunicador de Trânsito para fora da minha sacola e ligo a bússola. Pelo menos não vamos nos perder. Will dá uma espiada no instrumento e diz: — Se ninguém tiver uma ideia melhor, proponho irmos para a esquerda.

Ele assume a liderança e seguimos a trilha conforme ela se curva em torno de uma área à nossa direita. Este espaço já deve ter sido animado, com grama verde e flores coloridas. Agora, as plantas que crescem nele são de um marrom doentio, embora de vez em quando eu veja áreas com trevos vermelhos vigorosos. Quando a trilha se bifurca, seguimos pela virada abrupta para a esquerda. As árvores que ladeiam o caminho são mais frondosas, os arbustos, mais cheios. Com a folhagem mais cheia, fica difícil enxergar adiante. A passagem curva-se novamente. Meus passos ficam mais lentos, mais cautelosos, enquanto espio pelas árvores, tentando ver se o perigo está à espreita na próxima virada.

Chegamos a um prédio grande. O telhado despencou em vários lugares. O tempo e alguns animais comeram pedaços das paredes cinza-escuro. As portas parecem que não foram tocadas em pelo menos uma década. Tento decidir se deveríamos tentar abri-las, quando um grito de arrepiar corta o ar.

Will.

Instintivamente, corro para ajudar. O grito veio de algum lugar em meio à folhagem. Will deve ter decidido explorar, enquanto o restante de nós olhava para o prédio. Meu pé dá com um pedaço de rocha quebrada. Pego a trilha da esquerda, que espero que me leve até Will.

Os passos às minhas costas me dizem que minha equipe vem logo atrás, e quando me livro das árvores, estou preparada para o pior. É por isso que começo a rir, quando vejo Will balançando de ponta-cabeça, com o rosto congestionado e muito vivo dentro de uma grande estrutura de metal.

— Não fique aí parada — ele grita. — Me ajude a descer!

Will se debate para agarrar a corda que prende seus tornozelos. O movimento faz com que balance para frente e para trás, fazendo-me rir ainda mais. Ao meu lado, Enzo e Damone estão tentando controlar as próprias risadas. Finalmente, quando a graça vai passando, chego perto para dar uma olhada melhor.

A pelo menos seis metros de altura, um alambrado enferrujado, mas ainda com aparência forte, forma os três lados de uma jaula. O metal está conectado ao prédio, que faz o quarto lado. Barras de metal espaçadas de sessenta a noventa centímetros formam uma grade que constitui o teto, coberto com mais alambrado. A corda na qual Will está pendurado está presa a um suporte do teto situado no meio do espaço confinado. No extremo direito da jaula tem uma porta aberta. Deve ter sido assim que Will entrou. Do lado esquerdo, tem uma porta que dá para a estrutura conectada.

— Acho que minha altura dá pra alcançar a corda em volta do tornozelo dele —, oferece Damone.

— Pode ser —, eu digo, embora duvide disso. Quando Damone tenta, prova que tenho razão. Droga! E pelo jeito do nó em volta do tornozelo de Will, vai levar tempo para soltar aquela corda. Enquanto isso, outras equipes estão chegando perto de encontrar o ninho e passar para próxima locação. Precisamos baixar Will e continuar seguindo — já.

Pego meu canivete na sacola, subo pela porta da jaula e olho a compleição magrela de Damone com um ar interrogativo. — Você acha que consegue me levantar nos ombros, Damone?

Damone é alto, mas frágil. E embora eu não seja muito grande, meus irmãos costumavam dizer que me carregar era como carregar uma vaca. No entanto, Damone não acha que pareço pesada demais e se abaixa para que eu possa subir nos seus ombros. Minutos depois, estou no alto serrando a corda. Todas as vezes que Damone oscila com o meu peso, prendo a respiração e me preparo para cair no chão. No entanto, Damone é mais forte do que parece e não vacila, enquanto corro a lâmina para frente e para trás até que finalmente... Solto! Os últimos fios da corda se soltam e Will despenca no chão duro de pedra cinza.

Quando me vejo a salvo sobre meus pés, enfio o canivete no bolso da minha calça. Depois, pendurando as duas sacolas no ombro, viro para a porta a tempo de vê-la se fechar com uma pancada. O ressoar típico de metal contra metal revela, sem sombra de dúvida, que a jaula se fechou. Will, Damone e eu estamos presos lá dentro.

WILL PASSA POR mim às pressas, vai até a porta e puxa o trinco. Enzo tenta abri-lo pelo outro lado. Não me surpreendo que nada disso dê certo. Quem quer que tenha instalado as armadilhas da corda e da porta, fez um bom trabalho. No entanto, a gente já deu conta de uma das armadilhas ao soltar Will da corda; agora, temos de vencer a segunda e dar o fora daqui.

Damone e Will escalam o alambrado, esperando escapar desse jeito. Enzo tenta abrir a porta da jaula, enquanto vou até a porta que dá para o prédio. Não tem trinco, mas basta um cutucão com o pé para que a porta se abra com um rangido. Escancaro-a e franzo o nariz com o cheiro forte de excreções animais. Os graduandos criaram este cenário para testar a gente. Não há dúvida de que terão alguma coisa interessante no aguardo. Esperando que quaisquer que sejam os animais que provocaram esse cheiro sejam inofensivos ou tenham ido embora, volto para minha equipe e digo: — temos de ir por aqui.

— Vou até a outra porta e grito dentro do prédio daquele lado. Vocês podem usar a minha voz como guia. — Enzo enfia a mão na sua sacola e aparece com uma lanterninha de metal. — Vocês também podem usar isso.

Ele enfia a lanterna pelo alambrado. Pegó-a e percebo que enquanto estamos presos dentro desta jaula, Enzo está livre para resolver esta parte da missão e nos deixar para trás. Será que ele estará esperando por nós quando encontrarmos a saída? Só existe uma maneira de descobrir.

— Obrigada — digo, acendendo a luz. — Vejo você do outro lado.

Dando uma última respirada no ar fresco, avanço pela porta. O cheiro de urina e decomposição me dá ânsia, enquanto movo a luz em torno do pequeno cômodo. Vejo armários apodrecendo, balcões cobertos de poeira e fezes de ratos e um banquinho de metal virado ao contrário. No fundo do cômodo tem outra porta. Tiro o banquinho da frente e vou até ela, prestando atenção em que Will e Damone estejam me seguindo logo atrás.

Ouçó o som de passinhos correndo pelo ladrilho rachado de um corredor comprido e estreito. Meu pai e sua equipe descobriram vários métodos de limitar a população de ratos na nossa região. Sei que outras colônias e a cidade de Tosu fizeram a mesma coisa. No entanto, o brilho de dúzias de pares de olhos refletindo a minha luz demonstra que a população de ratos nesta área não foi verificada. Ai!

O cheiro de água estagnada e fezes de animal fica mais forte, quando passo para o próximo cômodo e fico sem fôlego. A maior parte do teto desabou. A luz entra e me dá uma visão clara. O cômodo — se é que pode ser chamado de cômodo — é enorme. O chão torna-se irregular, à medida que vou avançando no espaço cavernoso. O piso parece de pedra, mas quando corro os dedos sobre ele, tem jeito de sintético. Alguma coisa feita pelo homem. O mesmo pode ser dito de algumas plantas que parecem estar saindo do chão do cômodo. A três metros de onde estou há pedaços do que já deve ter sido um parapeito. Sua necessidade fica óbvia. Além dele, tem uma caída de, pelo menos, doze metros. Lá embaixo, um rio de, no mínimo, três metros de largura. Depois dele, uma grande expansão de

superfícies que parecem pedregosas e árvores acinzentadas que alcançam uma altura tão alta quanto a superfície onde estou agora. Um pé em falso perto do parapeito poderia significar um osso quebrado ou coisa pior.

— Não pisem muito perto da beirada — aviso, enquanto sigo para a minha esquerda. O chão inclina-se para cima e está escorregadio com as folhas podres. Um bater de asas no alto me faz dar um pulo e me agarro na parede mais próxima para me manter equilibrada. Olhando para cima, vejo um pássaro elevar-se acima do cômodo, em direção ao céu. Que pena que a gente não possa escapar da mesma maneira!

— O que é este lugar? — a voz de Will está abafada.

— Não me pergunte — diz Damone. — Nunca vi nada parecido.

Nenhum de nós viu. Agora que o silêncio foi quebrado, Damone acrescenta: — Aposto que quando a gente conseguir sair deste lugar, o Enzo já vai ter dado o fora há muito tempo. Ele não é idiota. Vai tentar encontrar a tarefa sem a gente. Eu faria isso.

— Me lembre de nunca deixar você sozinho nem por um minuto, a não ser, é claro, que queira me danar —, diz Will.

— Os líderes não esperam pelos outros — Damone chuta uma pedra e faz com que ela voe sobre o parapeito.

— A Cia esperaria — diz Will. — Os verdadeiros líderes vão além de se esforçar pra chegar à frente de todo mundo.

— Ninguém segue quem chega por último. Você seguiria?

Não sei. A dúvida sobre a minha resposta a essa pergunta faz com que eu acelere o passo. Damone pode estar certo sobre Enzo. Se estiver, temos de sair daqui o mais depressa possível; senão, podemos não ter chance de alcançá-lo.

Deixando de lado as suposições maldosas de Damone e Will, concentro-me no terreno à minha volta e noto letras desbotadas na parede, que formam as palavras: *floresta tropical*. Mais ao longe, vejo a palavra *dieta* seguida por *folhas*, *frutas* e várias palavras que estão muito

consumidas pelo tempo para ser entendidas. Depois de mais alguns passos, vejo outra palavra que reconheço de um livro que minha mãe lia para mim quando criança. O livro era velho e cheio de ilustrações desbotadas e contava a história de crianças que iam em um passeio especial a um lugar onde podiam ver diferentes tipos de animais. Um lugar com o mesmo nome da palavra escrita ao meu lado: zoológico.

Quando minha mãe leu o livro para mim, pensei que a ideia de manter animais selvagens em jaulas era uma maldade. A maioria das famílias de Cinco Lagos não possui animais de estimação, mas os que têm, deixam os animais livres, movimentando-se da maneira que quiserem. Grande parte desses animais fica perto das casas, mas alguns poucos, como o gato de minha amiga Daileen, desaparecem e não voltam nunca mais.

Claro, pelo que aprendi naquele livro infantil, os animais colocados em jaulas nos zoológicos não eram domesticados. Animais selvagens de diversos lugares do mundo eram tirados de suas casas e trazidos para lugares como este. Temos nossa cota de animais selvagens farejando além e algumas vezes pelos limites de Cinco Lagos. Alguns são pequenos e relativamente inofensivos, mas há espécies que podem matar com um golpe dos seus maxilares. É difícil imaginar uma época em que alguém pegava essas criaturas e as forçava para dentro de jaulas para servir de diversão.

Olhando ao redor do amplo espaço, tento imaginar como teria sido antes dos Sete Estágios da Guerra. Árvores e pedras fabricadas. Talvez, algumas verdadeiras misturadas. Um rio que fluía em torno da borda das pedras, fornecendo uma fonte de água e uma barreira entre quaisquer que fossem os animais mantidos aqui e a liberdade da passagem onde estou agora. Mesmo que os animais pudessem subir nas árvores — e a ambientação deste lugar sugere que podiam — as árvores estão suficientemente longe para impedir uma fuga. Os animais que viviam aqui dentro estavam presos da mesma maneira que Will, Damone e eu estamos agora.

Macacos, talvez? Ou, considerando o tamanho do lugar, alguma coisa maior, como chimpanzés. No ano passado, estudamos as histórias de outros países na escola. Durante nossos estudos, percorremos as espécies nativas de várias regiões, antes do final dos Sete Estágios da Guerra. É impossível dizer que espécies sobreviveram às guerras, uma vez que terremotos e furacões destruíram os métodos anteriores de comunicação mundial. Eu esperava ser uma das engenheiras mecânicas que restabeleceria a comunicação na Comunidade Unida e além das nossas fronteiras. Agora...

— Cia, não se mexa.

O sussurro urgente de Will me arranca dos meus pensamentos e meu pé se paralisa. Terei me aproximado demais do declive? Não. A borda do caminho está a vários metros à minha direita. O chão à minha frente parece sólido e seguro. Viro-me para perguntar a Will qual é o problema, mas as palavras morrem nos meus lábios quando ele sacode a cabeça e aponta. Meus olhos acompanham o seu dedo até os galhos de uma das árvores feitas pelo homem, pendurada à minha direita. Por um momento, não compreendo. Depois vejo. Olhos pretos. O brilho de escamas cor de bronze e douradas que envolvem com muitas voltas o galho até chegar ao tronco. Uma língua vermelha que sente o ar com toques rápidos. Uma cobra. Tem pelo menos trinta centímetros de largura e mais de três metros de comprimento. Sua cabeça está apenas a pouco mais de dois metros de onde estou agora.

A língua da cobra se mexe rapidamente em minha direção e seguro o fôlego. As cobras são comuns em Cinco Lagos. Por alguma razão, os produtos químicos que deixaram tantas espécies desfiguradas ou mortas não afetaram os répteis. Ao contrário disso, eles parecem tê-los fortalecido. As escamas, que antes eram tão vulneráveis quanto uma pele humana, agora estão mais espessas, mais difíceis de penetrar. As mordidas de várias espécies, antes relativamente inofensivas, agora são fatais. O veneno que transformou suas escamas, seja qual for, também as tornou venenosas. No entanto, como Cinco Lagos é uma área do

país menos afetada pelas bombas nucleares e biológicas usadas nos Quatro Estágios da Guerra, as cobras que encontrei por lá eram facilmente ignoradas ou mortas. A que está se balançando acima de mim não é de nenhum desses tipos.

As escamas ondulam conforme o réptil muda de posição. A cabeça cai lentamente na minha direção. Esforço-me para manter os pés firmes no lugar e para pensar racionalmente, enquanto a cobra sorve o ar a apenas meio metro de onde estou. Meus olhos se movem com rapidez para o caminho em frente. A superfície pedregosa inclina-se para cima e tem uma crosta de sujeira. A cerca de seis metros de onde estou tem uma porta. Olho de volta a cobra, que parece alerta, mas calma. Meu pai uma vez mencionou que algumas espécies de cobras são surdas. Além disso, que algumas das maiores cobras que ele encontrou nos arredores de outras colônias eram conhecidas por revelar sua inquietação ou intento de atacar, achatando as costelas em seus pescoços. Como os olhos da cobra estão fixos em mim e ela não se moveu, deduzo que ela saiba que estou parada aqui e não se sente ameaçada ou faminta. Só posso esperar que essa tendência persista.

Segurando a lanterna com força, dou um passinho à frente, mantendo meus olhos firmes na ameaça. A língua da cobra volta a se movimentar, mas o resto continua parado. Considerando isso um bom sinal, dou mais um passo, depois outro.

Meu coração dá pulos a cada passo torturantemente lento. Centímetro por centímetro atravesso a passagem irregular, resistindo à vontade de olhar para trás, para o caso de que o movimento faça a criatura atacar. Quando alcanço a porta, eu me viro. Tanto a cobra, quanto os meus colegas estão exatamente onde estavam quando os vi pela última vez. Levanto a mão lentamente e faço sinal para que Will venha se juntar a mim. Seus olhos verdes desviam-se para a cobra, depois voltam para mim, antes que ele dê o primeiro passo. As escamas da cobra brilham à luz do sol, conforme sua cabeça desce até ficar no mesmo nível da testa de Will. O suor escorre pelo rosto de

Will, conforme ele caminha bem devagar. A língua da cobra roça seu cabelo. Prendo a respiração, mas Will não se encolhe ao dar o próximo passo. Observo-o cruzar o chão. Quando ele finalmente chega ao meu lado, agarro sua mão e a aperto com força. Não importa o que aconteceu durante o Teste, neste momento estou feliz que esteja ao meu lado e vivo.

Olho de novo para a cobra, que mais uma vez desceu mais um pouco. Ela ainda parece não se incomodar com nossa presença, então aceno para Damone que é sua vez de começar a andar. No entanto, ele não anda.

Lentamente, tentando não atrair a atenção da cobra, levanto a mão e aceno para ele. Está com os olhos arregalados, enquanto seu olhar vai da cobra para mim e para Will, voltando para a cobra. Suas duas mãos estão fechadas, dos dois lados do corpo. Está lívido. Mesmo a distância, posso sentir as ondas de terror que emanam dele e fico pensando se a cobra também pode sentir isso. Se puder, Damone está correndo mais risco do que Will ou eu estávamos. No entanto, não acho que ele saiba disso. Duvido que já tenha visto algum animal que pudesse lhe fazer mal, muito menos uma coisa como aquela.

Will tenta incentivar Damone a ir em frente, mas não adianta. Damone está imobilizado pelo medo. Um medo que poderia levar a cobra a atacar a qualquer momento. Damone tem de sair dali agora.

— Tome — cochicho, enquanto tiro as duas sacolas do ombro e as coloco, junto com a lanterna, nas mãos de Will. Antes que ele possa perguntar o que pretendo fazer, tiro meu canivete do bolso, abro a lâmina e atravesso a soleira de volta ao cômodo cavernoso. Embora duvide que a lâmina tenha qualquer serventia contra as escamas, é a única arma que tenho. Alguém tem de ajudar Damone a se salvar. Will é criativo, mas sou menor e mais ágil.

O medo me golpeia dentro do peito. Mesmo assim, forço meus pés a seguirem em frente. A volta faz a distância parecer maior. Mais difícil. Mais apavorante. Tanto Damone, quanto a cobra, viram a

cabeça e piscam, conforme me aproximo. Um pé na frente do outro. A pequena faca firme em uma mão. A outra, esticada em direção a Damone, querendo que ele feche o espaço entre nós.

Ele não se mexe.

A cobra sim.

Seu corpo desliza em torno do galho da árvore. A cabeça ondula. Damone tropeça para trás e os olhos da cobra se viram para ele. Sua língua vermelha treme no ar. O som das escamas contra a casca da árvore é que me incita a correr. Avisto um pedaço de madeira podre de trinta centímetros de comprimento, no chão, perto de mim e quase perco o equilíbrio ao correr em frente e pegá-lo. Os olhos da cobra não largam o seu alvo — Damone.

Paro a um metro da cabeça do tamanho de uma pá, agora no mesmo nível dos meus braços. Um movimento em falso e os maxilares da cobra darão o bote. As presas se enfiarão, injetando veneno na minha corrente sanguínea. Minha vida se acabará antes que eu caia no chão.

Os olhos de Damone estão vidrados. Os joelhos, travados. Ele parece pouco apto a fazer o que planejo, mas não deixo que isso me interrompa. Atiro o pedaço de madeira no tronco da árvore, perto do fim do rabo da cobra. O som da madeira batendo na árvore ecoa no espaço cavernoso.

A cabeça da cobra se volta bruscamente na direção das vibrações do som. Seu corpo desenrola-se. A madeira ricocheteia na balaustrada e cai lá embaixo. As escamas se raspam na casaca da árvore, conforme a cobra avança para o parapeito e eu ajo. Eu me arremesso à frente, agarro o braço de Damone e puxo. Damone tropeça e chuta uma pedra no caminho. A cobra muda de direção, mas eu não. Afundo meus dedos no pulso de Damone e ele vai meio arrastado, meio puxado, enquanto corro. Graças a Deus, o medo que tinha imobilizado Damone, agora impele suas pernas para frente. Seus passos acompanham os meus enquanto batem no chão pedregoso. O caminho

se estreita próximo à porta. Deixo Damone passar por mim para o que espero ser a salvação.

É quando ouço o sibilo. Se é que isso pode ser chamado de sibilo. Está mais para um rosnado, como faziam os lobos que espreitavam fora dos limites de Cinco Lagos. O som arrepia a minha espinha, levanta os pelos da minha nuca e me impele para frente. Quando meus pés cruzam a soleira, olho para trás e vejo uma faixa de cobre e bronze movendo-se depressa. Olhos negros focados em mim. Escamas metálicas e pretas reluzindo nos dois lados do pescoço da cobra, formando algo parecido com um capuz. A boca se abre. Um grito sai da minha garganta quando uma grossa porta de metal range e se fecha entre nós.

Eu me dobro e tento recuperar o fôlego. Os únicos sons que se ouvem são o raspar de uma respiração difícil e o rosnado abafado do outro lado da porta. Finalmente, um raio de luz atravessa a escuridão.

— Estou feliz que as dobradiças daquela porta ainda funcionem — diz Will.

A histeria transborda de dentro de mim e caio na risada: — Você está feliz?

Will sorri. Damone olha para nós como se fôssemos dois loucos, o que me faz rir ainda mais. Não consigo evitar. Estou feliz por estar viva.

Ainda rindo, pego a lanterna de Will, penduro as sacolas no ombro e digo: — Que tal a gente achar a saída deste lugar?

O corredor é comprido, de teto alto e largo o suficiente para que nós três andemos lado a lado. As paredes estão forradas de fotografias desbotadas de animais: chimpanzés, orangotangos, macacos, gorilas. Estou contente em saber que estava certa sobre os antigos habitantes desta construção, mas não posso deixar de imaginar o que aconteceu com os animais quando o mundo entrou em colapso.

— Espere. Está ouvindo isso? — inclino a cabeça para o lado. Ali está. O som é mais alto agora. Alguém está gritando meu nome e sou

tomada de alívio ao reconhecer a voz.

— Enzo — diz Will, lançando um sorriso a Damone. — Acho que nem todo mundo na universidade acredita que passar na frente é mais importante do que uma verdadeira liderança.

Usando a voz de Enzo como guia, seguimos com cuidado pelo extenso corredor. Por mais que queiramos correr, nos forçamos a ir devagar para observar coisas que possam estar à espreita nas sombras. Não queremos enfrentar outra situação como a de que acabamos de escapar. Passamos por uma porta à esquerda. Outro corredor imenso. Mais cartazes desbotados e fotos de animais. Cartazes sobre hábitos alimentares. Comportamento. Anatomia. Cartazes de uma velha sociedade que enjaulava animais para divertimento e educação.

A voz de Enzo fica mais alta. Mais perto. Sinto cheiro de ar fresco. A ideia de liberdade acelera nossos passos. Damos mais uma virada para esquerda e vemos uma entrada aberta. Luz do sol. E Enzo parado perto da soleira, parecendo aliviado por nos ver. Chega de jaulas e árvores sintéticas. Liberdade.

Quero me sentar no chão e apreciar o momento, mas já perdemos muito tempo. Outras equipes provavelmente já encontraram o “ninho”. Temos de nos mexer se é que ainda temos chance de ganhar. Enquanto os outros podem acreditar que este é apenas um jogo criado pelos estudantes do último ano, eu não sou boba.

A boa notícia é que nossa mais recente aventura me deu uma ideia de onde precisamos ir para encontrar a primeira missão. Devolvendo a lanterna para um curioso Enzo, digo: — Vamos te pôr a par do que aconteceu, enquanto andamos. Não podemos ficar muito para trás, se queremos chegar em primeiro.

Enquanto descemos pelo caminho, Will resume para Enzo o que aconteceu dentro da antiga casa de macacos. Deixo Will contar a história, enquanto vou à frente do grupo, procurando algo que me dará uma pista da direção que deveríamos tomar. Enzo faz uma porção de perguntas. Principalmente sobre a cobra. Enzo acha que Will está

exagerando o tamanho do réptil, o que não é de surpreender, uma vez que Will tende a ser superdramático.

Estou prestes a dizer isso, quando Damone fala pela primeira vez desde que viu o animal: — Will está falando a verdade. Nunca vi nada parecido — Damone para de andar. — Como é que os graduandos deixam a gente em um lugar com uma coisa daquelas? Eles disseram que era para ser engraçado, mas eles podiam ter matado a gente.

— Não acho que eles sabiam que a cobra estava naquele prédio — digo. — Provavelmente ela entrou pelo telhado, depois que eles puseram a armadilha na jaula.

Will concorda. — Temos muitas cobras na Colônia Madison. Elas estão sempre se enfiando em lugares sem que ninguém veja. Minha mãe achou uma de dois metros no armário dela, enrolada em volta de um par de sapatos. Ninguém sabe de que jeito ela entrou lá. Papai usou a balestra do meu irmão para tirar ela de lá.

A menção da balestra me faz encolher. De repente, estou em outro lugar. Uma ponte com uma batalha de balestras voando pelo ar em minha direção. A imagem some.

Damone cruza os braços sobre o peito. Embora sua atitude seja beligerante, posso ver o medo à espreita em seus olhos. Esfregando as têmporas, digo: — Esta área ainda não foi revitalizada, o que significa que temos de prestar atenção em pegadas e excrementos e evitá-los, se possível. Tendo sorte, a próxima locação será em algum lugar que as cobras não estão interessadas em chamar de casa. É claro que para descobrir isso, temos de achar a locação. E acho que posso ter uma ideia de onde precisamos ir.

— Aonde? — Enzo pergunta, quando viro e sigo pela trilha.

Passo por cima de um grande galho quebrado. — Meu pai tem um monte de livros sobre biologia animal. Sua equipe usa-os quando está trabalhando em modificação genética em algum tipo de animal da nossa fazenda, mas os livros incluem informações sobre todos os tipos

de animais, inclusive seu comportamento. Comportamento como o acasalamento — embora eu nunca tenha querido entrar em engenharia biológica, folhee cada livro, devorando as ilustrações e as palavras, fascinada com a ideia de que, em algum lugar, algumas dessas criaturas ainda poderiam caminhar sobre a terra.

— Nós já decidimos que estamos procurando um ninho de passarinho — diz Damone.

— Não são só os passarinhos que fazem ninhos—, digo. — Não acho que os graduandos fariam um enigma com uma resposta tão simples. Vocês acham?

Will sorri. — Nem por um minuto. O que significa que o tesouro prateado é alguma coisa em que normalmente não pensaríamos. Alguma coisa como um leão ou um tigre.

— Ou um gorila. — Enzo olha para mim e concordo com a cabeça.

— Gorilas de costas prateadas. Pensei neles quando vi os escritos nas paredes no prédio onde estávamos. Não sei se este lugar costumava abrigar gorilas, mas se a resposta for sim, tenho certeza de que vamos encontrar ali o que quer que seja que devemos estar procurando.

O caminho vira para esquerda. Passamos por mais árvores, uns dois bancos podres e áreas que devem ter sido usadas para exibir animais. Avisto uma placa apagada, caída em frente a uma das áreas. Representa um animal de pescoço comprido. Esta deve ter sido a seção onde eles mantinham girafas. A próxima jaula não tem placa, mas mais para frente encontramos outra, coberta de sujeira. Quando Will raspa a imundície, aparece a ilustração de um elefante.

Passamos por cercas e muros quebrados, procurando cartazes. Leões, babuínos, zebras. Animais sobre os quais ouvimos falar, mas que nunca vimos. Também há ilustrações de animais que não conseguimos identificar. A trilha circula para a direita. Mais jaulas de animais. Mais árvores sofridas. Construções arruinadas das quais nenhum de nós quer chegar perto, para o caso de haver mais armadilhas instaladas. Em

algum lugar a distância, ouvimos um grito. De desânimo? De vitória? A única coisa que podemos ter certeza é que pelo menos outro time está perto.

Estamos prestes a seguir a trilha à direita, quando Enzo avista uma grande tabuleta em uma cerca caída à nossa esquerda. A ilustração e os dizeres estão apagados, mas apesar do tempo e da sujeira, podemos ver as letras *d n i g o r l a f l o r s t*. Ninguém faz ideia de qual poderia ser a primeira palavra, mas todos nós achamos um bom palpite que as duas últimas sejam *gorila floresta*.

A trilha à esquerda vira em meio às paredes quebradas de dois prédios. A estrutura de pedra de um único andar, à direita, ainda está em pé, embora a maneira como as paredes estão inclinadas me faça pensar que isso não vai ficar assim por muito tempo. À nossa esquerda, há um telhado em formato de cone, pousado sobre uma pilha de lascas de madeira e pedra quebrada. Atravessamos entre os dois, passamos por cima de uma árvore caída que está bloqueando a passagem e chegamos a uma longa ponte suspensa que se estende sobre um rio. Do outro lado, há uma estrutura, na maior parte intacta, cercada por um alto muro de pedra. Ao contrário do resto do zoo, a ponte está bem conservada. Cabos fortes de metal. Pranchas espessas de madeira. Corrimão de corda dos dois lados.

Will olha a ponte e olha para mim. — O que você acha?

Coloco a mão no corrimão de corda e puxo para baixo para testar sua força. — Alguém teve um baita trabalho pra ter certeza de que poderíamos chegar ao outro lado.

— Provavelmente as mesmas pessoas que puseram a armadilha na jaula do macaco. Will coloca um pé na ponte, com cuidado. — Vamos torcer pra, desta vez, eu não acabar pendurado pelos tornozelos.

Will dá vários passos e depois pula várias vezes. Quando a ponte resiste, o restante de nós vai em frente. A água abaixo é marrom-escuro. Contaminada, mas provavelmente bebível, se ficarmos

desesperados. Espero que a gente termine essa parte da tarefa da Iniciação e siga em frente, antes que tenhamos de testar isso aí.

Chegamos ao fim da ponte suspensa e ouvimos vozes. Várias. Além do muro de pedra. E embora eu não consiga entender as palavras, entendo o tom. Pelo menos uma equipe ainda está no zoo e, sejam quem forem, estão felizes.

Subo em uma árvore próxima ao muro e dou uma espiada. A área atrás do muro está cheia de pedras, árvores desfolhadas e uma terra cinza. A falta de grama e a condição das árvores significam uma contaminação mais severa. Os graduandos devem ter escolhido esta localização por causa disso. O fato de saber que temos de terminar esta tarefa depressa ou nos arriscamos a ficar doentes, se soma à pressão sob a qual estamos trabalhando. Perto de uma das árvores estão Griffin, Raffé e os outros dois membros da equipe deles. Os olhos de Griffin estão semicerrados e sua boca se curva de maneira agressiva, quando ele grita alguma coisa para única menina da equipe. Ele é pelo menos quinze centímetros mais alto, mas a menina não se furta à confrontação. Em vez disso, aponta uma grande arca de madeira que está no chão e grita de volta. A arca está marcada com um grande número 1 branco. Perto, há mais três arcas marrom-escuro, marcadas com os números 2, 3 e 4.

— O lugar é aqui — digo e me puxo para o alto do muro. A equipe de Griffin fica quieta quando meus pés tocam o chão. Eles não dizem nada enquanto, um por um, meus colegas pulam para dentro. Juntos, vamos até a arca marcada com o 3. Quando aceno com a cabeça para Enzo, ele abre a tampa. Dentro, tem outra arca menor. No alto dessa arca há um envelope cinza. Enzo passa o envelope para mim. Eu o abro, tiro uma folha de papel dobrado e leio: — Complete o quebra-cabeça para receber o indicador da sua equipe e a pista para a nova localização.

Enzo abre a tampa da próxima arca e espiamos dentro. Uma pequena caixa de metal. Na lateral da caixa há um teclado. Próximo à

caixa, um pedaço de papel traz as seguintes instruções: *Insira as respostas às perguntas no painel, para destrancar a caixa. Responda com cuidado. Uma resposta errada resultará em uma penalidade de sessenta minutos, antes que sua equipe possa tentar responder novamente. Tente não errar duas vezes.*

Dou uma olhada na equipe de Griffin, que nos observa da pequena sombra que encontraram sob uma árvore estéril. Eles devem ter respondido errado e agora estão esperando sua chance de tentar de novo. A cada segundo de espera, eles aumentam sua exposição aos contaminantes que retorceram as árvores e tornaram até os trevos em um amarelo doentio. Eu me pergunto se eles percebem o perigo. O fato de terem crescido na cidade revitalizada pode tê-los deixado menos atentos ao sinal de contaminação química. Penso em preveni-los, mas minha equipe já começou a trabalhar na tarefa: um problema de Física em três partes.

A primeira parte pergunta o tempo que leva para uma pedra atirada horizontalmente chegar ao chão, se for jogada em uma velocidade de cinco metros por segundo, de um despenhadeiro com 64,7 metros de altura. A segunda parte quer saber a distância que a pedra cairá, em relação à base do despenhadeiro. A última questão pede que calculemos a velocidade final da pedra, a magnitude e a direção, quando ela chegar ao chão.

Ignorando os quatro pares de olhos que nos olham ressentidos e usando gravetos como lápis e o chão para escrever, nós nos pomos a trabalhar. De cara fica claro que Física avançada não é a matéria mais forte de Will ou Damone. Mesmo assim, eles conferem e tornam a conferir as minhas respostas e de Enzo, até que nós quatro concordamos. Embora as respostas não sejam fáceis, a parte mais arriscada é como digitá-las no teclado. Será que nossas respostas deveriam usar abreviações para metros por segundo ou devemos colocar as palavras por extenso? A escolha errada implicará fazer companhia a Griffin e sua equipe até que nos seja permitido tentar de novo.

Como todos os nossos professores sempre usaram abreviações na classe, optamos por usá-las agora. Enzo lê calmamente as respostas em voz alta e eu as pressiono no teclado. Quando as três respostas foram dadas, prendo o fôlego e aperto *Enter*.

Há um clique e a caixa se abre. Will e Enzo fazem um “toca aqui” com as mãos. Damone fica de lado e sorri para Griffin e companhia, enquanto retiro da caixa um envelope cinza e um disco vermelho marcado com o número 3. Dando uma olhada para a outra equipe, sugiro que a gente espere para ler a próxima pista até estarmos sozinhos. Quando ninguém discorda, enfio os dois objetos na minha sacola da universidade e caminho até o muro de pedra.

Will dá um impulso a Enzo e depois escala o muro. Quando Damone se ergue, ouço um som de sino. Griffin e sua equipe estão correndo de volta para sua caixa. A penalidade deve ter chegado ao fim.

Meus dedos agarram a pedra. Meus pés me impulsionam para cima. Estou prestes a jogar a perna para o outro lado do muro, quando Griffin grita. Olho por cima do ombro a tempo de ver um flash de luz. A surpresa faz com que eu solte o apoio, quando alguma coisa explode.

AO CAIR NO chão, meus pulmões não conseguem buscar ar. Lutando para respirar, rolo de lado e espio por uma nuvem de fumaça na direção dos gritos que vêm de trás de mim. Alguma coisa está pegando fogo.

Não, não é alguma coisa, é alguém.

Fico de pé, ponho minhas sacolas no ombro e corro. Meu coração golpeia a cada passo. Um grito feminino pedindo ajuda atravessa o ar. Quando chego mais perto, vejo Raffé batendo chamadas que sobem pelo seu braço esquerdo. A menina continua gritando. Griffin tira sua camisa e a usa para abafar o fogo, enquanto o outro menino observa. Imóvel. Paralisado de terror.

Quando chego até ele, Raffé está amparando seu braço machucado junto ao corpo. Seu maxilar está travado de dor. Os olhos de Griffin se estreitam, quando puxo uma toalha e uma garrafa de água da minha sacola e peço que ele me ajude a limpar e enfaixar o machucado. Apesar de sua desconfiança, ele pega o braço bom de Raffé e ajuda a deitá-lo no chão com cuidado. Usando meu canivete, corto o tecido queimado da manga de Raffé e examino o trecho de carne machucada que se estende da porção logo acima do pulso até abaixo do cotovelo. O ferimento deve ter sido doloroso, mas não é tão grave quanto

poderia ter sido. O modelo folgado da camisa ajudou a manter as chamas longe de sua carne o bastante para impedir bolhas ou coisa pior. O irmão de Tomas uma vez se queimou quando o motor de um trator pegou fogo. As queimaduras levaram meses para sarar. Esta aqui vai causar incômodo a Raffé, mas não deverá fazer com que perca muito a energia. Principalmente se o machucado for mantido limpo.

Corto a toalha em vários pedaços e molho o primeiro com água. Raffé trava os dentes, enquanto limpo a queimadura. Começo a enfaixar, quando ouço: — Você deveria usar isto aqui antes.

Enzo estende um tubinho branco de pomada antibiótica. Deve tê-lo colocado em sua sacola da universidade, quando eles nos aconselharam a ficar preparados. Estou agradecida que tenha feito isso. Espalho a pomada fria no braço de Raffé e vejo que seus ombros ficam menos tensos. Quando termino, devolvo o tubo a Enzo, envolvo o braço de Raffé com as ataduras improvisadas e dou um nó firme.

Raffé toca seu braço machucado com a mão direita e olha para mim: — Obrigado. Você não tinha de voltar e ajudar.

— Tinha — encaro Raffé e depois olho para os outros da sua equipe, que estão me olhando com vários níveis de ansiedade, raiva e desconfiança. — Tinha sim — fazer menos do que aquilo seria ir contra tudo o que meus pais me ensinaram. Desonraria a colônia onde cresci. — Mantenha o machucado limpo, evite tocar os trechos amarelos de terra aqui em volta e você ficará bem. temos de ir.

Raffé concorda com a cabeça e sigo meus colegas de volta para o muro. Quando jogo minha perna por cima, ouço-o gritar: — Só pra você saber, a gente ainda vai ganhar de vocês.

Não posso deixar de rir e grito de volta: — Tente — antes de cair do outro lado.

Decidimos esperar até chegarmos à saída do zoológico antes de abrir nossa próxima pista. Quando chegamos às pontes, encontramos três pequenos flutuadores de prata à nossa espera, marcados com os

números 1, 2 e 3. A equipe quatro já deve ter partido para a próxima parte desta tarefa da Iniciação.

Enquanto Will e Damone verificam nosso flutuador, Enzo e eu quebramos o lacre do envelope e lemos em voz alta: *Vá até o lugar onde veículos armados um dia deixaram a terra e foram para o céu. Sua próxima pista e missão esperam ali para a tentativa de sua equipe.*

— A base da velha força aérea. Certo, Damone? — Enzo pergunta.

— Esse seria o meu palpite — diz Damone, abrindo a cabine dianteira do flutuador. — Vamos embora.

— Esperem — diz Will. — Nós queremos ser a primeira equipe a terminar este desafio, certo?

— Você só percebeu isto agora? — Damone fala com desprezo.

Um lampejo de raiva passa pelo rosto de Will, mas sua voz está calma quando ele diz: — Uma equipe já foi, mas as outras duas ainda não chegaram a seus flutuadores. Se eles tivessem que andar, com que rapidez vocês acham que eles chegariam ao fim deste desafio?

A boca de Damone se abre em um sorriso desagradável. — Talvez você seja mais esperto do que eu pensava. Podemos começar com este daqui.

— Não.

Todos os olhares se voltam para mim. Os olhos de Will, normalmente faiscando de charme, estão agora cheios de estimativas.

— Não. A gente não precisa sabotar as outras equipes pra vencer.

Will franze o cenho: — Mas se isso ajudar a gente a ganhar...

— Qualquer pessoa que tenha de trapacear pra ganhar não merece estar aqui. E também não faz parte da minha equipe. Tem uma equipe à nossa frente. Prefiro gastar nosso tempo alcançando-a, do que sacaneando equipes que já estão pra trás. Se vocês não concordarem, podem ficar aqui e fazer a merda que bem entenderem. Dito isso, subo no nosso flutuador.

Com o canto dos olhos, posso ver meus colegas olhando para mim com vários níveis de preocupação ou descrença. Enzo dá um passo em

direção ao flutuador, mas Damone grita para que ele pare, que estou blefando e não vou deixá-los para trás. Pode ser que ele tenha razão, uma vez que deixar minha equipe aqui por conta própria só vai encorajá-los a roubar um flutuador que pertença a uma das outras equipes. Só tenho de torcer para que minha ameaça de deixá-los para trás faça com que abandonem a ideia de sabotagem.

Ignorando a discussão que acontece lá fora, dou uma olhada nos controles. O flutuador é bem parecido com o que meu pai usa em Cinco Lagos — velho, assentos gastos e uma cabine que mal dá para quatro pessoas apertadas. Deslizo para detrás dos controles e aperto o botão *Start*. É preciso tentar duas vezes para que ele funcione. Quando o motor pega, puxo a alavanca de flutuação e sinto o flutuador vibrar conforme deixa o chão. Só quando comando o veículo para frente é que meus colegas correm até ele.

— Espere. — Will é o primeiro a chegar.

Paro o flutuador, faço com que volte para o chão e abro a porta para deixar meus colegas entrar. Will ri ao subir no assento ao meu lado. — Você sabe como se fazer ouvir. Vamos fazer a coisa à sua maneira e ganhar, sem interferir com as outras equipes, certo? Isso vai fazer com que seja ainda mais divertido quando a gente comemorar ter posto eles no chinelo. Agora, o que interessa mesmo é se você sabe pilotar bem esta coisa pra chegar antes da outra equipe na próxima locação.

Embora eu me julgue capaz de pilotar o flutuador, fico feliz quando Will pergunta se pode trocar de lugar comigo e assumir os controles, uma vez que só dirigi um desses um punhado de vezes.

— Está vendo? Eu sabia que você não ia conseguir controlar este troço — diz Damone, deslizando para o banco de trás. — Will e Enzo deviam ter me ouvido. Em vez disso, eles se rendem para uma menina que não entende o que custa ganhar e exagera na reação a uma ideia diferente da dela. Quando isto aqui terminar, vou ter de

conversar com o meu pai sobre os critérios de admissão mais baixos em relação aos alunos das colônias.

As mãos de Will se contraem na direção, mas ele não diz nada para defender ou condenar minhas ações. Enzo também permanece quieto, enquanto Will puxa a alavanca e faz o flutuador se suspender do chão. Apesar de eu não achar que estava errada em insistir que vencêssemos com nossos próprios méritos, não posso deixar de pensar se os que estão no comando vão me avaliar à maneira de Damone: fraca, histriônica e incapaz de liderar.

Damone me observa com um sorriso arrogante. Está gostando da dúvida que instilou na minha cabeça e na dos meus colegas. Decidida a provar que ele não está certo, engulo meu mal-estar e discuto a locação da nossa próxima missão.

A folha de instruções dos graduandos diz que o local número dois envolve uma aeronave. A pista diz que os veículos que voam no céu estão armados. Os antigos Estados Unidos tinham várias forças militares que ajudaram a defender o país: terra, mar e ar. Apesar de eu nunca ter ouvido falar na base da força aérea cuja direção Enzo e Damone explicam a Will, não tenho dúvida de que o destino esteja certo.

— Qual é a distância que temos de percorrer pra chegar lá?— Will pergunta, quando o flutuador dá um tranco para a frente.

— Não tenho certeza exata de onde estamos agora, mas a base fica além do limite sudeste de Tosu City — diz Enzo.

— Eu posso dizer pra vocês onde a gente está — pesco o Comunicador de Trânsito na minha sacola e aciono o interruptor. Leio nossas coordenadas atuais. Segundo Enzo e Damone, estamos um pouco além dos limites de Tosu City, no lado nordeste. Após certa discussão, insiro nosso melhor palpite para as coordenadas da base. O visor indica que a base aérea fica a 18 km de distância. Nosso flutuador é lento, mas desde que não quebre e a gente não se perca, deveremos chegar lá em menos de uma hora.

Com as mãos firmes no controle, Will não faz nenhuma de suas gracinhas enquanto se concentra em dirigir o flutuador para leste.

— Por onde? — Will pergunta, quando chegamos a uma estrada larga. Podemos seguir a estrada em que estamos viajando agora, que vira para sudoeste ou descer a colina até uma estrada menor que vai para sudeste. A sudoeste vejo mato, árvores secas e solo cinzento. Uma região que ainda precisa ser revitalizada. A sudeste estão os contornos de prédios e uma vida vegetal mais saudável.

De acordo com o visor do Comunicador de Trânsito, a trilha do sudeste é o caminho mais curto, mas pode não ser o mais indicado, uma vez que parece passar diretamente por dentro da cidade. Navegar o flutuador por ruas cheias de gente e de outros modos de transporte poderia levar mais tempo do que viajar pelos arredores.

— O que você acha, Will? — pergunto.

— Por que você está perguntando pra ele? — Damone cruza os braços em frente ao peito. — Está com medo de tomar uma decisão por você mesma?

— O Will é quem está pilotando este troço — respondo. — Ele é que deveria ter a palavra final sobre a direção que vamos tomar.

Damone parece que quer discutir o assunto, mas Will o interrompe. — Os controles não estão respondendo. Podemos ir mais depressa, mas estou preocupado em bater nos prédios quando tiver de virar.

— Tudo bem — digo, antes que Damone possa rebater. — Vamos embora.

Usando o Comunicador de Trânsito como guia, Will dirige o flutuador para o sudoeste. Pela janela à minha frente, vejo um rio que corre paralelo à estrada. A água tem um tom verde, mas, fora isso, é clara. À nossa esquerda, a distância, vejo o centro revitalizado da cidade. Mais próximo, talvez a uns oitocentos metros, há prédios desmoronados, paredes quebradas, ruas vazias. Percorro o horizonte procurando sinais de gente, mas não vejo nenhum.

— Tem gente que mora aqui? — pergunto. Fico surpresa em ver uma área tão perto da cidade desabitada, depois de cem anos de revitalização. Em Cinco Lagos, a equipe do meu pai está constantemente trabalhando para aumentar os limites de nossa comunidade revitalizada. Com tantas pessoas vivendo em Tosu City, fico surpresa que eles não tenham se empenhado mais para reparar a terra e se espalhar.

— Não muita —, diz Enzo. — A maior parte das fazendas e das fábricas de flutuadores está localizada ao norte, o que faz com que a Comunidade Unida encoraje os que queiram deixar a cidade a ir naquela direção. Ninguém quer se mudar sozinho para áreas não revitalizadas. Meus pais conversaram sobre isso uma vez, mas tem perigos demais fora dos atuais limites da cidade. É mais seguro ficar onde estamos.

Olho para a cidade e seus prédios. Mais de cem mil pessoas vivem naquela área. Elas têm energia, água limpa e o conforto de estar perto umas das outras. Poucos animais selvagens se arriscam a entrar nas ruas. Não há ameaça dos produtos químicos que ainda contaminam a terra além dos limites da cidade. Posso entender por que as pessoas escolhem essa segurança para si e para sua família. Tem alguns moradores de Cinco Lagos que preferem morar perto da praça, onde têm menos chance de ataques de animais ou de ser isoladas durante uma emergência. No entanto, a maioria de nós está espalhada. Se necessário, podemos sobreviver por nossa conta. Fico pensando em quantas pessoas em Tosu City poderiam dizer o mesmo.

Enzo foi o primeiro a avistar o alambrado que indica que chegamos ao nosso destino. A cerca tem pelo menos dois metros e meio de altura e se estende ao longe de cada lado. Quando chegamos mais perto, posso ver os avisos sujos de terra afixados nela:

perigo.

esta área não foi revitalizada.

material perigoso dentro.

não entre.

— Como é que vamos encontrar a próxima missão? — Damone pergunta. — Esta cerca segue por quilômetros.

— Os graduandos querem que a gente encontre a missão — argumento. — Eles devem ter feito a locação óbvia. — É o que eu espero.

Will dirige o flutuador para leste ao longo da cerca, enquanto o resto de nós procura sinais da próxima tarefa da Iniciação. Ali. À luz do sol do meio da tarde, uma bandeira vermelha abana do alto da cerca a cem metros de distância. Quando chegamos ao local e saímos do flutuador, quatro arcas enormes, com cerca de um metro de largura e dois metros de comprimento estão colocadas no chão próximo à cerca. Nenhuma das arcas parece ter sido mexida. Somos a primeira equipe a chegar.

Enquanto Damone dá socos no ar, Will abre a tampa da arca. Dentro tem uma caixa de aço apenas um pouquinho menor. Em cima do nosso contêiner há um teclado e um bilhete que diz:

Os aviões do passado usaram as leis de Newton de mobilidade para alcançar os céus. Agora é sua vez. Escolha um membro da equipe para entrar na caixa e feche a tampa. Quando a tampa travar, o indicador e a pista para a nova missão serão entregues. Resolva o problema no visor para soltar o membro da sua equipe e seguir adiante.

— Alguém tem de entrar lá dentro?— Enzo pergunta.

Will relê a nota e concorda com a cabeça. — É o que está dizendo aqui. — ele fecha a tampa da caixa de aço e torna a abri-la. — Deve haver um mecanismo de peso no fundo, que, quando é acionado, ativa a fechadura. Talvez a gente possa encher a caixa com pedras ou alguma coisa pesada o bastante para simular uma pessoa.

Duvido que os graduandos vão deixar a gente se safar com tanta facilidade, mas sigo a iniciativa de Will e empilho várias pedras pesadas dentro da caixa. Quando a fechadura mesmo assim não é acionada,

Enzo franze o cenho. — Eles devem ter sensores de calor instalados pra garantir que a gente observe as instruções.

Ou é isso ou estamos sendo observados.

— Tudo bem. — Will assente. — Quem vai entrar?

— A Cia — diz Damone. — Ela é a capitã e é a menor.

Ambas as razões são boas, mas a ideia de ficar fechada dentro de uma caixa de aço, dependendo da minha equipe para me soltar, me dá vontade de sair correndo para longe e depressa.

Damone nota minha hesitação e diz: — Você escolheu esta equipe, Cia. Você não confia o bastante no seu julgamento pra deixar que a gente resolva o problema por nossa conta?

Olho do rosto gozador de Damone para o de Will, com sua falta de expressão e para o rosto preocupado de Enzo. Os três são inteligentes. Eles não estariam frequentando a universidade se não o fossem. Será que eu acredito que eles vão conseguir a resposta certa para qualquer que seja o problema que for dado? Confio neles com a minha vida? Não. No entanto, não tenho escolha. Damone me encurralou. A recusa vai causar hostilidade na equipe. Mesmo que a gente passe a Iniciação, terei feito inimigos.

— Tudo bem — digo enquanto ponho a sacola verde da equipe no chão e entro na caixa fria de aço. Pequena como sou, tenho de dobrar os joelhos e torcer os ombros para caber no contêiner.

— Por que você não me dá a sua sacola — Will se oferece e pega nas alças. — Assim você fica com mais espaço.

— Não. — puxo a sacola bem junto ao peito. Mesmo tendo sido manipulada para colocar minha vida nas mãos da minha equipe, não vou confiar meus segredos para eles. O Comunicador de Trânsito vai ficar trancado comigo na caixa.

— Tome. — Enzo coloca a lanterna na minha mão. — Vamos tirar você daí rapidamente. Juro.

Enquanto vejo Will fechar a tampa, torço para Enzo estar certo. O metal se fecha sobre mim. Tudo fica negro. Ouço o travar da

fechadura que me diz que não tem como desistir. Até que minha equipe acerte na solução, estou presa.

Viro o botão da lanterna. O raiozinho de luz reflete o prata da minha prisão. Mesmo sabendo ser bobagem, empurro o metal acima de mim. Ele não se mexe. Corro os dedos ao longo da beirada da tampa. A vedação da caixa parece compacta. Um clique na lanterna confirma minha suspeita; não há indício da luz externa. A não ser que eu esteja enganada, o contêiner é hermético. Se minha equipe não soltar o mecanismo da fechadura a tempo, vou morrer.

Preciso conservar ar, mas minha respiração fica apressada e desconfortável. Saber que minha vida está nas mãos de alguém que no passado tentou me matar me enche de terror. A pulsação do sangue nas minhas veias ressoa alto nos meus ouvidos, abafando as vozes do lado de fora das paredes de aço. Ou talvez o material das paredes seja espesso demais para que eu ouça com clareza.

Afastando o pânico que lateja no meu peito, eu me concentro na respiração. Inspiração compassada. Expiração lenta. Na infância, meus irmãos gostavam de brincar de esconde-esconde. Como eu era a menor, podia me infiltrar nos melhores esconderijos. E, mesmo assim, meus irmãos nunca deixavam de me achar. Até que Zeen finalmente explicou que o som excitado da minha respiração me entregava. Precisei de prática, mas meus irmãos acabaram tendo de usar mais do que os ouvidos para me encontrar.

Quando minha respiração se estabiliza, eu me esforço para ouvir o que está acontecendo com a minha equipe. As vozes estão abafadas. Os resmungos me fazem perceber que eles estão trabalhando, mas não consigo saber qual é a missão ou quanto tempo ela vai levar. De tempos em tempos pesco uma palavra.

— Não... a segunda lei...

— ... força...

— ... errado...

No intervalo das palavras há só silêncio e as batidas do meu coração assinalando a passagem dos segundos. Minutos. Talvez horas. O tempo se congela. Durante esse período, penso em Tomas e fico imaginando que provas ele está enfrentando em sua própria Iniciação. Gostaria que ele estivesse aqui comigo, agora, para ajudar a me manter a salvo. O som de uma vibração, seguido por um grito de alegria me tira dos meus pensamentos, mas a porta da minha prisão não se abre.

As vozes lá de fora ficam mais altas. Pulo quando alguma coisa finalmente bate contra a caixa, mas a fechadura continua firme no lugar, enquanto meus colegas continuam a gritar palavras que não entendo, por mais que me esforce.

As vozes se calam. Para manter a calma, conto os segundos. Dez, vinte, sessenta, cem. Ainda nada. Apenas escuridão e silêncio. Será que minha equipe fracassou na missão e sofreu uma penalidade? Ou se saiu bem e optou por me deixar para trás?

Fecho os olhos com força, agarro minha sacola contra o peito e continuo com o ouvido atento a sinais de que minha equipe continua ali, de que não fui abandonada, de que não vou me sufocar no caixão de metal, de que não vou morrer aqui — sozinha.

O metal à minha volta vibra. Acima da minha respiração apressada, está o ronco do motor de um flutuador. Mais uma vez, confiei sem a menor garantia. Mais uma vez, vou sofrer as consequências.

Eu deveria ficar calma. Deveria respirar com cuidado para conservar meu suprimento de ar até descobrir uma maneira de sair daqui. Em vez disso, bato contra a tampa da caixa e grito. O som do motor poderia abafar os meus gritos, mas continuo gritando na esperança de que aqueles que estão me abandonando possam ouvir minha voz. Quero que eles saibam que estou viva agora. Que se eu morrer, a responsabilidade é deles.

Minha garganta está inflamada. Minhas mãos doem quando paro de bater. No entanto, agora, minha equipe se foi há muito tempo. Se quiser sobreviver, tenho de encontrar uma maneira de sair daqui.

Mexo-me no espaço apertado para poder alcançar os fechos da minha sacola. Meus dedos escavam entre os meus pertences até pararem no cabo do meu canivete. Um clique na lanterna inunda o pequeno espaço de luz. Faço força para mudar de posição no espaço apertado, enquanto corro a lâmina ao longo da parte superior e da parte inferior do lado direito da caixa, esperando encontrar uma brecha no projeto. Quando não encontro nenhuma, rolo para a esquerda para poder alcançar o outro lado.

Estou tão concentrada na minha missão, que mal registro quando ouço alguma coisa raspar contra a parte externa da caixa. Ouço o som novamente e prendo a respiração. Murmúrios. Bato três vezes na tampa, esperando que alguém entenda que estou presa aqui dentro. Quase choro de alívio quando três batidas ressoam como resposta.

— Aguenta firme, Cia —, alguém grita. — Estamos quase conseguindo.

O som de um ferrolho correndo confirma as palavras. O metal acima de mim se abre. Aperto os olhos contra a luz do sol e vejo os rostos de Will e Enzo espiando. Will me segura pelas mãos e me ajuda a me levantar e sair. Suas mãos me parecem quentes e fortes. À minha esquerda, vejo Jacoby e dois outros membros de sua equipe discutindo. Seu flutuador está a seis metros além deles.

— Ouvi o motor e pensei que vocês tivessem ido embora — minha voz está rouca de gritar. Evidência da minha falta de confiança.

— Eu teria pensado a mesma coisa. Will me entrega a sacola verde da equipe e dá uma olhada em um punhado de árvores que crescem perto da cerca, a uns quinze metros de distância. Olhando para nós, com raiva, do meio das árvores, está Damone. — Se fosse pelo Damone, teríamos dado o fora depois de ter respondido certo à primeira pergunta e conseguido a pista. Ele não estava interessado em perder tempo com a segunda parte, pra te soltar. Passaram alguns minutos, mas a gente fez com que ele visse o erro do seu jeito de pensar.

O hematoma escuro na bochecha de Will me dá uma ideia de como foi que aconteceu.

— Você entendeu errado —, grita Jacoby para a menina que está ao seu lado. — Sai da frente e me deixe tentar.

— Provavelmente a gente deveria soltar o Damone e dar o fora daqui antes que eles descubram a solução — diz Enzo.

— Acho que a gente deveria abandonar ele — um sorriso sem alegria cruza o rosto de Will. — Fazer com que ele experimente o próprio remédio. É o mínimo que ele merece.

Olho para caixa de aço onde Damone teria me deixado para morrer e meu coração endurece. Will tem razão. Damone deveria entender como é se sentir traído. Os líderes — líderes de verdade — têm de pensar nos outros antes de pensar em si. Têm de avaliar as consequências de suas ações e só sacrificar vidas quando as necessidades de muitos superam as necessidades de poucos.

E percebo que por mais que queira penalizar Damone por suas ações covardes, não posso. Seria o mesmo que fazer o que estou condenando em Damone. Sou a líder desta equipe. Não vou deixar para trás alguém que está sob minha responsabilidade.

— Damone vem com a gente — digo, tirando meu canivete da sacola da universidade. — Preparem o flutuador. Voltaremos em um minuto.

Sem esperar que concordem, caminho em direção ao punhado de árvores. O cinza depositado na casca acusa a falta de revitalização nesta área. No entanto, o estado das árvores e das outras folhagens não prende o meu interesse. O rosto congestionado de Damone e o olhar furioso sim. Ele fica quieto quando me aproximo e não diz nada, enquanto ando à sua volta para examinar as amarras que Will e Enzo improvisaram. Seus braços estão puxados em volta da árvore atrás dele e presos pelos pulsos com tiras de um tecido resistente marrom. O mesmo tecido com que é feita a camisa de Damone. Sua pele traz

marcas de sangue nos lugares em que foi esfregada contra a árvore nos esforços de se soltar.

— O que você quer? — Damone pergunta com desprezo. — Vai fingir de novo que vai me deixar para trás? Nós dois sabemos que você não consegue fazer isso. Consegue?

Por um momento, minha faca para. A vontade de deixá-lo para trás junto com suas agressões é enorme. É quase certo que fazer isto o impediria de assumir uma posição de liderança. Eu poderia evitar que ele tomasse decisões que afetariam a mim, minha família e meu país. Tudo o que preciso fazer é ir embora e negar tudo o que acredito.

Minha faca atravessa as amarras. Damone não agradece nem revela gratidão, enquanto vai a passos duros em direção ao flutuador. A raiva que deixei de lado volta. Dou dois passos e sinto meu pé se enroscar. Meus joelhos e minhas mãos têm um choque de dor quando atinjo o chão implacável. Lágrimas causadas pelas palmas ardendo, minha raiva contra Damone e meu desapontamento com meu próprio desejo de puni-lo cutucam o fundo dos meus olhos. Sinto saudades de casa. Da minha família. De Tomas. Das pessoas que me amam. Das pessoas a quem posso confiar minha vida.

Contudo, elas não estão aqui e preciso me mexer. Fico de joelhos e percebo que o que quer que me tenha feito tropeçar ainda está enroscado no meu tornozelo esquerdo.

Vou ver o que é e encontro um arame fino, flexível, onde esperava encontrar uma trepadeira ou uma raiz. Desengancho o metal do meu tornozelo com cuidado e o examino mais de perto. Nenhuma ferrugem. Nenhum uso. Estendido de onde estou até algum lugar à minha direita. Deslizando os dedos ao longo da extensão do arame, sigo-o até seu final, preso com competência em volta de uma moita pequena, mas cheia.

Uma armadilha. Simples, planejada para capturar um animal que saltasse por entre este agrupamento de árvores. Se um animal pisar dentro do laço ou puser a cabeça dentro dele e continuar andando, o

laço se apertará. Como aconteceu em volta da minha perna. Quanto mais o animal se debater, mais apertada ficará a armadilha. No entanto, em vez do jantar, esta armadilha me pegou.

— Você está bem?

Eu me viro e vejo Enzo parado perto de uma árvore maltratada, me olhando.

— Estou ótima — espano meus joelhos e dou uma olhada à procura de outras armadilhas. — Meu pé só se enroscou em alguma coisa.

Ali. A luz do sol reflete metal prateado. No entanto, desta vez, a armadilha está situada do outro lado da cerca. Quando começo a caminhar em direção a ela, Enzo diz: — Se não quisermos que a outra equipe passe na nossa frente, precisamos ir.

Enzo tem razão. Mesmo assim, vou em direção à cerca. — Só quero olhar de perto uma coisa. Um minutinho só.

— Cia — a voz de Enzo demonstra autoridade e um quê de nervosismo: — Não tem nada que a gente precise dentro da base da força aérea. Temos de voltar para o flutuador. Damone e Will não vão ficar esperando por nós muito mais tempo.

Olho para o flutuador e vejo Will acenando para nós. Enzo está certo. Está na hora de a gente ir. Dou uma última olhada na armadilha de arame no outro lado da cerca, antes de ir embora. Quando entro no flutuador, não acho que estou imaginando o alívio no rosto de Enzo ou a tensão que se esvai dos seus ombros. Ser deixada para trás já é razão suficiente para preocupação, mas será que sua ansiedade indica alguma coisa a mais?

A subida do flutuador e o ronco do motor tiram meus pensamentos do que está por trás e me reposicionam na missão à frente. — O que disse a última pista? — pergunto.

Enzo tira um papel cinza do bolso e me entrega.

O fim está à vista. A próxima parada está perto. Vocês devem procurar na fundação de nossa Comunidade Unida. Procurem pelo símbolo da casa

onde vocês vivem agora e achem o que buscam sobre seu assento.

A resposta parecia muito direta. — O prédio do Governo Central — digo.

— Foi isso o que pensamos — diz Will com os olhos firmes na estrada. Damone está sentado no assento ao seu lado, de braços cruzados, olhando pela janela. Salvá-lo da cobra e optar por manter nossa equipe intacta eram as coisas certas a serem feitas, mas ao fazer essas escolhas fica claro que também fiz um inimigo. No entanto, aí está, talvez ele sempre tenha sido meu inimigo e eu apenas não sabia disso. Mesmo depois de passar um dia todo com Enzo e Damone, sei muito pouco além do que já sabia sobre suas famílias ou sobre os valores com que foram criados. Com Damone dá para eu ter uma ideia. Seu ímpeto de chegar na frente à custa dos outros deve ter sido uma prática que ele aprendeu com seu pai, que tem ligações com o governo ou com os professores que o preparam para a universidade. No entanto, Enzo é um mistério. Da maneira como os outros o tratam, dá para eu imaginar que sua família não tenha ligações com o governo de Tosu. No entanto, a preocupação que saltou aos seus olhos quando fiz um movimento para examinar as armadilhas me determinaram a descobrir.

Pela maneira segura com que ele orienta Will pelo cenário que muda de terra e plantas para ruas, passagens e prédios pequenos, fica claro que Enzo cresceu nas redondezas. Analiso a paisagem pelas janelas sujas do flutuador. As construções e a vida vegetal que circunda as casas parecem bem tratadas. Mais parecidas com as moradias que criamos em Cinco Lagos do que as que vi no centro da cidade. Crianças param de brincar para acenar quando passamos. Moradores de bicicleta ou com o ocasional patinete motorizado dirigem pelas ruas enquanto as pessoas se apressam para qualquer que seja o dever que as espera.

O número de flutuadores particulares que enchem as ruas aumenta à medida que os prédios ficam maiores e menos espaçados. Alguns têm

cinco ou seis andares. Os livros nos contam que prédios mais altos já enfeitaram as ruas da cidade — alguns chegavam a mais de uma centena de metros de altura — mas eram altos demais, expostos demais para sobreviver aos tremores de terra e aos ventos destrutivos. Enquanto os edifícios mais altos arriaram no final dos Três Estágios da Guerra, a maioria das construções da cidade, embora abaladas e às vezes trincadas, continuaram fortes. Sua altura menor provou ser uma vantagem. Uma sobre a qual um país poderia se reconstruir.

O rosto de Will é uma máscara de concentração e suas mãos se apertam nos controles quando as ruas ficam mais cheias. Ele só conversa para perguntar a Enzo quando precisa de uma orientação quanto à direção que está tomando. Por fim, vejo a distância a margem do rio que indica que nosso destino está perto. O curso d'água cintila. Um tapete de grama saudável e verde emoldura o rio dos dois lados.

— Então, só precisamos achar um desenho de uma balança de dois pratos — diz Will, depois que dirige o flutuador em segurança para uma zona de veículos e desliga o motor. — Parece bem fácil.

— Fácil? — Damone fuzila Will com os olhos. — Você já entrou no prédio do Governo Central? Só por milagre a gente acha alguma coisa ali.

Detesto pensar nisso, mas conforme caminhamos em direção ao prédio do Governo Central, percebo que Damone tem razão. O governo da Comunidade Unida foi criado oficialmente há cem anos em uma grande estrutura que se situa na margem leste do rio. Com dois andares, paredes circulares e um domo pouco elevado como telhado, o prédio tem um projeto baixo, mas sólido, que o ajudou a sobreviver ao pior dos desastres naturais com pouco mais do que algumas janelas quebradas. A ausência de danos e os grandes espaços com capacidade para acomodar milhares de pessoas fez dele um lugar ideal para os sobreviventes da guerra que começavam a estabelecer as bases para um novo país.

É difícil imaginar aqueles primeiros dias em que a terra se acalmou e as pessoas começaram a avaliar os danos. Rios contaminados que causavam doenças ou coisa pior. Casas destruídas e um solo deteriorado demais para que as plantas crescessem. Um mundo cheio de tristeza e medo. Em vez de fechar as portas e se encolher no escuro, as pessoas se juntaram aqui para reunir seus recursos e restaurar a esperança.

Olho para a grande construção quadrada na área logo ao norte do prédio do Governo Central, agora denominada Hospital de Tosu City e Centro de Pesquisa Médica. Não sei como era chamada antes, mas foi usada como lugar seguro de moradia para os desabrigados ou os muito velhos, muito jovens ou apavorados de ficar sozinhos. Uma passagem fechada permitia que as pessoas atravessassem em segurança entre duas estruturas, sem ter de enfrentar os elementos químico-radioativos.

Foram eleitos líderes; formularam-se leis; organizaram-se equipes enviadas para fora para avaliar a cidade. Reuniram-se enlatados que foram racionados. Os mortos encontrados eram enterrados em uma fenda aberta por um terremoto no lado oeste da cidade. Foi organizado um grupo para procurar pela cidade sinais de plantas, animais e pessoas sobreviventes. A água foi fervida e filtrada. Mesmo assim, tomar água fazia as pessoas adoecer, o que levou os líderes a enviar os cientistas remanescentes aos laboratórios da universidade. Os cientistas usaram o equipamento que havia ali para fazer testes no rio, esperando descobrir uma maneira de torná-lo novamente puro.

Uma a uma, as construções foram restauradas e consideradas seguras. Famílias deixaram a segurança de morar com toda a comunidade e se mudaram para as próprias moradias. Cientistas encontraram plantas, como o trevo, que floresciam no solo danificado e começaram a interligar seus genes para conseguir uma vegetação menos resistente. Com esperança, organização e cuidado, o mundo voltou à vida.

E tudo isso começou aqui.

Pessoas se agitam pelo pátio ou conversam paradas em pequenos grupos. A uns trinta metros de onde estamos, há um pequeno lance de escada que leva à entrada do prédio de pedras beges. De cada lado da fonte há um mastro comprido de prata. No alto de cada um, uma bandeira. A vermelha, branca e azul do passado que nunca será esquecido e a outra, que exhibe um fundo completamente branco, arrematado com roxo. No centro do campo branco há uma única rosa carmesim. Branco para simbolizar esperança e pureza de propósito; roxo, pela coragem; as pétalas vermelhas da flor representam a promessa de um povo determinado a fazer a rosa e o resto do país florescer. Não posso deixar de pensar em como se permitiu que o Teste se desenvolvesse a partir dessa promessa. Será que os que a conceberam pretendiam que o preço do fracasso fosse tão alto? Quantas pessoas que caminham pelos corredores deste prédio conhecem a verdadeira natureza do Teste? Quantos mais se fingiram de surdos por não querer ouvir e reconhecer o que, por ignorância, toleram?

Subimos os degraus e olho sobre o ombro procurando as outras equipes. Nenhuma está à vista quando entramos em um cômodo que fervilha de atividade. A antecâmara está cheia de gente. Grandes painéis brancos que descem do teto de dois andares aquecem o cômodo com luz. Na parede à direita, há um mural das colônias e dos limites da atual Comunidade Unida. Exatamente à nossa frente, duas portas levam à Câmara de Debates.

— Por onde começamos a procurar? — Enzo pergunta. — Pela galeria de observação? Pelos escritórios?

Will franze o cenho. — Cia e eu viemos aqui para uma adaptação há dois meses. Não me lembro de ter visto nada que tivesse balanças. Por outro lado, só percorremos metade das salas do prédio.

— A gente deveria se dividir —, Damone sugere.

Basta eu pensar sobre a vontade de Damone de me deixar trancada naquela caixa para rejeitar a ideia. — Deveríamos ficar juntos. Caso

contrário, vamos gastar ainda mais tempo tentando encontrar uns com os outros.

Damone me olha sem expressão. — Tudo bem. você é a capitã. Você diz pra gente como vamos procurar em centenas de salas e encontrar a balança antes que a próxima equipe o faça.

— Não sei — admito, mas meu desejo de ter uma ideia melhor do que a de Damone me determinou a descobrir.

O líder de nossa adaptação disse que o prédio continha quase sessenta mil metros quadrados de escritórios, salas de reunião e câmeras de discussão. Procurar em tudo isso poderia levar dias.

— Estamos perdendo tempo. Será que alguém pode chegar a uma decisão já? Ou tudo que ensinaram pra vocês nas colônias é como conversar? — Damone olha bravo para mim e para Will.

Will devolve o olhar agressivo. — Pelo menos eles ensinaram alguma coisa pra gente. A única razão de você estar aqui é porque seu pai é um funcionário quente da Comunidade. Aposto que ele sabe onde está o símbolo da balança neste lugar. Pena que não está aqui pra gente perguntar. Em vez disso, estamos empacados com você.

Damone é rápido. Antes que eu me dê conta do que está acontecendo, ele empurra Will para trás, em direção à parede às nossas costas. Vejo o choque no rosto de Will, um momento antes que ele bata contra a superfície dura. Will agarra os ombros de Damone e investe, fazendo Damone cambalear para trás. Corro no meio dos dois, esperando colocar um pouco de bom senso neles, antes de sermos expulsos do prédio ou coisa pior.

— Parem — digo brava, tentando imitar o tom que minha mãe usa com meus irmãos, quando eles estão brigando. — A menos que vocês estejam querendo impressionar os oficiais do governo com seus ganchos de direita, acho que deveríamos encontrar o que viemos procurar aqui. Depois disso, estou pouco me lixando se vocês se esmurramem de um jeito estúpido. Certo?

Espero que Will ou Damone reajam. Nenhum deles o faz.

— Ótimo. — tiro meu cabelo da testa e respiro fundo. — Agora, talvez a gente possa voltar a resolver esta missão.

— Bem, de acordo com Will, não somos espertos o bastante pra resolver isso sozinhos — diz Damone com desdém.

— Não foi isso o que eu disse.

Dessa vez, Enzo interfere para manter a paz e eu deixo porque Will e Damone me deram uma ideia. A pista não dizia que nós tínhamos de encontrar a balança sozinhos. Embora o pai de Damone não esteja aqui para perguntarmos, há dezenas, se não centenas de oficiais do governo que trabalham no prédio todos os dias. Alguns deles devem saber onde está o símbolo da balança da justiça. Só precisamos perguntar.

Aproximo-me de uma senhora sentada em uma sala próxima, com uma divisória de vidro. Quando ela me vê olhando em sua direção, seus lábios se curvam em um sorriso simpático. Tomando isso como um sinal positivo, deixo os meninos e vou até ela.

A mulher desliza um painel de vidro, abrindo-o. — Posso ajudar? — seus olhos desviam-se para detrás de mim. Sem dúvida, ela está se perguntando se a ajuda de que preciso é em relação aos meus companheiros desarrumados e mal-educados.

— Estou torcendo pra senhora saber onde é que posso encontrar uma ilustração, uma placa ou uma estátua que traga a balança de dois pratos. Parece que existe uma dentro deste prédio.

Concordando com a cabeça, ela diz: — Se você passar por aquelas portas ali, acho que vai encontrar uma pequena representação desse símbolo nas costas da cadeira da juíza moderadora.

Ela aponta as portas duplas situadas entre dois mapas. As portas que levam à Câmara de Debates. Ao lado da porta, há um quadro com a programação das discussões e a votação do dia. Olho para o relógio preso na minha sacola. A sessão da Câmara de Debates está quase acabando. Depois de terminada, as portas da Câmara serão trancadas até que o saguão de debates se abra novamente — às nove

horas da manhã. A não ser que a gente consiga convencer alguém a destrancar as portas para nós, vamos ter de esperar para sondar a Câmara amanhã, durante um dos intervalos da sessão.

Esperar? Relembro a segunda linha da pista: *Procurem pelo símbolo da casa onde vocês vivem agora e achem o que procuram sobre seu assento.* Se a imagem da balança está em uma cadeira, então o que estamos procurando não vai esperar por nós quando a Câmara estiver vazia. Trata-se do que neste exato momento estiver sentado naquela cadeira: a juíza moderadora, Presidente Anneline L. Collindar.

AGRADEÇO À SENHORA por sua ajuda e caminho em direção às portas duplas. Na minha cabeça, tento reconstituir o que vi quando estive aqui. Na frente há um estrado elevado. Um pódio e uma cadeira no centro para a juíza moderadora, que lidera a discussão. Uma mesa e outra cadeira para o moderador assistente, que registra as atividades. Assentos e mesas no salão principal para os representantes de dez departamentos do governo. Mais lugares no balcão para aqueles que queiram observar ou, em alguns casos, acrescentar sua opinião à discussão. Quando estivemos aqui com nosso instrutor de adaptação, a maior parte dos lugares no balcão estava vazia. Os cidadãos estavam atarefados demais com seu trabalho, sua casa e com as crianças, para se incomodar com o tipo de alteração de lei que estava sendo feita.

Quando puxo as portas pesadas e entro, ouço uns murmúrios em algum lugar lá em cima, o que me diz que pelo menos hoje alguns dos assentos do balcão estão ocupados. A tribuna de debates também. Todos os dez líderes de departamento devem mandar dois delegados para representar seus interesses na tribuna de debates. Na última vez em que estive aqui, os vinte requisitados estavam presentes. Hoje, há pelo menos o dobro, ouvindo um orador explicar a necessidade de mais produção têxtil.

Meus colegas juntam-se a mim na entrada do saguão.

— O que você está fazendo?— Damone rosna. — Você não pode entrar na tribuna da Câmara de Debates quando o conselho está em sessão.

— A próxima pista está aqui — cochicho.

— Onde? — Will pergunta.

Respirando fundo, aponto para onde a líder do nosso país está sentada, com uma expressão hermética no rosto. — Ali.

— Você está louca? Damone pergunta. — Você não pode subir lá. Você vai fazer com que a gente seja expulso da universidade e preso, ou coisa pior.

Ele tem razão. Nosso instrutor de adaptação nos lembrou que a penalidade por entrar sem ser convidado na tribuna da Câmara dos Debates é a detenção. Fazer isso é considerado uma ameaça contra a presidente e o governo da Comunidade Unida. A penalidade foi instituída nos primeiros dias, quando o cansaço e a frustração dos cidadãos que não pertenciam ao governo passaram dos limites, resultando em feridos e, em uma ocasião, em morte.

Enzo concorda com um gesto de cabeça. — Se a próxima missão estiver ali em cima, vamos descobrir quando terminar a sessão. Só temos de esperar.

Quanto mais penso nisso, mais me convenço de que esperar não vai ser bom para nós. Até agora, cada uma das tarefas que nos foram propostas pelos graduandos testou habilidades específicas: Matemática, História, conhecimento mecânico. No entanto, além do conhecimento adquirido em aula, os testes mensuraram alguma coisa a mais. Eles julgaram nossa habilidade para trabalhar sob pressão. Para confiar uns nos outros. Ouvir as instruções e pensar de maneira crítica nos problemas. Os representantes do governo fazem todas essas coisas, mas os melhores fazem mais: eles seguem seus instintos e imaginam uma maneira de fazer o que precisa ser feito.

Conto quatro homens e duas mulheres vestidos de preto e parados perto da escada em cada lado do palanque. A larga faixa branca que trazem no braço direito identifica-os como membros da segurança. As armas ao lado deles e o respeito que os cidadãos do nosso país têm pelo trabalho desempenhado aqui têm garantido que nenhuma pessoa não autorizada tenha posto o pé na tribuna da Câmara de Debates há décadas.

Como não posso entrar na tribuna sem me arriscar a ser detida, tenho de descobrir outra maneira.

— Cia —, Will sussurra. — temos de esperar lá fora até que a sessão termine.

Damone, Enzo e Will dão um passo atrás, mas fico onde estou. Esta sessão vai durar mais meia hora. Então, a sala ficará fechada até amanhã. Damone poderia conseguir convencer um dos amigos do seu pai a abrir as portas e deixar que déssemos uma olhada, mas existe uma chance de que a presidente tenha de estar sentada no estrado para completarmos a missão. Esperar não vai ajudar. Tem de haver uma segunda opção, mas qual?

Ignorando os olhares de oficiais na tribuna de debates e os insistentes cochichos de meus colegas, olho em torno da sala à procura de uma solução. Minha mãe sempre me disse que a melhor maneira de resolver um problema é pedir ajuda. No entanto, embora isso tenha funcionado da primeira vez, duvido que a mulher no *lobby* vá poder me ajudar nesta próxima etapa, mesmo sabendo qual seja. Os oficiais da tribuna de debates poderiam estar aptos a me dar uma resposta, mas a não ser que eu queira dar um grito que atravessasse o saguão, eu...

Espere.

Fecho os olhos e relembro minha classe em Cinco Lagos. Sentada atrás de Tomas. Ouvindo nossa professora, enquanto ela discutia a criação desta sala. Os representantes do governo estabelecido escolheram este espaço para abrigar a Câmara de Debates porque queriam uma sala grande o suficiente para abrigar não apenas a

entidade governante, mas todos os cidadãos que desejassem expor suas preocupações. Nos primeiros anos da Comunidade Unida, a tribuna de debates ficava cheia de gente que queria opinar na reconstrução do nosso país. Durante as últimas décadas, nenhum cidadão comum pisou na tribuna da Câmara de Debates. Eles têm andado muito ocupados com a própria vida para assumir responsabilidades pelo governo e pelo país. No entanto, só porque ninguém nos últimos anos escolheu usar esse privilégio, isso não significa que ele ainda não exista. Ao final dessa aula, minha professora mencionou uma lei obsoleta que dizia que qualquer cidadão pode pedir uma audiência na tribuna da Câmara de Debates. Essa lei nunca caiu em uma prova, nem o fraseado necessário para ter acesso à Câmara. Na época, fiquei aliviada. Agora, não mais.

Levo vários minutos para localizar o cordão fino e escuro pendurado à esquerda da entrada, em uma alcova mal iluminada. Está coberto de poeira, mas quando o puxo, o gongo do sino de audiência ecoa pela sala. Uma por uma, as pessoas na tribuna desviam sua atenção do orador para mim. O homem hesita em suas palavras. Os oficiais da segurança levam as mãos aos coldres que trazem ao lado do corpo, mas não puxam a arma. Não ainda. Posso ouvir a surpresa nos sussurros abafados que vêm da galeria acima.

Parte de mim quer recuar. Evitar essa atenção. No entanto, a lei diz que o cidadão que toca o sino e segue o protocolo será convidado a adentrar a tribuna da câmara. Apesar de eu ser jovem e não ter importância para o trabalho da Comunidade Unida, sou uma cidadã. A lei me dá esse direito.

Só quem usa a frase correta recebe licença para entrar na câmara. Uma palavra errada e o demandante terá seu acesso negado pela falta de respeito em relação ao processo e àqueles a quem ele procura se dirigir. Dou três passos adiante, engulo o nervosismo e digo as palavras que eu e meus colegas aprendemos anos atrás: — Como todo cidadão tem não apenas o direito, como a responsabilidade de participar em ocasião oportuna deste governo, respeitosamente peço

permissão para me dirigir à juíza moderadora e aos representantes que atualmente presidem a tribuna da Câmara de Debates.

Tudo está quieto. A câmara inteira segura a respiração. Observando. Pensando se falei corretamente. Se vou receber permissão para ocupar a tribuna. O tempo fica congelado enquanto a presidente se levanta de sua cadeira e me analisa do outro lado do saguão.

— Permissão concedida. — ela confirma com a cabeça. — Você pode se aproximar.

Sou tomada pelo alívio. Mantenho a cabeça erguida e os olhos à frente, enquanto vou até os degraus da plataforma elevada. Subo quatro degraus e atravesso o palco, parando a um metro da líder da Comunidade Unida.

Meu coração bate várias vezes enquanto nos encaramos. Eu, com meu cabelo despenteado, roupas sujas, manchadas e amassadas, de pé no estrado de madeira. A presidente em frente a uma cadeira de madeira grande e preta, o cabelo curto de ébano perfeitamente arrumado e uma toga de gala vermelha.

Então, ela sorri. — O que o governo da Comunidade Unida pode fazer por você, cidadã?

A presidente tem quase vinte centímetros a mais do que eu. Seu rosto é longo e anguloso, não o que a maioria chamaria de lindo. No entanto, os olhos castanhos e amendoados e o queixo definido chamariam atenção em qualquer lugar. Quase todos os presidentes da Comunidade Unida foram mulheres. Tem sido argumentado que as mulheres são menos agressivas, mais maternais, e, portanto, mais voltadas para o bem-estar do povo do país. Menos focadas em política ou poder. Talvez isso seja verdade, mas não há nada de maternal na aparência ou na voz da presidente Collindar. Ambas trazem uma centelha de autoridade absoluta.

Respirando fundo, dou alguns passos para o lado para poder ver claramente as costas da cadeira. E sorrio. Pendurado em um arame nas costas da cadeira há uma imagem da balança da justiça. Engulo o

nervosismo, esfrego as palmas suadas na calça e digo: — Peço desculpas pela interrupção, presidente Collindar, mas acho que a senhora tem uma mensagem pra mim.

Os olhos da presidente vão até o balcão e depois voltam para mim.

— Na verdade, tenho. — o sorriso se abre quando ela tira um envelope cinza de aspecto familiar do bolso da sua toga. — Desejo-lhe sorte no resto dos seus estudos, senhorita...?

— Vale. Malencia Vale.

— De onde você é, senhorita Vale?—

— Da Colônia Cinco Lagos, senhora presidente.

Seus olhos se enchem de surpresa, mas o sorriso da presidente Collindar não muda ao estender o envelope. — Estou certa que vamos voltar a nos encontrar, Malencia. Faça uma boa viagem de volta pra escola.

Pego o envelope e ela se senta novamente em sua cadeira. Fui dispensada. Viro-me e dou uma olhada lá para cima no balcão, enquanto vou até os degraus. Uma dúzia de pessoas está espalhada pelos assentos da galeria. Entre elas, há dois rostos familiares. Uma professora Holt, de lábios apertados, observando todos os meus movimentos e o doutor Barnes, cujo olhar está fixo na única pessoa atrás de mim — a presidente Collindar. Não posso evitar pensar se a professora Holt e o doutor Barnes julgarão minhas ações corretas. Embora o objetivo fosse o envelope que está em minhas mãos, sei pelo Teste que a resposta certa nem sempre garante uma nota de aprovação. Chegar em primeiro durante esta Iniciação não significa que seremos destinados aos estágios mais importantes. O que vai determinar isso são as habilidades e a liderança demonstradas durante essas tarefas.

Esperando ter demonstrado quaisquer que forem as qualidades que o doutor Barnes e a professora Holt estão procurando em seus melhores alunos de Governo, vou até o corredor onde minha equipe está segurando as duas portas abertas. A expressão deles vai de comemoração a mal-humorada, enquanto passo por eles para a

antecâmara. Vejo a loira sentada atrás da divisória de vidro sorrir para o envelope na minha mão. Sorrio de volta e, quando as portas duplas se fecham com um toque macio, solto um suspiro de alívio.

— Não consigo acreditar que você falou certo as palavras para aquela petição. — Will ri e sacode a cabeça. — Eu teria dançado.

— Então, os administradores erraram ao deixar você entrar na Universidade — diz Damone. — Qualquer um que realmente faça parte dos Estudos Governamentais consegue dizer esse pedido. Ela não fez nada de especial.

Will olha para Damone com um sorriso tenso. — Desafio você a entrar na Câmara de Debates e pedir a própria audiência. Aposto o que quiser que você vai provar que não é aceito.

Antes que os dois recomecem a se empurrar, digo: — Em vez de discutir sobre a última tarefa, que tal a gente se concentrar na próxima? Está ficando tarde. Eu preferiria não ter de terminar esta Iniciação no escuro.

Como ninguém discorda, abro o envelope que me foi dado pela presidente Collindar e leio:

O fim está próximo. Logo vocês terão terminado. Agora é hora de se divertir um pouco. Voltem para o lugar onde vocês embarcaram nesta busca. A Iniciação espera aqueles que completarem um último teste.

O lugar onde embarcamos nesta busca? Há duas possibilidades. O zoológico, com suas armadilhas-surpresa nas jaulas de macacos ou a universidade, onde embarcamos nos flutuadores que nos levaram à primeira locação. Como a pista implica que nossa aventura de Iniciação estará completa depois que terminarmos a missão final e como nenhum de nós quer voltar ao zoológico para enfrentar outros habitantes mortais, subimos no flutuador e nos dirigimos para a universidade, a nordeste.

Damone conhece melhor esta área, então deixamos que navegue enquanto Will dirige pelas ruas movimentadas e bem cuidadas da parte sul de Tosu. O fato de estar no comando parece deixar Damone em

um clima mais animado, o que é um alívio. Faltando uma tarefa de Iniciação, precisamos que ele coopere.

Flutuadores particulares e alguns carros antigos cruzam as ruas bem pavimentadas ao nosso lado. Crianças jogam em pequenas quadras gramadas. Cidadãos com sacolas nos ombros percorrem as calçadas. Entro com as coordenadas que salvei no Comunicador de Trânsito e monitoro nosso progresso para o caso de Damone estar nos dirigindo errado. Temos um pouquinho mais de sete quilômetros para viajar até chegarmos à república dos Estudos Governamentais.

Os prédios que ladeiam as ruas ficam menores. Algumas das ruas por onde passamos estão rachadas. Os telhados das casas, caídos. As crianças brincando ao ar livre usam casacos e sapatos gastos. Suas bochechas são encovadas. Os olhos, resignados. Posso ver o queixo de Enzo se enrijecer, enquanto percorremos essas áreas, que logo dão lugar a casas maiores, perfeitamente restauradas.

— A casa dos meus pais fica a poucos quarteirões pra baixo — Damone aponta um quarteirão cheio de grandes construções, gramados verdes e árvores pequenas, mas saudáveis. — Minha escola é aquela — ele indica um grande prédio branco cercado, na outra direção. As janelas refletem a luz do sol. A tinta parece nova. Várias crianças de casacos grossos e coloridos estão sentadas nos degraus da frente da escola, rindo. Têm os rostos redondos e saudáveis. A diferença entre as crianças da escola e as que nós vimos poucos quarteirões atrás forma um contraste extremo.

— Por que as ruas não são todas como esta? — pergunto baixinho a Enzo.

Depois de lançar um olhar a Damone, que está mandando Will ir mais depressa, Enzo inclina-se para frente e diz: — Todo setor da cidade tem um membro do conselho de Tosu que solicita recursos e serviços para as pessoas daquele setor. As pessoas nas ruas onde cresci não eram tão simpáticas com seu membro do conselho, quanto as pessoas no bairro de Damone.

— O que isso tem a ver? — pergunto.

— Está falando sério? — ele sacode a cabeça. — Só porque os membros do conselho devam representar todas as pessoas do seu setor, isso não significa que eles o fazem. As pessoas só querem saber de si mesmas e dos seus amigos.

Enzo fica quieto e olha pela janela do flutuador enquanto os prédios passam depressa. Mal registro os sinais que anunciam nossa proximidade com a universidade, enquanto penso nas palavras de Enzo. Cresci acreditando que nossos líderes tinham aprendido com os erros do passado. Que, pelo menos, os Sete Estágios da Guerra nos ensinaram que a vida é frágil e preciosa. Que aqueles que sobreviveram têm a obrigação não apenas de reparar os danos, mas de nunca repetir as ações que nos levaram à beira do desastre. A desconfiança e a raiva levaram governos a gritar palavras furiosas. Palavras furiosas fazem com que bombas sejam jogadas. Um mundo destruído.

Talvez seja o tamanho da população que permita que líderes negligenciem alguns dos que vão atrás deles em busca de ajuda. Na colônia Cinco Lagos, a magistrada Owens conhece cada cidadão que mora dentro dos nossos limites. Pode ser que ela não os conheça a fundo, mas já viu seus rostos e olhou nos seus olhos. Será que ela teria o mesmo tipo de liderança se fosse indicada para supervisionar uma cidade do tamanho de Tosu? Teria sido capaz de fazer isso, em um lugar onde mais de cem mil rostos olham para o governo em busca de orientação e alocação de recursos?

Durante os primeiros debates sobre a possível criação de um governo pós-guerra, muitos se opuseram veementemente à ideia de uma administração formal. Eles acreditavam que cada um deveria poder sobreviver da maneira que achasse melhor e não ser forçado a responder ao mesmo tipo de governo que, acima de tudo, causara as guerras. Algumas das oposições ferrenhas foram tão longe a ponto de ameaçar a vida daqueles que eram a favor de um novo organismo governamental.

Apesar de suas táticas, tenho de considerar se eles não tinham razão. Talvez não fossem apenas os líderes, mas o tamanho dos governos que levaram o mundo a vacilar. Quanto maior o governo, maior a população que ele pode assumir. Quanto maior a população, menos nossos líderes se sentem pessoalmente responsáveis por cada cidadão sob sua proteção. Fica mais fácil sacrificar alguns pelo bem de outros. Fazer escolhas que em outra situação seriam impensáveis — como mandar crianças desconhecidas de famílias que você nunca viu para o Teste, para lutar não apenas por um lugar na universidade, mas pela própria vida; enquanto isso, permitir que estudantes vindos de famílias que você conheceu a vida toda sejam submetidos a um modelo diferente de seleção.

A celebração animada de Will me tira dos meus pensamentos. Avisto o grande portão prateado, em arco e a plaquinha ao lado dele que diz UNIVERSIDADE DA COMUNIDADE UNIDA. Com essa visão, sou tomada por uma combinação de orgulho, alegria e medo. Orgulho por ter chegado tão longe. Alegria por Tomas, a única pessoa que amo nesta cidade, estar perto. Medo do que está por vir. Não apenas com esta Iniciação, mas com tudo que se segue. Este não é o fim dos desafios que vou enfrentar. Há mais. Mais difíceis. Talvez mais mortíferos. Preciso estar preparada para todos eles.

— Agora que estamos aqui — Will pergunta. — Pra onde vamos?

— Pra república dos Estudos Governamentais —, responde Damone. — Tem de ser.

Posso ver que as mãos de Damone se fecham em punhos, quando Will e Enzo olham para mim esperando uma confirmação. Seus punhos permanecem fechados no seu colo mesmo depois que concordo. Will dirige o flutuador pelas construções que foram criadas há tempos. Vidro, pedra, tijolo. Tudo construído para encorajar mentes jovens a ir além do que já foi feito para algo mais. Alguma coisa grande.

A república dos Estudos Governamentais aparece. Vejo o desfiladeiro que circula a área, criado pelo terremoto e meu coração

vem à boca quando percebo que voltar para república não vai ser fácil.
Está faltando a ponte.

MEU CORAÇÃO DESCE para o estômago quando saio do flutuador e olho a fenda na terra entre nós e nosso destino final. Seis metros de distância. Dezenas de profundidade. Perto da república, Ian e a professora Holt estão em meio a um grupo de pessoas que esperam que cheguemos até eles. Deste lado há quatro caixas pequenas ao lado de pilhas de tábuas, cordas e ferramentas. Os flutuadores mais sofisticados podem pairar a quase cinco metros acima do solo. O que estamos usando tem tido sorte de se levantar na altura do meu joelho. No entanto, sofisticados ou não, o mecanismo de propulsão que faz todos flutuadores funcionar exige que haja uma superfície abaixo em algum lugar. Se um flutuador se desloca sobre um grande abismo, como o que há à nossa frente, ele para de deslizar. Não podemos chegar à república com o nosso veículo. Se temos de atravessar, vai ser preciso descobrir outra maneira.

Apesar de ficar surpresa com a falta da ponte, estou mais desconcertada por não ter notado anteriormente que a ponte foi construída de forma retrátil. Ian nunca mencionou isso quando nos trouxe aqui pela primeira vez. Ripas e corrimões estão pendurados de cada lado do desfiladeiro, esperando para ser religados e fico pensando por que os dirigentes da universidade escolheram construir uma ponte

que poderia desaparecer de uma hora para outra. Eles não poderiam tê-la construído especificamente com o propósito de testar novos estudantes da universidade. O que motiva a pergunta: — Será que eles construíram a ponte pra garantir que as pessoas tenham de ficar dentro ou pra manter visitantes indesejáveis fora?

Uma rápida avaliação do suporte da ponte mais próximo de onde estamos me dá uma boa ideia sobre o jeito que ela funciona. O mecanismo em cada suporte é feito para deslizar cada metade da ponte para trás, em trilhos de ferro, quando ela é recolhida. Quando ela é erguida, o sistema primeiro eleva a ponte em noventa graus. Depois, uma máquina à parte precisa deslizar para a frente para a fornecer o apoio necessário que sustente o peso tanto da ponte quanto daqueles que a atravessam. Uma vez que ambos os lados da ponte estão levantados, eles se engatam sem emendas. Pelo menos, eu nunca vi as emendas. A expressão no rosto dos meus colegas mostra que não fui a única a não perceber esse detalhe. Isso não me serve de grande consolo, quando noto que os controles da ponte estão todos localizados do outro lado.

Enzo vai até a caixinha preta marcada com o nosso número e tira as instruções para esta tarefa:

Venham para casa.

Ele olha o buraco na terra, a ponte que falta, os materiais e depois volta para nota. — Eles estão de brincadeira? Querem que a gente atravesse isto? Não tem jeito.

— Se eles querem que a gente cruze o desfiladeiro, tem de haver uma maneira de fazer isso sem que a gente acabe se matando — digo confiante. Isto não é o Teste. Eles não vão matar estudantes em plena vista dos outros estudantes. No entanto, eles também não vão facilitar.

Will remexe a pilha e tira uma grande extensão de corda grossa. — Nós poderíamos conseguir içar a ponte com isso.

Enzo sacode a cabeça. — Provavelmente a ponte está travada. No entanto, mesmo que não esteja, não somos fortes a ponto de levantar tanto peso.

Will concentra-se. — Meu irmão e eu ajudamos um vizinho nosso a construir uma ponte de corda sobre um rio há alguns anos. Usamos árvores para prender a ponte dos dois lados. Os suportes da ponte que normalmente atravessa isso ainda estão aqui. Podemos usá-los.

— Brilhante. É claro que a única maneira de usar o apoio do outro lado é estar lá para amarrar a corda na ponte. — Damone revira os olhos. — O que já de cara eliminaria a necessidade de construir a ponte.

Ele está certo. Apesar de eu nunca ter construído uma ponte, conheço a base da física envolvida. Os suportes que já estão colocados seriam fortes o bastante para suportar qualquer coisa que a gente construísse, se tivesse um jeito de fixá-la de um modo adequado, mas não tem como a gente fazer isso. E mesmo que eu não ache que os dirigentes da universidade pretendam nos observar mergulhando para a morte, duvido que levantariam um dedo para impedir que isso aconteça. Tem de haver outra solução.

— Por que a gente não se divide em equipes de dois? — sugiro. — Um grupo pode ir para o norte, o outro para o sul. Talvez a gente encontre um lugar melhor para atravessar. — Duvido disso, mas é preciso explorar essa possibilidade.

Will e Damone vão para o sul. Enzo e eu, para o norte. Saímos a passo rápido, certos de que encontraremos uma maneira de atravessar o abismo de seis metros de rocha marrom e cinza e de terra, que está entre a gente e nosso destino. A fenda começa a se estreitar e Enzo e eu sorrimos um para o outro enquanto nos apressamos em frente. É aí que nós vemos. Outra fissura na terra que se estende desta fenda para oeste. Mesmo que esta fissura, ao lado de onde estamos, se estreite o

bastante para uma passagem segura, ainda seríamos forçados a cruzar outra grande barreira. Não será possível atravessar aqui. Só podemos torcer para que Damone e Will tenham tido mais sorte em sua missão exploratória e tenham se lembrado que estou com todos os indicadores. Se eles tiverem encontrado uma maneira de atravessar sem esperar por Enzo e por mim para ir com eles, vão fracassar mesmo assim.

Uma olhada em seus rostos deprimidos diz tudo. Há mais barreiras ao sul. Se quisermos alcançar a linha de chegada, vamos ter de atravessar aqui. E a noite está caindo depressa.

Meus três colegas analisam o material e as ferramentas de construção e eu mais uma vez examino os suportes e o maquinário. Sacudo a cabeça. Minha habilidade é com as máquinas. Se os controles da ponte estivessem deste lado, tenho certeza de que conseguiria fazê-la se levantar. No entanto, não estão. E mesmo que eu pudesse impulsionar as engrenagens, não estou certa de que devesse tentar. Sem um conhecimento completo de como funciona o mecanismo ou de como as duas peças se travam no lugar, tentar cruzar o desfiladeiro seria quase um suicídio. Sobrevivi a coisas demais para permitir que os dirigentes da universidade me levem a fazer alguma coisa estúpida. E cruzar em uma geringonça criada com as ferramentas e o material fornecido seria uma loucura ainda maior. Poderíamos passar dias fazendo cálculos e ainda não ter segurança de que as forças criadas pelo nosso peso e o da ponte se equilibrarão com a força ascendente e absorverão o torque adequadamente. Alguns anos a mais estudando com os professores daqui e poderíamos ser capazes de dar conta disto. No entanto, agora? Como é que alguém pode esperar que qualquer um de nós se saia bem nessa tarefa? Eles têm de perceber que é impossível. É por isso que a professora Holt e os outros estão esperando? Que a gente fracasse? Por quê? Qual seria o propósito de ensinar a derrota para gente? Eles querem que sejamos líderes. Os líderes devem encontrar soluções a todo custo.

Devem mesmo?

Bombas foram jogadas. Milhões de pessoas foram mortas. Um mundo foi destruído porque os líderes do nosso país e dos países espalhados pelo mundo não estavam dispostos a declarar o fracasso. Não podiam admitir que o caminho onde haviam embarcado estava condenado. Em vez disso, foram em frente. Mais bombas. Mais destruição. Mais necessidade de provar que estavam certos. Que os outros estavam errados.

Penso na Iniciação até aqui. Ela exigiu que pensássemos cuidadosamente as respostas antes de colocá-las em ação. Que confiássemos quando confiar é não apenas difícil, mas potencialmente mortal. Que falássemos de igual para igual com a chefe do nosso governo. Todas as habilidades essenciais para os líderes de governo. Como a de saber quando é chegado o limite.

Virando as costas para os que estão observando, caminho até uma árvore que está a dez metros de distância e me sento. Depois de me recostar na árvore, abro a sacola verde da equipe e tiro minha garrafa de água.

— O que você está fazendo? — Damone grita, ao me perceber sentada na grama. — Você deveria estar ajudando a gente a descobrir como vamos chegar ao outro lado.

— Ele tem razão, Cia — Enzo franze o cenho. — A única maneira de vencermos esta tarefa é trabalharmos em conjunto.

— Não vamos vencê-la. — aceno com a cabeça para o grupo de observadores do outro lado. — Eles não esperam que a gente consiga, portanto, não tem sentido dar a eles a satisfação de ver a gente tentando e não dar em nada.

— Eles não dariam esta missão pra gente se não houvesse uma maneira de atravessar — Damone joga uma tábua no chão e pega um martelo. Dá três passos em minha direção, os olhos reluzindo de raiva, o martelo empunhado como uma arma. — Não vou bombar nesse teste porque uma menina das colônias não quer fazer o esforço de vencer. Fique de pé agora ou vai se arrepender que Will e Enzo

tivessem sido moles demais pra te deixar trancada naquela caixa, que era o que te cabia.

Damone parte para o ataque com o martelo e eu pulo para trás, fora da sua direção. — Ficou maluco? — grito.

Ele começa a balançá-lo de novo e é interrompido por uma mão que agarra seu pulso e solta o martelo com violência.

Os maxilares de Will estão travados e seus olhos faíscam com violência. Este é o Will do Teste. — Deixe-a em paz agora ou você vai se arrepender.

— Me solta! — Damone tenta soltar o braço. — Meu pai vai saber disso. Você se lembra de quem ele é?

Will segura firme. — Estou pouco me lixando pra quem é seu pai, mas ele devia se preocupar que o filho seja tão covarde que teve de ser salvo por uma menina da colônia. Ela salvou a sua vida. Ela é mais inteligente do que você. Do que todos nós juntos. E você não aguenta isso. — ele solta o pulso de Damone, mas segura o martelo com firmeza.

Damone esfrega o ponto do braço onde os dedos de Will se afundaram em sua carne e faz uma expressão de raiva.

— Agora, se você já terminou sua demonstração de falta de controle para nossa plateia, a Cia vai explicar por que ela acha que não podemos atravessar. Sei que estou morrendo de vontade de ouvir. Quero dizer, se bem que eu adoraria impressionar os professores, não planejo arriscar minha vida para fazer isso. — sua boca se curva em um meio sorriso. — Mas eu ficaria feliz de arriscar a sua, Damone, se você quiser.

O sorriso. O martelo na mão confiante de Will. As duas coisas me dão o maior medo. No entanto, Damone não parece assustado. Parece estar à beira da raiva. No entanto, Will, como é típico, disse a coisa certa. Damone desvia os olhos para as pessoas do outro lado, que observam cada um dos nossos movimentos. Seus maxilares se contraem. Sua respiração se acelera e fica descompassada, enquanto ele luta para

se controlar — algo que provavelmente ele não teve de fazer com muita frequência. E ele vence essa batalha — por enquanto.

— Tudo bem — ele bufa. — Não estou dizendo que a Cia tem razão, mas vou escutar — Damone olha para trás para grande extensão de vazio às suas costas. — Prove pra mim que os graduandos não pretendem que a gente seja capaz de atravessar isso aqui por conta própria.

Tenho montes de razões, mas provar? — Não posso.

O sorriso desagradável de Damone me dá vontade de gritar. Então, desvio o olhar dele e me concentro em argumentar com o resto da minha equipe: — Acho que este processo de Iniciação tem se caracterizado por ensinar umas lições pra gente: trabalho de equipe, confiança, procedimento governamental.

— E fracasso. — Enzo completa meu pensamento. — Por mais que os líderes sejam inteligentes, existem problemas que eles não podem resolver. Este é um deles.

Will vai até a beira do desfiladeiro e analisa a queda. Depois de um bom tempo, sua atenção ultrapassa a fenda e vai até as pessoas do outro lado. Cerra os punhos. Algo intenso faísca nos seus olhos verde-escuros, antes que ele se volte para nós e sorria. — Então, o que devemos fazer enquanto esperamos que eles percebam que desistimos?

Damone se vira. — Ninguém vai desistir. Vamos fazer exatamente o que a nota diz e chegar do outro lado. Não vou perder a chance de vencer esta competição da Iniciação e jogar fora meu futuro só porque uma menina idiota vinda do nada diz que ela acha que a gente deve desistir. Não vou desistir. Nenhum de vocês vai desistir.

Will afasta-se da beirada, enfia as mãos nos bolsos e caminha sem pressa para vir ficar ao meu lado. Enzo me ladeia do outro lado. O rosto de Damone se enrubesce ao perceber que suas palavras não tiveram efeito. Certa ou errada, Enzo e Will escolheram ficar comigo.

Os olhos de Damone encontram os meus. Lá no fundo, há hostilidade e raiva. Meus músculos se enrijecem enquanto me preparo

para o ataque inevitável. Damone pode ter sido esperto o suficiente para passar nos exames de inscrição de Tosu City, mas o dia todo ele mostrou que não tem controle sobre suas emoções. Talvez ele tenha chegado até aqui pelo fato de as pessoas confundirem agressividade com força de personalidade. Qualquer que seja a razão, ele não está preparado para que outros assumam o controle. Tenho certeza que ele planeja recuperar o controle por qualquer meio.

— Ei, veja — Enzo diz, conforme uma vibração enche o ar.

Damone para de avançar e se vira, enquanto o lado leste da ponte começa a se erguer lentamente. O suporte vai para trás. Além do desfiladeiro, Ian posiciona-se ao lado do suporte. Ele aperta um botão e nosso lado da ponte começa a se mover. Depois de vários minutos, as vigas se mexem e travam uma na outra com um ruído que reverbera.

Ian cruza até o centro da ponte e sorri. — Bem-vindos de volta. Vocês são a primeira equipe a chegar.

Will e Enzo batem nas mãos e soltam gritos de comemoração antes de correr pela ponte. Damone me olha furioso antes de atravessar atrás deles. O fato de terminarmos nossa Iniciação não vai fazê-lo esquecer que eu tinha razão. Que os outros fecharam comigo. Que ele queria ser um líder e foi colocado de lado. Jurando fazer o possível para no futuro me manter fora do caminho de Damone, vou em frente.

Ao passar por Ian, seus lábios mal se movem quando ele sussurra: — Encontre-me no Laboratório Dois à meia-noite.

Quero perguntar por que, mas abro um sorriso para a professora Holt que observa sob uma árvore, a quinze metros de distância. Os alunos que estão fora da república dirigem-se para mim e para minha equipe. Pessoas me dão tapinhas nas costas e gritam parabéns. Atrás de mim, ouço o zumbido do maquinário e sei que a ponte está sendo novamente recolhida para desafiar os novos grupos que chegam.

— Cia. Enzo. Will. Damone. — Ian chama e as vozes ao nosso redor se calam. Nós quatro vamos até onde Ian está, ao lado da professora Holt. — Parabéns por ter voltado com toda sua equipe intacta. Você tem os indicadores?

Remexo a sacola verde e entrego os indicadores das três primeiras tarefas a Ian. — Não temos um indicador para esta última.

— Não tinha um indicador para o teste final. Esta tarefa foi projetada para ser insuperável. — a professora Holt pega os indicadores e me dirige um sorrisinho. — Dissemos para o Ian engatar a ponte quando deduzimos que você tinha imaginado essa solução.

Minha pulsação avalia o silêncio até que a professora Holt diz: — É preciso muita coragem para escolher não fazer nada, quando você não tem certeza do resultado. Acreditamos que esta é uma lição importante para ser transmitida para todos os alunos da universidade e inúmeros estudantes acham-na quase impossível de aceitar. Estou feliz em descobrir que a maior parte desta equipe é mais... esclarecida.

Vejo Damone corar.

A professora Holt entrega os indicadores de volta a Ian com um pequeno assentimento. Ian vira-se e nos dá um largo sorriso. — Parabéns Cia, Enzo, Will e Damone. Como vocês foram os primeiros a chegar com todos os indicadores, estamos contentes em declará-los vencedores. Depois que as outras três equipes chegarem, vamos realizar uma cerimônia formal de Iniciação, onde vocês serão oficialmente acolhidos no programa de Estudos Governamentais. Até lá, sugiro que descansem bastante. Dei uma olhada na sua grade de aulas. Acreditem em mim, vocês vão precisar disso.

Os estudantes atrás de Ian riram. Enquanto meus colegas celebram, percebo que a professora Holt não é a única que me observa. A distância, próximo ao salgueiro onde justamente ontem eu estava com Enzo, está o doutor Barnes.

— Vocês todos devem se sentir muito orgulhosos — afirma a professora Holt. — Essas tarefas de Iniciação nos disseram muito sobre

vocês e sobre a maneira como vocês abordam a solução de um problema. No entanto, o mais importante é que este processo não apenas lhes deu uma ideia do trabalho de revitalização que ainda precisa ser feito, como também lhes permitiu conhecer seus colegas de Estudos Governamentais. Todos vocês estarão competindo pelas notas máximas, mas espero que esses desafios lhes tenham ensinado que o sucesso só vem quando confiamos em quem está à nossa volta e desenvolvemos um bom trabalho com eles.

À minha esquerda, vejo Damone concordar com a cabeça, mas sei que a única coisa que ele aprendeu é a me desprezar.

Depois de mais aplausos, a professora Holt acrescenta: — Soube que a próxima equipe chegará, quando muito, amanhã.

As equipes não devem ter chegado ao prédio do Governo Central antes do final dos debates diários. Puxo rapidamente meu casaco para junto de mim, enquanto o vento fustiga e fico pensando se essas equipes serão forçadas a passar a noite ao relento ou se procurarão abrigo com suas famílias, uma opção que nenhum de nós teve durante o Teste.

A professora Holt continua: — Nossa Iniciação oficial não começará até que todas as equipes tenham chegado e seus desempenhos sejam avaliados. Até então, recomendo que vocês aceitem a sugestão de Ian e descansem. E pode ser que vocês se interessem em saber que o jantar será servido em uma hora.

Talvez eu seja paranoica, mas procuro no meu apartamento sinais de câmeras ou microfones que possam ter sido colocados desde que o desafio de abutre da Iniciação começou. Examino cada móvel, cada centímetro de parede e cada instalação de luz. Quanto termino, a tensão se vai do meu corpo. Por enquanto, não há sinais de que eu esteja sendo observada. Estou sozinha e a salvo.

Tiro as roupas e entro no chuveiro. O suor, a sujeira e a ansiedade do dia se vão. Minhas pernas tremem à medida que o cansaço se instala. Mesmo estando faminta, não estou interessada em

voltar a encarar Damone tão cedo. Em vez disso, estico-me na cama e fecho os olhos. Visualizo Tomas e sinto uma pontada de solidão ao imaginar como ele está se saindo. Será que está enfrentando a própria Iniciação agora? Rezando para que Tomas esteja a salvo, eu me deixo embalar no sono.

Quando acordo, o quarto está escuro. Começo a entrar em pânico até que percebo que a escuridão não faz parte de outra Iniciação. O céu lá fora está negro. Dormi mais do que pretendia e a noite caiu. Onze horas. Não perdi o encontro com Ian.

Meu estômago ronca, mesmo estando cheio de medo. Não tenho ideia do que Ian quer me contar, mas a maneira que ele pediu o encontro em particular me leva a acreditar que não pode ser coisa boa. Refazendo minha sacola da universidade, saio do quarto e tranco cuidadosamente a porta. Embora eu duvide que a tranca impeça a entrada dos que estão em posição de comando, ela poderá desencorajar pessoas como Damone a entrar.

Apesar de ser tarde, os espaços comuns da república estão acesos. A maioria dos estudantes — se não todos — ainda está acordada. A sala de estar está cheia de gente que ri e conversa com amigos. Vejo Will flertando com uma menina que não reconheço. Damone e Enzo não estão à vista.

Antes que alguém possa me ver, vou até o refeitório, onde encontro uma oferta de pães, frutas, queijos, doces e leite conservado em uma grande vasilha de gelo. A sala está vazia. Corto um pedaço de queijo branco e faço um sanduíche com duas grossas fatias de um pão assado com tomates em cima. Olho o relógio na minha sacola, enquanto me obrigo a comer o sanduíche e tomar um copo de leite. O som de risadas e conversas vai diminuindo conforme os minutos avançam. Meus colegas devem estar começando a procurar suas camas. Limpo as migalhas da mesa, empurro o copo e penduro a sacola no ombro.

Passo apressada pela porta que dá para sala de estar, sem parar para ver se ainda tem alguém acordado. Vou para a outra extremidade do prédio. As luzes deste lado estão rebaixadas para conservar energia e esta parte da república está silenciosa. Vejo forte luminosidade sob a porta do laboratório. Um rangido do assoalho me faz dar um pulo e olho para trás, para o corredor. Quando ninguém surge saído das sombras, respiro fundo e giro a maçaneta.

Ian fecha a porta à minha passagem. A fechadura faz um sonoro clique, ao ser trancada. — Você está encrencada.

O desconforto agita o que comi. — Fiz alguma coisa errada?

— Você fez tudo certo.

Não entendo. — Então, por que estou encrencada?

— Porque fez bem demais. — Ian se senta em um banquinho alto de metal. — Todos os anos, a Iniciação varia para que se tenha certeza de que os alunos não saibam com antecedência qual a melhor maneira de abordar os problemas apresentados. Você percebeu o propósito do teste final mais depressa do que qualquer pessoa poderia imaginar. Isso fez com que a professora Holt e o doutor Barnes comesçassem a cismar se você teria recebido ajuda.

— Eles acham que eu trapaceei? — a raiva toma conta de mim. Eu jamais trapacearia para conseguir nota melhor. Só pensar nisso já é ofensivo. Me ensinaram a ter respeito por mim e ainda mais pelas pessoas à minha volta. No entanto, o acesso de raiva dura pouco e é seguindo por um toque gelado de medo. Será que eles penalizam os estudantes por trapacear? Se a resposta for sim, qual seria a punição?

— Eles não sabem o que pensar. — Ian suspira. Faz um aceno para que eu me sente no banquinho ao seu lado. — Olhe, só peguei parte da conversa. A professora Holt e o doutor Barnes ficaram incomodados com a rapidez com que você reconheceu que a tarefa era insolúvel. O doutor Barnes disse que o Teste demonstrou que uma de suas grandes qualidades é a sua disposição para confiar na sua intuição. O fato de você confiar nos seus instintos é algo que se espera agora,

mas algumas coisas em seu Teste nunca foram explicadas. Coisas que, à luz desses testes mais recentes, o estão deixando preocupado.

— Coisas como o quê?

— Ele não disse, mas pareceu que a professora Holt sabia. Ela concordou que tivessem havido irregularidades e que seus últimos resultados deveriam ser reavaliados. Ela disse que, se for necessário, a universidade deveria tomar providências.

— Que tipo de providências? — Redirecionamento ou alguma outra coisa?

— Não ouvi mais nada, mas a professora Holt me puxou de lado depois que a sua equipe entrou na república. — Ian franze o cenho. — Ela quer que eu use minha influência como seu guia pra me aproximar de você. A ideia é eu me reportar a ela assim que te vir lutando pra se dar bem nos seus estudos.

— Se você vai me espionar, por que está me contando isso?

— Porque eu não vou ficar te espionando. — Ian sorri. — Vou te ajudar. Quando a professora Holt perguntar, vou dizer a ela que você é uma estudante que dá duro, dedicada aos estudos e à universidade.

— Por quê?— a pergunta é quase um sussurro. — Você vai se formar neste ano. Por que vai arriscar seu futuro me ajudando?— Michal disse que ia encontrar alguém para me ajudar. Será que Ian é essa pessoa? Será que ele é um dos rebeldes do último ano? Se for isso, que facção ele apoia? E do que ele se lembra do próprio Teste?

Não posso perguntar. E ele não diz. Então, só posso ficar imaginando e me preocupar quando seu sorriso se desmancha e ele diz: — Você fez tudo o que eles pediram. Largou seus amigos, sua família e sua colônia pra vir pra cá. Não só passou no Teste, na adaptação e nos exames dos Estudos Preliminares, como também se destacou. Se você fosse de Tosu City, o doutor Barnes e a professora Holt estariam elogiando seu raciocínio dedutivo. Como não é, eles estão procurando uma maneira de te eliminar do programa porque

estão preocupados que você seja inteligente demais. Que você possa ser um líder forte demais.

Mal posso respirar. — A professora Holt pediu para o guia de Will espionar ele?

— Conversei com o Sam umas duas horas atrás. A professora Holt não conversou com ele.

Will, que provou sua inabilidade em confiar e ser confiável, que matou e traiu durante o Teste, não está sendo observado. Só eu.

Será que alguém, além de Michal, me viu fugindo do prédio da Administração de Tosu, depois que Obidiah foi Redirecionado? Eles suspeitam que agora eu sei o que significa Redirecionamento e que o precioso processo do Teste do doutor Barnes se livra daqueles que não são considerados suficientemente inteligentes, mas são espertos o bastante para deixar rolar? Teria Michal dito alguma coisa que fez com que eles ficassem cismados?

— Então, e agora? — pergunto.

— As aulas começam na segunda-feira. Vá pra aula. Faça sua lição. Sua grade de aulas vai ser pesada. A professora Holt quer que você não dê conta. Não vamos deixar que isso aconteça.

Ian pega uma folha de papel na mesa de metal do laboratório. Minha grade de matérias. Vai me dizendo o que esperar de cada uma. Que tipo de provas os professores darão. Que professores preferem os alunos que se manifestam em aula e quais gostam dos que permanecem quietos, afirmando-se através de trabalhos e exames. E embora eu escute com atenção e me sinta grata por sua ajuda, não posso deixar de pensar por que ele está me passando isso. Bom, ele é um estudante de colônia, como eu, mas sei que isso não diz tudo. Tem mais coisa acontecendo. Algo que imagino ter a ver diretamente com Michal e a rebelião. No entanto, sem a confirmação de Ian, não tem como saber se minhas suspeitas estão certas.

— As lições de casa e as provas vão ser difíceis de levar, quando você estiver estagiando. Oficialmente, suas responsabilidades em relação

ao estágio só vão ocorrer às sextas-feiras, quando não há aulas, mas raramente é assim que acontece. Quando os estágios forem distribuídos, você vai saber exatamente com o que está lidando em termos de carga extra.

— Como é que foi o seu estágio? — pergunto.

Uma vez, meu pai mencionou ter trabalhado com cientistas do solo no tempo que passou na universidade. Eles estavam aperfeiçoando um método para remover a radiação de amostras coletadas durante uma viagem de pesquisa pela costa leste. Sempre assumi que seu trabalho fazia parte de uma aula, mas agora que estou aqui na universidade, sei que era alguma coisa a mais. Ele não estava trabalhando com professores. Estava trabalhando lado a lado com os responsáveis pelo plano de revitalização para o país como um todo. A ideia de que de alguma maneira a gente começa a ajudar na reformulação do curso do país é emocionante, mas o fato de o meu pai ter contado tão pouco sobre a experiência me deixa nervosa quanto às surpresas que os próprios estágios possam conter.

Ian descreve seu trabalho como auxiliar da chefe de departamento da Gerência de Recursos, que parece menos excitante do que eu poderia imaginar. — Em grande parte o que faço são coisas sem importância e eu gostaria de estar de volta, estudando para qualquer prova que me desse medo de bombar. A certa altura, me deram a incumbência de fazer um sumário sobre os relatórios das colônias sobre produção de recursos. Passei horas detalhando resultados de colheitas e nascimentos de animais domésticos, pensando que finalmente estava fazendo uma coisa importante. Depois soube que os relatórios datavam de vários meses atrás. Eles só queriam ver se eu entendia que partes desses relatórios eram importantes.

Outro teste. Ian passou. Espero poder fazer o mesmo.

O sono não vem fácil. Quando chega, meus sonhos estão cheios de imagens de acontecimentos que podem ou não ser reais. Meu pai me dizendo para estudar bastante. A mão de Malachi na minha, enquanto

a vida se esvai dos seus olhos. Um corredor na penumbra, em cuja extremidade há portas bem iluminadas e numeradas. Sangue sendo levado pelas ruas ensopadas de chuva. Um vestido amarelo. O som de tiro. Ruas arrebetadas.

Prendo um grito ao acordar. O céu ainda está escuro. O relógio diz que só passou uma hora desde que vim para cama. Livro-me dos sonhos, forço-me a respirar compassadamente, até que meus músculos relaxam. As aulas começam em três dias. A professora Holt armou para que eu fracasse. Por quê? Será que os administradores acham que recuperei minhas lembranças do Teste e por causa disso entendo melhor como pensam? Existe uma chance de que o doutor Barnes e a professora Holt saibam que existe um movimento por baixo do pano para tirá-los do poder e eles estejam procurando pessoas que possam estar em contato com isso?

Seja qual for a razão, o doutor Barnes e a professora Holt têm um problema comigo. Eles armaram as coisas a fim de levar à minha ruína. Ou, no mínimo, me classificar abaixo dos outros calouros. Mencionaram irregularidades em meu Teste como a causa de sua preocupação, mas não consigo me lembrar o suficiente para saber o que fiz para atrair sua atenção.

A gravação no Comunicador de Trânsito me diz que eu descobri como remover o bracelete e o aparelho de escuta que ele continha. Devo tê-lo removido para fazer as gravações. Será que eles estavam cientes da minha habilidade em manter algumas coisas escondidas deles? A origem da preocupação que eles sentem agora estaria em alguma coisa que escondi dos seus olhares atentos? Não sei. E apesar de a única maneira de derrotá-los neste novo jogo seja agir, como Ian diz, e me destacar nas minhas aulas, não posso evitar me preocupar. Se eles esperam que eu fracasse, como vão reagir quando eu não fracassar? O fato de tirar notas altas me garante ou vai resultar em raiva e penalidade?

Durante toda a minha vida acreditei que o empenho e o esforço no trabalho seriam recompensados. Não somente com notas, mas com resultados. Plantas saudáveis. Fontes abundantes de alimentos. Água limpa. Energia para iluminar nossas casas. Máquinas que tornam possível comunicar e compartilhar informações, para incrementar o crescimento do nosso país e ajudar todos nós, não apenas a sobreviver, mas a prosperar. Pela primeira vez sou forçada a contemplar a possibilidade de que quanto mais se trabalha, menos se consegue. Que eu deveria me esforçar para ficar na média, em vez de tentar a excelência. No entanto, não estou convencida de que fazer isso não atrairia ainda mais atenção, uma vez que passei os últimos meses perseguindo as notas máximas da minha classe. Qualquer coisa menos do que isso poderia fazer meus professores questionarem minha dedicação à universidade ou levá-los a considerar se estou a par de sua vigilância. A única esperança real de sucesso que eu tenho são os rebeldes de Michal e Symon.

A tensão me dá dor de cabeça. Fechando os olhos, puxo os cobertores bem junto dos ombros e mando os pesadelos embora. Entretanto, os sonhos continuam vindo. Um homem grisalho sorrindo além de uma cerca. Zandri me pedindo que explique de que jeito ela morreu. Abro a boca para contar a ela, mas não sei nada. Porque não sei. Preciso saber.

Zandri se esvai e vejo Tomas sorrindo para mim, me abraçando no escuro. Falando de amor. Sussurrando que ele pode ter encontrado uma maneira de conservar nossas lembranças. Ele segura um comprimido e sorri e eu acordo de um pulo. Afastando os lençóis suados e bagunçados, sento-me e me esforço para me agarrar ao sonho. Ou será uma lembrança?

Só existe uma maneira de descobrir. Tomas.

A ideia de que Tomas tenha conservado suas lembranças do Teste é difícil de acreditar. Isso significaria que ele não apenas me traiu ao não contar o que aconteceu com Zandri no Teste, mas me enganou,

desde então, mantendo silêncio. O Tomas com quem cresci na colônia Cinco Lagos sempre foi honesto. Ele nunca teria conservado suas lembranças do Teste só para ele.

Contudo, Tomas mudou, assim como eu. Com lembranças ou não, todos nós que passamos pelo Teste saímos diferentes. Apesar das alterações na nossa memória, em algum lugar dentro de cada um de nós está a verdade. Gostando ou não, está na hora de eu descobrir qual é ela.

Infelizmente, até que as outras três equipes cheguem e a ponte seja recolocada, não tenho outra escolha a não ser esperar. Com a professora Holt monitorando meu comportamento, a inatividade forçada talvez seja uma boa coisa. A manhã toda, eu me vejo andando pelo quarto ou caminhando lá fora.

A equipe de Griffin chega no começo da tarde e sai do flutuador. Depois de vários minutos, eu os vejo fazendo o que nós fizemos: explorando a extensão da brecha em busca de um ponto melhor para atravessar. Uma hora depois, os quatro membros da equipe de Jacoby juntam-se a eles. Do lugar onde estou, sob o salgueiro, forço os olhos para enxergar através da luz do fim da tarde e tento entender o que ambas as equipes estão fazendo. A equipe de Jacoby começou a manipular seu flutuador — talvez achando que possam usar as peças para ativar o motor da ponte. A maioria da equipe de Griffin está emendando cordas. Todos menos Raffe. Daqui, posso vê-lo esfregando a atadura do braço, enquanto contempla o vazio. Griffin grita com ele para ajudar no trabalho, mas ele o ignora. Quando Raffe finalmente se volta para conversar com sua equipe, fica óbvio que encontrou a solução. Todos soltam as cordas. Depois, o grupo de Jacoby também para de trabalhar. Dez minutos depois, estão todos parados em frente à república.

A ponte mal se retraiu quando o último flutuador aparece. Olive, Rawson e Vance saem. Espero pelo quarto e percebo que são só esses três. O quarto membro de sua equipe, uma menina com longos

cabelos castanhos, de cujo nome eu não me lembro, está faltando. Perdida no zoológico? Trancada em uma caixa de metal, gritando para aqueles que a abandonaram voltar? Ou ela ficou sem voz ou sem ar? Olho para entrada da república, onde estão o doutor Barnes e a professora Holt. Nenhum deles parece surpreso com a falta de um membro da equipe. Eles sabem se ela está viva ou morta? Estão interessados?

Olho de volta e observo Olive e os membros remanescentes da equipe pegarem a corda emendada feita pela equipe de Griffin. Uma hora se vai. A ponte de cordas fica mais comprida. Vance une pedaços de madeira com um martelo e os liga aos finais da corda. O sol começa a cair. O vento aumenta e vários alunos mais velhos de Estudos Governamentais entram. Depois de mais quinze minutos, Rawson joga uma porção da corda e caminha ameaçadoramente. Olive grita com ele. Ele se vira e grita algo de volta. Vance para seu trabalho e observa enquanto os dois colegas discutem.

Vejo Rawson caminhar até a beira do desfiladeiro e apontar além. Será que encontrou a solução? Seja o que for que ele grite, está muito abafado para que eu entenda. Olive sai correndo na direção dele, gritando alguma coisa que não percebo o que é. Vejo os braços de Olive se estenderem, encostar no torso de Rawson e empurrar. De propósito? Por raiva? Não importa, porque seja qual for a intenção, o impulso empurra Rawson para trás e ele desaparece por sobre a beirada.

O ar se enche de gritos. Corro com todo mundo deste lado em direção ao desfiladeiro. Ian aperta uma sequência de botões que aciona os mecanismos da ponte. Vários estudantes espiam pela beirada. Rezo para que, de alguma forma, Rawson tenha aterrissado em uma saliência ou se agarrado em uma projeção de rocha e sufoco um soluço quando os que estão mais perto sacodem a cabeça. A ponte se engata e não posso evitar: corro pela plataforma e olho o buraco que desce por

dezenas, se não centenas de metros. E não vejo nada. Rawson, um menino que deixou sua colônia e sobreviveu ao Teste, se foi.

NÃO SOU A única a ter o rosto marcado de lágrimas. Quando olho em torno, vejo estudantes amontoados em grupos, os olhos arregalados de choque e de dor. Do outro lado da ponte, o guia veterano Sam está com o braço apertado em volta de Olive, que, ajoelhada à beira do desfiladeiro grita o nome de Rawson. O horror se espelha em cada centímetro do seu rosto. Os gritos transformam-se em soluços, quando Sam coloca Olive de pé e a encaminha para a ponte.

Olive dá um passo na passagem de metal, se solta das garras de Sam e corre. Não pela ponte em direção à república, mas vai embora. Sam se vira e corre atrás dela, mas Olive é rápida e logo desaparece. Fosse um empurrão deliberado ou um acidente fruto da raiva e do cansaço, fica claro por sua reação que Olive nunca teve a intenção de que Rawson se precipitasse da beirada. Não posso imaginar de que jeito ela vai viver com a culpa que esse ato trará. O ar se enche de murmúrios discretos e fungadas, enquanto observamos o horizonte, esperando pela volta de Olive e de Sam. Eles não voltam.

Quando uma Vance de olhos secos chega a este lado da ponte, a professora Holt sai de debaixo da árvore para a minguante luz do sol e pede que nos juntemos perto dela.

— Normalmente, faríamos a cerimônia de Iniciação esta noite. Contudo, à luz desta tragédia, ela será adiada para amanhã para que possamos lamentar juntos a perda de Rawson Fisk. O doutor Barnes e eu estaremos à disposição para conversar com aqueles que precisarem de ajuda para lidar com este acontecimento terrível. Todos os líderes são obrigados a confrontar tragédias, mas lamentamos que vocês tenham de encará-la tão cedo em suas carreiras. Por favor, comuniquem a um oficial se tiverem dificuldade em lidar com essa perda horrorosa. Estamos aqui pra ajudar.

O doutor Barnes passa o braço ao redor de uma menina que soluça e a acompanha até a república. Sua postura demonstra cuidado e preocupação, mas vejo o raciocínio frio em seus olhos, conforme eles passam pela multidão pesarosa. Estará ele anotando os estudantes que choram ou os que estão com os olhos secos? Será que ele acredita que as lágrimas formam um líder melhor? Os estudantes que vierem até ele à procura de conforto se verão subitamente colocados atrás do restante do grupo ou serão considerados mais merecedores de uma alta posição de liderança? É impossível saber e não estou interessada em ficar aqui para descobrir.

Quando o doutor Barnes e a professora Holt desaparecem no interior da república, vou na direção oposta. Para longe de qualquer novo teste que a morte de Rawson tenha produzido. Quando atravesso a ponte, minha garganta se aperta. Sei que verei Rawson nos meus sonhos e ficarei imaginando pelo resto da vida se uma escolha diferente quando estava formando minha equipe poderia ter salvado a sua vida. Será que ele estaria lá dentro, em segurança, se preparando para começar as aulas na segunda-feira, se eu o tivesse escolhido em vez da pessoa que pensei que ajudaria minha equipe a se consagrar no topo? Mesmo sabendo que a morte de Rawson não é culpa minha, não posso evitar a culpa que sinto. Minha equipe ganhou esta tarefa da Iniciação, mas essa vitória não valeu o custo. Não é uma vitória.

Mais uma lágrima escorre pelo meu rosto e cai na escuridão abaixo, quando paro no final da ponte e sussurro meu adeus a Rawson. Eu não o incluiria entre os meus amigos, mas ele merecia muito mais. Depois, respirando fundo, viro-me para procurar Tomas e as respostas que só ele pode me dar.

A república da Engenharia Biológica é fácil de encontrar. Ao contrário dos Estudos Governamentais, a Engenharia Biológica abriga seus alunos a poucos passos das salas de aula e dos laboratórios onde eles vão estudar. Entretanto, apesar de ser fácil achar a construção de dois andares de tijolos vermelhos, não sei bem o que fazer agora que estou aqui. No curto espaço de tempo em que fui designada para minha república, ainda não vi nenhum aluno que não fosse de Estudos Governamentais perto do nosso prédio ou dentro dele. Se existem regras que regulamentam como os estudantes de diferentes cursos interagem, não estou a par delas. Ainda assim, existe uma chance de que meu aparecimento na república de Engenharia Biológica possa causar confusão. Tomas pode não gostar da atenção indesejável e já sou alvo de excesso de desconfianças do jeito que está.

Encontro um ponto no gramado ao lado do prédio em frente à república de Tomas e finjo estar olhando a distância, o tempo todo mantendo a porta da entrada em minha visão periférica. Vários alunos que parecem mais velhos saem rindo. Uns poucos entram. Eu me pergunto se os calouros de Engenharia Biológica ainda estão passando pela própria Iniciação. Talvez seja por isso que vejo tão poucos estudantes ir e vir. Minha boca se enche de um gosto metálico com a ideia de Tomas e os outros passando pelos mesmos tipos de desafios que nós passamos. Os mesmos perigos. Entretanto, então vejo uma morena alta e familiar desfilando pela porta da frente e dou um pulo. Quase tinha me esquecido que Kit tinha sido designada para Engenharia Biológica. Se ela está aqui, Tomas poderia estar por perto. Ela poderia me dizer onde encontrá-lo ou levar um recado.

Sigo Kit conforme ela segue pela passagem e dobra uma esquina. Quando nós duas estamos fora da visão de sua república, apresso o passo. — Kit. Espere!

Ela para e se vira. Seus olhos se estreitam. — O que você está fazendo aqui? Pensei que o povo de Estudos Governamentais estava passando pela adaptação esta semana.

— Quem te disse isto?

— Tomas. Ele perguntou para o guia do último ano se podia visitar alguns dos seus amigos em outros campos de estudos designados e lhe disseram que tanto os alunos de Medicina, quanto de Estudos Governamentais, estavam inacessíveis até as aulas de segunda-feira. — ela balança o cabelo que desce até sua cintura e sorri. — O que aconteceu? Você foi Redirecionada como Obidiah?

A menção ao nome de Obidiah e a expressão divertida no rosto de Kit, combinadas com o horror recente da morte de Rawson, fazem minhas mãos se fecharem em punhos. Quero sair para o ataque, como costumava fazer quando era mais nova e meus irmãos me atormentavam.

Engolindo a angústia que ferve por dentro, digo: — Houve um acidente. Rawson morreu.

A expressão satisfeita desaparece. — Rawson? O nosso Rawson? As lágrimas que brilham nos seus olhos fazem surgir as que eu estava segurando. Enxugando o rosto, concordo com a cabeça. — Eles adiaram nossa cerimônia de Iniciação para as pessoas poderem procurar orientação. Eu precisava cair fora. Essa é a verdade, mesmo que não seja toda a razão de eu estar ali. — Você sabe onde está o Tomas? Quero contar pra ele sobre o Rawson antes que ele ouça de outra pessoa.

— Acho que ele disse que estava indo pra biblioteca. Alguns dos nossos veteranos estavam falando sobre uma nova técnica de separação de genes sobre a qual nunca ouvimos falar. Ele queria ver se conseguia descobrir mais sobre isso.

Antes que ela termine a frase, eu me viro e grito obrigada. Depois, corro como se pudesse me distanciar da tristeza que ameaça transbordar.

A biblioteca é grande. De concreto, vidro e tijolos gastos, a construção de algum modo sobreviveu à pior das guerras com seu conteúdo intacto. O maior dano que ela sofreu foi causado depois das guerras, por pessoas que usavam os livros e os móveis para alimentar o fogo. Ninguém sabe quanto da história que ela continha agora está perdido, por causa dos ventos frios e às vezes carregados de tóxicos que varreram o meio oeste durante o Sexto Estágio. Quando a Comunidade Unida se estabeleceu oficialmente, uma de suas primeiras leis baniu a prática de queimar livros. Embora nossos líderes concordassem que o calor fosse importante, eles acreditavam que a preservação do registro escrito de nossa história e cultura era ainda mais vital. Todos os cidadãos que tinham livros foram instruídos a trazerem-nos para esta biblioteca, onde um funcionário trocava as páginas valiosas por cobertores, vestuário ou outros recursos. A troca permitiu que o país conservasse lembranças do passado que poderiam ajudar a reconstruir o futuro.

O resultado dessa lei está abrigado dentro desse prédio. Fileiras e fileiras de livros. Algumas cheias de Matemática e História. Outras com histórias voltadas para o entretenimento. Os livros considerados muito gastos ou estragados para ser usados são mandados para colônia Omaha, para reciclagem. Conforme a revitalização expande as fronteiras de Tosu City e das colônias, são encontrados e acrescentados novos livros. Cada colônia tem a própria biblioteca. Nossa coleção em Cinco Lagos está abrigada em um pequeno barracão à prova d'água, ao lado da escola. Entretanto, nada se compara às páginas do nosso passado que podem ser encontradas aqui.

Avisto uma figura descendo os degraus de concreto da biblioteca. Meu coração incha quando o lindo rosto de Tomas se vira na minha

direção. Percebo o minuto em que ele me vê parada à sombra de uma árvore e espero que seu rosto se ilumine de felicidade.

Mas isso não acontece.

Seus olhos não se enchem de amor. A covinha que me faz suspirar não fica à vista. Sua expressão e a maneira defensiva com que seus braços estão se cruzando à frente do peito me diz bem claramente que não sou bem-vinda. Depois da morte de Rawson e de saber que a professora Holt está monitorando a minha vida, eu deveria ser incapaz de me surpreender ou de me sentir ferida. Não sou. O desespero cresce dentro de mim, dificultando a respiração. Um arrepio gelado de pânico vem logo atrás.

— Ei, Tomas, espere.

Um menino pequeno, de cabelo crespo e nariz pontudo desce correndo a escada. Tomas se vira, de modo que só posso ver o seu perfil, mas é o suficiente para avistar a convinha aparecendo, enquanto ele acena, cumprimentando-o. O outro menino chega até ele e diz: — Vou voltar pra república com você.

— Não vou voltar pra república ainda. Avistei ontem uma planta perto do galinheiro, mas por causa da Iniciação, não tive tempo de olhar... — as palavras de Tomas se perdem quando ele olha para o menino de nariz pontudo, sobrecarregado com o peso em seus braços. — Posso procurar a planta depois que te ajudar a levar os livros de volta pra nossa república. Eles estão parecendo um pouco pesados pra você carregar sozinho.

O menino fecha a cara. — Eles não estão pesados. Carreguei muito mais do que isto até a república. Vá procurar a sua planta. Sei me cuidar. — O menino muda o jeito de carregar os livros e segue pesadamente pelo passeio, como para provar o que disse.

Tomas caminha imediatamente na direção oposta. Não olha para mim nem uma vez, nem me encoraja a ir junto. Entretanto, vou. Porque, apesar de sua expressão de há pouco, conheço Tomas. Ele vai ficar esperando por mim.

Sem aulas até segunda-feira, poucas pessoas percorrem o campus. Mesmo assim, tomo cuidado para não andar atrás dele, para o caso alguém estar olhando. Saio do passeio e atravesso o gramado, pegando um caminho mais direto.

O galinheiro não contém galinhas. Pelo menos, não agora. Embora um grande número de espécies animais tenha sido exterminado pelas guerras, por alguma razão, as galinhas sobreviveram quase incólumes. Os cientistas especulam que o enriquecimento genético e os antibióticos dados às galinhas para ajudar na proteção de uma fonte alimentícia tão importante ajudou-as a se manter imunes ao pior dos males pós-guerra. Os galos, no entanto, não tiveram tanta sorte. Nos anos que levaram aos Sete Estágios da Guerra, eles receberam menos drogas, uma vez que não eram tão vitais como fonte de alimento. Poucos deles sobreviveram à matança dos tóxicos desprendidos pela guerra biológica. Os que sobreviveram sofreram várias alterações físicas, incluindo paralisia parcial, danos no sistema nervoso ou crescimento de tumores cancerígenos. Com tão poucos galos vivos, a população de galináceos começou a morrer e então foi feito este galinheiro.

Através de uma série de tentativas e erros, os cientistas da Comunidade Unida incrementaram o sistema imunológico dos galos, filtraram as mudanças genéticas provocadas pelos tóxicos da guerra e criaram uma nova raça de galo que poderia se desenvolver neste novo ambiente. Esta velha construção de tijolos era pequena demais para a maior parte das necessidades da universidade, então ela foi escolhida para abrigar uma nova geração de galos, enquanto eles eram estudados e aprimorados. Durante a adaptação, aprendemos que a última vez que o local foi usado para abrigar animais foi há sessenta anos. Desde então, ele está limpo das penas, mas não foi encontrado nenhum outro uso oficial para ele. Em vez disso, tornou-se um refúgio para o estudante ocasional que procura um abrigo calmo para estudar, quando a tensão da república e da biblioteca aumenta demais. É claro que isso

só funciona quando o tempo está bom. Sabe-se que o telhado tem goteiras.

Os tijolos vermelhos da construção estão gastos. A forte luz do sol destaca cada fissura no cimento. Fico parada na passagem, em frente à porta e olho em volta para ver se tem alguém observando antes de virar o trinco e entrar.

O interior do galinheiro está cheio de pedaços de grama e folhas secas. Meu nariz se franze ao captar o cheiro de um rato ou de um animal pequeno que deve ter morrido por perto. Embora fosse mais agradável sair e esperar, dou uma olhada geral tanto no cômodo principal quanto no menor à direita, procurando câmeras escondidas. O tempo todo finjo analisar o sistema elétrico. Se alguém estiver observando, não quero que perceba que estou ligada.

Quando não acho sinais de observação, vou até o canto do cômodo principal, onde estarei fora da vista de qualquer um que possa olhar pela janela e escorrego para o chão empoeirado. Tirando a sacola do ombro, puxo as pernas junto ao peito, apoio a cabeça nos joelhos e espero. Estremeço quando o frio do concreto se espalha pelo meu corpo.

Mais de uma vez, eu me impeço de me mexer para me manter aquecida ou de olhar pela janela para ver se Tomas está vindo. Fecho os olhos e penso na felicidade que senti logo que cheguei à universidade e vi este prédio. Foi uma semana depois do Teste. O sol aquecia a minha pele e eu não conseguia parar de sorrir. Eu tinha passado no Teste. Estava vivendo o sonho de seguir os passos do meu pai. Tudo era possível, principalmente com Tomas segurando forte a minha mão na dele. Nessa época eu não sabia quanto essa felicidade era preciosa, como eu me sentia livre ou com que rapidez eu perceberia que nada na minha vida era como eu pensava. Que eu tinha caído em uma armadilha.

Será que Tomas sabia disso então? Tento visualizar seu rosto, enquanto andávamos pelo campus discutindo nosso futuro. Haveria

sinais de que ele retinha suas lembranças do Teste? Será que ele entendia, então, o que nosso futuro realmente continha? E se a resposta for sim, será que posso viver não apenas com a traição do seu silêncio, mas com quaisquer atos que seu silêncio esconda?

Todos os pensamentos sobre traição e segredos desaparecem quando a porta se abre e Tomas entra. Quando ele abre os braços, não hesito um segundo para me levantar e me jogar neles. Não importa o que tenha acontecido, Tomas é parte do meu passado, parte da minha casa. No aconchego e na segurança dos seus braços, as lágrimas caem descontroladamente. Quando enfio o rosto no seu peito, a cena de Rawson tropeçando para o nada volta à minha mente. Eu estava longe demais para ver a expressão do seu rosto, mas posso imaginar como a frustração em relação à tarefa mudou para terror, conforme ele escorregava para o abismo. Ele deixou sua colônia para vir aqui trazer ajuda para o país. Tanta esperança esvaziada de um só golpe.

Tomas não diz nada, enquanto ensopo sua camisa de lágrimas. Seus braços me seguram com força, oferecendo conforto e proteção. Quando minhas emoções se esgotam, não pede uma explicação; apenas beija de leve os meus lábios, diz que me ama e lamenta: — Sinto muito ter demorado tanto para chegar aqui. Estava preocupado que você pensasse que eu não viria.

— Eu sabia que você vinha. Talvez seja a única coisa de que eu realmente tivesse certeza. — Você estava preocupado que tivesse alguém te seguindo? — Sei que quando eu estava vindo pra cá, voltei pra trás uma vez só para o caso de o doutor Barnes ter alguém atrás de mim.

Tomas sacode a cabeça. — Dei de cara com o professor Kenzie, coordenador da nossa república. Ele queria saber se eu estaria interessado em acrescentar mais uma matéria na minha grade.

— Quantas te deram?

— Seis. Concordar em ter mais uma era a maneira mais rápida de vir aqui até você, então acho que agora vou ter sete.

É um monte, mas ainda duas a menos do que eu.

A tensão que sinto deve estar estampada no meu rosto, porque os olhos de Tomas se estreitam preocupados. — Quantas matérias você tem?

— Nove.

Pela maneira como seus olhos se arregalam, posso perceber que nenhum dos calouros da sua área de estudo recebeu tantas. Duvido que qualquer um em qualquer disciplina tenha recebido. O doutor Barnes me discriminou. Já sinto a pressão. Deixando isso de lado, pergunto: — Como é a sua república?

— No começo foi o máximo. Temos dez laboratórios no subsolo e uma estufa nos fundos, então a gente não tem de andar até a cúpula de ambiente controlado no estádio. Estávamos animados para receber nossa grade de matérias e começar a trabalhar. Aí, começou a nossa Iniciação.

O medo toma conta de mim conforme ele conta sobre a ida com seus colegas do primeiro ano até o grande estádio, na beira do campus da universidade. — Nosso instrutor de adaptação dos Estudos Preliminares nos contou que o estádio continha uma estufa. Dentro daquela estufa, os alunos do último ano de Engenharia Biológica tinham construído uma corrida de obstáculos destinada a testar o conhecimento e a engenhosidade da classe que estivesse entrando. Tento visualizar o que Tomas descreve — sete bases onde os alunos tinham de identificar plantas ou animais pelo toque ou pelo cheiro ou através da leitura de seu código genético. Uma resposta correta significava passar para a próxima base. A incorreta fazia com que o aluno do primeiro ano tivesse que enfrentar um desafio físico. A incapacidade de passar no desafio físico resultava na eliminação da corrida de obstáculos e no Redirecionamento para fora do programa da Engenharia Biológica e da universidade.

Redirecionamento.

A bÍlis sobe até a minha garganta. A palavra vibra alto na minha cabeça, o que faz com que eu mal ouça Tomas contar sobre a pergunta que respondeu errado e a trilha de trinta metros de comprimento e cinco metros e meio de largura, cheia de plantas perigosas, por onde ele teve de passar antes que lhe permitissem seguir até a próxima base.

— A maior parte do chão e dos arbustos estava coberta com hera venenosa. Não o tipo de nervuras rosa, apesar de ter visto algumas dessas perto das bordas da trilha. A maioria era a variedade típica que cresce nos limites da fazenda do meu pai.

Tomas está saudável e inteiro, sentado ao meu lado, mas ainda assim solto um suspiro de alívio. A hera venenosa que dá nos jardins não é brincadeira. Andei em meio a um bocado delas quando meu pai me deixou ir junto em uma missão exploratória. Eu tinha seis anos. Se não fosse pela pomada que o doutor Flint passou nos meus tornozelos, eu teria me coçado até ficar em carne viva. A coceira e a vermelhidão na pele eram desagradáveis, mas não morri por causa disso. Se eu tivesse passado pelo outro tipo de hera venenosa, não teria sobrevivido. Meu pai diz que a radiação interagiu com o alergênico oleoso contido nas folhas, transformando essa variedade em algo extremamente mortal. Enquanto roçar a pele com o alergênico só vai provocar uma erupção cheia de bolhas, um toque do óleo na língua ou em um machucado aberto tão pequeno quanto a ponta de um alfinete, possibilitará a penetração do veneno. Dentro do corpo, o veneno ataca o sistema cardiovascular, levando ao resultado típico de falência pulmonar. Queimar a planta e respirar sua fumaça provoca uma morte ainda mais rápida.

Meu pai e meus irmãos destruíram cuidadosamente várias áreas pequenas de hera rosa ao redor da nossa colônia, usando luvas para arrancar as raízes do solo e um produto químico especial para matar a planta e neutralizar os efeitos dos óleos venenosos. Eu não deveria me

surpreender que alguém achasse apropriado usar uma planta tão perigosa como parte da Iniciação de uma república, mas me surpreendo. Talvez porque eu saiba, pelo trabalho do meu pai, que a hera rosa só foi encontrada em seis colônias. Nunca foi feito um registro dela na região em torno de Tosu City. É bem possível que os estudantes que cresceram na cidade nunca tenham visto ou mesmo ouvido falar sobre essa planta mortífera. A não ser que tivessem sorte, não teriam chance.

Tomas continua. — Seu pai teria conseguido identificar todas aquelas plantas, mas eu não. Vi sumagre-venenoso, argemone e o jasmim rosa, que acabou com as cabras de Scotty Rollison quando a gente era pequeno.

As flores vermelhas são outra mutação causada pela guerra; estão cheias de pólen que ataca o sistema imunológico.

— Como eu não conhecia todas as plantas, enfiei a barra da minha calça dentro da bota e não saí trilha que eu sabia que não ia me matar. Andei no meio da hera venenosa, cheguei do outro lado e passei pra próxima base.

Esperto. Embora, pela maneira como coça a panturrilha, estou achando que pode ser que precise de uma pomada.

Parece que Tomas não percebe que ele está se coçando. Seus olhos estão distantes, perdidos em uma lembrança. — Quando começamos a Iniciação, éramos quinze calouros. Só oito chegaram ao final. Cinco das colônias e três de Tosu City. O resto... — sua voz se perde, mas eu sei o final da frase.

Os estudantes que fracassaram foram Redirecionados para fora do programa. Expulsos da universidade? Visualizo Obidiah sendo descarregado no flutuador e sinto as lágrimas ameaçando de novo, enquanto lamento estudantes cujos nomes não sei e penso nos que me preocupam. O que aconteceu com Stacia? Será que ela sobreviveu à Iniciação médica? E quanto aos outros? Vou ver seus rostos no campus ou eles se juntarão aos outros nos meus sonhos?

Pego na mão de Tomas e entrelaço meus dedos com os dele. Conto a ele minha experiência. A caçada do abutre. A escolha das equipes. A cobra. A base aérea. A passagem pela cidade que mostrou quanto trabalho ainda precisa ser feito para retornar o relógio aos dias anteriores à guerra. Não conto a ele sobre a conversa que tive com Michal antes de me mudar para república, nem sobre os rebeldes. Ainda não.

A mão de Tomas aperta a minha quando menciono ter estado na equipe com Will. Desde que ouvi a gravação, eu me pergunto se o subconsciente de Tomas se lembra dos acontecimentos que resumi no Comunicador de Trânsito. Entretanto, agora, sou forçada a considerar se meu sonho estava certo. Se esta aversão a Will é uma prova de que as lembranças de Tomas em relação ao Teste estão intactas.

Ignorando a ansiedade contínua, conto o resto: a manipulação para que eu entrasse na caixa de aço; minha certeza de ter sido abandonada; a escolha de libertar Damone, apesar do seu comportamento horroroso; a chegada à última tarefa; o conhecimento de que o doutor Barnes e a professora Holt estão observando todos os meus movimentos, esperando que eu faça alguma coisa que resultará na minha eliminação da universidade. Meu Redirecionamento.

Abraço o peito quando conto sobre os últimos momentos de Rawson. As mãos que o empurraram e o mandaram tropeçando para a morte. A reação devastadora da menina que o matou sem entender que efeito seu ato de frustração traria. Por fim, a culpa que senti sobre o meu papel na perda de vida de Rawson.

— Não é culpa sua, Cia. — Tomas muda de posição, sentando-se à minha frente. Seus olhos encontram os meus com profunda intensidade, enquanto ele pega minhas mãos.

— Eu sei. — sei mesmo, mas parte de mim ainda acredita que minha escolha de equipe teria feito diferença.

Dou uma olhada em minhas mãos presas firmemente nas de Tomas e reparo que ele já não usa o bracelete dos Estudos Preliminares dos

estudantes da colônia. Ao redor do seu pulso há um aro pesado em ouro e prata, com uma árvore estilizada desenhada no centro, sublinhada por três linhas onduladas. A árvore é um símbolo óbvio para um campo de estudos dedicado a revitalizar a terra; a prova tangível de que Tomas se tornou parte de algo que não me diz respeito. Pela primeira vez desde que deixamos Cinco Lagos, não fazemos parte do mesmo time. Separados por símbolos. Talvez por mais coisas.

Tirando minhas mãos das dele, sei que está na hora de descobrir o tamanho da brecha entre nós

— COMECEI A TER sonhos —, digo. — Como o meu pai.

Antes de minha ida para o Teste, meu pai me contou sobre seus sonhos. Sonhos cheios de uma cidade decadente e explosões que separavam carne de osso. Se os sonhos eram reais ou imaginários, meu pai não sabia, mas ele os compartilhou comigo na esperança de que eles pudessem me preparar para o que estava por vir. Usou os sonhos para demonstrar uma lição que precisava que eu aprendesse. Não confiar em ninguém. Entretanto, eu confiei.

A maneira como Tomas fica imóvel e a expressão preocupada em seus olhos me deixa em sobressalto. — Há quanto tempo você vem sonhando?

— Há algum tempo — as cicatrizes no meu braço pinicam e engulo com dificuldade. — Ainda não me lembro de tudo, mas me lembro de algumas coisas.

Seus olhos analisam os meus. — Do que você se lembra?

— Não de muita coisa. Na maior parte, flashes. Malachi morrendo. Will sorrindo sobre o tambor de uma arma. Eu e você tramando para impedir a perda de memória — meu coração escoiceia dentro do meu peito, enquanto espero que ele diga alguma coisa. Qualquer coisa. O silêncio dura um minuto. Dois. Cada segundo que passa tenciona meus

nervos e me deixa de coração apertado, até que não aguento mais: — Você se lembra.

Tristeza, horror e uma emoção que não consigo identificar passam pelo seu rosto, antes que seus traços fiquem inexpressivos. — Lembro do quê?

— De tudo. Você tomou os comprimidos. Guardou a lembrança do Teste. Todo esse tempo. Você se lembra. — fico de pé, enquanto minha consciência é perturbada pelo fato de que eu também tenho algumas lembranças; de que o Comunicador de Trânsito me deu uma leve indicação do passado. Coisa que nunca contei a Tomas.

Entretanto, esse remorso se extingue quando vejo a culpa e o medo se infiltrarem pelas palavras de Tomas: — Não sabia como te contar. — Ele se levanta e estende uma mão que me recuso a aceitar. Andando pela pequena extensão entre as janelas, ele diz: — A ideia era cada um de nós tomar um dos comprimidos, mas não tive tempo de conseguir um para você antes que eles dessem os resultados. Achei que teria tempo. Ainda não sei muito bem por que tomei um dos comprimidos antes de receber meus resultados. Vai ver que eu estava esperando que a medicação fosse perder o efeito antes que eles realizassem o cancelamento da memória. Você não pensaria que eu voltei atrás no nosso acordo e eu não teria de lembrar. Entretanto, eu me lembro.

A dor vai fundo perante a confirmação da traição de Tomas. Raiva surda. Terror mudo. Como ele pôde não contar para mim? Forço-me a ficar forte e não me entregar ao surto de emoção. Tem coisas que preciso saber se quiser me manter viva. Respostas que só Tomas e sua memória podem me dar.

Respiro fundo, engulo a dor sufocante e faço com que minha voz soe equilibrada: — O doutor Barnes está me vigiando. Alguma coisa que fiz durante o Teste fez com que ele pensasse que sou alguma espécie de ameaça. O que foi que eu fiz?

— Não sei — as palavras e a preocupação no seu rosto parecem verdadeiras. — Você descobriu como remover o bracelete de identificação, o que permitiu que a gente conversasse sem sermos ouvidos. Vai ver que o doutor Barnes está cismado com os silêncios que aconteceram quando a gente estava sem eles.

Uma possibilidade que já considere.

— Quando você percebeu que os braceletes continham microfones, ficou preocupada que os oficiais do Teste gravassem nossas conversas antes que a gente chegasse ao centro do Teste. Não pensei que eles fossem se incomodar, pois têm câmeras observando a gente, mas talvez tenham se incomodado. O doutor Barnes pode ter ouvido você mencionar que avistou as câmeras ou você contar sobre os sonhos do seu pai.

A ideia de que o doutor Barnes poderia saber sobre os flashes de lembranças do Teste do meu pai me faz estremecer. Entretanto, enquanto isso poderia dar motivo para o doutor Barnes investir contra a minha família, não consigo imaginar por que minha conversa pré-Prova com Tomas atrairia sua atenção agora. Com certeza, se aquela discussão foi gravada, o doutor Barnes e os outros oficiais a teriam ouvido antes de completar sua decisão sobre quem frequentaria a universidade.

Se o doutor Barnes estivesse preocupado com essas coisas, estaria focado em Tomas também. Entretanto, Tomas não recebeu nove matérias e não teve a impressão de estar sendo vigiado mais de perto do que qualquer outra pessoa. O que significa que alguma outra coisa provocou o interesse do doutor Barnes. Alguma coisa que Tomas não se lembra ou se recusa a dizer. Vou ter de descobrir a motivação do doutor Barnes por minha conta.

Agora, só tenho uma última coisa para perguntar.

Olho atentamente o rosto lindo de Tomas. Seus olhos acinzentados estão cheios de preocupação, culpa e amor por mim. Tenho vontade de tocar nele, mas mantenho as mãos firmemente estendidas dos lados.

Abro a boca para falar as palavras que têm o potencial de estilhaçar tudo entre nós. No entanto, não consigo.

Preferiria viver na especulação e na incerteza do que perder um pedaço da minha vida que me liga à minha casa e à minha família. A alternativa é dolorosa demais para ser pensada. Se isso me rotula como covarde, que seja. Não quero encarar ficar sozinha aqui na universidade.

Tomas pega na minha mão e eu deixo que ele enrede seus dedos nos meus e me puxe de volta para o chão. Deito a cabeça no seu ombro e tento ignorar a dor do vazio que sinto. Conversamos sobre coisas sem importância — o tamanho dos cômodos nas nossas repúblicas, nossos guias, as atitudes dos alunos de Tosu City do primeiro ano.

— Os da minha república não tinham nenhum interesse em conversar com o pessoal que veio das colônias, até depois da Iniciação. Vai ver que isso é parte do motivo para aqueles testes. Pra gente perceber que, não importa de onde viemos, todos temos os mesmos problemas pra resolver. Não somos tão diferentes — diz Tomas.

Eu me pergunto se ele tem razão. É mais provável que agora os estudantes de Tosu City pensem na gente como iguais?

Tomas me puxa para perto. Deito a cabeça sobre seu coração. Está batendo compassado e forte. Ele diz baixinho: — Eu queria te dizer que guardei as lembranças do Teste, mas não sabia como. Você ficou tão feliz quando aquilo acabou. Tão parecida com a menina com quem me formei na nossa colônia. Queria que você tivesse um tempo pra ser apenas feliz. Prometi pra mim mesmo que ia te contar depois do seu aniversário, mas nunca achava o momento certo. O assunto mudava ou você dava um sorriso e me beijava e eu ia adiando. Vivia repetindo pra mim mesmo que faria isso amanhã.

Ele não está errado sobre a mudança de assunto. Eu sabia que Tomas tinha alguma coisa para me contar e não queria saber o que era. Fui covarde. Estava apavorada de que quaisquer que fossem os

segredos que Tomas guardava arrebentariam com a minha frágil esperança de que as histórias no Comunicador de Trânsito não fossem verdadeiras. Não queria enfrentar a verdade, então fugi dela na época. Agora tenho de enfrentar os meus medos.

— O que aconteceu com Zandri? — as palavras mal chegam a ser um sussurro.

Tomas se enrijece ao meu lado. A mão que acaraciava o meu cabelo para. Ele sabe a resposta, mas não diz nada. Parte de mim quer fingir que ele não escutou a pergunta. Dentro de mim tudo grita para que eu vá embora agora, antes que perca tudo. No entanto, não vou porque não quero ser como Damone. Porque Zandri merece mais. Porque se Tomas estiver por trás da morte dela, então eu já perdi tudo. Só não sei disso. Fingir outra coisa é uma mentira. Já me fartei de mentiras.

Viro a cabeça para encarar Tomas e desta vez minhas palavras saem com mais força: — O que aconteceu com Zandri no último teste?

Os olhos de Tomas se desviam de mim: — Não sei.

Alguma coisa se fecha dentro de mim e me afasto dele. — Isso não é verdade. O bracelete dela estava na sua sacola.

Silêncio. Desta vez, eu me recuso a ser quem vai quebrá-lo. Finalmente, Tomas o faz: — Do que você se lembra?

Nada. Apenas meu sussurro, às vezes palavras incompreensíveis perguntando ao doutor Barnes sobre o destino de Zandri. Sua resposta risonha de que eu já deveria saber. O bracelete encontrado entre as minhas coisas. Sem eu saber o que significava. Apenas que o tinha encontrado na sacola de Tomas, enquanto tentava mantê-lo vivo depois da traição final de Will. No escuro, deduzi que o bracelete era de outro candidato do Teste que tinha sido morto durante o teste, mas estava enganada. Tomas encontrou Zandri nas planícies não revitalizadas do quarto teste e nunca me contou.

No entanto, meus segredos não são o que está em jogo agora, então pergunto: — Do que eu me lembro não importa. Quero saber o que aconteceu. Você viu Zandri. Sei que viu porque você tirou o bracelete da sacola dela e colocou na sua. Por quê? O que aconteceu com ela? O que você fez?

Tomas abre e fecha as mãos e de repente não estou ali. Estou parada na terra rachada. De volta à zona do Teste. Meu braço esquerdo dói sob ataduras brancas. Minha pele coça e está coberta de suor e sujeira. Tomas está parado à minha frente, parecendo sujo da viagem e tenso, as mãos fechadas ao lado do corpo. Ao lado das mãos, pendendo de uma bainha amarrada à sua calça, há uma faca. Uma faca manchada de sangue. Existem centenas de maneiras pelas quais o sangue poderia ter ido parar na faca de Tomas, mas apenas uma explica seu silêncio agora.

— Você matou Zandri.

— Foi um engano.

— Um engano? — parte de mim tinha desejado desesperadamente que Tomas não fosse responsável. É essa parte que começa a gritar: — Como é que você mata alguém por engano? Zandri era nossa amiga! — mais amiga minha do que de Tomas. Ela flertava com ele. Pode ser que até estivesse apaixonada por ele. E ele acabou com a vida dela.

Não posso ficar aqui. Estou em pé e me dirigindo para a porta, mas Tomas é rápido e chega lá antes de mim. Não apenas rápido. Anos trabalhando lado a lado com o pai na fazenda tornaram-no forte. Dou chutes e empurro, mas por mais que lute, não consigo tirá-lo da frente da porta.

— Você tem de me ouvir. — Tomas agarra meus ombros e dou um pulo pra trás. Não consigo suportar que me toque. Quero me aconchegar no calor e na segurança que ele sempre significou, mas não vou ceder. Não mais. A segurança que sentia com ele é uma mentira.

Tomas tira as mãos e passa uma delas pelos seus cabelos escuros e ondulados.

— Você tem de me ouvir. Nunca pretendi machucar Zandri. Você tinha ido procurar água. Will e eu brigamos. Eu estava muito puto. Louco da vida por estar machucado. Puto por você não querer deixar Will pra trás e por ter dado no pé me deixando ali com ele. E estava puto porque a gente estava ali no meio do nada, porque o doutor Barnes e seu pessoal queriam ver quem mataria pra sair ganhando. Will saiu andando, levando o cantil com o final da nossa água. Provavelmente ele pensou que fazendo isso eu ia desistir de ir embora, mas não dei a mínima. Levantei a minha bicicleta do chão e montei, pensando em ir procurar você. Foi aí que a vi.

A pulsação ressoa nos meus ouvidos. Sinto enjoo. Não quero escutar sobre a morte da artista loira que estava sempre tão linda e confiante. No entanto, envolvo o corpo com os braços, como se eles fossem servir de barreira contra o frio que penetra o meu corpo e espero pelo resto.

— No começo, não a reconheci. Estava com os braços e o rosto sujos. Só depois que o sol brilhou no dourado dos seus cabelos foi que percebi quem estava cambaleando pela estrada, vindo em minha direção.

Fechando os olhos, visualizo Zandri do lado de fora da escola de Cinco Lagos: seus olhos rindo, os vestidos vaporosos preferidos dela sujos de tinta e seu cabelo dourado brilhando ao sol. Era quase impossível imaginá-la segundo a descrição de Tomas: suja, desarrumada e morta.

— Ela gritou ao me ver e correu de mim. Eu deveria tê-la deixado ir. Ela poderia estar viva, se eu não tivesse corrido atrás dela. O rosto de Tomas se cobre de dor. A culpa entremeia suas palavras espaçadas. — Mas eu tinha de ver se ela estava bem. Eu sabia que você ia querer que eu fizesse isso.

As palavras atingem meu coração.

— Seus pés não tinham firmeza, então não foi difícil alcançá-la. Quando consegui, ela rosnou e mordeu, até que finalmente eu a fiz

entender quem eu era e que não ia machucá-la. Nunca tive a intenção de machucá-la.

Tomas está pálido. Seus olhos estão cheios de dor. — Ela ficou muito aliviada ao encontrar, por fim, alguém em quem podia confiar. Então, Will apareceu e Zandri pirou. Partiu para o ataque e ele a empurrou, gritando pra que ela parasse. No entanto, ela não parou. Acusou-o de sabotar sua equipe no terceiro teste e então começou a gritar comigo. Deve ter ficado com medo ao me ver com Will. Disse que eu não era confiável — que ninguém era — e atacou. Ela tinha um galho que estava afiado com uma ponta.

— Atingiu Will do lado e ele deu um murro na boca de Zandri. De repente, eu estava com a faca na mão. Ela deve ter pensado que eu ia usá-la contra ela. Ou vai ver que não estava pensando nada. Não sei, porque não prestei atenção nela. Estava ocupado demais, gritando com Will. Vendo-o puxar sua arma. Ameacei ele com a minha faca. Ele riu, o que me deixou ainda mais putado. Estava feliz por ter uma desculpa pra machucá-lo. Não sabia que podia ficar feliz com o pensamento de provocar dor em alguém. Não sei por que prestei atenção quando ele gritou pra eu tomar cuidado. No entanto, prestei e me virei.

Tomas olha para as suas mãos. — A faca entrou no estômago dela. Posso sentir seu sangue, conforme ele foi escoando sua vida nas minhas mãos. Depois disso, só soube de Will me ajudando a deitá-la no chão e ela se foi.

O rosto de Tomas está coberto de lágrimas. Meus braços querem se estender para ele, acalmar sua dor e chorar com ele a perda da nossa amiga. No entanto, não sei como cruzar a brecha que nossos segredos construíram entre nós.

— Will agarrou o cantil de Zandri. Tirei o bracelete da sua sacola. Nós a enterramos em um leito seco de rio. — ele enxuga as lágrimas do rosto e sacode a cabeça. — Revi isso umas cem vezes na minha cabeça. Se apenas uma coisa tivesse acontecido diferente. Se eu não

tivesse puxado a faca. Se Will não tivesse aparecido naquela hora ou gritado pra eu me virar. Se você não tivesse me deixado sozinho com Will.

Não acredito no que ouço. — A culpa é minha?

— Não sei — a raiva e a culpa afloram em cada palavra.

Tomas pode dizer que não sabe, mas eu sei. Posso ver a acusação. A amargura. O dano. Tomas está bravo. Bravo por ter tirado uma vida. Bravo por ter se visto em uma situação de fazer isso. Por minha causa.

Entretanto, apesar de eu estar errada em ter escolhido confiar em Will, a culpa não é minha. O doutor Barnes e os oficiais puseram a gente naquela região de terra ressecada. Tomas deixou que sua frustração com Will tomasse conta. Deixou suas emoções dominarem o seu melhor e puxou sua arma. Vai ter de conviver com isso.

Algo do que estou pensando deve estar transparecendo no meu rosto, porque Tomas estende a mão e vem até mim. — Eu não culpo você.

— Culpa sim — falo em tom baixo, calmo. A verdade. Minha voz está tão vazia quanto meu coração, quando digo: — Está ficando tarde. Nós dois precisamos voltar. O pessoal está vigiando.

Tomas não me impede quando passo por ele e abro a porta, mas sua voz vem de encalço quando começo a sair: — Você não tem culpa, Cia. Eu tenho, mas o Teste e cada oficial que trabalha pra ele também têm. Eles merecem pagar pelo que fizeram.

As palavras me fazem parar e olhar para trás, para o menino que conheci e de quem gostei quase a vida toda. Ele parece anos mais velho e mais experiente do que quando subimos pela primeira vez no flutuador que nos levou para o Teste. Nós mudamos. O Teste fez isso com a gente.

— Você está certo — digo. — Eles merecem pagar.

* * *

Quero ficar brava com Tomas. Por ter me enganado. Pelo papel terrível que teve na morte de Zandri. Quero detestar Will. Sua disponibilidade para trocar a vida dos outros pelo seu sucesso revira meu estômago e dói na minha alma. A revolta e a raiva são poderosas, intensas, cheias de energia. Muito diferentes do desespero gelado que me toma agora.

Pego uma trilha sinuosa pelo campus da universidade para voltar para minha república. Digo a mim mesma que estou fazendo isso para ter certeza que qualquer um que me veja deduza que saí para um passeio qualquer, mas bem no fundo sei que não é isso. Em parte quero que Tomas me procure e me encontre. Que me convença que ainda podemos ser companheiros. Que nosso amor é mais forte do que as coisas terríveis que temos sido forçados a fazer. Que não estou sozinha.

No entanto, estou.

Quando chego à ponte da república dos Estudos Governamentais, todas as evidências da última tarefa da Iniciação foram retiradas. Não há caixas, nem tábuas ou ferramentas. Nada que fale da tragédia que aconteceu poucas horas antes.

Subo na ponte e olho para baixo. Desta vez, não estou procurando Rawson. Sinto que estou procurando por mim mesma. Olhar o vazio pedregoso é como espiar um reflexo das minhas emoções.

Sombras.

Vazio.

Um buraco onde antes cresciam plantas e flores, transformado em um lugar onde nada se desenvolve.

Fecho os olhos e vejo Rawson. Zandri. Malachi. Minha companheira de quarto no Teste, Ryme. Outros rostos para os quais não tenho nomes, mas cujos olhos vazios assombram meu sono. Will está à espreita em algum lugar da república. É um dos recompensados por assassinato e traição. Quantos outros dentro desse prédio mataram sem hesitação? Quantos foram recompensados por sua traição com a

futura liderança do nosso país? Como posso encarar meus colegas todos os dias, pensando de que horrores eles são capazes?

As cinco cicatrizes do meu braço queimam. A escuridão do vazio atrai e por um segundo considero responder ao seu apelo. Agarro o corrimão de aço e deixo que o frio do metal me percorra. Como seria fácil deixar que o vazio me engolisse! Livrar-me da tristeza lá no fundo, ser acolhida por aqueles que perdi, escapar dos problemas que enfrento agora!

Contudo, não cedo. Solto o corrimão e recuo. Essa é uma escolha que jamais farei.

Houve uma época, logo depois do fim das guerras, em que a desesperança do mundo destroçado levou muitos a procurar a paz da morte. Agora entendo melhor o desespero que pode conduzir a essa escolha, bem como a coragem necessária para reagir; a percepção que leva cientistas como meu pai a criar esperança em seus laboratórios, vendo-a morrer repetidas vezes até que finalmente ela floresce no solo contaminado. A força que é preciso para deixar o caminho fácil e encarar a dureza.

Olho o campus da universidade — um lugar construído com esperança e a promessa de que aqueles que estudam aqui tornarão este mundo melhor. Uma promessa na qual acredito e pela qual encontrarei força e coragem para lutar. A partir de segunda-feira, farei o que for preciso para conseguir a informação que Michal e os que atuam em segredo precisam para derrubar o doutor Barnes e o Teste — não importa o que isso venha a me custar.

QUATRO DE NÓS estão faltando.

— O Dia da Iniciação é um dia cheio de esperança. Hoje, vocês, nossos novos alunos, serão oficialmente aceitos no campo de estudo do Governo.

A professora Holt está em pé atrás de um pequeno estrado colocado sob o salgueiro perto da república dos Estudos Governamentais. Seus cabelos estão afastados do rosto. Seus lábios, pintados de vermelho, curvam-se em uma expressão de simpatia, enquanto ela se dirige a nós, reunidos aqui, sob seu comando. Temos cinco anos pela frente. O restante de nossos colegas de Estudos Governamentais está atrás de nós, pronto para celebrar a entrada da nossa classe em suas fileiras.

Ou da maioria da nossa classe. Rawson está morto. Olive nunca voltou para o campus depois da sua fuga. Nem a menina chamada Izzy, que não conseguiu terminar a Iniciação com a sua equipe. São as mortes das quais soube. No entanto, um aluno que esperava ver também não está presente. Vance — o menino loiro e o quarto membro da equipe de Olive — está faltando. Uma equipe completa da Iniciação está faltando. Dizem que Olive, Izzy e Vance deixaram a

universidade e voltaram para casa. Pelo bem deles, espero que seja verdade.

— O processo de Iniciação foi elaborado pelos graduandos para mostrar que vocês não apenas vão depender da própria criatividade, mas também precisarão confiar e trabalhar eficientemente com outras pessoas, para poder vencer nas carreiras que têm à frente. Aqueles em quem não se pode esperar que considerem o efeito de suas ações nos outros, não podem ser confiáveis para liderar. — a professora Holt suspira. — Infelizmente, nem todos os estudantes que demonstram a inteligência exigida dos alunos de Estudos Governamentais também trabalham bem com os outros. Nós nos empenhamos para identificar esses estudantes no começo de suas carreiras, para que eles possam ser Redirecionados para campos mais adequados. Por esse motivo, apenas doze dos dezesseis inicialmente atribuídos a esta área prosseguirão neste estudo. Esperamos não precisar reavaliar no futuro vocês, doze, que permaneceram.

Os calouros se agitam ao meu lado. A ameaça é inequívoca. A expressão séria da professora Holt é substituída por um largo sorriso. — Seus guias recolheram e entregaram os braceletes que identificavam vocês como membros do programa de Estudos Preliminares da universidade. Tenho a honra de substituí-los agora com o símbolo sob o qual vocês estarão a serviço pelo resto da vida.

Ela chama nossos nomes um por um e pede que venhamos à frente. Griffin se empertiga. Damone se envaidece. Outros mostram várias formas de orgulho ao estender o braço, deixando que a professora Holt feche em seu pulso um bracelete pesado. Quando chega a minha vez, presto atenção para manter uma expressão satisfeita no rosto, apesar da maneira com que meus nervos se sobressaltam, enquanto a professora Holt busca a minha mão. O bracelete de aros de ouro e prata está frio ao deslizar pela minha pele. Quando ela fecha o elo em volta do meu punho, ouve-se um sonoro clique.

O nome de Will é chamado, enquanto pego meu lugar na fila e analiso o bracelete. Ouro e prata. A junção dos materiais usada para os braceletes dos Estudos Preliminares de Tosu City e da colônia. Agora, os dois metais estão unidos em um desenho que, como as versões dos braceletes do Teste, faz com que seja impossível ver onde fica a junção do círculo. No seu centro, está fundido um disco de prata circundado de ouro. Sobre o disco, há um desenho de uma balança de pratos pendurada em uma barra, em perfeito equilíbrio. Um raio risca pelo meio do disco, do alto da barra até abaixo dos pratos. Meu símbolo pessoal combinado com o símbolo da justiça.

Depois que Enzo recebe seu bracelete, a professora Holt cumprimenta todos nós novamente, antes que sua expressão fique solene. — Embora hoje seja um dia de alegria, eu seria negligente se não recordasse a vida de Rawson Fisk. Era um estudante de inteligência aguda, com um amor por História e um desejo apaixonado de fazer o que fosse preciso para melhorar a vida de sua família e da colônia. Ele fará falta. No entanto, embora sua morte seja terrível, ela não é sem propósito — o tom da professora Holt muda, passando da bondade para uma convicção ardorosa. — Essa tragédia demonstra melhor do que qualquer aula que os líderes jamais podem deixar suas emoções dominar. Se vamos conseguir restaurar nosso país para aquilo que ele era antes dos Sete Estágios da Guerra, é preciso que sempre prevaleçam a cabeça fria e o raciocínio tranquilo.

Ouço murmúrios de concordância atrás de mim.

— Vamos pendurar uma placa para recordar esse sentimento na república, para ter certeza de que a lição de Rawson Fisk nunca será esquecida.

Quando a professora Holt nos convida para entrar na república para uma pequena comemoração, olho em direção ao desfiladeiro e à ponte que esteve faltando.

— Ei, a festa é lá dentro.

Devagar, viro-me para ver Ian me observando. — Eu sei. Queria alguns minutos pra me lembrar de Rawson antes de entrar.

A verdade, mas apenas uma nuance dela. — A professora Holt não mencionou os outros. Eles foram Redirecionados?

Ian olha para a república por sobre o ombro. — Não sei — mas posso ver pela tristeza nos seus olhos que ele sabe.

Toco o aro no meu pulso. — A gente pode tirar isso alguma hora?

— O doutor Barnes insiste que os alunos usem sua identificação o tempo todo. — uma intensidade profunda brilha nos olhos de Ian. — O doutor Barnes acha que o bracelete faz com que as pessoas com quem você entra em contato saibam que você é uma futura líder da Comunidade Unida. Mais importante, o uso do seu símbolo demonstra que você aceitou o futuro que ele representa.

Um motivo convincente, mas duvido que seja mais do que uma sombra do motivo real. O horror me percorre. O bracelete do Teste continha um dispositivo de escuta. Eu não estava usando um desses braceletes de aluno de Iniciação no galinheiro, mas Tomas estava. Será que os oficiais ouviram nossa conversa? O doutor Barnes sabe que Tomas se lembra do Teste? Ele sabe que mesmo que nós dois estejamos separados por culpa e raiva, estamos unidos em nosso desejo de acabar o processo que nos trouxe aqui?

— Você se incomoda se eu der uma olhada no seu bracelete?— Ian pega no meu braço e percorre a peça com os dedos. — Pensei que o desenho parecia um pouco diferente este ano. Veja. — ele usa seus indicadores e polegares para apertar dois pontos no aro e ele se abre. — Este aqui é mais grosso e parece um pouco mais pesado. — ele recoloca o bracelete com um gesto de cabeça. — Eles falaram em substituir o gravador por um rastreador no ano passado. Um dos calouros se perdeu quando voltava do seu estágio para o campus. Ele teve sorte que os seguranças o encontraram em uma parte não revitalizada da cidade, antes que um animal selvagem o fizesse.

Um rastreador. É isso que o aro de metal contém. Como Ian passou essa informação abertamente, devo deduzir que ninguém está gravando ou ouvindo nossa conversa?

— Ei, a gente deveria entrar pra você não perder a festa toda. Acredite em mim, quando digo que você não vai ter muito tempo pra festas quando as aulas começarem daqui a dois dias. Ian se vira para a república com um sorriso, e eu faço a mesma coisa.

Alimento-me. Rio das brincadeiras. O tempo todo sinto no braço o peso do bracelete e do rastreador que ele contém. A festa avança noite adentro. Só quando os veteranos vão para suas camas é que sinto que posso voltar para o meu quarto sem provocar comentários. Faço várias tentativas até conseguir repetir a retirada que Ian fez do bracelete. Coloco-o na mesa e esfrego o pulso antes de examinar o metal entrelaçado. Tiro meu canivete da sacola, coloco o bracelete sob a luz e investigo as costas do disco com a lâmina mais fina. A lâmina escorrega do metal e me espeta duas vezes até que encontro a ranhura mais imperceptível na borda do disco e levanto a tampa. Dentro há uma bateria e um transmissor de impulso de rádio ainda menor, de cobre.

A professora Holt falou sobre a necessidade de confiança. No entanto, à minha frente está a evidência do contrário. Estudo o dispositivo. Meu pai nunca usou rastreadores, mas Hamin e Zeen fizeram experiências com eles, como um método para rastrear animais da fazenda. O desenho deste aqui parece simples. Um impulso é mandado deste transmissor para um receptor separado, que comunica a localização do dispositivo. O tamanho e o modelo simplista da bateria e do transmissor sugerem não ser tão poderoso e provavelmente ele só pode transferir dados para o receptor se ele estiver por perto. Depois de várias tentativas, meus irmãos conseguiram desenvolver o alcance de seu transmissor de maneira que alcançasse um receptor a um quilômetro e meio de distância. Duvido que a capacidade deste seja muito maior, mas não posso ter certeza. Só me resta admitir que o

dispositivo seja mais poderoso do que penso e encontrar uma forma de limitar sua capacidade de relatar meus movimentos.

Como não faço ideia de como vou fazer isso, vou para cama. Sonhos com Tomas esfaqueando Zandri ou doutor Barnes me arrancando de um esconderijo e me empurrando no desfiladeiro me perseguem da escuridão até o amanhecer. Quando acordo, ainda não descobri como limitar o rastreamento dos meus movimentos sem alertar o doutor Barnes de que tenho conhecimento do dispositivo. Eu deveria tirar o transmissor e deixá-lo no meu quarto, mas as pessoas poderiam começar a se perguntar por que o transmissor nunca se mexe. A melhor ideia que tenho é envolver o transmissor com uma fina camada de metal para bloquear o sinal e esperar que aqueles que monitoram nossos movimentos acreditem que meu dispositivo esteja com defeito. No entanto, isso também poderia levantar mais perguntas do que eu gostaria que fossem feitas.

Remontando o bracelete, fecho-o no meu pulso e desço para tomar o café da manhã. Ainda sem aulas, os calouros continuam em um clima de comemoração. No entanto, conforme o dia avança, vejo que os rostos ficam sérios. Por uma boa razão. Todos nós fomos introduzidos no programa de Estudos Governamentais, mas essa admissão não é uma garantia do nosso sucesso. Só nosso desempenho nas aulas pode fazer isto.

* * *

Na manhã seguinte, ainda não descobri uma boa maneira de neutralizar o transmissor do meu bracelete. No entanto, hoje, se eles monitorarem os meus movimentos, verão o que esperam ver. Uma aluna da universidade que vai para o seu primeiro dia de aula. A atração por novas ideias e pelo aprendizado é forte, mas meu medo de não conseguir alcançar os padrões que a professora Holt estabeleceu para mim também é. Enquanto rodo o bracelete do Governo no meu pulso, não posso deixar de imaginar quantos outros calouros das colônias foram aprovados em sua Iniciação. Será que Stacia estará

sentada em uma das minhas aulas ou ela vai ser lembrada pelos futuros alunos de Medicina pela lição que proporcionou?

A conversa no café da manhã no refeitório é menos animada e noto que não sou a única que mal come a comida das mesas à nossa frente. O olhar de Ian encontra o meu, quando afasto a cadeira e coloco minha sacola no ombro. Faz um gesto de assentimento com a cabeça. Repito o gesto, grata pelo apoio, mesmo sem ter certeza do motivo. Está na hora da minha primeira aula: História Geral.

Somos quatorze sentados na classe, quando o professor Lee chega carregando uma pilha de papéis. Ele os coloca em uma grande mesa preta na frente, já cheia de pilhas de livros usados. Os únicos alunos que reconheço na sala são Enzo e um menino de ombros largos chamado Brick, aluno de uma colônia, como eu. O restante é de Tosu City, sobre os quais nada sei. Enzo não olha para nenhum deles, enquanto conversam entre si. Só levanta os olhos quando o professor Lee termina de organizar seu material e se dirige à classe:

— Bem-vindos à História Geral. Pra ter certeza que não repetiremos os erros que levaram aos Sete Estágios da Guerra, temos de entender os erros do passado. Nesta aula, estudaremos o panorama do mundo antes das guerras, estudaremos os países e os governos que dominaram esse panorama. A cada semana, focaremos um período diferente. Vocês precisarão aprender o nome dos líderes, a identificar países nos mapas e explicar prós e contras das estruturas governamentais dos países mais influentes daquele período. Vou, então, escolher os alunos mais adiantados da classe para um estudo especial sobre o que se sabe da estrutura atual global e o que isso significa para o nosso futuro.

A perspectiva de saber como o mundo está se recuperando além das fronteiras da Comunidade Unida faz com que eu endireite mais o corpo. Não sou a única. A sala vibra de excitação e de algo mais. Há uma tensão subjacente sob aquela empolgação. Apenas os poucos

selecionados pelo professor Lee poderão participar daquele segmento da aula. Outra competição. Outro teste.

Ele nos dá um grande sorriso e aperta um botão na parede. — Então, vamos começar a trabalhar, certo?

Uma grande tela desce, mostrando um mundo do passado. A hora seguinte é preenchida com nomes de países e de pessoas mortas há muito tempo; de países destruídos pela guerra ou pela corrupção; de novos regimes que se ergueram para assumir seus lugares. Meu lápis corre pela página à minha frente, enquanto tento captar cada palavra, sabendo que cada detalhe que faltar poderá fazer a diferença entre sucesso e fracasso. Quase duas horas depois, minha mão dói, enquanto anoto as instruções para o dever de casa, antes de passar para a próxima aula. Enzo atravessa o campus comigo até o Prédio Quatro de Ciências. Cálculo Avançado.

Vic sorri para mim de uma carteira no canto. Um menino chamado Zander faz um sinal com a cabeça, de seu lugar na frente. Então a aula começa. Equações diferenciais simples. Equações diferenciais parciais. Funções de Bessel e Legendre. São dadas várias páginas de lição de casa. Haverá uma prova na quarta-feira para avaliar nossa compreensão do material.

Quando a aula termina, saio correndo para evitar os rostos conhecidos na sala. Embora esteja feliz por vê-los, não sei se estou preparada para ouvir o que eles têm para contar. Será que vão me contar que Stacia, que eu ainda preciso ver, ou outros membros de nossa turma de candidatos do Teste não foram aprovados em sua Iniciação? Que foram Redirecionados? Em vez disso, acho um canto lá fora quase completamente escondido, para comer a maçã e o pãozinho que enfiei na sacola hoje de manhã. Tenho uma hora para começar a lição de casa, antes que a próxima aula comece.

História da Comunidade Unida e Lei são seguidas por Línguas Mundiais. Depois, minha última aula do dia: Química. Discutem-se estados da matéria, propriedades de soluções, estruturas cinéticas,

atômicas e moleculares. É passado um projeto. E finalmente as aulas terminam, mas meu dia está longe de acabar. Tenho equações químicas para comparar, uma dissertação sobre os debates a respeito da fundação da Comunidade Unida para escrever e mapas para decorar. Tudo tem de estar pronto até quarta-feira, com mais material a ser dado pelos outros professores amanhã. Sei que o doutor Barnes estará observando para ver que alunos ficam para trás. Não vou ser um deles.

Risadas e conversas enchem o refeitório. Alunos comparam anotações sobre seu dever de casa e professores e fofocam sobre a notícia de que os estágios só serão atribuídos no mínimo na próxima semana. Não digo nada, enquanto encho um prato com verduras, algum tipo de porco temperado e batatas fatiadas, cozidas com cebolas e castanhas. Em parte estou aliviada por ter uma coisa a menos com que me preocupar nos próximos sete dias. Por outro lado, estou ansiosa em saber se meu estágio permitirá ou não que eu junte informações para Michal e para os rebeldes. Deixando o estágio de lado, ignoro os chamados gestuais de Ian e de Will e subo para estudar enquanto como. Quando finalmente durmo nessa noite, Malachi e Zandri juntam-se a mim nos meus sonhos. Eles me testam nos nomes das capitais dos países, ajudam-me a comparar as equações químicas e insistem em que o final da minha dissertação poderia ser mais enfático.

Têm razão. Quando acordo, refaço a última página, antes de me vestir para o segundo dia de aula.

Mais professores, mais lições.

Física Elétrica e Magnética; Ascensão e Queda da Tecnologia; Arte, Música e Literatura; Bioengenharia.

Vejo rostos conhecidos aqui e ali. Brick e Kit em Física. Will, uma menina chamada Jul e um menino de Boulder chamado Quincy, em Arte e Música. E finalmente vejo Stacia — junto com Vic e uma menina de Grand Forks chamada Naomi — em Tecnologia. Todos

estão aqui. Todos usam braceletes que remetem seus movimentos para o doutor Barnes e seus oficiais.

A notícia da morte de Rawson espalhou-se. Nos minutos antes e depois das aulas, a gente se reúne e conversa sobre a perda do nosso colega. Eu quase tinha me esquecido de que Naomy e Rawson eram da mesma colônia, mas os olhos inchados de Naomy revelam abertamente a sua tristeza e o amor que sentia por ele desde os dez anos de idade. Apesar de nunca ter sido íntima de Naomy, eu me pego sentindo pena dela. Durante a aula, reparo alguns alunos de Tosu City passando papeizinhos. Sendo o papel tão precioso, nossos professores de Cinco Lagos puniam essa prática com trabalho extra. Aqui, onde parece que o papel é uma preocupação menor, os professores não parecem se incomodar. Mordendo os lábios, rasgo um cantinho da folha à minha frente, escrevo algumas palavras convidando para um encontro depois do jantar para estudar a lição de casa e passo o bilhete para Naomy. O sorriso que ela me dá ao lê-lo faz com que eu me sinta mais feliz do que há muitos dias. Quando Stacia me lança um olhar de interrogação, rasgo outra ponta do papel e mando um bilhete para ela também. Quando ela sorri, me sinto melhor, mais equilibrada, sabendo que vou passar parte da noite com amigas.

Passo o dia todo procurando sinais de Tomas. Quando finalmente vejo seus conhecidos olhos cinza me observando dos fundos da classe de Bioengenharia, percebo que não estou preparada para lidar com as emoções que explodem dentro de mim: amor, culpa, necessidade, incerteza.

Meu coração bate com força dentro do peito, quando deslizo no assento ao lado dele. Não posso deixar de notar a palidez de sua pele e as marcas de cansaço sob os olhos que encontram os meus. A aula começa. O professor discorre em uma voz monótona sobre viscoelasticidade e embora meu lápis esteja firme na minha mão, minha letra mal é legível, enquanto tento ignorar a dor no meu coração. A mesma dor que sei haver no dele, perante a possibilidade de que

nunca consigamos olhar um para o outro sem que haja morte e culpa entre nós.

Continuamos sentados depois que a aula termina. Não dizemos nada enquanto vemos todo mundo enfiar os papéis dentro das sacolas e ir para a porta. Alguns olhares em nossa direção quando eles saem, mas ninguém hesita. Espero que Tomas fale. O silêncio fica mais desconfortável a cada segundo. Nos olhos dele, vejo condenação e uma exaustão que me assusta. Agora que ele me admitiu seus atos, está se afogando em culpa. E embora eu ainda sinta a dor de sua traição, a raiva que senti desde que ouvi sua confissão se esvai e o medo toma conta. A não ser que Tomas encontre um jeito de se perdoar pela morte de Zandri, o peso da culpa poderá acabar com ele. Vejo um flash de minha colega de quarto balançando em uma corda amarela. Quero convencer Tomas de que a morte de Zandri foi um acidente. Ao contrário de tantos, ele não fez a opção de matar. No entanto, conheço Tomas há tempo demais para acreditar que as palavras ajudem. Até confessar, Tomas colocou a culpa de lado para me proteger. Ele tinha um propósito. Agora, ele precisa de outro.

Inclinando-me para frente, pergunto: — Você trabalhou com os meus irmãos no projeto de autoavaliação sobre animais domésticos?

A curiosidade atravessa o rosto de Tomas: — Meu irmão fez a maior parte do trabalho, mas eu ajudei um pouco. Por quê?

Olho ao redor da sala. Sem ter certeza se alguém poderia estar escutando, pego minha sacola e me levanto. — Preciso ir andando se quiser voltar a tempo do jantar. Quer caminhar comigo?

Saímos do prédio lado a lado. Quando estamos longe de qualquer um que possa nos escutar, explico sobre o transmissor inserido no meu bracelete e sobre a minha vontade de dar “um chapéu” nele. Tomas faz perguntas, enquanto caminhamos em direção à sua república. Quando chegamos ao seu destino, seus olhos perderam um pouco das sombras.

— Hoje à noite, alguns de nós vão se encontrar na biblioteca pra estudar. — Roço sua mão com os dedos. — Você poderia vir também.

Tomas baixa os olhos para nossas mãos. Por um breve momento, seus dedos se apertam contra os meus, antes de se soltarem. — Tenho algumas coisas pra fazer. — ao levantar o pulso envolvido por seu símbolo da Engenharia Biológica, vejo mais uma vez a mistura de determinação e desespero.

Seus lábios tocam o meu rosto. Então, Tomas se vira e vai embora, antes que eu possa pensar em qualquer outra coisa para dizer.

O jantar na república tem um clima de tensão. Pelo menos uma dúzia de calouros está curvada sobre livros, enquanto come. Os veteranos parecem menos tensos, o que me leva a acreditar que a carga de trabalho dos calouros é feita para testar não apenas nosso conhecimento, mas nossa habilidade em lidar com o estresse e a adversidade. Para não ter perigo de fracassar nesse teste, encho mais uma vez meu prato de comida e subo com ele para o quarto. Concordei com Naomi de nos encontrarmos às sete. Até lá, vou trabalhar em outra lição.

Quando eu era muito pequena para ir para escola, costumava observar meus irmãos fazendo seus deveres na mesa gasta da cozinha. Eu sonhava com o dia em que eu também estaria sentada ao lado deles, com minha mãe por perto, pronta para dar uma ajuda. No entanto, quando minha vez finalmente chegou, achei quase impossível me concentrar cercada pelas bobagens dos meus irmãos. Então, todos os dias eu abandonava a mesa e me estendia no chão, em frente à lareira da sala. É por isso que quando entro nos meus aposentos, ignoro a escrivaninha do quarto e esvazio minha sacola no chão. Sentada de pernas cruzadas, como punhados de frango e cenouras, enquanto trabalho em equações com diferenças potenciais.

Dou um pulo quando alguém bate na minha porta. Ian mal espera que eu saia do caminho para entrar no quarto e fechar a porta às suas costas.

— Você pensou que eu estava brincando quando disse que o doutor Barnes está te observando? O que você pensa que está fazendo aqui?

— Estou estudando. Você me disse pra não relaxar nas aulas.

— E estava falando sério. — Ian olha os papéis e os livros espalhados pelo chão e esfrega atrás do pescoço. — Mas você não pode ficar afastada do resto de nós. Principalmente depois da morte de Rawson. Todo mundo na república vai pensar que o seu comportamento mostra que você não pode lidar com perda ou que você não quer fazer parte da universidade.

Suas palavras me dão nos nervos. — Diga a eles que tenho nove matérias pra estudar.

— Não, porque eles vão contar para o doutor Barnes que a sua grade de matérias é demais pra você. Por sorte, o Raffé disse que você não estava se sentindo bem hoje, durante a aula. O Enzo confirmou, o que diminuiu a maior parte dos resmungos — ele franze o cenho. — Cia, não basta tirar notas boas. Você também tem de se parecer com todo mundo, enquanto está fazendo isso, o que significa comer suas refeições no refeitório, passar algum tempo nas áreas comuns e fazer com que pareça que está se divertido.

— É pra eu fazer que pareça fácil lidar com nove matérias?

Ian concorda com um gesto. — É isso o que os líderes fazem.

Olho as páginas espalhadas pelo chão. A pressão cresce atrás dos meus olhos e no meu peito. Hoje é apenas o segundo dia de aula e já sinto os efeitos do estresse. No entanto, basta pensar nos líderes da colônia de Cinco Lagos para saber que Ian tem razão. Embora traga o peso de nossa colônia nos ombros, a magistrada Owens nunca parece agitada. Mesmo quando se refere a um problema sério, ela tem um jeito de fazê-lo parecer mais um enigma do que uma preocupação de vida e morte. Meu pai é a mesma coisa. Não importa quanto esteja preocupado com uma infestação contagiosa em uma plantação ou com a reação de um pedaço de terra não revitalizado aos cuidados de sua

equipe, ele nunca demonstra isso. Não em público. Deixa suas frustrações e preocupações em casa. Assim que sai pela porta, sabe que as pessoas estarão de olho nas suas ações. O sucesso de sua equipe significa a diferença entre fome e sobrevivência.

— Está bem — digo. — Amanhã eu fico para o café da manhã e para o jantar.

— Ótimo. — Ian sorri, tira alguns papéis da cadeira e se senta. — Depois que os estágios começarem, eles não vão contar com você em todas as refeições. O tempo todo surgem tarefas inesperadas. Você vai poder pôr a culpa nelas, pelo tempo que tira para estudar. Agora, que estou aqui, quer que eu dê uma olhada no que você tem de entregar amanhã?

— Por quê? — pergunto. A desconfiança briga com a gratidão. O oferecimento de ajuda por parte de Ian tem a ver com a própria experiência ou tem alguma coisa a mais. — Alguém insinuou que eu precisava de ajuda?

Analiso seu rosto procurando a verdade atrás dos seus atos. Está me propondo ajuda porque sou da colônia como ele? Será que ele é o amigo a que Michal se referiu, quando disse que estava sendo realocado? O fato de Ian me passar informação sobre meu bracelete de Estudos Governamentais diz que ele está do meu lado. No entanto, ainda não sei por quê.

— Um amigo me disse que ajudar uma menina bonita em suas lições seria uma ótima maneira de conquistar sua confiança. Pode ser difícil descobrir em quem confiar. — Ian faz uma pausa. Meu coração dispara, enquanto tento ouvir a mensagem contida nas palavras: — Esse amigo confia em mim, Cia. Você também pode confiar.

Sem palavras, estendo as páginas. Depois, tento trabalhar enquanto Ian dá uma olhada com atenção. Ele aponta um erro na minha lição de cálculo e está me fazendo sugestões sobre como reforçar o final de uma dissertação, quando reparo na hora. Stacia e Naomi estão esperando.

— Tenho de ir.

— Aonde você vai?

— Vou até a biblioteca, antes que feche.

Ian franze os olhos. — Desde que você não esteja indo se encontrar com seu amigo Tomas.

O nome de Tomas nos lábios de Ian me deixa sem fala. Até onde sei, os dois nunca se encontraram.

Ian suspira. — Se você estiver planejando se encontrar com ele, não vá. Você não vai lhe fazer nenhum favor. Até que a gente saiba por que o doutor Barnes te escolheu, a única maneira de deixar seu namorado a salvo é ficando longe.

Como Tomas não aceitou meu convite de hoje à noite, isso não vai ser problema. No entanto, se vamos trabalhar juntos para burlar o rastreador, vamos ter de nos encontrar no futuro. A gente poderia se encontrar em segredo, mas até descobrirmos uma maneira de contornar os transmissores nos nossos braceletes, os responsáveis saberão que estamos juntos — o que, segundo Ian, trará mais risco para Tomas.

Sei o que Zeen faria. Meu irmão não interromperia seus planos. Ele simplesmente encontraria um jeito de alcançar seu objetivo sem alertar quem estivesse vigiando suas ações. O Comunicador de Trânsito da minha sacola é um exemplo perfeito da sua habilidade em seguir abertamente a própria agenda, abertamente e de tal maneira, que ninguém note que ele está fazendo alguma coisa. Talvez eu possa usar o mesmo truque para encobrir qualquer conversa que eu tenha com Tomas.

Enfio os papéis que preciso dentro da minha sacola, apanho o casaco e desço a escada. Ouço vozes vindas da sala de estar. Parada à porta, procuro rostos conhecidos. A maioria dos estudantes é de veteranos. No entanto, avisto Raffé e Damone com mais dois calouros no canto dos fundos.

— Vou até a biblioteca fazer meu trabalho de História da Tecnologia — digo, enquanto olhos surpresos se dirigem para mim. —

Algum de vocês quer vir comigo?

A maioria diz não, coisa que eu esperava. No entanto, Raffé me surpreende ao se levantar, passar a sacola da universidade no ombro e dizer: — Eu estava exatamente indo pra lá. Vamos.

Caminhamos até a ponte em silêncio. Raffé anda mais devagar ao cruzar a ponte. Eu também. Com o canto do olho, reparo que Raffé olha sobre o corrimão.

Depois que deixamos a ponte, ele pergunta: — A gente está indo mesmo pra biblioteca?

— Pra onde mais a gente iria?

Ele dá de ombros. — Só acho bom dar o fora de lá por um tempo. Griffin e Damone estão começando a me dar nos nervos.

— Pensei que eles fossem seus amigos.

Raffé para de andar. — Não é porque somos todos de Tosu City que somos amigos. Não sei o que você acha, mas amizade é um luxo para o qual eu nunca tive tempo. Estava ocupado demais vencendo a minha competição pra chegar aqui.

Não posso deixar de pensar nas palavras de Raffé, enquanto atravessamos o campus. Amizade é uma coisa com a qual eu sempre contei. Em Cinco Lagos, a gente competia para ser o melhor da classe, mas todos nós fazíamos força para nos dar bem. Para mim é impossível pensar em crescer sem a Daileen me cochichando seus segredos ou sem a compreensão delicada de Tomas. Será que as pessoas aqui em Tosu City são tão diferentes que não valorizam esse tipo de ligação? Ou vai ver que Raffé só está usando esta chance para ganhar minha simpatia na esperança de usá-la mais tarde.

Quando chegamos, Naomi e Stacia estão esperando do lado de fora da biblioteca. Apresento Raffé. Se alguma das duas fica surpresa por eu trazer comigo um estudante que não vem de colônia, não demonstram. Nós quatro entramos na clara biblioteca, escolhemos uma mesa no canto dos fundos da sala principal de estudos e começamos a trabalhar.

Vários veteranos e professores reparam em nós, mas ninguém parece surpreso ou incomodado com o encontro do nosso grupo de estudos. Nada poderia ser mais natural do que estudantes trabalhando juntos para se saírem bem. Quando eu convencer Tomas a se juntar a nós, ninguém vai pensar duas vezes em sua incorporação. Pelo menos, é o que eu espero.

Em meio à discussão sobre quanto de história se perdeu quando as redes de computadores foram destruídas, falamos sobre nós mesmos. Raffé conta que é o filho caçula do diretor de educação da Comunidade Unida. Dos sete filhos em sua família, seis foram aceitos na universidade. Naomi diz ter inveja das famílias grandes. Embora seus pais se sentissem orgulhosos por ela ter sido escolhida para o Teste, quase não conseguiram esconder sua tristeza perante a perspectiva de se despedirem de sua única filha.

— Pelo menos você conseguiu dormir em uma cama na sua infância — eu digo. — Eu dividi um quarto com meus quatro irmãos. Todos roncam.

Enquanto pegamos os livros e procuramos informação, fazemos algo mais importante. Rimos. A sensação é boa. Normal. Feliz. Quanto tempo faz que eu não sentia nada disso? Até Stacia, que normalmente é tão reservada, se descontraí o bastante para falar sobre seu irmão mais novo, Nate, que nasceu muito prematuro e por causa disso aprende mais devagar do que seus colegas. Ela fica pensando como ele está se saindo, agora que ela não está lá para ajudá-lo com suas lições e não deixar os outros moleques caçoarem dele. — Papai e mamãe nem sempre têm tempo de sobra pra ficar com ele

Stacia se desvencilha da mão que Raffé coloca em seu ombro e muda de assunto, pedindo-me para ajudá-la a achar um livro. Nós duas subimos a escada para o segundo andar. Várias cabeças se viram para gente. Stacia dá uma analisada nelas, antes de me levar para uma fileira de textos médicos. Num cochicho, ela me conta rapidamente sobre a Iniciação médica, onde os calouros tinham de escolher o

tratamento correto para uma dúzia de doenças comuns com a ajuda de um manual médico. Depois que as respostas eram dadas, cada estudante era levado para uma sala de tratamento. Lá dentro, doze grupos de remédios estavam colocados sobre uma mesa, esperando para ser ministrados a pacientes que entravam pela porta, um a um. O remédio dentro da xícara que representava a resposta correta era um placebo, as respostas erradas continham veneno.

— Os veteranos fizeram a gente observar cada paciente tomando seu remédio. Eles queriam testar nossa confiança no diagnóstico e nossa habilidade em lidar com a perda de um paciente. Acho que algumas pessoas têm problema em conviver com um engano que provoca a morte de alguém. Qualquer um que demonstrasse um despreparo psicológico ou desse mais de duas respostas erradas, era Redirecionado.

Minha garganta se enche de bílis. — Os pacientes não morriam de verdade, né? — seria quase impossível para o doutor Barnes explicar esse tipo de perda de vida ou arrumar oficiais que se oferecessem para esse tipo de trabalho.

Stacia dá de ombros: — O que eu perdi parecia morto, mas me disseram pra não tocar num paciente depois que o tratamento tivesse sido ministrado. Então, tudo é possível.

Stacia é determinada e, às vezes, reticente. De todos os alunos da colônia, foi ela quem sempre aceitou os desafios que enfrentamos com uma postura tranquila. No entanto, suas mãos fechadas e a contração do seu maxilar quando fala de morte e dos três alunos que o coordenador de sua república disse que foram Redirecionados para trabalhar nas colônias, indicam uma preocupação que ela nunca mencionou. Por alguma razão, ver Stacia enfraquecida é mais perturbador do que se ela tivesse mantido sua postura estoica.

A luz de cima pega o bracelete em seu pulso. Em seu centro, há um símbolo que eu me lembro de ter visto na casa do doutor Flint: uma cobra enrolada ao redor de um bastão. O doutor Flint tinha isso

exposto no quarto onde costumava tratar os pacientes. Quando lhe perguntei sobre o desenho, ele disse que era o antigo símbolo da medicina. No entanto, diferentemente da versão do doutor Flint, este aqui tem o que parece ser uma segunda cobra enrolada sob ele, pronta para atacar. Depois de ouvir Stacia falar sobre a Iniciação, dá para entender por que este símbolo foi escolhido para representá-la.

Respondo rapidamente às perguntas de Stacia sobre a minha experiência na Iniciação, antes de pegar um livro e me dirigir à escada, para descer e me juntar aos outros.

No dia seguinte, as aulas ficam mais puxadas. Os professores recolhem nossas lições. Vários dão um questionário para verificar nosso nível de entendimento do material básico. Outros avisam que na semana seguinte serão dadas provas sobre conceitos mais avançados.

Passo mais bilhetes durante a aula, na quarta-feira. O de Tomas avisa que é para ele esperar para se juntar com a gente até a outra semana. A essa altura, espero que as pessoas estejam tão acostumadas a ver o grupo, que não fiquem surpresas com o acréscimo de mais um. À noite, Stacia, Naomy, Raffé e Vic me encontram na mesma mesa da biblioteca que ocupamos na noite anterior. Nem todos têm os mesmos trabalhos a ser feitos, mas ainda trabalhamos juntos. Ajudamos uns aos outros quando alguém precisa de uma pessoa que confira uma fórmula de Química ou revise uma frase — como eu costumava fazer com Tomas durante nossas aulas de Estudos Elementares.

As aulas de quinta-feira são a mesma coisa. Trabalhos recolhidos. Exposições sobre literatura importante, engenharia básica celular e as propriedades de equilíbrio de sistemas de liga. Somos avisados de que os prédios das salas de aula estarão abertos durante os próximos dias para que possamos usar os laboratórios e os recursos disponíveis nas salas para completar nossos projetos. Aproveito, nunca me esquecendo dos meus outros projetos. Aquele com que eu me comprometi a ajudar Michal e o que circunda meu pulso. Enquanto me dedico a um

trabalho sobre rádio de pulso, penso que poderia descobrir uma maneira de cuidar do segundo.

Na segunda-feira, a tensão da carga de trabalho transparece em quase todos os rostos dos calouros. Um excesso de leitura. Sono de menos. A preocupação com o custo de um fracasso se revela nos olhos vermelhos e nos sorrisos tensos. Os exercícios que comecei a fazer sozinha no apartamento para recuperar força muscular me ajudaram a me sair melhor do que alguns. Mesmo assim, eu me vejo ensopando um pano na água fria e o colocando sobre os olhos para esconder o cansaço resultante do trabalho até tarde da noite e dos sonhos cheios de imagens perturbadoras.

Eu me forço a interromper o sono depois de cada sonho e me sento no escuro tentando decidir se o cheiro de sangue e o som da bala saindo da arma são pesadelos comuns ou lembranças do Teste que espertam em meu subconsciente. Se pelo menos eu descobrisse a chave para libertá-los!

Passo mais bilhetes e nosso grupo de estudos aumenta de número. Enzo se junta a nós, assim como Brick e um aluno de Tosu City de Engenharia Biológica, chamado Aram. Os estágios são adiados por mais uma semana. A tensão cresce.

Enzo começa a caminhar comigo até a classe. É ele quem descobre Damone seguindo a gente. Quando olho para trás, Damone me encara. No dia seguinte, Enzo e eu saímos do prédio mais cedo, mas mesmo assim Damone está lá. Observando. Reparo que a fechadura da minha porta está gasta e riscada. Não falta nada dentro do quarto. Não foram acrescentadas câmeras, mas não consigo deixar de sentir que alguém esteve lá dentro. Durmo com uma cadeira colocada sob o trinco da porta e pulo a cada som noturno, enquanto estou deitada acordada — imaginando se a facção de rebeldes de Symon encontrou uma maneira de acabar com o Teste sem derramamento de sangue ou se a guerra está vindo, enquanto o resto de meus colegas dormem, desprevenidos, em suas camas.

Passo outro bilhete para Tomas, convidando-o a se juntar a nós e saber a ideia que tive. Quando ele chega à mesa da biblioteca onde estamos reunidos, as sombras nos seus olhos estão mais fracas, substituídas por um toque de excitação.

Por um tempo, ele trabalha ao meu lado em silêncio. Quando alguns dos nossos companheiros de estudo começam a trabalhar juntos nas tarefas, Tomas se vira para mim e pergunta: — Você já terminou o trabalho do transmissor?

Ninguém da mesa está na nossa classe. Eles não têm ideia de qual é a tarefa em que estamos trabalhando. Assim, remexo na minha sacola, tiro um papel e digo: — Tenho algumas ideias anotadas.

Enquanto conversas sobre Física e Literatura circulam à nossa volta, mostro a Tomas minha ideia de um transmissor externo que seria ajustado na mesma frequência do que está nos nossos braceletes. Em teoria, o transmissor externo criaria uma interferência suficiente para que o sinal no nosso dispositivo do bracelete ficasse imperceptível. Quem quer que estivesse monitorando na outra ponta leria o problema como uma obstrução natural de sinal e não como uma sabotagem.

Tomas sorri e me ajuda a aperfeiçoar meu desenho. Sugere que a gente faça transmissores extras para espalhar pelo campus, de modo que os sinais de outros estudantes passem pelas mesmas dificuldades técnicas. Quando guardamos nossos livros nessa noite, temos um plano possível esquematizado.

Ao voltar para a república, vou para o laboratório e começo a trabalhar. Encontro uma variedade de resistências, baterias, condensadores, fios, bobinas e transmissores no armário de suprimentos do laboratório. Depois de ter montado e testado cinco transmissores com cinco centímetros de comprimento e dois e meio de largura, meus olhos estão cansados e meus dedos com cãibra. Também criei um pequeno receptor em uma frequência diferente, que se acende quando aciono um pequeno interruptor. Agora vou poder avisar Tomas se precisar de ajuda. Escondo um transmissor bloqueado atrás de um

retrato na sala de estar que agora está vazia, antes de subir para ir para cama.

Durante as aulas do dia seguinte, escondo três transmissores no campus. Quando Tomas e eu nos cruzamos, entrego a ele o receptor e uma atualização de onde escondi meus transmissores. Amanhã ele vai esconder os dele. Ao jantar é dado um aviso. Os estágios serão distribuídos na sexta-feira.

Quando a sexta-feira amanhece, os calouros e nossos guias são requisitados a se juntar na sala de reuniões depois do café da manhã. A maioria está vestida em suas melhores roupas. Os meninos de paletó. As meninas em vestidos vaporosos. Não trouxe roupas chiques comigo para o Teste, então estou de calça marrom, uma camisa turquesa e minhas botas esfoladas. Em vez de prender o cabelo, escovo-o até brilhar, como minha mãe fazia quando eu era pequena. Como estou para lá de feliz em deixar os oficiais rastrearem meus movimentos hoje, deixo meu transmissor escondido debaixo do colchão, quando desço para saber o que me será destinado.

Vestida em carmesim escuro, a professora Holt está perto da lareira. Os lábios, em uma cor que combina com a do seu macacão, estão curvados num sorriso. — Hoje começa uma das partes mais importantes da sua educação. Não basta responder às perguntas da prova corretamente. Vocês precisam conseguir trabalhar bem com outras pessoas e aplicar o conhecimento que receberam em situações do mundo real. Seu estágio lhes dá uma experiência importante que ajudará vocês a ser líderes capazes depois de formados na universidade.

Os olhos dela percorrem a sala. — Infelizmente, depois de conversar com seus guias graduandos e de falar com seus professores, estamos preocupados que alguns de vocês não estejam prontos para os desafios desta envergadura. Na distribuição dos estágios, levamos em conta seu desempenho acadêmico até agora. Alguns de vocês poderão ficar decepcionados com as escolhas que fizemos, mas estamos fazendo isso pensando no melhor para o seu futuro e o futuro da Comunidade

Unida. Lembrem-se, embora consideremos esses estágios essenciais para a sua educação, o trabalho de classe é tão importante quanto. Ajustes alternativos serão feitos para os alunos cujo trabalho caia abaixo de padrões aceitáveis.

Ajustes alternativos.

Redirecionado.

Morto.

— Quando seu nome for chamado, você será acompanhado ou acompanhada pelo seu guia graduando a um encontro com um representante do departamento do governo onde você vai trabalhar. Independentemente do estágio para o qual vocês forem designados hoje, sintam-se orgulhosos por ter chegado tão longe e por tudo o que conseguiram. Vamos começar com Juliet Janisson.

A menina de cabelos escuros se levanta de um lugar no canto, junta-se a seu guia, Lazar, e some pela porta. Enxugo a palma das mãos na calça, enquanto esperamos pelo próximo nome. Ninguém fala, enquanto os segundos vão passando. Por várias vezes, pego Griffin me observando. Ele cochicha alguma coisa com Damone que faz com que os dois riam.

Um por um, os estudantes são chamados. Os guias acompanham seus pupilos para fora da sala e depois voltam para servir de acompanhante ao próximo calouro. Finalmente, só sobram Ian, a professora Holt e eu.

O fogo crepita.

O teto acima de nós estala.

Eu me esforço para não me contorcer sob o olhar penetrante da professora Holt. Por fim, ela quebra o silêncio: — Sinto muito você ter tido que esperar até o fim, Malencia.

— Alguém tem de ser o último — digo, satisfeita por perceber que minha voz não trai o nervoso que sinto.

A professora Holt concorda com a cabeça. — Isso é verdade, mas no seu caso foi uma decisão deliberada. Alguns acontecimentos durante

a Iniciação levantaram questões sobre o tipo de futuro que você deveria ter dentro desta instituição.

Meu coração desce para o estômago e meus joelhos ficam moles. Fico aliviada que a professora Holt não espere que eu responda, porque duvido que eu conseguisse fazer as palavras passarem pela minha garganta apertada.

— Tendo em vista suas circunstâncias peculiares, tivemos de esperar até o momento em que os oficiais interessados no seu caso estivessem disponíveis para esta discussão.— ela olha seu pulso e sorri. — Esta hora seria agora. Por favor, me acompanhe.

A professora Holt passa pela porta sem olhar para trás e eu vou com ela. Olho para Ian, que caminha ao meu lado. Quando ele pega na minha mão e a aperta com força, sei que estou em uma grande encrenca.

Somos levados pela ponte, onde um flutuador prateado brilhante reluz sob a luz do sol. Quero correr para longe e depressa, porque a única razão para um flutuador estar aqui é me levar para longe da universidade. Para o quê e para onde, não sei, mas não pode ser coisa boa. Apesar da minha vontade de fugir, agarro a mão de Ian e espero por qualquer que seja a surpresa que a professora Holt tem guardada.

A porta do compartimento de passageiros se abre e a professora Holt faz um gesto para que eu entre. Ian solta minha mão. Minhas pernas estão bambas, conforme me aproximo do flutuador. Depois de uma última olhada para Ian, respiro fundo, entro na cabine e vejo o doutor Barnes sentado em um dos macios assentos cinza que ladeiam a parede. Ele me dirige um sorriso familiar.

— Sente-se, por favor.

Apesar do tom agradável, entendo as palavras pelo que significam. Uma ordem. À qual eu obedeco.

— Peço desculpas pelo lugar inusitado deste encontro. Como você sabe, a esta altura de sua carreira universitária, a professora Holt e eu normalmente designaríamos você para o estágio que acreditamos que

melhor combinasse com suas habilidades. Neste caso, contudo, fomos solicitados a passar essa responsabilidade para outra pessoa.

A esperança renasce quando percebo que o doutor Barnes está de fato falando sobre um estágio. Não vou ser Redirecionada.

— Quem vai determinar o meu estágio? — pergunto.

— Eu.

Viro-me e um arrepio percorre a minha espinha. Parada na porta, com um vestido vermelho sanguíneo de corte severo, está a presidente da Comunidade Unida, Anneline Collindar.

— PEÇO DESCULPAS POR ter feito você esperar, Malencia. A presidente senta-se à minha frente e cruza as pernas. — Ser líder da Comunidade Unida significa que seu tempo nunca lhe pertence.

— Tenho certeza de que seu pai concordaria com isso —, diz o doutor Barnes. — Você não acha, Cia?

Ouvir o doutor Barnes mencionar meu pai me tira o fôlego.

A presidente Collindar fala, antes que eu possa pensar no que essa referência significa. — Sei que Jedidiah tem outras coisas com as quais se preocupar, como eu, portanto vou ser breve. Fiquei intrigada quando nós nos encontramos durante a sua Iniciação. De todos os estudantes que entraram na Câmara de Debates, você foi a única que repetiu o pedido sem erro e a única mulher que fez a tentativa por sua equipe. Assumir esse tipo de risco em público é normalmente mais difícil para as mulheres do que para os homens. Não sei muito bem por quê.

Seu sorriso mostra que ela nunca considerou isso um problema. — Meu interesse ficou mais aguçado quando você mencionou sua colônia de origem. A etiqueta da Câmara de Debates não é tão conhecida como era antes, principalmente fora dos limites de Tosu City. Depois de discutir seus resultados no Teste e seus feitos acadêmicos com o

doutor Barnes e a professora Holt, pedi que você fosse designada a um estágio no meu gabinete. Como presidente, minha lealdade é para com todos os cidadãos da Comunidade Unida, mas é raro que eu tenha a oportunidade de ir além dos limites de Tosu City e converse com os cidadãos das colônias. Quando consigo me encontrar com os moradores das colônias, eles ficam nervosos demais ou intimidados demais com o meu pessoal para falar com franqueza. No entanto, uma menina como você, Malencia... — ela descruza as pernas e se inclina pra frente. — Uma menina que está disposta a se arriscar a um constrangimento e um possível fracasso ao assumir o controle da tribuna da Câmara de Debates estará mais inclinada a me contar o que preciso saber. Você não acha?

— A senhora quer que eu conte sobre a colônia Cinco Lagos?

— Se você acha que eu preciso saber sobre ela, quero. Ela sorri.

— Espero que a senhora faça com que ela vá além de lhe contar sobre a colônia Cinco Lagos — diz o doutor Barnes com suavidade.

O sorriso da presidente se escancara. — Meu gabinete nunca foi incluído no programa de estágios da Universidade. O doutor Barnes e a professora Holt expressaram certa preocupação sobre a falta de um currículo estabelecido, mas eu os convenci do valor educativo que decorre de trabalhar junto com a equipe da presidente da Comunidade Unida.

O doutor Barnes se enrijece. — Lembre-se Cia, de que como seus colegas do primeiro ano, você terá de dar conta dos trabalhos passados pelos professores da Universidade. Só porque você trabalha no gabinete da presidente, isso não significa que vá ter um tratamento especial.

A presidente Collindar solta uma leve risada. — Não se preocupe. Vou fazer questão de que Cia tenha bastante tempo para completar todas as suas tarefas. O que pensariam se a estagiária da presidente fracassasse na escola?

De repente, percebo que a tensão que senti no flutuador não vem só de mim. Não. O rubor zangado sob a barba grisalha do doutor

Barnes e o brilho de desafio nos olhos da presidente Collindar falam de algo maior do que a atribuição de um estágio. Uma luta de poder que não entendo, mas em que estou desavisadamente envolvida.

A presidente Collindar olha para seu relógio. — Está ficando tarde. É melhor a gente ir indo, se quisermos que Cia tenha tempo de conhecer as salas presidenciais. Eu te convidaria pra vir conosco, Jedidiah, mas tenho certeza que você tem coisas a fazer aqui no campus.

A dispensada é contundente, apesar do tom cordial. Fica claro, pelos movimentos rígidos do doutor Barnes ao sair do flutuador, que ele sentiu o desrespeito. A porta do passageiro se fecha e um zumbido alto enche o compartimento, enquanto o motor do flutuador é acionado. Olho ao redor da cabine e vejo uma pequena lente redonda no canto direito dos fundos. Quem quer que esteja operando o flutuador deve ter uma tela na frente que mostra o que está acontecendo aqui atrás.

A presidente vê a direção do meu olhar e assente para câmera. — Às vezes, se você não tem certeza do resultado de um encontro, é melhor ter outro par de olhos observando. Nunca se sabe quando é que se vai precisar de uma ajuda.

O flutuador levanta do chão e segue em frente. Da janela, vejo o campus se perder de vista e sinto uma sensação de alívio, mesmo me preparando para qualquer que seja o desafio que venha a seguir.

A presidente Collindar recosta-se nas almofadas cinza. Faço o possível para ficar imóvel, enquanto minha mente está um turbilhão. Fui designada para um estágio com a presidente Collindar, a pessoa mais influente no governo da Comunidade Unida — que, pelo jeitão da coisa, não se dá bem com o doutor Barnes. Michal insinuou que o plano de Symon para acabar com o Teste pacificamente requer o apoio da presidente Collindar. Vou manter os olhos e os ouvidos bem abertos.

Depois de vários minutos de silêncio, a presidente vira-se e olha para mim. Sem saber o que dizer, pergunto: — Estamos indo pro edifício do Governo Central?

— Hoje não. Quando fui eleita presidente, mudei meus escritórios particulares pra um prédio a poucos quarteirões de distância. Acho mais fácil pensar em um espaço que não seja tão caótico.

— Não sabia disso. Na verdade, eu me lembro do nosso guia mostrando para gente a entrada para o gabinete da presidente quando fizemos um turno pelo edifício do Governo Central.

A presidente Collindar sorri. — Não divulgamos. Você ficaria espantada em ver quantas pessoas não conseguem tomar uma decisão sem pedir a minha opinião, se pensam que estou ali por perto. Agora que elas precisam andar alguns quarteirões, se viram com os problemas menores. Os grandes... — ela suspira. — Bom, esses são os que os cidadãos da Comunidade Unida esperam que eu resolva. Hoje você vai conhecer algumas das pessoas com quem vai trabalhar. No entanto, antes de nós chegarmos, gostaria de enfatizar que estou voltada para o país como um todo. Acredito na missão em que os sobreviventes dos Sete Estágios da Guerra embarcaram, quando instituíram o governo da Comunidade Unida. Nem todo mundo concorda. E aqueles que acreditam, muitas vezes têm visões diferentes quanto à maneira com que essa missão deveria ser posta em prática. Como você deve ter imaginado, o doutor Barnes e eu não concordamos em uma porção de coisas. Por causa disso, frequentemente descubro que não estou tão bem informada quanto aos programas da universidade quanto gostaria. Espero que você possa remediar essa situação.

— Não entendo.

A presidente Collindar recosta-se. — Não? — seus olhos perscrutam meu rosto. — Os estudantes que frequentam a universidade são a próxima grande esperança deste país. Fico perturbada quando ouço que muitos desses estudantes não conseguem chegar à graduação.

Ela espera para que eu fale. As palavras fervilham dentro de mim. Quero explicar que conheço o Teste. Expor a brutalidade que o doutor Barnes e sua equipe têm defendido. Condenar o processo que se tem permitido desenvolver no centro de uma cidade criada para representar esperança. Este é o momento pelo qual eu estava esperando. Que os rebeldes estavam esperando. No entanto, o instinto segura a minha língua. A presidente Collindar é a pessoa mais poderosa do país. Se ela quer informação sobre o Teste e a universidade, por que até agora ela não a recebeu? Eu me remexo no assento. Claro, se a presidente exigisse respostas, alguém se sentiria compelido a fornecê-las. Tem gente demais envolvida no Teste para que todos permaneçam em silêncio. Se o que ela procura são respostas, por que está trazendo suas perguntas para uma caloura da universidade, em vez de fazê-las para aqueles que não tiveram suas lembranças removidas pelo Teste? Tem mais coisa acontecendo aqui. Alguma coisa que preciso entender melhor antes de arriscar meu futuro e o futuro da rebelião.

Quando não respondo, a presidente Collindar suspira. — Não espero que você confie em mim. Ainda não. No entanto, espero que ao trabalhar com minha equipe, você perceba que minha maior preocupação é o que for melhor para o país. Se tiver alguma coisa mais sobre o programa da universidade que eu deva saber, espero que se sinta bastante à vontade para compartilhar essa informação — ela olha pela janela, conforme o flutuador começa a reduzir a marcha. — Chegamos.

A porta se abre. A presidente Collindar vai até a entrada e se apoia na mão de alguém, saindo com graciosidade. Vou atrás e pego a mão estendida para me ajudar. Quando meus pés tocam o chão e começo a agradecer a pessoa, as palavras se entalam na minha garganta. Parado em um uniforme roxo da Comunidade Unida, com um sorriso agradável, mas impessoal, está Michal Gallen.

* * *

Michal está aqui. Quando ele solta minha mão, tento fingir interesse no prédio à minha frente, mas não consigo acalmar meu coração. Michal disse que tinha sido realocado. Se está aqui, a rebelião deve saber o que sei sobre a animosidade da presidente para com o doutor Barnes. A facção de Symon deveria estar em situação de acabar com o Teste. No entanto, se a presidente está me fazendo perguntas ou ela não acredita no que estão lhe dizendo ou eles ainda têm de se aproximar dela. Por quê?

Tento captar seu olhar, mas Michal mantém a atenção à frente, enquanto nos aproximamos dos escritórios, que a presidente me diz estarem instalados em um dos prédios mais antigos de Tosu City. Construído há centenas de anos em pedra cinza, com torrezinhas redondas e uma torre de relógio que funciona, a estrutura lembra os castelos de alguns livros de contos de fadas que minha mãe lia para mim e para os meus irmãos quando éramos pequenos.

Michal abre a grande porta de madeira da frente e a presidente Collindar passa por ele. Dois homens e duas mulheres em uniforme da Comunidade cumprimentam a gente na entrada de azulejos brancos. Um homem musculoso de macacão preto levanta-se atrás de uma mesa perto da porta de entrada. A presidente faz um sinal com a cabeça e ele se senta, mas não antes que eu veja o brilho de um punho de metal no seu cinto.

— Cia —, a presidente vira-se para mim —, surgiram alguns assuntos urgentes que precisam da minha atenção. Este é o membro mais recente da nossa equipe, Michal Gallen. Ele vai te levar para dar uma volta e te apresentar para a equipe. Quando vocês terminarem, vamos dar uma olhada na primeira tarefa que separei para você.

Os quatro oficiais da Comunidade fazem uma barreira de proteção, enquanto ela desaparece por uma porta no final do corredor à direita. Quando o som dos passos vai sumindo, viro-me para Michal e sorrio. Ele não sorri de volta, apenas olha para o seu relógio e faz um sinal com a cabeça. — Os principais locais de trabalho da presidente ficam

neste andar. Para economizar tempo, vamos começar o *tour* no último andar e vir descendo.

Ele anda depressa em direção à escada de corrimão de ferro preto e começa a subir. Corro para alcançá-lo e estou ofegante quando chegamos ao corredor estreito do quinto andar.

— A escada para a torre do relógio é por aquela porta — ele aponta. — O relógio e todo este prédio não são operados pela energia da cidade, mas por painéis solares monocristalinos tridimensionais. A energia que não usamos é, então depositada no banco de energia de Tosu City, para garantir que nada seja desperdiçado. Como a presidente Collindar mencionou no flutuador, ela não gosta de desperdício. Ele se vira e dá de ombros. — Provavelmente eu não deveria ter ouvido sua conversa com a presidente, mas o interior do flutuador não tem um projeto de privacidade. Mais ou menos como este prédio. Todo mundo aqui tende a saber da vida de todo mundo. Você vai se acostumar.

Entendo as palavras pelo que elas são: um alerta.

Os últimos três andares abrigam escritórios apinhados e espaços mais amplos, cheios de objetos e fotos históricas. Conforme caminho pelas peças do passado do meu país, não posso deixar de passar os dedos por elas. Fotografias emolduradas de soldados; mulheres de vestidos longos segurando o que penso se chamar raquetes de tênis; um carro antigo do começo do século xx; um mostruário de armas portáteis manuais; um órgão decorado; um fonógrafo; carteiras de madeira em uma sala projetada para parecer uma classe do século xix, o que me faz sorrir. A classe é menor, mas não parece muito diferente daquela onde estudei em Cinco Lagos.

Conforme seguimos com o *tour*, Michal me apresenta para vários dos oficiais mais jovens, que andam pelos corredores ou estão sentados em cadeiras de aparência desconfortável. A maioria parece cansada, mas excitada por estar trabalhando aqui. Ele aponta uma das quatro mesas

no canto de uma sala do terceiro andar e diz: — É ali que eu me sento. Até agora, na semana que estou aqui, não fiz grande uso dela.

Descemos para o segundo andar. À nossa direita há dois oficiais envoltos em roxo, em pé de cada lado de uma porta de madeira maciça. Michal cumprimenta-os com a cabeça e me dirige para a esquerda, explicando: — Os aposentos privativos da presidente são depois daquelas portas. Tem mais algumas salas deste lado e alguns dormitórios para qualquer um que queira tirar um cochilo depois de uma noite puxada.

— Isso acontece com frequência?

— Eu já usei um desses quartos. A presidente gosta de ter o máximo de informação sobre os tópicos dos debates que estão por vir. É nossa função pesquisar e municiá-la com todas as versões do argumento. É muito compensador conversar com especialistas dos vários departamentos e distinguir as opiniões, mas leva tempo.

No primeiro andar há mais salas, um local de reunião com um painel que exhibe os debates agendados para a semana seguinte e uma sala tecnológica, equipada com vários rádios de pulso potentes, seis televisões e vários gravadores visuais e em áudio. Imagens cintilam nas telas das televisões. Quero olhar mais de perto, mas Michal me apressa. Embora eu tenha visto fotografias de televisões e estudado a história do seu uso, nunca vi uma em funcionamento. Meu pai uma vez mencionou que a magistrada de Cinco Lagos estava de posse de uma televisão para receber certos tipos de comunicado de Tosu City. Não posso evitar pensar se as imagens que piscam na tela agora fazem parte dessa rede de comunicação e, se fazem, qual poderia ser a informação transmitida.

Finalmente, Michal me leva para uma grande porta de madeira. Um funcionário envolto em roxo em uma mesa à direita acena com a cabeça afirmativamente e Michal me leva para dentro. O cômodo é grande. Maior do que toda a casa da minha família. O chão está coberto por um tapete azul espesso. Um fogo crepita na lareira à

minha direita. Decorando as paredes, há um mapa da Comunidade Unida e a bandeira do país. Os oficiais que vi ao chegar estão sentados em cadeiras em frente à presidente, que está atrás de uma mesa de madeira maciça.

A presidente Collindar levanta os olhos: — Momento exato. Estávamos justamente discutindo seu primeiro projeto, Cia — a presidente olha para um dos oficiais, que se levanta e se vira para se dirigir a mim.

O homem tem salpicados cinza em seus cabelos castanhos, que lembram os do meu pai. — Estamos atualmente desenvolvendo a distribuição de recursos para um projeto ferroviário. Uma das colônias que o novo trem vai alcançar é Cinco Lagos. Como nenhum de nós esteve em sua colônia ou em várias das outras colônias que este plano afeta, gostaríamos que você olhasse os projetos e nos desse uma perspectiva de cidadã da colônia. Nos disseram que seu conhecimento em engenharia mecânica também deveria lhe dar um ponto de vista habilitado ao preparar um relatório para a presidente.

A presidente Collindar concorda com um gesto de cabeça. — São inúmeras as colônias que não têm um acesso fácil a Tosu City. Para que nós nos sintamos unidos em nossa missão de revitalizar nosso país, precisamos estar de fato unificados. O sistema ferroviário ligou as colônias mais próximas, mas as remotas ainda estão isoladas de nossa ajuda e proteção.

Vejo um flash do rosto de Ryne à minha frente. Faces congestionadas. Olhos cegos. Ela era da colônia Dizem. Penso em Will e em seu irmão Gill. Gêmeos da colônia Madison. Um incitado a matar; o outro, desaparecido. Redirecionado pelo Teste. Ambas as colônias, assim como Cinco Lagos, não têm acesso ao sistema de trens da Comunidade Unida. Embora a facilidade de comunicação com Tosu City possa parecer conferir proteção às colônias, os candidatos do Teste que foram alterados para sempre pela proteção que receberam, sem dúvida, discutiriam esse ponto.

Mesmo assim, sinto uma fagulha de excitação perante a perspectiva de trabalhar em um projeto que afete minha família e meus amigos. Ainda que seja possível que nunca mais me permitam voltar a Cinco Lagos para viver, sempre considerarei esse lugar a minha casa. Poder ajudar Cinco Lagos e contribuir para um sistema que permitirá visitas entre mim e minha família, faz com que eu sinta que ainda sou parte deles.

Entregam-me um panorama do projeto, incluindo os departamentos envolvidos e me dizem que hoje devo apanhar os relatórios preparados por cada departamento. A Câmara de Debates discutirá este projeto no final da próxima semana. Meu relatório para a presidente está previsto para segunda-feira.

— Você pode pegar os relatórios dos escritórios centrais dos departamentos no prédio do Governo Central. Fique à vontade para trabalhar aqui ou no campus, onde quer que se sinta mais confortável. Se precisar de transporte, avise alguém da minha equipe. Eles providenciarão para que você tenha o que for necessário. Estou ansiosa para ver suas ideias sobre o assunto.

A presidente começa uma conversa sobre o sistema de gerenciamento de descartáveis, dispensando-me com competência. Pondo a mão no meu braço, Michal me leva para fora da sala. A porta se fecha ao passarmos.

— Vou te levar daqui a alguns minutos para o prédio do Governo Central. Antes, precisamos providenciar algum tipo de transporte para você. Você não vai querer perder tempo andando.

Michal me leva a um prédio pequeno atrás das salas da presidente, destranca a porta e acende a luz. Dentro, há vários flutuadores para um passageiro, dois patinetes com motor a energia solar e um punhado de bicicletas. Vou para a fileira de bicicletas. Algumas têm quadros robustos e pneus de borracha grossos e resistentes. Outras são feitas de material mais leve, com um desenho que traduz velocidade. Passo o dedo em um rasgo num dos assentos e penso em outra bicicleta. Uma

que, segundo me lembro, ajudou Tomas e a mim a sobreviver ao Teste. Marchas, pedais e rodas me ajudaram a me manter viva, então. Vou confiar nelas agora para fazer o mesmo.

Escolho a bicicleta com o quadro mais pesado e os pneus mais grossos. Foi construída para aguentar o esforço de viajar por terrenos irregulares e me lembra a que usava em casa. As mais leves, mais bonitas, que vi pelas ruas de Tosu City são mais rápidas, mas também são mais frágeis.

Se Michal ficou surpreso com a minha escolha, não demonstra. Apenas anota minha escolha em um quadro-negro pendurado perto da porta e me acompanha, junto com a minha bicicleta, lá para fora. Andamos em silêncio até o próximo quarteirão, eu conduzindo a bicicleta de quadro preto no meio de nós dois. As ruas estão frenéticas de atividade, com os habitantes se agitando com a vida profissional. Vejo oficiais públicos em seus uniformes da Comunidade Unida, conversando em grupos ou correndo pela rua no que parecem ser assuntos urgentes. Embora o prédio do Governo Central seja logo em frente, Michal olha em volta e nos leva por uma passagem que se dirige para o norte. Na metade do quarteirão ele me leva, junto com a bicicleta, para dentro de um prédio construído com metal preto e pedra cinza-escuro.

Dentro, a luz é fraca e está quieto como um túmulo. Colocando um dedo nos lábios, Michal faz sinal para que eu deixe a bicicleta, antes de me conduzir por um intrincado de portas e corredores. Por fim, tira uma chave e a enfia na fechadura de uma grande porta de aço. O clique da fechadura se abrindo ressoa na quietude. Michal liga um interruptor na parede, iluminando um cômodo cinza, sem janelas, que contém apenas uma mesa retangular de metal e seis cadeiras de armar. Fecha a porta atrás de nós.

— Não temos muito tempo —, diz, puxando-me para junto dele num abraço apertado. — Alguém vai perceber se a gente levar muito

tempo pra chegar no prédio do Governo Central. Ele recua. — Ouvi sobre a morte do estudante da colônia. Sinto muito.

A bondade e a simpatia me dão vontade de chorar.

Contudo, Michal não se estende na tristeza. — Symon diz que há sinais de que a presidente Collindar está pronta para desafiar o doutor Barnes e tirá-lo de seu posto como coordenador do Teste.

Meu coração dá um pulo quando a esperança que senti no flutuador se confirma. — Que notícia maravilhosa!

— Só se ela tiver o poder de eliminar o doutor Barnes e o Teste.

Balanço a cabeça. — Ela é a presidente da Comunidade Unida. Claro que tem o poder.

Michal senta-se em uma das cadeiras de metal. — Tecnicamente, a presidente Collindar está na chefia do governo, mas na qualidade do homem que seleciona os futuros líderes do país, o doutor Barnes tem tanto poder quanto, se não mais. Não apenas os oficiais públicos atuais têm um sentimento de lealdade em relação a ele, por tê-los escolhido para suas funções, como eles também vão atrás de sua ajuda para garantir que seus filhos sejam aceitos no programa e recebam tratamento preferencial. Há vários anos, a universidade tem recebido recursos maiores. Mais autonomia para agir da maneira que o doutor Barnes e sua equipe julgam melhor. Na semana em que fui destinado ao gabinete presidencial, três votos da Câmara de Debates tinham mudado a favor de qualquer que fosse o lado defendido pelo doutor Barnes. Embora a presidente seja a chefe do governo, na verdade seu controle está nas mãos do doutor Barnes e de sua equipe.

A ideia do doutor Barnes administrar este país me dá vontade de gritar.

— A presidente está lutando para recuperar o poder que seu gabinete perdeu. Ela agendou uma votação na Câmara de Debates, que reorganizaria a estrutura administrativa do Teste e da universidade, de maneira que o chefe do programa se reporte diretamente a ela. No entanto, a não ser que alguma coisa mude, ela não tem votos

suficientes dos chefes de departamento para que a medida seja aprovada. O responsável pelo Departamento de Educação é amigo íntimo do doutor Barnes. Ele está trabalhando contra a medida da presidente, dizendo ter visto relatórios da Prova e que acredita que ela está sendo aplicada adequadamente. Nos últimos dois anos, alguns dirigentes têm afirmado que a presidente é um líder ineficiente e deveria ser substituída. Perder um voto dessa importância poderia confirmar essas afirmativas e enfraquecê-la ainda mais. Corre um boato pelo gabinete de que a perda na votação levará a uma convocação por um voto de confiança.

Quando o Governo da Comunidade foi criado, nossos fundadores concordaram que deveria ser permitido aos líderes governar pelo tempo que se mostrassem eficientes. Eles acreditavam que limitar o tempo de atuação de um líder forte seria prejudicial para o bem-estar do país. No entanto, para garantir que um líder fraco pudesse ser destituído antes que ele ou ela causassem um excesso de malefícios, os fundadores instituíram o voto de confiança, que requer que membros da Câmara de Debates reafirmem seu apoio a quem ocupa a presidência. Um presidente que não consiga obter cinquenta por cento dos votos é imediatamente removido do poder e há uma nova eleição para presidente.

— Se a presidente for substituída, será por alguém escolhido pelo doutor Barnes e seus correligionários. Talvez até o próprio doutor Barnes. A presidente não quer que deixe que isso aconteça. Assim, ela e sua equipe têm procurado outra maneira de tirar o doutor Barnes do poder. Eles acreditam que encontraram essa maneira na outra facção rebelde.

A facção que acredita em eliminar o doutor Barnes e o Teste pela força. Com armas, derramamento de sangue e morte.

— A presidente Collindar preferiria uma solução pacífica à ação que poderia levar a uma guerra civil, porém ela acredita que há muita coisa em risco para que o país possa esperar. O doutor Barnes

descobrirá um jeito de destituí-la, se ela não agir depressa. A facção rebelde começou a recrutar cidadãos das áreas menos revitalizadas de Tosu. Esses recrutas não dão a mínima para o doutor Barnes ou para o Teste, mas os rebeldes convenceram-nos de que eles terão mais voz e mais recursos se aderirem à causa. Se a presidente perder a votação na Câmara de Debates, os rebeldes agirão. E a presidente e seu pessoal estarão apoiando-os por trás. Tosu City poderá ser destruída e Symon teme que haja uma chance de que, com tantas pessoas nascidas nas colônias vivendo aqui, a rebelião possa se espalhar pelas colônias. Especialmente quando seus cidadãos souberem o que o Teste fez com seus filhos.

E a guerra poderia irromper. A história mostra que é preciso apenas uma centelha para dar início a um fogo que não pode ser facilmente controlado. Os Sete Estágios da Guerra tiveram início com a indignação de um líder.

— Tem de haver alguma coisa que a gente possa fazer. A violência não pode ser inevitável.

— A presidente planeja anunciar a votação sobre a reestruturação do Teste daqui a três semanas. Os membros mais importantes da sua equipe estão revendo seus argumentos principais e se reunindo com representantes de departamentos para conseguir votos. Até agora, eles não tiveram sorte. Symon acredita que a única maneira de a Câmara de Debates votar contra o doutor Barnes é se a evidência da verdadeira natureza do Teste for revelada em sessão aberta. A única maneira que a maioria dos dirigentes tem para justificar a ignorância dos métodos do doutor Barnes é descontando as coisas negativas que ouvem como se fossem fofocas. Ninguém quer acreditar que estudantes que dão respostas erradas possam ser mortos. Os filhos de Tosu City nunca são convocados a se submeter ao Teste. Os dirigentes podem ignorar as especulações sobre o Teste sem se preocupar com o que os próprios filhos sofrerão com isso. Uma evidência inquestionável mudaria isso.

— E quanto aos testes de Iniciação da universidade? Estudantes morrem nesses testes.

Lembro-me dos pés de Rawson escorregando da beirada. O rosto horrorizado de Olive, ao perceber as consequências de seus atos. — Não tem como esses dirigentes concordarem com esses métodos.

— Não, mas a maioria dos dirigentes de Tosu City sobreviveu a alguma espécie de iniciação. Eles sentem que é mais do que justo que os novos estudantes tenham de passar por um processo semelhante. E enquanto o doutor Barnes e os professores que coordenam as repúblicas estiverem envolvidos, os graduandos de cada curso escolhido são tecnicamente responsáveis pelo processo de Iniciação. Se alguém morre, o doutor Barnes chama isso de acidente — os olhos de Michal brilham de raiva. — Os oficiais do governo ficam felizes em arrumar qualquer desculpa para olhar para outro lado. No entanto, se forem forçados a enxergar a realidade, terão de resolver o problema. É por isso que precisamos de evidências tangíveis do malfeito. Depois que elas forem apresentadas em sessão aberta, os dirigentes não vão ter outra escolha senão destituir o doutor Barnes de sua autoridade e pôr um fim ao Teste.

Prova tangível. — Você não pode testemunhar na tribuna de debates? — pergunto. — Você ainda tem suas lembranças do Teste.

— Eu me ofereci pra falar, mas Symon e seus conselheiros disseram que minhas palavras não vão bastar. As pessoas poderiam argumentar que eu estou inventando histórias porque não me deram o trabalho que eu queria ou porque sou invejoso. Elas diriam o mesmo de qualquer um que testemunhe, se conseguirmos chegar tão longe. Symon está convencido de que o doutor Barnes está monitorando o gabinete da presidente e saberia o nome dos que testemunhariam antes que eles ocupassem a tribuna. Quanto tempo você acha que eu ou qualquer outra pessoa que se oferecesse pra falar viveria se isso acontecesse?

— Horas? A não ser que fugissem. E mesmo assim, quem sabe se eles sobreviveriam?

— Precisamos de mais do que nosso testemunho pra influenciar a opinião pública e convencer a Câmara de Debates a votar contra o doutor Barnes.

Que outro tipo de prova eles poderiam encontrar? Olho para o símbolo no meu pulso que contém o rastreador e me lembro do que eu usava antes. — Os braceletes do Teste continham aparelhos de gravação. A gente poderia encontrar as gravações feitas pelo doutor Barnes — semanas de conversas gravadas. Traições feitas. Tiros e flechas de balestras que derramaram sangue. Vidas terminadas.

— Symon tem oficiais de baixo escalão dentro do Teste e do Departamento de Educação procurando tanto as gravações em áudio quanto em vídeo, mas eles não conseguiram ter acesso a elas. Existe uma chance de que o doutor Barnes as destrua ao final do Teste, depois que os candidatos à universidade são selecionados.

— Acho que não — conto a conversa que Ian entreouviu, quando a professora Holt conversava com o doutor Barnes sobre reavaliar minhas ações durante o Teste. — eles não conseguiriam reavaliar meu desempenho se destruíssem as gravações.

— Vou contar isso pro Symon. Se você estiver certa, nós ainda poderíamos ter uma chance de acabar com o Teste sem mergulhar o país em uma guerra — Michal dá uma olhada no relógio e se levanta. — Mas se não quisermos deixar ninguém desconfiado, temos de ir andando — ele abre a porta, sai para o hall e olha em torno, antes de me chamar.

— O que posso fazer?— pergunto, andando pelos corredores mal iluminados, de volta para onde escondi a bicicleta.

— Mantenha os ouvidos atentos pra qualquer informação que possa indicar a localização das gravações. Fale com quem quer que esteja de estagiário no Departamento de Educação. Nossos contatos ouviram rumores de que os oficiais do alto escalão têm acesso às dependências

do Teste. Eles poderiam saber alguma coisa sobre as gravações. Se você souber de qualquer coisa me diga, que eu passo a informação pro Symon.

— Por que não passar diretamente pra presidente?

A expressão de Michal se enrijece. — Ela não sabe que faço parte da rebelião e preferimos que isso continue assim, por enquanto. Symon tramou minha transferência, para que eu pudesse informar se a presidente está alterando o cronograma para que a facção rebelde e seus aliados ataquem. Até agora, ela está se atendo a seu cronograma original. Ela defenderá sua causa perante a tribuna da Câmara de Debates daqui a três semanas. Com sorte, antes disso a gente encontra a informação de que ela precisa para ganhar a votação.

Em três semanas. Espera-se que o Teste chegue ao fim e Daileen e outros fiquem a salvo.

Michal me pede que espere enquanto ele olha a rua de ponta a ponta. Quando se sente tranquilo de que nossa presença não será questionada, ele me diz para segui-lo. Juntos, corremos pelo passeio até o prédio do Governo Central. Dezenas de perguntas brotam na minha cabeça. Será que Michal contou a Symon que me lembro um pouco do meu Teste? Michal sabe sobre as escolhas feitas por Tomas durante o dele?

Ao nos aproximarmos do nosso destino, Michal pergunta pelas minhas impressões sobre a república e a minhas aulas. Seu tom impessoal me diz que a conversa é em função dos que estão à nossa volta, então me limito a respostas otimistas. Guardo a bicicleta em uma área de espera perto da porta de entrada e entro no prédio enquanto Michal diz: — Não se surpreenda se algumas pessoas te reconhecerem. Você deixou muita gente impressionada durante sua Iniciação.

Suas palavras me deixam consciente dos olhos que nos seguem, enquanto atravessamos o hall de entrada em direção a um longo corredor. Dois oficiais mais velhos param Michal e perguntam sobre

seu novo trabalho no gabinete da presidente. Ao final de uma resposta vaga, Michal me apresenta a eles. Um oficial de Habitação, outro de Revitalização Biológica. Este último menciona ter um filho no primeiro ano da Universidade, estudando Engenharia Biológica. Seu orgulho é óbvio, então sorrio e digo que espero ter uma aula com seu filho no futuro. Dentro da minha cabeça, no entanto, ouço Tomas descrevendo sua Iniciação. Quinze estudantes começaram o processo. Apenas oito completaram-no. O filho deste homem era um dos oito ou teria sido Redirecionado?

Forçando-me a prestar atenção, tento me lembrar dos corredores que levam aos quatro departamentos com os quais vou trabalhar. Em cada um deles, Michal me ajuda a localizar a pessoa responsável por sua participação no Projeto Ferroviário das Colônias. Recebo vários maços de papel agrupados e me dizem para voltar se tiver qualquer pergunta. Em seguida vamos para o próximo departamento. Avisto outros estudantes do primeiro ano aqui e ali. Alguns parecem animados. Outros se esforçam para parecer relaxados, mas a preocupação em seus olhos revela a verdade. Posso entender sua preocupação, porque quando Michal me acompanha de volta à entrada principal, minha sacola mal comporta todos os documentos que pretendem que eu analise.

Apesar da carga de trabalho, não consigo tirar da cabeça a ideia de um possível Redirecionamento do filho de um oficial. Se os estudantes de Tosu City fossem mortos ou desaparecessem, seus pais não seriam contra? Se o filho deste oficial não conseguisse passar pelo processo de aceitação, o pai não se perguntaria o que aconteceu com o filho? Talvez alguns pais não o fizessem, mas este específico, cujo amor pelo filho é tão evidente, sim. Ouvi falar que estudantes de Tosu City que não preencheram as expectativas do doutor Barnes foram destinados a trabalhos nas colônias. No entanto, nenhum dos estudantes da colônia com quem falei jamais notou ou ouviu falar de jovens de Tosu City que tenham ido trabalhar em sua região. Embora eu saiba que Cinco

Lagos é menor do que as outras colônias, não consigo imaginar a chegada de novos moradores vindos de Tosu City sem que chamem atenção, mesmo nos assentamentos maiores. Tem algo mais acontecendo aqui. O que me faz imaginar o que significa realmente um Redirecionamento. Se não for encaminhamento para as colônias ou morte certa, o que acontece com os estudantes que não passam nos testes do doutor Barnes?

QUERO PERGUNTAR A Michal se ele já se fez essas perguntas, mas este não é o momento, nem o lugar. Tem gente demais ouvindo. Muita coisa em risco.

Pego minha bicicleta e Michal diz: — Preciso entrar em uma reunião. Tudo bem você voltar sozinha pra universidade? Se não, posso pedir pra alguém te ajudar a levar estes papéis pra sua república.

Mudo a posição da tira da sacola, para que o peso fique mais fácil de lidar enquanto pedalo e digo a ele que estou bem.

— Ótimo — Michal segura a bicicleta enquanto passo a perna sobre o assento. — Se precisar de qualquer ajuda com os relatórios, vou trabalhar até tarde nos próximos dois dias. Você me acha nas salas da presidente.

Seus olhos se fixam nos meus para ter certeza que eu entenda. E entendo. Se der com qualquer informação importante ou tiver algum problema, tenho de procurar Michal. Ele vai me ajudar.

Michal se vira e saio pedalando. Apesar do peso nas costas e da preocupação com a dúvida se o Teste terminará antes de infligir mais mortes, sorrio. Minhas pernas forçam e a bicicleta ganha velocidade. Meu cabelo chicoteia o meu rosto, mas não paro para prendê-lo para

trás como faria normalmente. A liberdade que sinto é maravilhosa demais para parar mesmo que só por um instante.

Empurro os pedais e silvo por entre os pedestres. Depois de vários quarteirões, há menos pessoas nas ruas e abro mão do cuidado e me forço a ir ainda mais depressa. As construções e as árvores passam ligeiras. O sol brilha caloroso no meu rosto. Se fechar os olhos, quase consigo imaginar que estou de volta em Cinco Lagos, indo para casa onde minha família me aguarda.

Em vez de pegar um caminho direto para a universidade, ziguezagueio pelas ruas da cidade, tentando prolongar a felicidade. Logo minhas pernas começam a se cansar. Apesar dos exercícios que tenho feito para recuperar o tônus muscular, meu corpo não está acostumado a este tipo de esforço. No entanto, vai ficar. Papai sempre disse que a melhor maneira de manter uma mente saudável é se certificar de que o corpo esteja forte. Sei que meu pai estava certo. Mesmo que minhas pernas e minhas costas estejam cansadas, minha mente está mais focada. Mais parecida com a menina que eu era, antes de ter sido escolhida para o Teste. Aquela que acreditava que o governo queria o melhor para nós e que seus colegas eram confiáveis. Essa menina jamais acreditaria que amigos pudessem trair ou que um colega pudesse abandoná-la alegremente dentro de uma caixa de metal, para que morresse.

Apesar dos pesadelos que têm me atormentado, tentei evitar a lembrança do tempo que passei trancada dentro de uma caixa de aço ou da vingança que queria exigir quando fui solta. A única coisa que a vingança traz é mais destruição. Mais morte. O fato de eu estar louca para sentir essa emoção, mesmo que por um tempo mínimo, me assusta mais do que estar trancada dentro daquela caixa. Apesar de não gostar da professora Holt, a mensagem que ela nos transmitiu durante a Iniciação estava correta. Os líderes têm de ser capazes de controlar suas emoções. Essa é uma habilidade que juro que vou dominar. Se

não tivesse tropeçado naquele arame, eu poderia ter feito alguma coisa...

O arame. O outro arame que avistei do outro lado da cerca. Depois que a Iniciação terminou, tirei-os da cabeça. Ignorei as perguntas que me fiz ao vê-los. Agora que me lembrei das armadilhas, as perguntas e tudo o que elas implicam voltaram. As armadilhas são colocadas por pessoas. Pessoas que precisam de comida. Os sinais na cerca da base aérea são claros. A área além dela é muito perigosa para qualquer um que se atreva a ir além. As armadilhas sugerem outra coisa. Se a área não é tão mortífera como os avisos sugerem, seria um local ideal para qualquer um que procurasse agir em segredo, mantendo-se perto da capital da Comunidade Unida.

Os rebeldes estariam usando a base aérea? Michal disse que Symon e seu pessoal estavam por perto, perto o bastante para Michal e os outros rebeldes do governo passarem informação de lá pra cá.

Se os rebeldes não estiverem na base aérea, quem mais poderia estar vivendo na área não revitalizada? Será que os estudantes Redirecionados poderiam estar vivendo em meio à devastação?

Vou mais devagar e coloco os pés na calçada antes de atravessar a ponte para a república. Depois de atravessar, minha breve escapada da pressão e da preocupação vai terminar. O trabalho da universidade recomeçará. O peso da sacola puxa meu ombro, lembrando-me da tarefa intimidante à minha frente.

Andando pela ponte com a bicicleta, penso em como descobrir o que significa Redirecionamento para os estudantes das colônias e de Tosu City. A facção dos rebeldes de Symon está tentando encontrar as gravações do Teste para convencer os que apoiam o doutor Barnes a removê-lo. Se os rebeldes não encontrarem essa prova, vão precisar de outra evidência para convencer a Câmara de Debates a votar com a presidente. A constatação do que acontece com os estudantes Redirecionados seria o suficiente.

Agora que tenho meio de transporte e um estágio com a presidente, terei uma maneira e uma desculpa pra deixar este campus. A professora Holt e meus colegas vão achar que estou trabalhando nos escritórios da presidência, enquanto a presidente e sua equipe deduzirão que estou fazendo meu trabalho aqui. Desde que eu consiga dar conta de tudo, ninguém vai ter razão pra questionar meu paradeiro. Talvez eu não consiga as respostas que procuro descobrindo os nomes daqueles que moram na base aérea, mas é um ponto de partida.

Olho na direção da república de Tomas e tenho vontade de poder conversar com ele sobre o que planejo fazer. Os medos que tenho. O conflito que pode estar se formando.

Estou prestes a virar a bicicleta naquela direção, quando uma aluna de cabelos loiros claros do segundo ano se oferece pra me mostrar as dependências onde posso guardar minha bicicleta. Jurando encontrar uma oportunidade pra conversar com Tomas mais tarde, sigo suas instruções e levo minha sacola volumosa pra dentro. Como já passou muito tempo do horário do almoço, pego uma maçã e alguns biscoitos no refeitório, antes de subir para o meu apartamento. A república está quase completamente em silêncio. Os alunos estão em aula, ainda em seus estágios ou trancados no quarto, estudando.

Sentada no chão da minha sala, tiro pilhas de papel da sacola e as coloco em quatro pilhas diferentes, de acordo com o departamento que as elaborou. Prendo meu cabelos para trás, num coque, pego uma pilha ao acaso e começo a ler.

Depois de uma hora, tenho certeza de que esse projeto demorará anos, se não décadas, pra ficar pronto. Depois que o governo decidir o percurso que os trilhos devem seguir — e existem sete opiniões diferentes, sobre o melhor traçado para cada uma das colônias atualmente inacessíveis — o solo precisará ficar livre de árvores e detritos. Em seguida, é preciso construir pontes para atravessar crateras na terra. Essas aberturas são a razão de Cinco Lagos e das outras colônias não fazerem parte do plano ferroviário original. Elas também

são a razão da falta de concordância entre os departamentos na maneira de proceder. Os que estão envolvidos com a revitalização da terra não querem que o trem destrua plantações e árvores recentes, o que significa dirigir o trem por sobre uma das fissuras mais largas. O Departamento de Administração de Recursos está preocupado com a quantidade de aço necessária na construção das pontes sobre essas áreas e quer que o trem siga por áreas onde as brechas na terra são menores. Ambos os lados têm razões justas.

Nas próximas três horas, consulto mapas. Leio documentos cansativos e rascunho notas. Quando chega a hora do jantar, sinto-me agradecida pela desculpa em me levantar e deixar os papéis de lado — mesmo sabendo que vou notar a falta de rostos no refeitório. Está na hora de saber quem foi cortado das nossas fileiras.

Quando chego, o refeitório está semiocupado. Posso sentir olhos me acompanhando, enquanto vou até a mesa dos fundos onde Ian está sentado. A maioria dos calouros ainda não chegou, mas vejo alguns. Griffin, Kaleigh, Enzo. Este último me faz soltar um suspiro de alívio. Embora ele não fale sobre si mesmo, incluo Enzo entre os meus amigos.

Ao chegar à minha mesa, os que estão sentados ali param de falar.

— Acho que todo mundo sabe sobre o meu estágio — digo.

Ian sorri, quando o resto da nossa mesa subitamente se enche de gente. Um deles é Griffin. Um pouco depois, chega Enzo.

— O flutuador da presidente no campus foi uma dica de que alguma coisa grande estava acontecendo—, diz Ian. — Não levou muito tempo para as pessoas deduzirem o que era. Andei respondendo a perguntas sobre você e o estágio o dia todo. Embora o tom fosse leve, posso notar a tensão no fundo dos seus olhos, conforme eles percorrem a mesa até Griffin e voltam para mim.

Pego um pedaço de pão e finjo que o que agita as minhas entranhas é a fome e não a preocupação. Will e Raffé se enfiam nos últimos dois lugares da mesa e forço um sorriso. Mesmo estando

satisfeita por eles não terem sofrido o Redirecionamento do doutor Barnes, eu ainda não entendo, nem confio, em nenhum dos dois.

Voltando-me para Ian, pergunto: — Quem anda fazendo perguntas?

— Meus professores. Alunos. Todo mundo anda falando no fato de a presidente estar tendo um interesse maior na universidade. Alguns acham que seu envolvimento significa grandes coisas para futuro.

Alguns.

Forçando uma risada, digo: — Isto é porque eles não viram o trabalho que me deram. Duvido que algum dia eu vá sair do meu apartamento. As pessoas vão ter de começar a me trazer comida. Estou achando bom que a presidente tenha dito que, se eu precisar, posso trabalhar fora das suas salas, porque carregar aquela quantidade de papéis poderia acabar me matando.

Todo mundo da minha mesa dá umas risadinhas, mas a risada de Griffin tem algo de feio espreitando por trás.

Travessas de comida são trazidas à mesa. Macarrão misturado com tomates e verduras. Peixe branco macio, que me disseram ter aos montes no rio que atravessa o centro de Tosu. Uma vasilha de amoras frescas. Enquanto passamos as travessas pela mesa, me fazem perguntas sobre o primeiro trabalho que recebi da presidente. Respondo a cada uma da maneira mais vaga possível. Depois de algumas tentativas extras de saber mais, meus colegas desistem e conversam sobre outras coisas.

Will responde a uma pergunta sobre seu estágio no Departamento de Saúde, enquanto olho em volta da sala, procurando outros calouros. Conto os rostos, à medida que vou localizando-os e depois reconto para ter certeza de que estou certa. Faltam dois. Seus nomes são Geraldine e Drake. Redirecionados. Talvez logo eu saiba para onde.

No final do jantar, meu prato ainda está cheio, então ponho as frutas, o pão e o queijo na minha sacola, antes de voltar para o meu apartamento. Ian me para na escada e pergunta se tenho alguma pergunta sobre meu estágio. Sei que ele está me oferecendo uma chance de pedir ajuda para meu trabalho. Em parte quero aceitar.

Acredito que estamos do mesmo lado, mas sem ter certeza, não posso me arriscar.

De volta ao meu apartamento, leio os relatórios das colônias que deverão ser ligadas pela ferrovia. Cinco Lagos, com 1023 cidadãos, é de longe a menor. Apanhando o relatório sobre a minha colônia natal, imediatamente percebo que a pessoa que esboçou os mapas e forneceu os detalhes nunca esteve em Cinco Lagos. Os lagos que lhe deram o nome estão na posição certa, bem como a praça matriz, mas o pomar de maçãs que meu pai e sua equipe cultivaram está no lado sudoeste da colônia. Quem quer que tenha desenhado o mapa inverteu a localização do pomar com os moinhos de vento e os painéis solares que acompanham o limite sudeste.

Pego um papel cinza em branco e desenho meu próprio mapa. Ao contrário de Zandri, que podia captar qualquer coisa com algumas pinceladas, meus talentos artísticos são limitados. No entanto, vou desenhando, dizendo a mim mesma que a exatidão é mais importante do que a perfeição. Recoloco as localizações erradas e refaço os limites da colônia baseada nos esforços mais recentes de revitalização da equipe do meu pai, que expandiu o limite norte em três quilômetros — resultado que os oficiais de Tosu City podem não ter em seus registros. Quando fui embora, Zeen estava explorando a região logo a oeste da nossa colônia, procurando as melhores áreas para dar início a seu processo de revitalização. Não posso deixar de pensar se esses planos foram finalizados ou se já estão sendo implementados.

Tiro o Comunicador de Trânsito da sacola, viro-o de costas e corro o dedo pelo botão quase imperceptível na parte de baixo. O metal é frio sob os meus dedos, mas tocar algo em que meu irmão trabalhou me faz sentir menos só. Sei que Zeen sonhava em ser escolhido para o Teste. O que ele diria se eu lhe contasse o que descobri? Gostaria que tivesse uma maneira de lhe contar e ouvir o que ele faria a seguir. Porque Zeen sempre tinha um plano.

Fico tensa. Algo raspa na minha porta. Enfio a mão no bolso e pego o canivete, enquanto me levanto com dificuldade. Quando escancaro a porta, fico surpresa ao ver Raffé parado do outro lado.

— O que você está fazendo, tocaiando aqui fora?

Ele afunda as mãos nos bolsos e olha dos dois lados do corredor.

— Posso entrar?

Analiso seu rosto, sinto o canivete na minha mão e concordo com um gesto de cabeça. Não tenho certeza do que ele quer, mas imagino que seja melhor descobrir dentro do meu apartamento do que onde alguém possa estar ouvindo. Fecho a porta, enquanto Raffé diz: — Uau, você não estava brincando sobre a quantidade de trabalho que te deram.

Raffé tira alguns papéis de uma cadeira e se senta junto à mesinha. Não me dou ao trabalho de sentar. Pergunto: — Por que você veio aqui?

— Pra ver se você precisa de ajuda.

Movo os relatórios sobre a colônia Madison e sento em frente a ele: — Você já não tem trabalho bastante?

— Não tanto como você pensaria. — seus ombros se retesam. — Sou estagiário de um dos oficiais que trabalham com meu pai. Como meu pai não quer que nada interfira nas minhas notas, vou usar meu tempo nos escritórios da Educação pra ficar em dia com minhas lições.

O Departamento de Educação. A adrenalina corre pelo meu sangue. Sentada à minha frente está uma pessoa que poderia ter acesso à informação que Michal e os rebeldes estão procurando. Ninguém pensaria em questionar sua vontade de dar uma olhada nas fichas. Não com seu pai no comando.

Se pelo menos eu pudesse confiar nele...

Deixando de lado meus pensamentos, olho os papéis espalhados pela sala e digo: — Deve ser bom não ter a pressão de trabalho extra.

— Na verdade não é. — ele coloca as mãos sobre a mesa e se inclina para a frente: — Eu não fiquei estudando até tarde, todas as

noites, enquanto era criança, pra ficar sentado por aí sem fazer nada. Tem coisas quebradas que precisam de um conserto. Quero ajudar a consertá-las.

Seu olhar se fixa no meu. Vejo paixão nos seus olhos, por algo que não sei o que é. Estou prestes a perguntar, quando batem à porta. Will. Ele faz um aceno descontraído quando abro.

— O que você está fazendo aqui?

Desde que me mudei pra este apartamento, só tive duas visitas — Ian e Will na primeira noite. De repente, sou popular. Não é difícil imaginar o motivo.

— Você também quer me ajudar nos trabalhos pra presidente?

— Vi o Raffé saindo do apartamento e subindo. — Antes que eu possa fechar a porta, Will entra como quem não quer nada e dá um grande sorriso a Raffé — Resolvi vir ver o que ele estava pretendendo e não fiquei espantado quando ele veio aqui.

Raffé se recosta na cadeira. — Vim oferecer ajuda a Cia.

— Assim você pode ir contar pro seu pai e pro doutor Barnes que ela não dá conta das suas tarefas? Will pergunta.

— Por que eu faria isso? Os olhos de Raffé faíscam de raiva.

— Será porque você não gosta da ideia de uma estudante da colônia ter sido escolhida pra trabalhar no gabinete da presidente em vez de você? Você não seria o primeiro por aqui que ouvi resmungando a respeito. Griffin não deixaria de falar sobre isso.

— Não sou Griffin.

— Não. — Will concorda. — Mas você também não é um aluno da colônia. Portanto, porque você está aqui, se oferecendo pra ajudar Cia?

— Só porque uma pessoa vem das colônias, isto não significa que se possa confiar nela — apesar da ajuda que ele me deu durante a Iniciação, a desconfiança transparece na minha voz.

Will olha para mim. Vejo surpresa, mágoa e arrependimento cintilarem nos seus olhos. — Talvez não —, ele diz. Então, a

arrogância que sempre conheci, volta: — Mas vale a pena manter alguns de nós por perto, por causa de nossa personalidade efervescente e de nossos rostos bonitos.

Suas palavras fazem Raffé rir e se bem que tudo o que eu quero é que Will caia fora, até eu sou forçada a sorrir. Will faz dessas coisas.

— Por mais que eu goste disso — digo — Sua personalidade efervescente está me impedindo de aprontar este trabalho. Se vocês dois se mandarem, posso continuar trabalhando.

— Só saio quando ele sair. — Will pega alguns papéis e se senta no sofazinho.

Olho para Raffé que levanta as sobrancelhas para mim. A expressão é quase idêntica à de Zeen quando tento convencê-lo a fazer alguma coisa que ele não tem intenção de fazer. Isso me dá vontade de mostrar a língua, como costumava fazer quando era pequena.

— Ei, este relatório é sobre a colônia Madison.

Viro-me para pegar os papéis que Will está segurando, mas a saudade escancarada em seu rosto me faz parar. Ler sobre a minha colônia me fez sentir mais perto daqueles que amava. Por mais que eu queira magoar Will por tudo que ele fez, não posso lhe negar essa olhada em sua terra natal.

— Os planos são sobre a expansão ferroviária — explico. — Quatro departamentos envolvidos esboçaram opiniões sobre a melhor maneira de projetar um sistema de trens para as colônias que não façam parte do sistema atual. Eu tenho de dar uma analisada neles e relatar à presidente Collindar quais ideias são as mais viáveis.

— Bom, quem quer que tenha desenhado este mapa deveria ser descartado do projeto. Will levanta o diagrama da colônia Madison. — As fábricas de papel ficam aqui. Ele aponta a periferia da cidade, onde o relatório mostra apenas prédios abandonados. Lugar perfeito para construir a estação de trem. — E esta área é toda de fazendas. E por que eles acham que temos fazendas de milho e de soja no meio da cidade?

Raffe ri. Eu suspiro. — Os mapas da colônia de Cinco Lagos também estão errados. Se tanto o de Madison quanto o de Cinco Lagos contêm erros, os outros também devem conter. Não posso entregar uma avaliação para a presidente, se as informações em que estou baseando meu julgamento estiverem erradas.

Menos de um dia do meu estágio e já fracassei. Isso é para eu parar de achar que conseguiria resolver tudo rápido o bastante para poder ir tratar da vida.

— Posso ajudar — diz Will.

— Eu também.

Will revira os olhos para Raffe. — Alguma vez você já esteve fora de Tosu City?

— Não — Raffe dá de ombros, — mas isto não significa que eu não possa achar pessoas que já estiveram. Me dê os mapas das outras colônias. Vou atrás de alunos dessas colônias que possam dar uma olhada e dizer para gente o que têm de errado — Quando hesito, vejo aquele brilho de paixão acender de novo nos seus olhos. — Confie em mim. Posso fazer isso.

Talvez seja por ver meu irmão no Raffe que penso no seu pedido. Esse trabalho é meu, mas é pura loucura confiar só em si mesma, quando não se tem o conhecimento necessário. Meu pai e a magistrada Owens delegavam trabalho o tempo todo. Se alguém questionar a ajuda de Raffe, posso dizer que só estou fazendo a mesma coisa.

Contudo, depois percebo que não preciso.

Os erros nos relatórios sobre Cinco Lagos me incomodaram, mas posso arrumar uma explicação para eles. Cinco Lagos é a menor colônia. A mais distante. Aquela com que os líderes aqui, em Tosu, menos se comunicam. No entanto, as observações de Will sobre as falhas nos relatórios da colônia Madison não têm uma explicação tão fácil. Todos os dias os departamentos que criaram esses relatórios tomam decisões que afetam cidadãos por todo o país. Acho impossível acreditar que um projeto tão importante fosse tratado com tanto

descuido. Ou que a presidente poria uma tarefa tão vital nas mãos de uma caloura inexperiente da universidade.

Relembro a noite em que Ian me pediu para me encontrar com ele. Ele me contou que seu estágio estava cheio de resumos escritos de velhos relatórios. Como estagiário, ele estava sendo testado em sua habilidade para identificar os fatos e as ideias mais importantes. O trabalho não era real, era um teste. Exatamente como este deve ser.

Olho os papéis espalhados pela sala. Embora o papel seja utilizado com mais frequência na universidade e dentro dos prédios do governo da Comunidade Unida, ainda assim é precioso. Os testes do estágio de Ian se baseavam em documentos que já existiam e estavam sendo reciclados para o seu trabalho. Estes relatórios, com seus fatos incorretos e mapas assinalados com erros, não têm a menor chance de já terem sido usados. Eles foram criados especialmente para mim.

Por quê? Qual é o propósito disto? Será que a presidente queria ver se eu ia me basear apenas no meu conhecimento ou procurar ajuda a respeito das colônias que nunca vi com meus próprios olhos?

Não, minhas entranhas me dizem que este teste não diz respeito a trabalho em equipe ou a ser seguro o bastante para pedir ajuda quando for justificável. Há maneiras de determinar essas características que não envolvem desperdiçar o que, na minha escola em Cinco Lagos, seria considerado uma cota anual de papel.

Fecho os olhos para bloquear o olhar de Raffé e poder pensar. O volume de papéis e o curto período de tempo para ler e fazer um relatório sobre eles garantiam que eu teria de trabalhar quase o tempo todo até o prazo final, para poder completar a tarefa. Haveria pouco tempo para confirmar a informação que eu estava apresentando.

E por que eu faria isso? Os documentos foram criados pelos departamentos do governo; por pessoas das quais dependemos para tomar decisões pelo bem do nosso país. Imagina-se que elas sejam as melhores no que fazem. No entanto, se eu usasse esses relatórios para fazer recomendações e minhas recomendações fossem seguidas, então o

tempo, a energia e recursos seriam desperdiçados. Tudo porque confiei em algo criado por pessoas que deveriam ser especialistas.

Então, entendo. Este não era um teste que eu deveria passar. Exatamente como a última missão da Iniciação, esta era uma tarefa destinada ao fracasso. A presidente quer que eu aprenda que só porque algo é criado por pessoas que estão no poder, isso não significa que se deva confiar nele. Uma lição que aprendi no Teste. E nunca me esquecerei disso, agora que aprendi mais uma vez.

Abrindo os olhos, agradeço a Raffé sua oferta, mas digo que não preciso da sua ajuda. Tenho informações suficientes para escrever meu relatório. Vejo o rosto de Raffé ficar tomado pela irritação, antes de ele dar de ombros. Quando fecho a porta à retirada de Raffé e Will, penso na irritação de Raffé. O fato de eu ter recusado sua ajuda teria abalado seu ego ou ele está frustrado por ter perdido a oportunidade de relatar que eu não conseguia realizar a tarefa sozinha? Provavelmente, nunca vou saber.

Sentada no chão, escrevo uma lista curta de recomendações à presidente, incluindo a de que ela peça às colônias mapas precisos de suas áreas. Também sugiro que, na construção da via férrea, os engenheiros evitem estender os trilhos no meio de áreas já revitalizadas, onde plantações e árvores viçosas poderiam ser afetadas. Não há razão para negar o trabalho importante e bem-sucedido que já foi feito. Algo que tenho certeza de que os oficiais responsáveis já sabem.

Depois que termino, pego os papéis espalhados pela sala, empilho-os organizadamente sobre a mesa e vou para o quarto. A lição da presidente Collindar me fez lembrar uma coisa importante. Os avisos do governo colocados na cerca da base aérea sugerem ser perigoso avançar naquela área, mas isso não significa que o governo acredite que seja verdade. Tem algo atrás daquelas cercas. Está na hora de descobrir o que é.

EU ME PERMITO duas horas de sono. O céu ainda está escuro quando enfio o transmissor externo no bolso do meu casaco, penduro a sacola no ombro e desço a escada em silêncio. O refeitório e a cozinha estão vazios. Era de esperar, pois o café da manhã só será servido daqui a três horas. Contando apenas com a luz da lua através da janela para enxergar, levo mais tempo do que gostaria para pegar mantimentos. Coloco duas garrafas de água, várias maçãs e peras, um pouco de carne seca e algumas bisnagas pequenas na minha sacola. Se a excursão correr como planejo, não vou ficar fora muito tempo, mas não custa nada estar preparada.

Andando na ponta dos pés pelos corredores pouco iluminados, chego à entrada e solto um suspiro de alívio ao me esgueirar pela porta da frente. O ar úmido e frio me faz tremer, enquanto caminho até o pequeno galpão para pegar minha bicicleta. Fico rente à república, para o caso de alguém dos apartamentos olhar para fora.

O galpão de veículos está destrancado. Tateio pela escuridão para o lugar onde me lembro de ter guardando minha nova bike, enquanto dou umas olhadas por cima do ombro para ver se fui descoberta. Quando encontro a bicicleta, tiro-a do barracão e começo a pedalar — pela ponte, por vários passeios, ao longo da biblioteca. Vou mais

devagar em frente à república de Tomas e uso o transmissor para avisar a ele que me siga. Se ele vir o sinal, acenderá a luz. No entanto, a república continua no escuro. Assim, embora não haja nada que eu queira mais do que ter Tomas ao meu lado agora, viro a bicicleta e pedalo ao longo dos prédios escuros — o tempo todo lutando contra a vontade de olhar para trás. Se alguém estiver observando, quero parecer segura. Como se tivesse permissão de deixar o campus na escuridão da noite.

Mas espere... nem tudo está escuro. A distância, vejo uma luz na extremidade do campus. Apesar de a universidade receber uma cota maior de energia do que o restante da cidade, as repúblicas são os únicos locais onde a eletricidade é permitida após a meia-noite. A luz parece estar vindo de um prédio ao norte — na mesma direção do prédio onde Obidiah foi Redirecionado.

Viro minha bicicleta em direção à luz, sem ter certeza sobre o que acho que vou descobrir. No entanto, qualquer coisa que aconteça a esta hora da noite não tem dúvida que é para ser secreta. Se o doutor Barnes e sua equipe estiverem fazendo alguma coisa que queiram deixar escondida, aposto que a presidente e os rebeldes precisam tomar conhecimento disso.

A luz vem do mesmo prédio onde Obidiah entrou. Escondendo minha bicicleta em um pequeno amontoado de arbustos a uns cem metros, observo as janelas iluminadas procurando algum sinal de movimento. Quando não vejo nada, me aproximo com cuidado.

Olho pela janela e não vejo ninguém no corredor. No entanto, tem de haver alguém dentro, para as luzes estarem acesas. Lembrando-me do Redirecionamento de Obidiah, fico junto à parede de tijolos e me apresso em direção aos fundos do prédio. Espero ver alguma coisa que me dê uma pista do que está acontecendo lá dentro. Quatro flutuadores estão pousados atrás da construção. Quem quer que tenha pilotado os veículos deve estar lá dentro. Se eu me esconder no mesmo lugar da última vez, vou vê-los quando saírem. No entanto,

então, não saberei nada sobre o motivo de estarem aqui. A única maneira de descobrir é entrar. Se me atrever a tanto.

Tomando cuidado para me manter à sombra, corro de volta para a entrada da frente. O hall está deserto. Adrenalina, medo e dúvida pulsam nas minhas veias, quando ponho os dedos ao redor do trinco da porta. Eu deveria voltar para minha bicicleta e dar o fora daqui. Empurro o trinco. A porta abre-se alguns centímetros e me inclino um pouco, à escuta de qualquer um que pudesse me avistar. O prédio está num silêncio de morte. Antes que perca a coragem, eu me esgueiro pela entrada, tomando cuidado para controlar a porta ao fechar, de modo que ela não faça barulho. Prendo a respiração e avanço no hall, procurando uma pista sobre em qual dos três corredores eu deveria começar minha procura.

O rangido de uma dobradiça me faz dar um pulo e o som de vozes paralisa meu coração. Tem gente vindo.

— Falando em projetos, vocês ouviram falar na nova raça de coelhos que os alunos de Bioengenharia do professor Richmard criaram? — a voz masculina anasalada soa como se seu dono estivesse logo ali. Tenho de cair fora ou me esconder. Eu me abaixo atrás de um balcão preto e alto da recepção, enquanto a voz anasalada se aproxima. — Os coelhos têm um sistema imunológico alterado geneticamente que suportará comer as plantas que crescem no solo a leste. Os estudantes soltaram um bando dessa nova espécie aqui por perto, na semana passada. Eles querem ver se os aperfeiçoamentos genéticos alteraram os instintos de sobrevivência.

Enfio-me entre o banquinho da recepcionista e o balcão. O sangue tropeja nos meus ouvidos, enquanto fico imóvel.

— Esperemos que esta raça se saia melhor do que os gansos que eram o maior orgulho do doutor Richmard há dois anos. A voz da professora Holt me faz levar um susto. — Eles não apenas perderam todas as penas, mas ficaram excessivamente agressivos, atacando qualquer um que encontravam.

— Essas duas características acabaram se revelando úteis. Sem nenhuma pena pra arrancar, as aves eram mais fáceis de cozinhar; e a natureza agressiva serviu pra que ninguém tivesse que ir atrás deles, pra ver como estavam se saindo. Isso facilitou seu rastreamento pra equipe do doutor Richmard. E é preciso notar que ambos os problemas foram resolvidos na geração genética seguinte. Esta voz é cordial, divertida, familiar. E logo do outro lado do balcão onde estou escondida.

— Não consigo imaginar coelhos agressivos — diz uma voz grave.
— Como é que a equipe do doutor Richmard vai saber se essa nova raça está dando certo?

— Eles foram injetados com um novo chip que transmite sua pulsação e sua localização pra um receptor instalado no alto da república de Engenharia Biológica. Os dados recebidos são transferidos pra um processador no laboratório. Desde que os coelhos fiquem a um limite de uns três quilômetros do campus, os estudantes conseguem rastreá-los — a voz anasalada ri. — Até agora esses chips estão funcionando melhor do que os dos novos braceletes de identificação. Talvez, da próxima vez, a gente devesse encarregar os estudantes de Bioengenharia desse projeto. A gente até poderia encarregá-los de monitorar os braceletes do Teste, uma vez que vocês tiveram tantos problemas com isso no ano passado.

Há murmúrios que concordam. Prendo a respiração e escuto, quando eles são interrompidos pela voz familiar. — O problema atual com os braceletes da universidade será reparado. Quanto ao Teste, não adianta se preocupar com o passado. Não tenho dúvida de que Jedidiah ficará satisfeito com a alternativa que minha equipe descobriu. O novo gravador de dados dos braceletes nos dirá se o mecanismo de trava do fecho foi mexido e saberemos se o usuário removeu o bracelete. Não vamos permitir que os erros do Teste do ano passado se repitam. Da próxima vez, a gente poderia não ter tanta sorte.

Várias vozes concordam, antes que todos se despeçam uns dos outros. Passos ecoam no hall e vão sumindo, à medida que várias pessoas seguem pelo corredor que leva aos fundos do prédio. No entanto, o roçar de tecido me diz que pelo menos uma pessoa ainda está aqui.

Engulo em seco e me pergunto o que ele ou ela está esperando. Será que eles suspeitam que alguém entrou no prédio enquanto estavam em reunião? Que uma pessoa não autorizada ainda possa estar aqui?

Quando o som de pisadas já não pode ser ouvido, a professora Holt quebra o silêncio: — Está tudo o mais sob controle? Jedidiah está preocupado de que haja uma discordância entre o seu pessoal.

— Quando a gente lida com as mentes mais brilhantes, é de esperar que alguém questione o caminho que estamos tomando — apesar do tom razoável, algo na voz me faz correr um frio na espinha. Sei que já ouvi essa voz; só não consigo me lembrar onde. No entanto, por mais que eu queira ver a quem ela pertence, fico totalmente imóvel, enquanto o homem diz: — Os que mais pressionam por mudanças receberam tarefas pra distraí-los. Receberam um novo objetivo que são idiotas de acreditar que eu desaprovo. Achem que seus planos mudarão o curso da história do nosso país, quando, na verdade, servirão pra destruir o que acham que estão construindo. Depois que seus planos forem implementados, não teremos mais que nos preocupar com eles.

— Como é que você pode ter tanta certeza?— pergunta a professora Holt.

— Porque, cara professora, todos eles vão morrer.

Calmo. Racional. O mesmo tom que meu pai usa para dizer aos meus irmãos e a mim para ajudar nossa mãe com o jantar. Pessoas assassinadas. Por acreditar que algo deveria mudar. Esse homem está falando sobre membros da rebelião de Symon? Tem de estar. Seus esforços não passaram despercebidos e agora alguns deles estão em

perigo mortal. Assim como eu, se esse homem ou a professora Holt me descobrir ouvindo a sua conversa. Michal precisa ser avisado para poder passar o aviso a Symon.

Engulo em seco e me envolvo com os braços, enquanto a voz masculina solta uma risadinha e diz: — Confie em mim, professora. Eles terão o que merecem. Seu precioso programa da universidade continuará exatamente como foi planejado por você e Jedidiah...

— Espero que tenha razão. A presidente...

— A presidente não continuará no cargo por muito tempo. Ela só não sabe disso. Não precisa se preocupar. Juro que você vai ver os resultados em que todos nós estamos nos empenhando.

Solto um suspiro quando os passos se afastam. As luzes se apagam. Uma porta bate. Eu me forço a ficar parada e contar até cem, para o caso de algum deles voltar. Quando ninguém volta, agarro o balcão e faço uso dele como apoio para as minhas pernas trêmulas. Eu me levanto. Em parte, quero vistoriar o prédio para ver se ele contém alguma coisa que a rebelião possa usar, mas duvido que eles deixem qualquer coisa incriminadora exposta e a proximidade do amanhecer faz com que eu me dirija para saída.

Olho pela janela para ter certeza que não há ninguém à vista, abro a porta num ímpeto e corro. Quando alcanço minha bike, puxo-a do seu esconderijo, jogo a sacola sobre o ombro e monto. Empurrando os pedais. Usando o terror nas minhas veias para ir mais depressa.

Quando minha bicicleta está de volta no galpão, corro para o meu apartamento antes que o restante da república entre em atividade. Tranco a porta depois de entrar, recosto-me nela e começo a tremer. Com as pernas bambas, vou até o banheiro na esperança de que um banho quente acalme o frio que percorre meu corpo. Sento no chão do chuveiro e deixo que a água caia até minha pele ficar rosa e o banheiro cheio de vapor. Depois de seca, visto meu pijama, entro debaixo das cobertas e fecho os olhos com força, esperando afastar o medo gelado das veias.

Ao acordar, o quarto está claro. Olho o relógio. O almoço já acabou há muito tempo. Eu deveria me levantar. Preciso encontrar Tomas para formular um plano. No entanto, meus olhos estão ardendo e meus músculos doem. Assim, em vez disso, como uma maçã da minha sacola, encolho-me na cama e cochilo até o jantar. Mesmo tendo dormido o dia todo, tenho de me esforçar para deixar as cobertas e me vestir. No jantar, faço o possível para rir, conversar e comer, como todo mundo. Quando Ian me provoca sobre o fato de estar tão sobrecarregada que não tenho tempo para as minhas refeições, rio e admito ter ficado acordada até tão tarde, que dormi a maior parte do dia. As palavras saem com facilidade, uma vez que é verdade.

Mais de uma vez, pego Griffin e Damone olhando em minha direção, mas finjo não perceber. Quando a refeição acaba, uso o trabalho como desculpa para voltar para o apartamento. Anseio pelo aconchego dos braços de Tomas, mas me lembro dos olhares atentos de Griffin e Damone. Se for procurá-lo, alguém contará isso à professora Holt e ao doutor Barnes. Tomas acabaria correndo perigo. Em vez disso, fico onde estou, olho pela janela e vejo o céu escurecendo.

Invento desculpas sobre por que é melhor que eu fique no apartamento, em vez de pedalar esta noite por Tosu City ou até a base aérea. Não quero ir sozinha. Não tenho lanterna. Meus músculos não estão suficientemente condicionados para fazer o passeio com rapidez. Não sei se Michal vai estar no gabinete da presidente e não tenho as coordenadas exatas até a base aérea. Tudo isso é verdade, mas lá no fundo eu reconheço a razão verdadeira de não poder fazer a viagem. Estou com medo.

O Teste pôs minha vida em perigo. Embora eu ainda não tenha lembranças completas daquele período, sei que enfrentei o medo. Sobrevivi. Eu teria de conseguir fazer o mesmo agora. No entanto, este medo é diferente.

Durante o Teste, eu não tinha escolha a não ser enfrentar o terror que os desafios do doutor Barnes evocavam. Na noite passada, pela primeira vez, foi a minha escolha, unicamente minha, que me pôs em risco.

Em parte, eu pensava que tivesse aceitado a possibilidade de que poderia sofrer a punição final desferida pelo doutor Barnes e sua equipe de oficiais. Estava errada. Quero viver.

Com a importância que tem dar um fim ao Teste e ao atual programa do doutor Barnes para a universidade, já existe um grupo que está trabalhando com esse objetivo. Pessoas como Michal, mais velhas, mais experientes, mais traquejadas. Eles conhecem esta cidade e seus moradores melhor do que eu. Não precisam da ajuda de uma caloura da universidade. Qualquer informação que eu possa encontrar, também pode ser encontrada por Symon e seu time. E mesmo que eu quisesse tentar, é muito tarde para que eu faça diferença. Por mais que eu gostasse de pensar que sou importante, não sou. Sou muito inexperiente. Muito novata. Jovem demais.

Tecnicamente, minha graduação na escola de Cinco Lagos me consagrou como uma adulta. No entanto, encolhida na cama com os braços num abraço apertado em volta do corpo, nunca tinha me sentido menos merecedora dessa distinção. Por mais que sempre quisesse acreditar no meu pai, quando ele dizia que sou capaz de fazer qualquer coisa, sei que não sou. Não posso deliberadamente fazer uma escolha que poderia acabar com a minha vida.

Não sou líder. Sou covarde.

Meu sono está cheio de sonhos estranhos. Sinto meus músculos pesados, quando acordo. Meu apetite sumiu, embora eu me force a comer antes de pedalar até o gabinete da presidente. Como é domingo, a maioria dos corredores do gabinete está vazia. Deixo meu relatório na mesa da presidente e volto imediatamente ao campus. Sem desvios. Sem bilhetes avisando Michal e os rebeldes sobre o possível perigo. Sem parar na república de Tomas para lhe contar o que sei.

Nenhuma chance do doutor Barnes me acusar de um comportamento que me determina a um Redirecionamento.

Quando a semana seguinte começa, vou às aulas, entrego trabalhos e faço provas. Meus professores elogiam meu desempenho. Recebo notas altas, assim como os outros membros do nosso grupo de estudos. Todo mundo me pergunta sobre o meu estágio, principalmente aqueles que estão estagiando dentro do prédio do Governo Central. Apesar do tamanho do meu medo, minhas respostas são entusiasmadas. Sim, conheci a presidente. Sim, já entreguei meu primeiro trabalho. Não, não ouvi nada sobre a mudança de lei que a presidente vai propor na tribuna da Câmara de Debates.

Sinto Tomas se enrijecer ao meu lado, enquanto respondo à última pergunta e quando subo ao acervo para procurar um livro sobre a antiga União Europeia, ele vem atrás.

— Que mudança na lei a presidente vai propor?

— Não sei.

Tomas põe as mãos nos meus ombros. — Os outros podem acreditar nisso, mas eles não te conhecem como eu — seus dedos acompanham o contorno do meu queixo. — Sei quando você está brava ou assustada. Exatamente agora você está as duas coisas. Não posso te ajudar a não ser que você me diga o motivo. Quando eu continuo sem responder, ele tira a mão e me pergunta: — É comigo?

— Não. É... — as palavras morrem na minha garganta, enquanto encaro os olhos do menino em quem confiei tantos dos meus segredos e meu coração. Posso confiar nele agora? Posso. Apesar de tudo que aconteceu, acredito nele. Eu o amo.

Conto a ele rapidamente sobre a rebelião. Sobre o iminente desafio da presidente ao doutor Barnes, o ameaçado voto de confiança e o desejo da presidente de encarar a violência para dar um fim ao Teste e impedir que perca o poder.

— Segundo Michal, pessoas espalhadas pela cidade e estudantes aqui da universidade, estão sendo armadas para o conflito. A menos

que a facção rebelde de Symon encontre algo para convencer a Câmara de Debates a votar pela saída do doutor Barnes, pessoas vão morrer.

— E o doutor Barnes também — a fria aceitação na voz de Tomas me faz estremecer. — Ele merece pagar.

— É. — enfio minha mão na dele e aperto com força para lembrá-lo de que estou aqui. Que apesar do que passamos juntos, ainda somos as pessoas que vieram da colônia de Cinco Lagos. Pessoas que acreditam em fazer o que for melhor para todo mundo. — mas não desse jeito.

Os olhos cinzentos de Tomas olham nos meus. Vejo raiva e dor em suas profundezas, mas também vejo o calor e a bondade do menino que conheço desde a infância. Um menino que se transformou num homem.

— Você tem razão — ele diz. — Por mais que eu queira que o doutor Barnes pague pelo que fez, o país não pode arcar com mais uma guerra. Não acho que meu estágio no laboratório de genética me dará acesso à informação de que a presidente precisa, mas vou manter os ouvidos atentos. Faça o mesmo. Se tivermos sorte, a votação tirará o doutor Barnes do poder, o Teste terminará sem que os rebeldes levantem suas armas.

— E se a gente não tiver sorte? — pergunto.

A mão de Tomas se endurece na minha. — Então a gente foge. Podemos tirar nossos braceletes ao sair de Tosu. A cidade estará muito agitada com uma guerra civil para se preocupar com estudantes desaparecidos da universidade. Eles nunca vão se dar ao trabalho de perguntar se fugimos e voltamos para casa.

Casa. Meus pais. Meus irmãos. Um lugar distante de Tosu City, cheio de pessoas que conheço e em quem confio. Pode ser que Tomas tenha razão. Há uma chance de que ninguém nos procure. Não com uma rebelião em curso. Nós poderíamos conseguir ir para casa e usar nossas habilidades para ajudar as pessoas com quem crescemos a

sobreviver. Cinco Lagos tem tão pouco contato com Tosu City que pode ser que eles nem mesmo percebam que está havendo uma guerra. Quando a gente contar, eles não apenas entenderão por que voltamos, como vão nos receber de braços abertos. Talvez a gente possa deixar o passado para trás e construir um futuro sem medo. Juntos. E quando os lábios de Tomás encontram os meus, o beijo está cheio de paixão e com a esperança de que mesmo que venha a guerra, sobreviveremos.

Os dias passam. Escondo comida extra na minha sacola durante as refeições, preparando-me para a viagem que Tomas e eu talvez façamos. Durante as reuniões de estudo, tento ignorar os rostos em torno da mesa: Stacia, Enzo, Will, Raffé, Naomi, Holt, Brick. Pessoas que estou planejando deixar para trás, se houver violência. No entanto, a esperança que o plano de Tomas me deu se esvai, quando a culpa se estabelece.

Na sexta-feira, sou designada para trabalhar com um dos oficiais da presidente, analisando planos para um novo sistema de comunicação. Pego fragmentos de conversa aqui e ali, enquanto o gabinete da presidente se prepara para a moção de debate sobre o Teste, que logo ela estará apresentando. Ao longo do dia, procuro Michal, na esperança de uma notícia de que a evidência para condenar o doutor Barnes foi encontrada. Avisto-o quando estou terminando meu dia. Ele parece cansado ao deixar um flutuador atrás da presidente e de vários outros oficiais. Ao me ver, diminui o passo. Seus olhos observam, enquanto a presidente e sua equipe desaparecem dentro do prédio. Em seguida, ele faz um sinal para que eu o siga dobrando a esquina.

Depois que estamos fora das vistas, ele acaba com a minha esperança. Ainda não foi encontrada uma prova tangível e Symon está se empenhando para convencer a presidente e a outra facção de que é preciso paciência para evitar a perpetuação do ciclo de violência.

As palavras que ouço, escondida no escuro, ecoam na minha cabeça. Uma promessa de mais violência.

Rapidamente, conto a Michal sobre ter entrevisto a professora Holt e a voz que falava de assassinato. Quando termino, Michal me diz para não me preocupar. Symon saberia se o doutor Barnes estivesse ciente dos rebeldes. No entanto, ele promete passar à frente a informação.

Naquela noite, durante uma conversa sussurrada na reunião de estudo, Tomas me assegura que fiz a minha parte. Passei o alerta adiante. Além da preparação para fuga, não há mais nada que qualquer um de nós possa fazer. Não conto a ele sobre a base aérea e as respostas que acho que poderiam ser encontradas ali, porque estou assustada. Quero ir para casa. Não quero que nenhum de nós morra.

Viro para lá e para cá, esperando que o sono venha. Quando ele chega, traz consigo rostos de pessoas que não conheço. Algumas usam braceletes de prata. Outras usam uns trançados de prata e ouro. Saindo de cada bracelete há uma corrente presa na parede de tijolos atrás delas. Algumas se jogam para frente, tentando se soltar. Outras parecem resignadas com sua sina, indiferentes aos elos que as prendem à parede. Uma a uma, elas se viram e me vêem. Olham para o meu pulso. Inveja, raiva, desejo e desespero iluminam seus rostos. Quando olho, vejo que não estou usando um bracelete. Estou parada em um campo de um viçoso gramado verde que me pai ajudou a formar, bem longe de Tosu City. Estou livre.

Será que estou?

Olho em torno e meu coração começa a pulsar. Tem alguma coisa errada. Dou vários passos para frente e dou de cara com uma barreira. Uma parede. Viro-me e me apresso na outra direção. Cinco passos. Dez. Outra parede. Uma parede encontra outra. Depois mais uma.

Uma gaiola que não pode ser vista está ali tanto quanto se as paredes fossem feitas de aço.

Os candidatos do Teste acorrentados à parede ficam imóveis como pedras. Em seus olhos, vejo terror combinado com uma fome que só pode ser saciada com a liberdade. É uma expressão que conheço. A

mesma que vi em meu próprio espelho. Uma expressão que devo ter agora.

Tropeço para trás, gritando que não posso ajudá-los. No entanto, posso tentar.

As paredes da minha prisão são frias ao toque. O frio penetra pelos meus dedos. Estremeço, tiro as mãos e o frio se afasta. Vou para o centro do espaço confinado e sinto mais calor. Menos medo. Segurança. Um passo mais próximo da parede e o pânico corrói o meu estômago.

E percebo — as paredes são construídas com o meu terror. Para escapar, terei não apenas de enfrentar, mas vencer o meu medo.

A náusea me invade enquanto coloco a mão na parede. Uma gota de água atinge o chão. Depois outra, até que se torna um fluxo constante. A água se empoça aos meus pés. A parede fraqueja sob minhas mãos. Empurro a barreira e a sinto tremer, porém ela não se quebra. Dou vários passos em direção ao centro do espaço e me preparo para correr quando uma voz dentro de mim me diz para parar. Que o que estou fazendo é perigoso. Que quebrar esta parede de gelo poderia resultar na minha morte.

Eu sei.

Aceito.

Corro.

O gelo se estilhaça com o impacto. O mesmo acontece com as correntes dos candidatos do Teste. Sinto que lascas de gelo cortam minha carne. A dor que sinto torna difícil ver se os outros sobreviveram. No entanto, quando ponho a cabeça na terra manchada de sangue, sei que não tem importância. Estando mortos ou vivos, a situação melhorou, porque estamos livres.

Acordo de um pulo e corro os dedos pelas minhas cinco cicatrizes do Teste. Elas queimam exatamente como as lascas no meu sonho. Escorrego para fora da cama, acendo a luz e ando pelo quarto. Como o sonho não se esvai, corro os dedos pela parede. Sinto o mesmo frio

que senti no meu pesadelo, mas estas paredes são de verdade. Horas atrás, abrigar-me dentro das paredes deste quarto me fez sentir segura. Agora o vejo de que jeito ele é: uma prisão. A segurança não passa de uma ilusão. Por mais que eu tome cuidado ou que minhas notas sejam boas, nunca estarei livre da ameaça representada pelo doutor Barnes e seu sistema. Nenhum de nós estará, até que o doutor Barnes e seus oficiais sejam destituídos do poder.

Ao contrário de vários dos meus pesadelos, nenhum rosto do meu sonho era conhecido. No entanto, sei quem são. Futuros candidatos. Alunos atuais da universidade. Pessoas que, como minha amiga Daileen, estão sentadas neste momento à mesa da cozinha de suas famílias ou nos apartamentos de sua república, estudando até tarde da noite, esperando se sair bem no próximo teste, chegar mais perto do seu sonho. Elas não sabem que as pessoas responsáveis por esse sonho estão fazendo escolhas que poderiam levar à sua morte. No entanto, eu sei. Não importam as desculpas que invento ou o medo que sinto, não posso me esquivar a esse conhecimento. A presidente precisa ganhar sua votação. O doutor Barnes precisa ser removido do poder. O Teste tem de terminar.

Até agora os rebeldes não encontraram a evidência de que a presidente precisa para vencer a votação e derrotar o doutor Barnes. Se a votação fracassar, a outra facção rebelde atacará e — se o homem que entreouvi estiver certo — a equipe do doutor Barnes estará à espera deles. Eles farão o que for preciso para acabar com aqueles que querem o fim do Teste e condenarão os rebeldes, gerações de candidatos e talvez até mesmo a presidente e sua equipe, à morte. Pode ser que eu não consiga encontrar a informação que possa impedir que isso aconteça, mas tenho de tentar.

Olho o relógio. Mal passou da meia-noite. Tempo de sobra para me preparar e explorar a base aérea abandonada em busca da informação que os rebeldes possam usar. Tiro o pijama e visto minhas roupas. Amarrando as botas, traço um plano. Primeira parada, a

biblioteca da república. Na semana passada, saí sem memorizar os limites exatos da base aérea. Durante a Iniciação, joguei as coordenadas no Comunicador de Trânsito, mas a base aérea é grande. Seria melhor ter uma ideia mais completa da área em que vou pesquisar.

É cedo o bastante para os alunos ainda estarem na sala de visitas, quando passo por ela. Depois de ter olhado nas salas da biblioteca, acho um Atlas estropiado dos antigos cinquenta Estados Unidos, na prateleira perto do chão. A velha base aérea está assinalada num mapa detalhado do Kansas, juntamente com suas longitude e latitude. Primeira etapa, completa.

Um laboratório vazio completa a segunda etapa. Encontro várias caixas de fósforo e uma lanterna do tamanho de uma caneta. Também desencavo uma faca estreita, dobrável, de lâmina afiada, usada para cortar plantas. Não é grande coisa, mas com esta faca e o canivete no meu bolso, terei proteção caso tenha problemas.

De volta ao meu apartamento, enfio o receptor de sinais que construí dentro do bolso. Apesar de não querer colocar Tomas em perigo, sei que ele vai querer estar ao meu lado. Estudando o mapa, insiro as coordenadas para o centro da base aérea no Comunicador de Trânsito. O aparelho calcula e me diz que fica a pouco mais de quinze quilômetros. Se Tomas e eu sairmos em menos de uma hora, teremos tempo para chegar lá, dar uma olhada e voltar para nossa república antes que nossa ausência seja notada. Coloco o livro de mapas no fundo da sacola e depois enfio uma muda de roupas, comida, água e os fósforos por cima. Seguro a lanterna na mão. As lâminas vão no bolso lateral. Só por precaução.

Quando o relógio bate uma hora, abro a porta, vou até o corredor e ouço os ruídos dos meus colegas. Está tudo quieto.

A lua não está tão brilhante como na semana passada, o que facilita atravessar a área da república sem ser notada. Um estalo de um galho me faz dar um pulo, mas quando perscruto na escuridão não vejo nada. Graças à lanterna, acho minha bicicleta rapidamente.

Quando começo a tirá-la, ouço um arrastar de passos. Meu coração sobe à garganta, quando uma figura ocupa a entrada e diz: — Eu sabia que você ia aprontar alguma coisa. Espere até eu contar isto pra professora Holt.

DAMONE.

Ligo o botão de aviso no meu bolso e dirijo minha lanterna para o seu rosto satisfeito.

— Você quase me matou de susto. — forço uma risadinha. — O que você está fazendo aqui fora?

Ele se recosta no batente. — Acho que é você quem deveria responder a essa pergunta.

A tensão me invade, mas dou de ombros como se não me preocupasse a mínima. — Acordei e não consegui dormir mais. Então, pensei em dar umas pedaladas.

— Boa mentira. — ele ri. — Só quero ver se o doutor Barnes e a professora Holt vão acreditar nisso. Pode ser que sim, a não ser que você tenha alguma coisa nesta sacola que lhes sirva de pista pro que você está realmente aprontando.

Agarro a alça da sacola e a aperto contra mim. Se o doutor Barnes conseguir o Comunicador de Trânsito...

— O que tem na sacola, Cia? Damone afasta-se da parede e avança sem pressa. — Griffin acha que o que quer que esteja aí dentro deve ser muito importante, uma vez que você nunca deixa essa coisa longe da vista.

— O que é que vocês dois têm a ver com o que trago na sacola? Mudo a posição da sacola no ombro, para poder ter acesso ao bolso lateral. Enfiando minha mão dentro, digo: — Vocês estão indo mal nas aulas e precisam pegar minhas lições emprestadas?

Meus dedos se fecham em torno do cabo da faca do laboratório, enquanto os olhos de Damone se estreitam. — Não precisamos da ajuda de uma fedelha da colônia pra passar. Somos nós que merecemos estar aqui. Nós é que deveríamos estar trabalhando com a presidente. Griffin acha que quem te entregar vai poder pleitear esse posto. Ele achava que você nunca teria peito de sair no escuro, então foi dormir. Damone sorri. — Mas eu te conheço mais.

— Eu salvei a sua vida — sussurro, esperando que Tomas tenha recebido o meu aviso, que neste momento ele esteja procurando por mim.

— Eu mesmo me salvei — a raiva estala na sua voz. — A cobra só atacou por sua causa. E eu só estava correndo perigo por ter sido deixado pra trás no segundo desafio, porque Will e Enzo foram fracos demais pra fazer o que era preciso pra garantir nossa vitória. Sua falta de liderança enfraqueceu os dois. Você não faz parte disso aqui e sou eu quem vai te tirar pra sempre.

Agarro minha bicicleta e a jogo para frente, quando Damone se arremete contra mim. Ele solta um grito de raiva. O estrépito do metal e o ganido de dor me dão um surto de satisfação, enquanto desligo minha luz e me jogo para o lado esquerdo do galpão. Tiro a faca da sacola e a dirijo para as sombras à minha frente, enquanto tento pensar em uma maneira de sair dessa.

Contudo, não há escapatória. Mesmo que eu consiga passar por Damone e fuja, ele vai me dedurar para professora Holt. O doutor Barnes vai mandar oficiais à minha procura. Tomas e eu só planejamos escapar se nosso desaparecimento fosse encoberto pela deflagração da luta. As pessoas poderiam achar que éramos vítimas daquela ação. Agora, não tem chance de a minha fuga passar despercebida. Minha

família poderia ser punida, bem como Tomas e todos os alunos que ousaram ser meus amigos. Se eu me entregar, eles poderiam se salvar. A não ser que o doutor Barnes me dê a droga usada nas entrevistas do Teste. Ao contrário dos meus dias do Teste, não tenho nada para neutralizar seus efeitos. Meus segredos serão descobertos. Minha família ainda está em risco. Neste exato momento, a única guerra que está sendo travada é aqui. Aconteça o que acontecer, esta noite trará consequências.

Corro para a porta iluminada pela lua. Mãos me agarram por trás e me puxam de volta. Instintivamente, ataco com a faca. Sinto a lâmina entrar em contato com tecido e carne e Damone grita. Ele me solta e corro.

Estou na porta quando ouço os passos. Corro mais, para fora do galpão, em direção à ponte. Tropeço em um arbusto pequeno. Isso basta para que Damone me alcance. Seu corpo vem de encontro ao meu e nós despencamos no chão. Rolo para o lado e sou imobilizada por mãos que se fecham por trás ao redor do meu pescoço e apertam.

Não consigo respirar. A pressão cresce dentro do meu peito, o mundo fica enevoadado à minha volta. Arranho com minha mão livre os dedos que se afundam na minha carne e então faço a única coisa possível: agarro a faca e apunhalo atrás de mim com o que resta da minha energia.

A faca penetra na carne. Ouço um suspiro, enquanto as mãos soltam a pressão no meu pescoço. Corre sangue pela minha mão. A faca entra mais fundo. O ar volta para os meus pulmões. Ouve-se um som alto e surdo e o corpo de Damone desmorona em cima de mim.

Lutando para respirar, me esforço para sair de sob o seu corpo e ouço: — Deixe que eu te ajude.

Não é a voz de Tomas. Raffé.

Olho para cima. Ele está em pé, à minha frente, segurando um grande bastão de madeira em uma mão. A outra está estendida à sua

frente. Seguro sua mão e me levanto. Só então, olho para o corpo esticado no chão.

— Ele está morto? — falar dói e minha voz soa estranha. Baixa. Áspera. Inchada.

— Ainda não. Raffe coloca o bastão no chão, agarra as pernas de Damone e começa a arrastá-lo. Não em direção à república e à ajuda existente lá dentro, mas para longe.

— O que você está fazendo?

— Não podemos arriscar que Damone conte isso à professora Holt.

— Não podemos impedi-lo de falar.

— Podemos sim. Raffe levanta os olhos para mim. — Ninguém vai questionar o desaparecimento de um aluno da universidade. Principalmente um que mal está conseguindo acompanhar, como Damone. Os alunos sabem que o fracasso cobra um preço. Alguns são covardes demais pra pagar por isso.

— Não entendo — cochicho. No entanto, entendo. Raffe está arrastando Damone para o desfiladeiro. Se Damone não estiver morto agora, estará ao chegar lá no fundo. — Não podemos matá-lo.

Raffe para na beira da fenda. — Se a gente não fizer isso, nós dois vamos sofrer as consequências. Estou disposto a encarar a professora Holt, se você estiver. A escolha é sua. Ele põe o pé nas costas de Damone e espera.

A escolha é minha. Salvar Damone ou a mim mesma. Matar ou ser morta.

Gostaria que Tomas estivesse aqui para me ajudar na decisão. Sei o que eu deveria fazer. Passei a vida toda sendo ensinada a respeitar qualquer tipo de vida; a fazer o que fosse preciso para preservá-la.

O luar cintila no sangue das minhas mãos. Eu me vejo correndo lá para dentro, chamando um médico, seguindo os ensinamentos que meus pais instilaram em mim.

No entanto, não faço isso. Digo a mim mesma que Damone perdeu sangue demais para ser ajudado; que não importa a escolha que eu faça, ele morrerá. As duas coisas são verdadeiras. No entanto, no fundo do coração, sei o que está por trás da minha escolha. Se escolho tentar salvar a vida de Damone, isso significa acabar com a minha.

Olho para a escuridão, desejando que Tomas surja das sombras. Ele não aparece, então respiro fundo, engulo a bÍlis que sobe à minha garganta e concordo com a cabeça.

Esse único movimento é o que basta. Raffé coloca os braços sob Damone e o vira de costas. Alguém solta um gemido baixo. Raffé, pelo esforço? Damone, de dor? Antes que possa descobrir, Raffé dá um último empurrão e o corpo de Damone mergulha da beirada.

Não consigo respirar. Inclinando-me, coloco as mãos nas pernas e forço a entrada e saída do ar dos meus pulmões. Sem perder tempo, Raffé volta pela grama, pega o bastão e o atira no vazio abaixo. — Tudo bem. Vamos andando.

Fala sem culpa. Sem nenhuma preocupação pela vida que acabou de tirar. Nada das lágrimas que fazem meu corpo tremer e meus olhos arderem.

— Cia. temos de ir. Ele agarra meu braço e me puxa em direção ao galpão. — Não dá pra ficar aqui fora, se alguém lá dentro começar a imaginar que gritaria era aquela que fez com que ele acordasse. Se a gente não quiser ser pego, temos de dar o fora daqui agora.

Eu me encolho com o tom gelado da voz de Raffé. Meu estômago é tomado pela náusea. Estou segurando uma faca emplastrada de sangue. Existe um corpo quebrado no fundo do desfiladeiro. Raffé parece imperturbável ao levantar minha bike do chão do galpão e trazê-la até mim. Um pouco depois, ele volta com uma sua.

— Aonde vamos?

— Você não vai a lugar nenhum com ele.

Tomas.

Viro-me e o vejo surgir da escuridão para um trecho com luar. Seu rosto está tomado de preocupação e raiva, enquanto olha para mim, depois para a faca em minhas mãos e para Raffé.

— Eu deveria ter imaginado que você ia aparecer. — Raffé dá um passo em direção a Tomas. — Você e Cia planejaram se encontrar esta noite ou vocês dois bolaram algum método de chamado de emergência? Quando nenhum de nós dois responde, Raffé dá de ombros. — Não importa. Cia não precisou que você viesse em seu socorro. Ela mesma se salvou de Damone. Nós dois estávamos prestes a dar o fora. Quer vir com a gente?

Tomas se enrijece com a implicação de que Raffé e eu planejavamos ir a algum lugar juntos, sem avisá-lo. Começo a explicar, mas percebo que aqui não é a hora nem o lugar. Quanto mais ficarmos aqui, falando, maior a chance de alguém ouvir a gente. Se alguém nos descobrir aqui, verá a faca e minhas mãos sujas de sangue. Vai saber o que eu fiz. Todos nós sofreremos as consequências do meu crime. Não vou deixar que isso aconteça.

Enfiando a faca na sacola, caminho em direção a Tomas. — Ouça — a palavra arranha minha garanta inchada — temos de dar o fora daqui agora.

— Quando você quiser ir, estou pronto — Raffé pousa sua bike, vai até o galpão e volta com outra. — era do Damone. Não acho que ele vá se incomodar se você usá-la, Tomas. Agora, se vocês dois estiverem prontos, acho que a gente devia ir andando.

Olho em direção à borda onde Damone perdeu a vida, sinto a pulsação na minha garganta, no lugar onde suas mãos tentaram acabar com a minha e subo na bicicleta. Tomas faz o mesmo, mas se recusa a olhar para mim quando começamos a pedalar.

Tomas e Raffé deixam que eu vá na frente, enquanto rodamos pelo campus. Forço as pernas o mais depressa que elas conseguem, desesperada para deixar para trás a tristeza e o medo dos meus atos. No entanto, não há como esquecer a sensação da minha faca furando

a carne de Damone ou de olhar seu corpo mergulhar no desfiladeiro. Quero desmoronar no chão e uivar de frustração, culpa e angústia. Entretanto, não posso, porque tem algo mais acontecendo aqui do que um menino que queria se apossar do meu sucesso e estava disposto a fazer qualquer coisa para conseguir isso. Mais tarde, haverá tempo de sobra para culpa e recriminação. Agora, tenho de decidir o que fazer com os meninos que estão pedalando atrás de mim. A um deles, eu confiaria a minha vida. O outro acabou de me salvar, mas não conheço seus motivos. Se Tomas e eu sobrevivermos a esta noite, preciso conhecê-los.

Quando estamos a vários quarteirões da entrada da universidade, paro e espero por Tomas e Raffe. Quando eles chegam, ignoro a frustração no rosto de Tomas e me viro para Raffe. — Não vamos passar daqui até que você responda a algumas perguntas. Eu sei por que Damone saiu para fora hoje à noite. E qual foi o seu motivo?

— Eu estava seguindo você. Raffe puxa a manga da sua jaqueta para cima. Ao luar, vejo três cicatrizes horrorosas. — Você me ajudou na Iniciação, não por estar tentando tirar vantagem, mas porque era a coisa certa a fazer. Isso me impressionou. Ele dá de ombros e desce a manga. — Uns dois dias depois que a Iniciação terminou, ouvi Griffin e Damone dizerem que se eles não conseguissem vencer você em classe, arrumariam outro jeito de se livrar de você. Alguns dias depois a professora Holt pediu a Griffin que ficasse de olho em você. Ele disse que ela estava preocupada com a sua adequação para a liderança e queria que Griffin relatasse qualquer comportamento diferente. Griffin pediu ajuda a Damone e a mim para seguir você. Fiz essa lição no último final de semana.

Meu coração dá um pulo. — Você me viu sair da república.

— Você estava indo depressa demais para que eu pudesse acompanhar. Ele dá um sorrisinho. — Desta vez eu estava preparado. Pelo jeito, Damone também.

Balanço a cabeça. — Não entendo. Por que não me entrega pra professora Holt?

— Porque não sou como Griffin e Damone — Raffe olha na direção de onde viemos. — Cresci acreditando que ir pra universidade e ajudar a revitalizar este país eram as melhores coisas que uma pessoa poderia fazer. Dois anos atrás, comecei a perceber que as coisas não eram tão perfeitas quanto meu pai e seus amigos diziam. Aconteceu uma coisa...

— O quê? — pergunta Tomas.

Raffe sacode a cabeça. — Não dá tempo pra falar nisso agora. Ou vocês dois confiam em mim ou não, mas se vamos fazer o que quer que vocês tenham planejado, é melhor ir andando ou nunca vamos conseguir voltar de manhã. A não ser, é claro, que vocês não planejem voltar.

— Claro que vamos voltar — digo, pensando se, de alguma maneira, Raffe entreouviu Tomas discutindo comigo nossos planos de partir. Se for isso, o que mais ele ouviu?

Apesar de termos estudado juntos, Raffe não é um amigo. Não é alguém que eu compreenda. Seu comportamento hoje à noite deveria despertar a minha confiança, mas em parte não posso deixar de me perguntar se foi principalmente por isso que ele me ajudou. Damone tinha mais ambição do que cérebro. Não é de surpreender que ele se apressasse a trair uma colega para melhorar sua posição. Embora eu não gostasse de Damone, acho que entendo o que estava por trás de suas ações. Raffe é um mistério. Não quero acreditar que alguém ajudaria na morte de alguém só para ganhar a confiança de outra pessoa. Contudo, o comportamento de Will no Teste provou que quase tudo é possível se alguém quer muito uma coisa. É possível que Raffe tenha empurrado Damone para a morte para investigar meus segredos. Meu pai me disse uma vez para não confiar em ninguém. Pego na mão de Tomas e aperto com força. Não importa os segredos que tivemos no passado, sei que estou certa em acreditar em Tomas.

A não ser que eu queira voltar para o campus e ignorar minha chance de ajudar a acabar com o Teste, não vejo escolha por enquanto a não ser levar Raffé com a gente.

— E aí, vamos ficar aqui conversando a noite toda ou fazer o que vocês planejaram? Raffé pergunta.

— Vamos — respondo.

— Não — Tomas solta minha mão. — Cia, você não pode confiar nele.

Talvez não, mas não vejo outra opção. Pedindo a Raffé para nos dar licença, levo Tomas pela rua e explico sobre a base aérea e as respostas que espero encontrar ali. — A presidente vai propor a mudança na lei e pedir uma votação logo. Pode ser que a gente não tenha outra chance de procurar as respostas que os rebeldes precisam. Não sei se vou conseguir me encarar se houver mortes e eu não tiver feito nada pra impedi-las. Você consegue?

Olho o sangue seco nos meus dedos. Talvez se eu impedir mais mortes, possa conviver com esta que é de minha responsabilidade. Talvez Tomas também consiga conviver com a morte de Zandri.

Tomas analisa Raffé na rua escura. Em silêncio, penso em Will e sua traição durante o Teste. Tomas acreditava que ele não era de confiança. Insisti que ele estava errado e quase morremos. Eu não culparia Tomas se ele me deixasse agora. Em vez disso, ele me abraça e diz: — Não, eu não poderia me encarar também. Vamos.

Juntos, voltamos para onde Raffé está à espera com nossas bicicletas. Tiro o Comunicador de Trânsito da sacola, ligo-o e o amarro no meio do guidão com cadarços que tirei de um par de botas. Com a bússola do Comunicador e o Atlas, devo conseguir que a gente chegue na base aérea e volte sem se perder ou ficar rodando.

O mapa mostrou vários caminhos para chegar lá. Minha escolha é uma rota três quilômetros mais comprida do que as outras. Uma estrada logo depois dos limites revitalizados da cidade. A velocidade é importante, porém ela não servirá de nada se formos vistos. Três

pessoas pedalando pelas ruas da cidade no meio da noite atrairiam atenção.

Raffe não diz nada, enquanto seguimos para leste. Ruas revitalizadas são substituídas por ruas largadas no tempo. A calçada está esburacada e detonada. Usando a pálida luz da lua, fico longe das áreas mais estragadas e continuo pedalando. Finalmente, chegamos à estrada que segue para o sul. Aqui, a calçada é uniforme e está em perfeitas condições. Sinto os ombros ficarem tensos, enquanto deslizo pelo asfalto. As condições da estrada servem de aviso. O calçamento só é bem conservado como este, se for importante para o governo da Comunidade Unida. Embora eu duvide que oficiais viajem em plena noite, precisamos tomar cuidado.

O luminoso visor do Comunicador de Trânsito assinala nosso progresso. Fico vendo Damone, seu corpo desengonçado, o rosto anguloso, a premeditação em seus olhos, exceto quando ele ria. A risada transformava-o em alguém jovem e descontraído. Pelo que ele disse durante a Iniciação, a risada e o divertimento não eram prioridades em sua família. O sucesso sim. Talvez se ele tivesse rido mais, não tivesse feito a escolha de barganhar minha vida para ganho próprio. Não teria sido uma ferramenta para a professora Holt usar contra mim.

Penso em todas as vidas que se perderam nos Sete Estágios da Guerra. Naqueles que seus líderes mandaram para a batalha, com a ordem de matar. Será que os que estavam no comando entenderam as implicações de suas ordens? Ou, assim como Damone, só estavam pensando naquilo que esperavam conseguir?

Estamos a pouco mais de um quilômetro do nosso destino, quando Raffe nos pede para parar. — Vocês acham que podem me contar onde estamos indo? Este lugar só dá pra velha base da força aérea.

— É pra lá que estamos indo — diz Tomas.

— Por quê? Você não teria visto os avisos de alerta durante a Iniciação, mas Cia viu.

— Alguém não está dando a mínima para os avisos — digo. — Tem pessoas vivendo do lado de dentro da cerca e quero saber quem são.

Raffe parece querer pedir uma explicação, mas eu o interrompo, colocando os pés nos pedais e seguindo em frente. Se ele não quiser ir junto, não é obrigado. No entanto, ele quer. Em nosso último quilômetro, vejo Tomas e Raffe percorrendo o horizonte, procurando sinais de quem poderia estar vivendo nesta área não revitalizada. Do lado de fora a leste, um uivo ecoa pelas planícies. Um lembrete de que é preciso ficar alerta não apenas para vestígios humanos.

Avisto a cerca um quilômetro ao sul de uma curva na estrada. Escondemos nossas bicicletas em um aglomerado de arbustos e ficamos atentos aos sons que indiquem que não estamos sós. Folhas secas estalam sob nossos pés e o vento faz murmurar o mato e os galhos de árvores. Fora isso, tudo está silencioso.

Respirando fundo, ponho as mãos na cerca e escalo. Nossos pés chegam do outro lado ao mesmo tempo. Raffe começa a ir em frente, mas eu me viro e analiso a cerca, procurando uma referência que nos diga onde entramos. As sombras de árvores arqueadas e moitas descuidadas se estendem pela paisagem. Não há nada de singular que destaque este lugar. Buscando na sacola, tiro a camisa extra que coloquei e a amarro próximo ao topo do alambrado. Existe uma chance de alguém ver o tecido e ficar cismado com ele, mas prefiro correr o risco a perder tempo procurando nosso ponto de entrada mais tarde. Com o sinal que deixei e a bússola do Comunicador, devemos conseguir encontrar a saída.

— Como é que você aprendeu a marcar a cerca desse jeito? Raffe cochicha.

Tomas responde: — É assim que fazemos em Cinco Lagos pra ter certeza de que podemos encontrar nosso caminho de volta, quando nos aventuramos fora dos limites da colônia.

Raffe concorda com a cabeça. — Isso faz sentido. E agora, o que fazemos?

Tiro minha lanterna de bolso e a acendo próximo ao chão: — Agora, procuramos pegadas e prestamos atenção em sons que nos levarão a quem quer que viva aqui.

Dou uma olhada no relógio da minha sacola. Concordamos em dar uma busca por uma hora. Não é muito tempo, mas é tudo o que podemos nos permitir, se quisermos voltar para república antes do amanhecer.

Observo a bússola e ando com a mão em concha em volta do facho da lanterna — um truque que Zeen me ensinou para limitar a quantidade de luz que possa ser vista a distância — mas manipular os dois é esquisito. Principalmente quando o terreno se torna menos uniforme e a grama e as árvores dão lugar a um calçamento quebrado e prédios desmoronados.

— Você vai conseguir procurar pegadas mais depressa, se me deixar segurar isso. Raffe se dirige para o Comunicador, mas a mão de Tomas chega lá primeiro.

— Acho que é melhor eu ficar com ele. Tomas olha a informação e indica: — O sul é por aqui.

Raffe se sobressalta a cada murmúrio e estalo. Fica difícil eu me concentrar enquanto examino o chão. Estou prestes a desistir, quando minha luz passa por um trecho de terra no meio de um calçamento quebrado. A terra está seca e dura, mas recentemente deve ter estado macia o bastante para capturar a pegada do sapato de alguém. A impressão é fraca. Fraca demais para que Raffe entenda o que está vendo. No entanto, Tomas entende. Vejo outra marca de sapato a cinco metros da primeira. Depois outra. As gramas marrons e amarelas que crescem pelo calçamento estão pisadas de uma maneira que sugere que alguém passou recentemente por aqui. Entretanto, por mais animador que isso seja, uma olhada para o relógio me diz que vamos

precisar voltar logo. Se isso acontecer, vou ter de aceitar que esta viagem e a morte que ela provocou não serviram para nada.

É então que eu vejo.

Um brilho cintilando a distância. Um fogo.

Meu sangue se acelera, enquanto desligo a lanterna e a enfio no bolso da sacola. Eu me encolho, quando meus dedos roçam o cabo da faca do laboratório e se fecham em torno dele. Minha mão treme, quando eu a tiro de dentro. Nunca vou querer ser forçada a tirar mais uma vida, mas não sou ingênua. Quem quer que esteja junto ao fogo, pode atacar. Se isso acontecer, estarei preparada.

Passo a passo, com cuidado, eu me aproximo e me abaixo atrás do que um dia deve ter sido alguma espécie de veículo. Tomas acompanha meus movimentos e se junta a mim sem fazer barulho. Raffé chega pouco depois. Meu coração dispara, enquanto olho atentamente pelo metal retorcido e perscruto na luz do fogo.

Pessoas estão relaxadas perto do fogo. Atrás delas, há uma construção de um andar, que parece quase que completamente intacta. Ouço o murmúrio de vozes, mas estou longe demais para entender o que falam. Parte de mim pergunta por que elas estão acordadas a esta hora da noite. Então, surge uma lembrança. Tomas e eu ficamos aninhados em uma outra noite. Não entre pedaços de metal retorcido, mas em uma construção pequena, sem telhado. Na minha lembrança, Tomas me diz para dormir um pouco. Ele vai me acordar dali a algumas horas, para que eu possa ficar vigiando outros candidatos do Teste ou animais, que poderiam nos fazer mal. Essas poucas pessoas podem ser as que foram designadas para proteger o sono do grupo. Isso significa que tem mais gente por perto.

Alguém ri e grita: — Ei, novato, traga um pouco de água pra gente.

— Meu nome não é novato — a porta para a construção se abre. Um homem aparece e caminha em direção ao fogo. — É Cris. Se vocês são tão fodões, a esta altura já deveriam saber disso.

Vejo Tomas prender o fôlego, quando a luz do fogo cintila em uma grande arma de prata amarrada na lateral do homem. Entretanto, não é a arma que faz Tomas prender o fôlego. É o som da voz, a visão do cabelo loiro e o rosto, familiar a nós dois.

O homem que se senta junto ao fogo, não se chama Cris. É meu irmão mais velho, Zeen.

Há mais risadas. Mais conversas. A mão de Tomas encontra a minha, mas mal sinto seu toque, enquanto fecho os olhos e depois os reabro. Zeen ainda está lá. Usando a arma ao seu lado como usa seu sorriso. Meu coração sobe à visão dele, mesmo que eu fique tomada pela confusão. Depois de tanto tempo sem ver minha família, ver o sorriso de Zeen e ouvir sua risada é como um bálsamo para minha alma. Quero correr para onde ele está, jogar meus braços em volta dele e afundar minha cabeça no seu ombro, como eu fazia quando era pequena.

Contudo, não o faço. Porque Zeen está usando um nome diferente, o que me diz que ele não confia nessas pessoas, sejam quem forem. Por mais que eu queira, não posso ir até ele. Não sem ter mais informações.

Olho o relógio na minha sacola. O tempo que reservei para expedição se esgotou. Para voltar para república sem sermos descobertos, temos de sair agora. temos de estar na cama, quando descobrirem a falta de Damone. Caso contrário, começarão a fazer perguntas. Perguntas que não queremos responder. No entanto, não posso ir embora sem saber o que Zeen está fazendo aqui. tenho de

ficar. Entretanto, Raffé e Tomas não. Não vou arriscar o futuro deles na universidade ou a vida deles, só por estar me arriscando.

Inclinando-me na direção deles, sussurro: — Está ficando tarde. Se vocês voltarem pra universidade agora, vão chegar lá antes do amanhecer. tenho de fazer uma coisa antes.

Tom balança a cabeça: — Não vou te deixar aqui.

— Se ele ficar, eu fico — Raffé sussurra.

— Isso não tem nada a ver com você. A voz de Tomas é calma, mas firme. — Além disso, Cia e eu podemos nos mover mais depressa e em maior silêncio, se você não estiver com a gente. A última coisa que precisamos é acabar levando um tiro por causa do seu andar pesado.

Quando Raffé olha para mim, faço um gesto de concordância: — Tomas tem razão. Volte pra cerca. Procure o sinal. Juro que vamos logo atrás de você.

— É bom mesmo — ele sussurra. Observo-o recuar na escuridão. Folhas crepitam, um galho estala. Depois, silêncio. Sinto uma pontada de culpa, sabendo que Raffé tem de percorrer o caminho de volta sozinho, mas estou feliz que Tomas esteja comigo. Ele também se preocupa com Zeen.

Tomas e eu damos a volta pela nossa esquerda, tomando cuidado para ficar abaixados. Meu sangue se acelera quando uma mulher pega uma pistola e a coloca no colo, porém ela não se vira na nossa direção. Quando nos aproximamos, digo a Tomas que fique onde está. Sou menor e mais rápida e vai ser mais seguro se for sozinha. Tomas parece triste, mas concorda com a cabeça. Eu me precipito para detrás de uma parede parcialmente desmoronada, a cinco metros de onde meu irmão está. Ouço.

A conversa vagueia de assunto em assunto: a maneira como a caça está sendo roubada das armadilhas; a nova moradia que lhes prometeram ficará pronta logo. Alguém ronca. Uma mulher diz que está contente que o turno deles esteja quase no fim. Um dos homens

solta um bufo de pouco caso e diz que a alegria dela é só por se enfiar na cama com seu novo marido. Há risadas, algumas piadas. Os minutos passam. Meu coração dá um pulo, quando ouço Zeen perguntar sobre certo cronograma. Alguém diz que ele será decidido nos próximos dois dias. A conversa muda para café da manhã e se eles conseguem convencer os cozinheiros a fazer panquecas. Ouço Zeen dizer que ele vai tocar no assunto com eles. Ele vai entrar para tentar melhorar o sinal do rádio. Há algumas provocações bem-humoradas sobre o fato de ele fazer hora extra para agradar Symon, enquanto todos os sentinelas, com exceção de um, seguem Zeen para dentro do prédio à procura de comida. A não ser pelo que está tirando um cochilo junto ao fogo, tudo está quieto. Entretanto, consegui a informação que procurava: este é o campo de rebelados de Symon.

O fato em si deveria me fazer sentir segura, mas se Zeen acha importante manter sua identidade em segredo, há uma boa razão para isso. Até que eu saiba que razão é essa ou por que Zeen veio para cá, acima de tudo, não posso esperar me reunir com meu irmão. Para minha sorte, existe uma pessoa que tenho certeza que sabe a resposta para as duas perguntas.

Volto rapidamente para Tomas. Juntos, passamos apressados pelo veículo retorcido e vamos em direção às árvores arqueadas, por onde eu me lembro que passamos. Quando estamos longe o bastante do acampamento de rebeldes para nos sentirmos seguros, tiro minha lanterna de bolso. Nossos pés voam pelo terreno, enquanto o céu clareia. Enquanto corremos, Tomas usa o Comunicador de Trânsito para guiar nosso caminho.

O amanhecer está começando, quando chegamos ao alambrado. Tomas avista o sinal à nossa esquerda e corremos em sua direção. Agarro a camisa, enquanto escalo e pulo a cerca, caindo do outro lado e continuando a correr.

— Você está bem?— Tomas pergunta. — O que o Zeen está fazendo aqui com os rebeldes?

— Não sei — digo, enquanto corro para minha bike. — Mas eu...
— paro bruscamente ao ver as três bicicletas ainda escondidas nas moitas.

— O que foi?

Eu me viro e dou uma olhada na cerca, em busca de movimento atrás do alambrado e respondo: — Raffe não voltou.

O vento sopra as folhas nas árvores. Um coelho corre pela vegetação rasteira. Fora isso, não vejo nem ouço nada, mas sei que Raffe está por ali. Onde? Mesmo sem o Comunicador para guiá-lo, ele deveria ter encontrado a cerca e a seguido até este lugar há muito tempo. Deve ter acontecido alguma coisa. Será que um dos rebeldes que estava de vigia o apanhou? Será que Griffin ou alguém mais da universidade seguiu a gente até aqui?

Minha nuca se arrepia de medo. Volto em direção à cerca e Tomas agarra o meu braço: — O que você está fazendo? temos de voltar para a universidade, antes que as pessoas saibam que não estamos lá.

— Não posso deixar o Raffe. — não posso me responsabilizar por outra morte. — Você pedala ligeiro. Dá pra você chegar antes do café da manhã, se sair agora.

— Não vou sem você.

— Você tem de ir — insisto. — Se alguém cismar por que eu não estava por lá hoje de manhã, posso dizer que estava trabalhando no gabinete da presidente. Um aluno de Engenharia Biológica não tem esse tipo de desculpa. É a única maneira de você estar seguro.

— Estou pouco me lixando se estou seguro.

— Mas eu não. Eu te amo. Minha garganta esfolada se contrai com as lágrimas. Uma escorre pelo meu rosto, mas seguro as outras e digo: — Você tem de ir. Se alguma coisa me acontecer, tenho de saber que você avisará o meu pai que Zeen está aqui e que você vai ajudar a mantê-lo a salvo. Por favor — fico na ponta dos pés e encosto meus lábios nos dele. Coloco todo meu amor, minha esperança

e meus medos nesse beijo. Tomas me puxa mais para perto e intensifica o beijo. Sinto o calor da paixão mesclado com desespero e sei que ele vai fazer o que estou pedindo.

Recuando, digo: — Mando um aviso quando chegar ao campus.

Com um último beijo, ele coloca o Comunicador de Trânsito em minhas mãos. — Vou esperar.

— Eu sei. — corro em direção à cerca e mais uma vez começo a subir. Quando pulo no chão, avisto Tomas indo em direção à estrada. De volta à universidade e aos perigos que existem lá. Espero que ele fique a salvo.

Sozinha, refaço a picada que pegamos em direção ao acampamento de rebeldes, procurando sinais de Raffé. Posso ouvir risadas ao longe. O restante do acampamento deve estar acordando. Sem a proteção do escuro, não me atrevo a me aventurar muito perto. Em vez disso, me viro e procuro a leste.

A dez metros da trilha que percorremos originalmente, vejo um galho recém-cortado pendurado em um arbusto. A vários metros ao norte, avisto marcas de mato recém-pisado. Sigo a trilha ao lado de uma pilha de metal enferrujado, que algum dia deve ter feito parte de um aviãozinho e paro surpresa. Cinco metros à frente há uma fissura na terra com um metro e meio de largura. A trilha que vinha seguindo leva diretamente para lá.

Por alguns instantes, não consigo respirar. Com passos pequenos e inseguros, cruzo a terra árida e olho dentro do buraco profundo e escancarado. Estou preparada para o pior. Em vez disso, vejo dois olhos enormes e muito azuis, olhando para mim. Parado em uma estreita saliência, cerca de três metros abaixo, está um Raffé sujo de terra.

— O que você está fazendo aqui?— Raffé pergunta. — Cadê o Tomas?

O alívio me deixa de joelhos bambos e a perplexidade em sua voz me faz rir. — O que você acha que estou fazendo? Vim te salvar.

Mandeí o Tomas de volta pra universidade, pra ninguém perceber que ele ou a bike que ele pegou emprestada estavam faltando.

Percebo que seria muito mais fácil ajudar Raffé a sair do buraco, se eu tivesse deixado Tomas ficar. Franzindo o cenho, acrescento: — Me dê um minuto pra eu resolver como é que vou te tirar daí.

Tiro a sacola do ombro e examino seu conteúdo. Nada do que eu trouxe vai ajudar Raffé a chegar à superfície. Protejo meus olhos da luz do começo da manhã e avisto um salgueiro. Seus ramos são flexíveis e fortes. Quando eu e meus irmãos éramos menores, costumávamos trançá-los em cordas e balançar nas árvores no nosso quintal. Eles foram úteis, então. Talvez eles funcionem tão bem quanto, para mim, agora.

Subindo na árvore, uso o canivete que meu pai me deu, para cortar uma dúzia de ramos compridos. Os ramos vergam menos do que os lá de casa. Mesmo assim, depois de puxá-los para testar sua força, tenho certeza de que darão conta.

Digo a Raffé para aguentar firme e começo a tecer os ramos juntos. Em pouco tempo, tenho uma corda improvisada de quase quatro metros. Amarro uma ponta em um arbusto marrom atarracado, mas de aparência robusta, logo acima de onde Raffé está. Dou vários puxões na corda para ter certeza de que o nó aguenta e depois a jogo para baixo.

Deitada de bruços, olho por sobre a borda. — Agarre a corda e suba.

— Você quer que eu use isso?

— Você tem alguma ideia melhor? — pergunto.

O sorriso de resposta de Raffé é irônico: — Se eu tivesse, já teria caído fora daqui. Ele agarra a corda, enrola-a em sua mão direita e puxa. — Tudo bem, aqui vou eu.

Olho para trás para o arbusto, enquanto Raffé solta seu peso na corda. O arbusto vibra. O nó se mexe, mas aguenta. Por enquanto.

Por quanto tempo o pequeno arbusto pode suportar a força do peso de Raffe é uma incógnita.

A determinação está estampada no rosto de Raffe, enquanto ele se puxa centímetro por centímetro em uma lentidão angustiante. Abaixo dele, a ameaça do buraco escuro e profundo. Seus pés procuram a dura parede de terra como apoio, mas a terra se esfarela sob suas botas, tornando-lhe quase impossível obter um ponto de apoio.

As folhas crepitam, algo estala. Sufoco um susto quando a corda se mexe no lugar. O arbusto se curva e as raízes começam a se soltar do chão. Agarro a corda para aliviar um pouco da pressão, mas o arbusto se mexe de novo. Metade das raízes está à mostra. Um olhar por sobre a beira me diz que Rafe ainda está a vários centímetros da superfície.

— É melhor você se apressar — digo.

Raffe solta um grunhido e se puxa mais alguns centímetros. A beirada está logo acima dele. Um puxão a mais, talvez dois e ele vai estar bem perto de alcançar o topo. Se a corda aguentar.

A mão de Raffe alcança a beirada. Instintivamente, fico em pé e agarro seu punho com as mãos, me inclino para trás e puxo. A cabeça de Raffe aparece. Sinto um ímpeto de vitória, logo substituído pelo terror quando minhas botas começam a deslizar pela terra seca em direção ao abismo. Raffe tem pelo menos uns vinte e cinco quilos a mais do que eu. Mesmo que anos de atividade física em casa tenham me deixado mais forte do que a maioria dos candidatos da universidade, não posso esperar suportar o peso de Raffe por muito mais tempo.

O suor escorre pelas minhas costas. Luto para escavar o chão com a frente das minhas botas. Os ombros de Raffe aparecem. Sua mão esquerda agarra uma arvorezinha, enquanto o arbusto que segura a corda se vai. Raffe leva um tranco mínimo para baixo, fazendo-me saltar para frente. Caio no chão a centímetros da beirada e me arrasto para trás, enquanto Raffe se ergue e sai.

Raffe e eu ficamos deitados de costas, ofegantes. Estamos sujos, cobertos de suor e salvos.

Raffe é o primeiro a falar: — Você me ajudou de novo. Por quê?

— Porque era a coisa certa a ser feita. Remexo minha sacola, tiro uma garrafa de água e dou um gole. Passando a garrafa para Raffe, digo: — Assim que você se sentir em condições, precisamos ir andando. Preciso conversar com uma pessoa.

— Tomas — ele pergunta.

— Não, nós não vamos voltar pra universidade ainda.

— Então, aonde é que a gente vai?

— Para o gabinete da presidente Collindar.

Limpo o sangue de Damone das minhas mãos e do meu casaco com um pouco da água e troco minha calça suja de sangue pela calça extra da minha sacola, antes de partir para Tosu City. Há menos flutuadores à vista nas ruas hoje, provavelmente porque o governo não funciona nos finais de semana, para que os oficiais tenham tempo de ficar com suas famílias e de lidar com projetos pessoais de revitalização em casa. Nem a presidente está presente quando chego, razão pela qual há apenas um guarda na entrada e não se vê ninguém da equipe andando por lá.

O guarda checa meu bracelete de identificação e me deixa entrar. Raffe tem o acesso negado. tem de esperar do lado de fora. Digo a ele que voltarei em um minuto e subo a escada.

Avisto Michal curvado em uma pequena mesa no canto do seu escritório e sinto uma pontada de traição. Desde que ouvi a gravação no Comunicador de Trânsito, a única pessoa em que senti que poderia confiar era Michal. Ele confirmou que as lembranças armazenadas no gravador eram verdadeiras. Ele me ajudou a me comunicar com a minha família e dirigiu meu medo e minha raiva para ajudar na rebelião para remover o doutor Barnes e dar um fim ao Teste. Eu pensava que podia contar com ele em matéria de honestidade. Eu me enganei. Se Zeen está aqui com os rebeldes, Michal deve saber disso.

O mais provável é que ele tenha facilitado uma apresentação e ajudado a colocar uma arma no quadril do meu irmão, empurrando-o para o caminho do perigo.

Michal levanta os olhos e sorri. — Ei. Eu estava pensando se você ia aparecer. Quer uma mesa pra trabalhar?

Para o caso de alguém estar ouvindo, meto a mão na sacola e puxo a análise curta do sistema de comunicação que escrevi para presidente. — Só vim trazer meu trabalho. Onde eu deixo? Não quero que a presidente pense que fiz corpo mole com o que ela me deu pra fazer.

Michal olha os papéis na minha mão e se levanta. — Siga-me. Ele me leva de volta para o andar de baixo, atravessamos algumas salas, até chegar a um cômodo pequeno que não me lembro de ter visto no nosso *tour*.

— Você pode colocar seu relatório nesta caixa.

Fechando a porta, ele abaixa a voz: — A presidente e seus oficiais planejam anunciar o debate sobre o controle da universidade e do Teste na segunda de manhã. Pelo protocolo, haverá três dias de discussão. A votação acontecerá um dia depois do final do debate. Se a medida for rejeitada, a outra facção estará pronta para começar o ataque assim que o voto de confiança for acolhido. Se a presidente perder a votação, os membros da rebelião estarão espalhados por toda Tosu, prontos para derrubar o doutor Barnes e sua equipe. As pessoas das áreas não revitalizadas estão recebendo armas e instruções.

Penso em Zeen e sinto o pânico fervendo dentro de mim.

— Por que a presidente não espera? Os rebeldes teriam mais tempo para encontrar uma solução pacífica. E haveria mais tempo para eu convencer meu irmão a dar o fora da situação perigosa.

— Tem gente demais sabendo que ela planeja propor uma mudança na lei. Se ela recuar agora, vai parecer fraca. O doutor Barnes tem um excesso de apoiadores, prontos pra derrubá-la se for proposto um voto de confiança. A outra facção a convenceu de que a

única maneira para continuar no poder e acabar com o Teste é uma ação imediata.

— Você sabia que havia essa possibilidade quando trouxe meu irmão pra cá? Não lhe dou chance de negar. — Eu o vi, Michal. Ele está se chamando de Cris. Por que você trouxe ele aqui, quando sabia que há chance de que ele morra?

Michal sacode a cabeça. — Zeen entreouviu seu pai e a magistrada discutindo opções pra impedir que os estudantes sejam selecionados para o Teste deste ano. Quando ele os confrontou sobre seus planos, percebeu que você poderia estar correndo perigo e insistiu em vir te ajudar. Seu pai não conseguiu fazer com que ele desistisse, então ele me contatou e pediu que achasse uma maneira de trazê-lo aqui e mantê-lo a salvo. Pensei que se ele ficasse com os rebeldes, seria menos provável que conseguisse te achar. Fui eu quem sugeri que seu irmão mudasse de nome, pra que ninguém pudesse associá-lo a você ou à sua família. Só no caso...

Só no caso de a rebelião não sair vencedora. Assim, se Zeen for capturado ou morto, nossa família não será punida. Da maneira como a coisa anda, ambas as possibilidades são fortes. A não ser que nos próximos dois dias alguém consiga encontrar e apresentar a prova necessária para destituir o doutor Barnes e seus oficiais do poder, com o uso da lei e não com uma guerra.

— Tenho uma ideia.

Antes que Michal possa perguntar sobre o meu plano, peço-lhe que espere até eu voltar. Então, abro a porta e vou até a saída. Para que isso funcione, tenho de arriscar tudo. tenho de, mais uma vez, ir contra os conselhos do meu pai, tenho de confiar. Tomas me diria que isso é um erro, mas ele não está aqui e não vejo outra maneira. A vida de Zeen e a vida dos outros rebeldes estão em perigo. Isso sem falar na vida de todos os futuros candidatos do Teste e no próprio país. Só consigo pensar em uma maneira de achar a informação de que

a rebelião precisa. Se estiver fazendo a escolha errada, vou ter de aguentar as consequências.

Encontro Raffé esperando do lado de fora da entrada e digo: — Preciso da sua ajuda.

* * *

Levo Raffé para o mesmo prédio onde Michal uma vez conversou comigo em segredo. Talvez eu devesse ter pedido para o Michal vir junto, mas ele teria se recusado a correr esse risco e expor a rebelião. Então, conto a Raffé sobre o Teste, os candidatos que desaparecem ou morrem e a necessidade de dar um fim ao sistema de uma vez por todas. Digo a ele que o fim só vai ser possível se certas informações forem encontradas. Minha garganta ainda está inchada e inflamada da agressão das mãos de Damone. Minhas palavras, às vezes, não passam de um cochicho, mas continuo falando.

Quando termino, baixa um silêncio. Segundos se alongam em minutos, enquanto Raffé perscruta o meu rosto. Estará procurando a verdade? Estará tentando decidir qual é a melhor maneira de relatar esta conversa a seu pai ou aos oficiais da universidade? Abro e fecho as mãos, no aguardo.

Por fim, ele pergunta: — Os estudantes das colônias que dão respostas erradas durante o Teste morrem?

— Nem todos, mas morrem. No Teste, a morte é com frequência a punição pelo fracasso. E pra alguns, essas mortes são o caminho pro sucesso.

Raffé passa a mão pelos cabelos. — E os estudantes de Tosu City que não passam nos Exames Preliminares? Meu pai disse que minha irmã tinha sido encaminhada pra um trabalho em uma das colônias. Isso é verdade ou ela...

A palavra não dita fica suspensa entre nós, enquanto ele espera a minha resposta. Pela primeira vez, entendo a motivação por trás de sua ajuda — o acontecimento de dois anos atrás que mudou tudo para ele.

Está procurando a irmã. Agora, ele deduz que eu poderia ter uma ideia de onde ela esteja.

— Não sei. A tristeza no rosto de Raffé me faz querer que eu soubesse. — Talvez, se a gente conseguir tirar o doutor Barnes, a gente descubra.

Raffé respira fundo e concorda. — Então, acho que eu deveria começar.

Antes que eu possa perguntar quais são seus planos, Raffé abre e fecha a porta, deixando-me à espera sozinha e preocupada.

O tempo passa devagar. Apesar de a minha garganta ainda estar inflamada, como uma maçã e engulo um pouco de água. Penso em Tomas. Será que ele conseguiu voltar para a universidade sem que ninguém tivesse notado sua ausência? Ele está preocupado que eu possa não voltar? Quando me levanto e estico os músculos, meus olhos ficam fixos no chão.

Uma hora se vai. Duas. Parte de mim se pergunta se Raffé foi pego, enquanto a outra parte questiona se ele estava dizendo a verdade sobre a irmã. O pai de Raffé é o chefe do Departamento de Educação. Com certeza ele conseguiria proteger a filha dos castigos que o doutor Barnes poderia infligir.

O relógio caçoa de mim, enquanto seus ponteiros se mexem de um número para o seguinte. Fechando os olhos, visualizo as pessoas que amo. Meus pais. Zeen. Meus três outros irmãos. Daileen, que quer tanto ser escolhida para o Teste e se juntar a mim na universidade. Tomas. Eles vão entender o que estou fazendo agora? Sei que meu pai concordaria que pôr um fim ao Teste com derramamento de sangue é tão errado quanto eliminar vidas por causa de respostas erradas. Combater a morte com mais mortes foi a escolha que levou aos Sete Estágios da Guerra. Nosso país mal resistiu às consequências. Se a mesma escolha for feita novamente, poderemos não sobreviver.

Ouçó passos do lado de fora e prendo a respiração. Será Raffé ou alguém que Raffé alertou veio até aqui? Eu estava certa em confiar

nele ou serei punida por mais uma vez ignorar o conselho do meu pai de não confiar em ninguém?

Os passos param.

A porta abre-se para dentro.

Raffe está sozinho na entrada. Em suas mãos, uma sacola e uma arma.

RAFFE VIRA A arma e me estende o cabo. Olho para ele antes de envolver o cabo duro de madeira com os dedos e ele faz um gesto satisfeito de cabeça.

— Peguei isso no escritório particular do meu pai. Já que você está tentando impedir uma guerra, pensei que isso poderia vir a calhar. Isso também.

Ele enfia a mão na sacola pendurada no seu ombro e tira um aparelho do tamanho da palma de uma mão. Um gravador.

— Tenho absoluta certeza que a gravação nesse aparelho e as outras que estão na sacola são o que você está procurando. E você tem razão, Cia — sua expressão fica sombria, o que tem nessas gravações precisa ter um fim.

— Vai ter, assim que Michal levar as gravações pro Symon — respondo.

Mas quando saio e volto com Michal, Raffé se recusa a entregar as gravações. — Não se sinta ofendido — ele diz a Michal, mas não te conheço. Se quiser levar isso pro seu pessoal, vai ter de me levar junto.

Michal se enrijece. — Não vou levar o filho de um dos maiores defensores do doutor Barnes para o quartel dos rebeldes. Eu não

apenas não confio em você, como, mesmo que confiasse, Symon e os outros membros da rebelião te veriam como uma ameaça. Eles acabariam com você assim que entrasse no acampamento.

Saber que Michal acredita que membros da rebelião matariam com tanta facilidade faz gelar o meu sangue.

— Raffe está do nosso lado. Ele está tentando descobrir o que aconteceu...

— Olhe — diz Raffe, me interrompendo. — Não tem nada que eu possa dizer que vá fazer você confiar em mim. Tudo o que sei é que tenho as gravações do Teste. Se você quiser ficar com elas, só precisa garantir que seus *amigos* não vejam a Cia nem a mim. Caso contrário, nós dois vamos sair por aquela porta e levar as gravações com a gente.

Fico chocada com a suposição de Raffe não apenas de que vou fechar com ele contra Michal, mas que planejo voltar para o acampamento dos rebeldes. No entanto, quando penso nisso, sei que ele tem razão. tenho de ir. Embora não duvide do empenho de Michal em acabar com o Teste, a primeira incumbência da presidente Collindar me ensinou que a única maneira de conhecer a verdade é vê-la por mim mesma.

Contudo, mesmo sabendo o que preciso fazer, hesito. Se Tomas tiver voltado a salvo para a universidade, agora ele está esperando que eu lhe mande um aviso. Passaram-se horas desde o momento que ele deve ter me esperado. Será que ele pensa que fui morta ou capturada? Ele vai ficar na república e confiar que eu vou conseguir voltar ou já estará planejando sair à minha procura? Eu deveria avisá-lo que estou bem. Entretanto, sem saber se minha ausência foi notada pela professora Holt ou por meus colegas, não posso correr o risco. Se eu voltar para o campus agora, talvez nunca tenha esta chance.

Endireitando os ombros, caminho e fico ao lado de Raffe para mostrar que estamos unidos. Vamos todos para o acampamento dos rebeldes.

Michal suspira. — Não vai dar. Nós três juntos vamos chamar muita atenção nas ruas de Tosu.

Raffe sorri. — Cia e eu já conhecemos o caminho pra base aérea. Só diga pra gente onde te encontrar e estaremos lá.

O fato de Raffe conhecer a localização do acampamento de rebeldes resolve o assunto para Michal. Ele nos diz para encontrá-lo junto à cerca, perto de uma árvore revitalizada, perene, cujo tronco está cercado por um círculo de pedras. Depois que chegarmos, ele nos levará para um lugar onde poderemos observar o quartel general de Symon sem sermos vistos.

— Esperem dez minutos antes de sair do prédio e tenham certeza de que não estão sendo seguidos. Virando-se para mim, ele diz: — É melhor que essas gravações sejam exatamente o que precisamos ou vou entregá-lo a Symon como um traidor em potencial. Com essa ameaça suspensa no ar, Michal desaparece pela porta.

— Deu tudo certo — Raffe olha o seu relógio e se senta. — Dá pra ver por que você gosta dele. Ele é bem divertido.

Apesar das minhas preocupações em relação a Michal, corro em sua defesa: — Michal passou pelo Teste. Ele me ajudou a sobreviver a ele. Nós dois vamos fazer o que for preciso pra que ele tenha um fim.

— Ele poderia fazer qualquer coisa, mas você não. Você nunca mataria alguém por ser uma ameaça em potencial.

— Como é que você pode ter certeza. Veja o que fiz com Damone. O sangue foi limpo dos meus dedos, mas ainda consigo sentir o fedor e sentir a maneira como ele espirrou nas minhas mãos.

— Damone atacou você. Você tinha todo o direito de se defender. Se não fizesse isso, estaria morta. Se eu não confiasse no seu julgamento, não teria te trazido a arma. A única dúvida é se você sabe usá-la.

Eu seguro o cabo de madeira, lembrando a sensação de puxar o gatilho, o coice da arma, a maneira como os olhos se arregalam

quando a bala que você disparou entra num corpo e acaba com a vida dele. As cicatrizes do meu braço pinicam.

— Sei —, digo, enfiando a arma no bolso da minha sacola — sei atirar.

— Ótimo. Raffe confere seu relógio e se encaminha para a porta. — Depois do que ouvi nessas gravações, acho que existe uma boa chance de que mesmo que tudo aconteça de acordo com os planos do seu amigo, você vá precisar dela.

Raffe vai na frente, enquanto cruzamos as ruas ensolaradas de Tosu City. Embora nós dois estejamos cansados, ele estabelece um ritmo rápido. A cada dois quarteirões ele aponta um marco, como se estivesse me levando num *tour*. Ocasionalmente, acena para alguém que passa. Compreendo. Ele quer que nos vejam e se lembrem de nós como dois alunos da universidade que aproveitam um dia bonito. Porque ninguém que nos vir acreditaria que somos responsáveis por uma morte e agora estamos nos empenhando para derrubar parte do governo.

Meus músculos estão tensos. Minha pulsação se acelera, mas sorrio e rio. Digo comigo mesma que tudo que fiz no final terá valido a pena. As gravações são a prova que os rebeldes estavam procurando. A presidente vai pô-las para ser ouvidas na tribuna da Câmara de Debates. Os que apoiam o doutor Barnes não terão escolha a não ser votar com a presidente e destituí-lo do cargo. O Teste vai terminar sem derramamento de sangue. Ninguém mais terá de morrer.

Chegamos à cerca e procuramos a árvore. Avisto-a a menos de quatro metros de onde Tomas, Raffe e eu entramos antes. Escondemos nossas bicicletas em uma touceira de ervas daninhas, escalamos a cerca e esperamos Michal. Quinze minutos depois, ele surge no horizonte, vindo do sul.

— Ranetta e os líderes da outra facção estão agendados para um encontro logo mais, para finalizar os planos para o ataque. Assim que isso acontecer, eles vão começar a ficar de prontidão em vários pontos

da cidade, bem como a se coordenar com os alunos rebeldes da universidade e com os cidadãos de Tosu ansiosos por lutar por sua causa. Symon planeja fazer mais um apelo pela paz. Ele está na central de operações agora, tentando arrumar uma maneira de convencer Ranetta e sua facção a adiar o ataque. Não dá para entrar na central de operações sem ser visto, mas tem um barracão desmoronado no meio de um bosque onde vocês terão uma boa visão do prédio. Isso é o melhor que eu posso fazer. Michal estende a mão. — Antes de eu te levar pra dentro, quero ouvir uma das gravações.

— Mais do que justo. — Raffé enfia a mão na sacola, tira o gravador e aperta o Play.

— *Acho que vou ter de caminhar o resto do caminho.*

Dou um pulo ao ouvir o som da minha própria voz.

— *Não se preocupe, Cia. Não vai estar sozinha, Vou caminhar com você.* — Tomas.

— *Não precisa.*

As palavras são familiares. Fecho os olhos e tento me lembrar. Vejo uma estrada. Uma bicicleta aos pedaços.

— *Preciso, sim* —, diz Tomas. — *Acho que é aqui que nos separamos novamente. Cia e eu não iríamos querer te segurar.*

— *Engraçado, mas eu ia dizer a mesma coisa.* — a voz de Will. Depois, um tiro.

De repente, estou de volta na estrada. Tomas se dobra em dois. Suas mãos ficam vermelhas, enquanto o sangue vindo do tiro cai sobre elas.

— *Que diabos está fazendo, Will?*

Vejo Will sorrir para mim por trás da arma. Sinto o medo quando revivo a compreensão de que tinha sido traída por um amigo.

— *Não é óbvio? Estou me livrando da concorrência. Não perdi meu irmão e vim até aqui para ouvir que não sou bom o suficiente para entrar na Universidade. Fiz essa escolha desde o começo, mas você não morria. Por*

sorte, alguns outros foram mais fáceis de matar antes de eu ficar sem flechas. Tanto Gill quanto eu somos campeões de tiro com balestras. Ele sempre ganha em primeiro, mas eu não dou moleza pra ele.

— E você acha que eu vou deixar você atirar em mim agora? Já provei que não vou cair sem lutar.

— Você é esperta, Cia, mas não tem o instinto assassino. Eu poderia ir andando agora mesmo e você não atiraria em mim.

— Quer apostar? Vá em frente, tente.

Por um momento fica tudo em silêncio. Ouço Tomas murmurar o meu nome. Então, o ar se enche de tiros.

E eu me lembro. Meus joelhos fraquejam e agarro o tronco de uma árvore para não cair no chão, enquanto as barreiras que o doutor Barnes e seus oficiais criaram para manter minhas lembranças a distância desaparecem.

Ryme me oferecendo bolinhos de milho.

Will e Gill à mesa de jantar, rindo.

Segurando na mão de Malachi, enquanto a vida se esvai do seu corpo. Seu sangue manchando os ladrilhos, enquanto oficiais carregam-no para fora da sala do Teste.

Pulando uma ponte.

Sendo perseguida por humanos mutantes. Garras rasgando meu braço. Uma agonia intensa mesclada a um medo violento, enquanto viro, disparo e mato.

— Cia, você está bem? A voz de Michal atravessa o fluxo das lembranças. Levanto os olhos e vejo Michal e Raffé com as mesmas expressões de preocupação. A gravação parou.

Respiro fundo e trago meus pensamentos de volta ao presente. Há tempo suficiente para esclarecer o passado. Para lembrar. Agora é hora de garantir que o que está contido nessas lembranças nunca volte a acontecer.

Endireitando os ombros, digo: — Estou bem.

Michal perscruta meu rosto. Por fim, aquiesce. — Tenho de levar isto pro Symon. Depois que a presidente puser todas essas gravações para ser ouvidas na tribuna da Câmara de Debates, os oficiais não terão outra escolha senão votar contra o doutor Barnes. Alguns poucos podem argumentar que as ações nessas gravações não foram sancionadas pelos oficiais do Teste, mas não terão chance contra a revolta pública.

A ideia da traição de Will, Tomas quase morto e minha tentativa de matar ficarem audíveis na tribuna da Câmara de Debates me faz ficar zozza, enquanto coloco a sacola no ombro e sigo Michal e Raffae. As pessoas vão saber as escolhas que fiz. Ouvirão as coisas que nós todos fizemos e julgarão. Um pequeno preço a pagar, digo a mim mesma, por ter acabado com o Teste.

Paramos duas vezes com o som de vozes próximas. Finalmente, chegamos ao barracão desmoronado, onde Michal nos diz para esperar. Duas paredes cinza em mal estado estão entaladas entre um grupo de árvores retorcidas e atarracadas. Pedacos desgastados na parede da frente nos dão uma boa visão de uma longa extensão de calçamento a quatrocentos ou quinhentos metros. Há construções dos dois lados do calçamento. Um punhado de rebeldes corre pelo recinto, com armas longas e pretas penduradas nos ombros. Zeen não está à vista, mas está aqui. Em algum lugar. E logo, por causa dessas fitas, ele estará a salvo. Todos nós estaremos.

Michal aponta uma construção a menos de trinta metros de onde estamos agachados. É uma construção pequena, de tijolos vermelhos, localizada no meio de um bosque.

— Ninguém que aparecer deverá questionar vocês dois. Entretanto, se alguém perguntar, finjam que são recrutas novos tentando ter um tempo a sós. Vocês devem ficar bem. Michal estendeu a mão a Raffae, que entregou sua sacola. — Não saiam daí. Volto logo.

Observamos através de uma madeira podre Michal correndo por entre as árvores e sumindo dentro da construção de tijolos. Sai depois

de dez minutos. Perco o fôlego quando um homem de cabelos grisalhos aparece atrás dele.

Conheço esse homem.

Fechando os olhos, percorro minhas lembranças. Ele estava do outro lado de uma cerca durante o Teste. Ele me deu comida e uma droga que me ajudou a manter minha família a salvo de segredos que eu seria compelida a compartilhar durante a entrevista. Michal me disse uma vez que eu tinha conhecido Symon nos dias do meu Teste. Este homem deve ser ele.

Symon bate no ombro de Michal e caminha com ele em nossa direção. Prendo a respiração quando eles passam por nós e ouço uma voz familiar dizendo: — Não posso te agradecer o bastante por trazer estas gravações diretamente pra mim.

— Eu mesmo teria levado para a presidente, mas sei que você queria que eu trouxesse qualquer coisa que encontrasse pra você, Symon — diz Michal. — Depois que ela ligar essas gravações na tribuna da Câmara de Debate, os membros vão ter de votar a favor da sua moção. O doutor Barnes será destituído. Pode contar a Ranetta quando se encontrar com ela, hoje. Ela ficará aliviada em saber que não haverá necessidade de mais nenhuma morte sem sentido.

De uma fenda em um lado da parede, vejo Symon suspirar. — Sei que parece que estas gravações deveriam garantir a vitória da presidente na votação. Entretanto, aprendi que quando se lida com as mentes mais brilhantes, é de esperar alguns questionamentos e opiniões diferentes. Como você faz.

Meu coração dispara. Essas palavras. Ouvi palavras como essas ditas da mesma maneira. Por esta mesma voz. Nas primeiras horas da manhã para a professora Holt.

Mexo-me para ter uma visão melhor de Symon. Ele balança a cabeça e tira uma pequena pistola do bolso. — Sou especialista em lidar com esses tipos de questionamento e com os problemas que eles provocam. Foi por isso que Jedidiah me designou para este posto.

Dois disparos atravessam o ar. Os olhos de Michal arregalam-se. Suas mãos procuram seu peito e ele desmorona no chão. O terror arranha minha garganta, mas a mão que tampa a minha boca impede que o som saia. Engulo o grito e ouço Raffé cochichar no meu ouvido. — Fique quieta. Você não pode ajudá-lo.

Ele tem razão. As balas foram disparadas diretamente no coração de Michal. Antes de tocar o chão ele já estava morto. Mesmo sabendo disso, tenho de usar cada fração da minha força de vontade para ficar sentada imóvel, enquanto o sangue escorre livremente do corpo de Michal. Não gritar. Não golpear de volta o homem que roubou sua vida. Faço força para respirar, enquanto Symon coloca o gravador no chão ao lado do corpo sem vida de Michal, aponta a arma para o aparelho e dispara mais duas vezes. Depois de pegar o gravador estilhaçado e a sacola com as gravações, Symon volta para o prédio sem olhar mais uma vez para Michal.

Um soluço explode do meu coração. Lágrimas escorrem pelo meu rosto, enquanto tropeço para frente. Quero segurar a mão de Michal como fiz com Malachi, mas Raffé me puxa para trás. Em silêncio, ele aponta os dois homens que saem das dependências de Symon. Eles vêm a passos largos para onde está Michal. Um pega nos seus pés, o outro agarra seus ombros. Juntos, eles levam o corpo de Michal embora.

— Vamos. — Raffé agarra minha mão e puxa. — temos de ir.

Dou uma última olhada no chão manchado com o sangue de Michal. Lágrimas queimam meus olhos e ardem a minha garganta, enquanto enfio a mão na sacola. Quando meus dedos se fecham em torno do cabo da arma de Raffé, me viro e corro.

Meus pés voam sobre o chão. Lágrimas cegam-me. Tropeço em raízes e detritos, mas não caio. Raffé segura minha mão com firmeza, mantendo-me em pé e em movimento. A cena que testemunhei fica passando pela minha cabeça, enquanto tento dar um sentido à morte de Michal. Symon, o líder da rebelião que deveria destituir o doutor

Barnes pacificamente e destruir a prova, acabou de cometer um assassinato para garantir o fracasso do plano que criou.

Por quê?

Só quando meus dedos agarram a cerca é que me lembro das palavras de Symon e começo a entender: — *Quando se lida com as mentes mais brilhantes, é de esperar que alguns questionem o caminho que estamos tomando.*

O Teste foi criado para selecionar os melhores e mais brilhantes jovens, moldando-os para ser líderes. Entretanto, os melhores líderes têm as próprias opiniões. Querem seguir os próprios caminhos. Qual a melhor maneira de controlar essas opiniões divergentes do que deixá-los pensar que seus pontos de vista estão sendo ouvidos e até mesmo considerados? Se aqueles que querem a mudança pensarem que fazem parte de uma rebelião, não há razão para começar uma por conta própria. Ao deixar que pensem que estão ajudando um ou dois estudantes como eu durante o Teste, Symon convenceu-os de que estão realmente fazendo a diferença. O argumento de Symon para uma solução pacífica não era para salvar vidas; era uma tática de adiamento para garantir que o Teste poderia continuar a tomá-las. Garantir que a rebelião jamais aconteceria. Ano após ano de cuidados. Ano após ano de mortes de candidatos do Teste.

Até agora.

Após tantos anos de inércia, os rebeldes a quem Symon tem aconselhado paciência já não querem esperar. Planejaram um ataque. Um ataque que é do conhecimento de Symon e do doutor Barnes. Provavelmente eles até mesmo o encorajaram a eliminar aqueles que ficaram muito difíceis de controlar. Para manter o Teste a salvo, para selecionar a próxima geração de líderes, mesmo que isso signifique mergulhar um país na guerra.

Se nada acontecer para alterar os planos de Symon, meu irmão, os rebeldes e centenas de candidatos selecionados para o Teste morrerão. O doutor Barnes e sua equipe vencerão.

Eu me recuso a deixar que isso aconteça. No entanto, a única maneira de parar com isso é criar uma nova rebelião. Uma rebelião livre do controle do doutor Barnes.

Para isso, vou ter de assumir o controle e ser a líder que a universidade está me ensinando a ser.

No fundo do meu coração, ouço a voz de Michal sussurrar as palavras que ele disse antes de eu começar a quarta fase do Teste. — *Você é esperta, Cia. Você é forte. Há pessoas como eu que estão do seu lado e sabem que você vai conseguir. Por favor, prove que estou certo.*

Não estou certa de que consiga, mas tenho de tentar.

Raffe e eu pedalamos até a universidade em silêncio, enquanto absorvemos o que testemunhamos. Quando nossas bicicletas passam suavemente sob a entrada de ferro, enfio a mão no bolso para avisar Tomas que voltei e percebo que meu bolso está vazio. O interruptor que inventei se foi. O mesmo aconteceu com o transmissor especial que inventei para impedir os oficiais da universidade de seguir os meus movimentos.

Quando foi que os perdi? Será que o doutor Barnes e seus oficiais conseguiram rastrear nossos movimentos o tempo todo em que estávamos fora do campus?

Raffe não parece notar minha preocupação, quando sugere que nos separemos. Ele vai até a república ver se a ausência de Damone despertou um alarme. Vou esperar quinze minutos e depois sigo. Se for seguro, Raffe estará parado perto da entrada.

No entanto, mesmo que não tenha despertado um alarme, pode não ser seguro. Não, se o doutor Barnes souber que eu não estava no campus; que Raffe e Tomas estavam comigo. Antes que eu possa avisar Raffe sobre os dispositivos de rastreamento e sobre o que o doutor Barnes pode estar a par, ele se vai, prometendo me ver logo.

Reparo na terra que suja a minha mão e vou até a biblioteca.

Meus olhos passeiam em torno, à procura de amigos e inimigos, enquanto encosto minha bicicleta próxima ao prédio. Respirando

compassadamente, vou direto para o banheiro e esfrego a terra das mãos e as lágrimas do rosto. Arrumo minhas roupas e solto os cabelos, desembaraçando-os com os dedos. Depois, me afasto e me examino no espelho. Além da mancha de grama no meu joelho direito, todas as evidências das minhas ações desapareceram. Minha aparência não dará motivo para que se pergunte onde estive. Pareço normal. E mesmo assim, mal reconheço a menina que me olha de volta. Fico pensando se quando isto terminar, eu ainda saberei quem ela é.

Quando caminho de volta até a minha bicicleta, mexo no bracelete do meu pulso e vejo os rostos dos que morreram. Michal. Damone. Rawson. Zandri. Malachi. Ryme. Um menino mal cuidado chamado Roman. Uma ruiva maravilhosa chamada Annalise.

Rosto após rosto. De alguns eu não sei o nome. Todos mortos. Logo, outros seguirão. A não ser que eu seja tão esperta quanto Michal acreditava que eu fosse.

Se Raffé conseguir mais gravações, há esperança. Caso contrário, a votação da presidente fracassará. Até o final da semana, a maioria dos rebeldes, incluindo Zeen, poderá ser morta. A cidade poderá estar em guerra. Quase não me resta tempo para esboçar um plano. Para decidir em quem confiar. Quem confiará em mim.

Tomas. Meu coração quer mantê-lo a salvo, mas não posso fazer isso sem ele e sei que ele não vai deixar. A única maneira de afastar as trevas que nos perseguem é enfrentá-las. Sei que ele vai concordar e vamos enfrentá-las juntos.

Mas por mais que eu queira, Tomas e eu não somos capazes de fazer isso sozinhos. Precisaremos de mais ajuda, mas de quem?

Raffé.

Ele diz que sua irmã prestou o exame dos Estudos Preliminares e não passou. Sua missão de encontrá-la o torna um aliado natural, mas não posso deixar de pensar se ele será como Will, acabando por nos trair.

Posso confiar em Stacia e Naomi? Nada nas minhas lembranças do Teste diz que não posso. No entanto, relembro o sorriso frio de Stacia. Um que ela deu ao aprovar a escolha de líderes que farão o que for necessário para vencer.

Quando minha república fica à vista, percorro nomes e rostos. Vic. Enzo. Brick. Kit. Will. Todos eles são inteligentes. Alguns têm habilidades de que sei que vou precisar. Outros estão dispostos a fazer o impensável para sobreviver. Penso em Ian e me pergunto o que ele fará. Pegará em armas com a facção rebelde ou consigo convencê-lo a se juntar a mim? Se for para dar certo, terei de impedir os rebeldes de atacar. Para fazer isso, preciso de alguém de dentro que possa me trazer informações ou levar minhas mensagens.

Paro na outra extremidade da ponte. Raffe acena para mim a distância, sinalizando que é seguro voltar. Entretanto, mal noto, enquanto mexo na sacola e cerro os dedos em torno do Comunicador de Trânsito. O aparelho de Zeen. Aquele que me indicou a direção certa, escondeu meus segredos e me manteve a salvo. Um aparelho projetado para se comunicar com outro que andava longe demais para alcançar.

Será que agora ele estaria perto o bastante? Sabendo que estou com esta metade, será que Zeen teria trazido a outra? Estará esperando a hora certa para me contatar? Ou para eu contatá-lo?

Raffe acena mais uma vez, mas não ponho os pés nos pedais. Em vez disso, aperto o botão de chamada e digo: — Alô.

Os segundos viram minutos, enquanto espero uma resposta.

Por fim, enfio o Comunicador na sacola e atravesso a ponte. Enquanto guardo minha bicicleta no galpão, procuro sinais de minha confrontação com Damone. Entretanto, tudo o que vejo é a grama que está se tornando mais verde. Árvores estendendo-se para a luz do sol. A primavera está prestes a chegar, trazendo com ela mais uma demonstração de quanto a convicção de um povo de trazer paz para o mundo pode dar certo.

Não sei se estou preparada para ser uma líder ou se consigo impedir a guerra que ameaça tudo o que amo, mas enquanto corro para o meu apartamento e fecho a porta às minhas costas, sei que farei tudo que estiver ao meu alcance para manter a esperança do nosso país e manter vivos aqueles que lutaram por ele.

E é então que ouço. O som da estática. Uma voz abafada. Tenho vontade de chorar de alívio e medo.

— Cia, você está aí?

As lágrimas afloram enquanto tiro o Comunicador da sacola e respondo:

— Estou, estou aqui.

Só espero estar pronta para o que está por vir.